

OS NÚMEROS



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO

AGRADECIMENTOS:

Dedico este livro aos colaboradores:

Carlos Dassaev - pela dedicada colaboração para a publicação deste trabalho.


Prof. Arthur Buchsbaum - pelo quanto tem colaborado na organização dos nossos temas.

Filipe Lima – Pelo zelo que tem dedicado ao nosso trabalho.

Pela V.:O.:H.:

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO.

S I M B O L O G I A	5
O SIMBOLISMO DOS NÚMEROS	11
A ORIGEM DOS NÚMEROS	17
OS NÚMEROS E A CREAÇÃO	19
PROPRIEDADE DOS NÚMEROS	21
O LADO OCULTO DOS NÚMEROS	24
O CONTEÚDO DO VAZIO.....	27
SIMBOLISMO GEOMÉTRICO DOS NÚMEROS ZERO, UM, DOIS E TRÊS.....	30
GÊNESE DA ÁRVORE DA VIDA E DOS NÚMEROS.....	35
O VAZIO E O UM.....	40
O UM E A CONSCIÊNCIA	43
A UNICIDADE.....	47
ESTUDO DO UNISMO	50
A UNIFICAÇÃO.....	52
A POLARIZAÇÃO DO UM.....	57
A POLARIDADE ANTE O INFINITO	60
ASPECTOS DA MULTIPLICIDADE	63
O DIVINO TRÊS	66
A TRINDADE DO UM.....	70
O PRIMEIRO TRIÂNGULO DAS NOVE VIRTUDES.....	74
O SEGUNDO E O TERCEIRO TRIÂNGULO DAS NOVE VIRTUDES	77
MISTÉRIOS DO NÚMERO QUATRO	82
A CRUZ E O NÚMERO QUATRO.....	86
A SUÁSTICA E OS MISTÉRIOS DO NÚMERO QUATRO.....	89
QUADRADOS MÁGICOS.....	93
O QUADRADO MÁGICO DE SALOMÃO	97
ESTUDO DO NÚMERO CINCO	101
MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO - O PENTAGRAMA.....	105
ENSINOS DE SALOMÃO – QUALIDADES DO HOMEM PERFEITO	105
O VERDADEIRO HOMEM	105
MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO - A QUINTESSÊNCIA.....	109
MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO – O GIRO DO UNIVERSO.....	112
MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO – A MÃO	117
MISTÉRIOS DO NÚMERO SEIS.....	120
MISTÉRIOS DO SEIS – PRONTIDÃO E PRUDÊNCIA	123
MISTÉRIOS DO SEIS – PACIÊNCIA E PERSEVERANÇA	126
MISTÉRIOS DO SEIS - A PERFEIÇÃO	129



MISTÉRIOS DO SEIS - A PEDRA CÚBICA.....	131
MISTÉRIOS DO SEIS - O HEXAGRAMA	133
MISTÉRIOS DO NÚMERO SETE.....	137
OS SETE PASSOS DA SENDA.....	141
MISTÉRIOS DO NÚMERO SETE - O NÚMERO DA CRIAÇÃO	147
MISTÉRIOS DO NÚMERO OITO	151
MISTÉRIOS DO NÚMERO NOVE.....	156
MISTÉRIOS DO NÚMERO DOZE	160
MISTÉRIOS DO NÚMERO DOZE – A MAGIA DAS HORAS.....	164
OS NÚMEROS - ALÉM DO NOVE	167

SIMBOLOGIA

" A APARÊNCIA ESMAGA A
PRÓPRIA VERDADE ".
SIMÔNIDES



1978 - 3326

TEMA 0.9 1 0



Quando se fala de símbolo é comum à pessoa não levar em consideração o assunto, em decorrência da ligação que logo ela estabelece com os sistemas místico-religiosos, contudo os símbolos vão muito além da notação metafísica. Os símbolos são representações através de objetos, sons, conceitos, esculturas, sinais gráficos, etc. através dos quais idéias podem ser expressas, constituindo-se assim instrumentos indispensáveis para qualquer tipo de comunicação.

Na palestra seguinte veremos as origens dos símbolos; nesta visamos fundamentalmente mostrar que eles não são apenas sinais cabalísticos e coisas assim. Pelo contrário, a vida humana depende diretamente das representações simbólicas.

Os símbolos eram muito importantes para os povos primitivos porque não eram expressões de superstições, e isto pode ser justificado pela capacidade de agir como demonstram os mecanismos parapsicológicos atualíssimos.

O que vem a ser um símbolo? - Um símbolo é uma representação de uma idéia qualquer, mais comumente por meio de representações gráficas.

Mesmo que vivamos completamente envolvidos num mar de símbolos, a maioria das pessoas ignora isto completamente por não perceber o quanto eles são importantes, o que faz com que jamais os aceitem por julgarem coisas insignificantes.

Temos convicção de que o homem moderno não sobreviveria sem os símbolos porque a vida nesta época não pode de forma alguma prescindir deles. Hoje, bem mais do que na Antigüidade, os símbolos fazem parte do dia a dia de cada um. Bem mais do que em épocas progressas da humanidade, eles são indispensáveis, pois o uso deles vai desde simples anotações gráficas até os altamente sofisticados programas de informática.

Analise como os símbolos participam de todas as nossas atividades atuais:

A ESCRITA

O homem primitivo sentindo a necessidade de estender as idéias para além dos limites do alcance da sua voz, tanto no espaço quanto no tempo, utilizou como meio de perpetuação de um evento alguma forma de escultura ou de desenho. Para perpetuar algo, ou mesmo como curiosidade, ele gravava a forma dos animais e das coisas conhecidas. A seguir ele viu que era possível gravar não só a forma das coisas, mas também uma ação, como por exemplo, uma caçada ou uma luta. Para isto evidentemente teve que utilizar desenhos mais complexos. Com o passar do tempo foram sendo estabelecidas simplificações na representação de uma idéia por meio de um desenho gráfico ou por algum objeto, e assim nasceu a escrita ideográfica, ainda utilizada hoje especialmente na China.

Em nossa civilização ocidental, como exemplo de um ideograma, podemos tomar um símbolo muito conhecido, a Cruz. Este desenho simples transmite uma idéia tanto mais ampla, complexa, completa e profunda, tanto maior quanto maior for o conhecimento da pessoa quanto ao tema representado pelo referido símbolo.

Na cruz, por exemplo, uma pessoa pode sentir uma infinidade de idéias. Pode associá-la ao Cristo, à sua doutrina, à sua moral, bondade, ensinamentos, sofrimento, etc., enquanto outra pessoa pode ter uma idéia completamente diferente e até mesmo inversa disso tudo conforme o que haja aprendido a ligar Cruz.

Se, por um lado, um ideograma fala amplamente, por outro lado ele apresenta-se insuficiente quando se deseja precisão naquilo que se quer expor. Por isto a escrita ideográfica evoluiu para uma outra forma diferente em que em vez de ser usado um desenho da coisa propriamente passou-se a empregar um sinal para representar os sons, cujas associações formam as palavras.

Disto nasceram as letras em substituição aos ideogramas; símbolos representativos não de idéias completas, mas simplesmente dos sons constitutivos das palavras.

Cada letra um som, portanto a letra nada mais é do que uma representação simbólica de um som constitutivo da parte de uma palavra.

Neste ponto já podemos antever como apenas com a escrita o homem passou a viver mergulhado num "oceano" de símbolos.

Um texto escrito, para um analfabeto parece uma sucessão interminável de risquinhos sem sentido algum e mesmo tolos. Mas, para aquele que sabe ler, aqueles risquinhos tomam vida, absorvem as funções intelectivas e despertam sentimentos e emoções na mente do leitor despertam estados psicológicos os mais diversos, pois aqueles símbolos juntos podem transmitir uma variedade enorme de conceitos e idéias.

Quando alguém desenha símbolos literais, quando dispõe aqueles símbolos de uma maneira conveniente, pode estar compondo um livro cuja leitura pode conduzir a pessoa a um estado total de abstração do mundo real, pois ele passa a integrar as cenas e o ambiente descrito. Aquele estado é uma condição imposta pela leitura que age como elemento condutor.

Quando alguém passa diante dos olhos uma sucessão de símbolos constitutivos de uma obra literária acontece que a pessoa pode sentir alegria, tristeza, ódio, erotismo, felicidade e todas as emoções existentes. Quem verdadeiramente evoca todos esses estados interiores? - Certamente é a leitura, é o texto escrito. Ora, qualquer texto nada mais é do que uma sucessão de símbolos gráficos.

LOGOGRAFOS:

As marcas dos produtos comerciais, dos clubes, das nações; as bandeiras nacionais dos países, municípios, estados e organizações, nada mais são do que linguagens simbólicas.

O que alguém sente se ver a bandeira da sua pátria ser destruído? - Em essência qualquer bandeira nada mais é do que certa porção de tecido acrescido de tintas; mas eis que surge nela um sentido diferente devido exatamente ao valor que se lhe atribui como símbolo, sendo assim a pessoa se inflama segundo o modo como ela for tratado.

A flâmula de um clube de futebol desperta no torcedor toda uma história de lutas, derrotas e glórias, e isto constitui a "alma simbólica" da organização, mas uma flâmula nada mais é do que um símbolo.

A MÚSICA

A música escrita nada mais é do que uma forma de linguagem simbólica representativa dos tons, ritmos, etc. Um meio simbólico representativo de ritmos e melodias. Algo mais requintado do que a escrita simples das palavras, mas também se constitui uma forma de linguagem simbólica. Cada nota simboliza um som. Quando alguém compõe, isto é, quando alguém dispõe aqueles símbolos musicais sob uma maneira conveniente muita coisa vai ser transmitida, ou mesmo produzido, para deleite de qualquer outra pessoa habilitada para reproduzi-la, compreendê-la e senti-la.

Com este exemplo da música escrita demonstra-se praticamente que os símbolos podem não só transmitir, mas também criar estados especiais de consciência e de humor.

A música, por exemplo, alegre ou entristece, pode até nos fazer chorar. Portanto o uso adequado dos símbolos que representam as notas musicais inegavelmente traz a capacidade de criar algo na mente dos seres.

A MATEMÁTICA:

Esta ciência usa muitos símbolos para a representação de valores, e quanto mais avançada ela se torna, mais símbolos requerem para a indicação dos valores abstratos.

A QUÍMICA:

Entre todas as ciências, a que mais usa símbolo, talvez, seja a química, onde todos os elementos, todas as substâncias, ações e reações entre as substâncias são indicados por meio de

letras e outros sinais gráficos. A representação das substâncias se faz pela fórmula química, os detalhes variam, as formulas se complicam, e os símbolos dos elementos constitutivos se agrupam de forma a representarem a própria estrutura atômica.

A química criou uma linguagem simbólica própria graças à qual um químico pode escrever uma série de reações com letras, sinais vários, sem nenhum sentido para o leigo, mas, perfeitamente claros e lógicos para outro químico independentemente das barreiras lingüísticas que possam existir.

Dentro da química o tomemos um exemplo:

Se uma pessoa ignorante da existência da linguagem simbólica da química solicitasse um explosivo a um cientista, se fosse atendido este por certo desenharia num papel uma série de símbolos, letras, setas e sinais gráficos vários, sem qualquer sentido aparente para o leigo. Este, recebendo aquele papel e levando-o para distante, entregando-o a um outro químico, ele desenvolveria o explosivo. Certamente o leigo iria obter do segundo químico aquilo que solicitou ao primeiro. Por este exemplo vemos que se a pessoa fosse totalmente ignorante quanto à existência dessa linguagem por certo poderia de inicio pensar que se tratava de uma loucura aquela série de sinais sem sentido algum para ele, mas quando visse o resultado obtido pelo segundo químico, certamente passaria a julgar que naquele papel havia alguma forma de magia ou arte demoníaca qualquer.

Vamos mais longe afirmando que a vida moderna exige uma comunicação entre os seres humanos e as máquinas, assim dependemos do dia mais dos computadores.

Os computadores requerem uma forma de linguagem entre eles e o homem O elemento que torna possível esse tipo de comunicação, o programador trabalha de certa forma com símbolos. Aquele que codifica nas linguagens dos computadores as questões propostas pelo homem. "Programar" equivale transformar a linguagem humana na linguagem da máquina. Qual é essa linguagem? - Há várias, inicialmente a mais comum foi a dos cartões perfurados, um verdadeiro desenho, um labirinto de pequenos furos num cartão especial. Alguém que desconhecesse a natureza daqueles cartões e os visse certamente catalogaria como uma mensagem simbólica, pois em essência aquilo é uma linguagem gravada de forma tanto ou quanto simbólica. Atualmente são usadas linguagens muito mais simples, porém todas basicamente são simbólicas.

MENSAGENS:

Outra razão de ser do simbolismo é sem dúvidas a de guardar por meio de um desenho simples uma grande quantidade de ensinamentos.

Após essas considerações em que tentamos demonstrar que os símbolos estão ligados intimamente a todas as pessoas, que a vida moderna não poderia existir como tal sem eles; que são capazes de exercerem um papel ativo e passivo, que são capazes de provocar efeitos os mais diversos na mente e estados psicológicos os mais variados, vamos agora abordar uma outra face do problema.

Os símbolos podem servir como uma forma de linguagem oculta para transmissão de conhecimentos velados. Exatamente neste campo é que se constituem uma verdadeira linguagem para os ensinamentos perseguidos através dos tempos.

Nada foi tão perseguido durante o evoluir da história do que a verdade. Muitas organizações políticas e religiosas, sempre visando interesses próprios os mais diversos, desvirtuaram a história, adulteraram informações e desviaram linhas de pensamento. Não somente no tocante as verdades históricas, como também às verdades científicas; conhecimentos os mais variados da sabedoria milenar foram perseguidos para que tudo se amoldasse a determinadas linhas de pensamento. Escolas filosóficas inteiras foram perseguidas e eliminadas. Essa situação, em determinadas épocas, atingiu o clímax quando os sabedores de certos ensinamentos autênticos, de certas verdades metafísicas e científicas, foram sumariamente eliminados para que nenhuma dúvida pudesse ser levantada quanto àquilo que era ensinado como verdades oficiais.

As causas dessa forma de atuação de certos grupos dominantes fazem parte dos grandes segredos das Fraternidades Iniciáticas e que não podemos mencionar nesta palestra por serem revelações profundas que requerem um conhecimento prévio de outras verdades menores.

Assim sendo, as Fraternidades Iniciáticas visando à perpetuação dos conhecimentos arcanos, das grandes verdades, dos grandes “mistérios” das coisas, procuraram criar uma forma velada de linguagem. Uma forma em que pudessem ser gravados certos conhecimentos de maneira a serem passíveis de interpretação somente para aqueles que fossem iniciados. Por isto havia necessidade de uma forma de linguagem através de símbolos não susceptíveis de serem interpretados pelo mundo profano e pelas autoridades dominantes inimigas do saber.

Por essa razão certos ensinamentos foram sendo gravados por meio de uma sucessão de símbolos, velando assim os ensinamentos completos que não deviam ser diretamente gravados em palavras, porque se o fossem, além de confundirem os próprios iniciados não suficientemente preparados, seria uma forma de expor àqueles grupos à insânia dos perseguidores da luz e da verdade. Neste caso os símbolos funcionavam como uma forma de linguagem oculta.

Como era neste caso utilizada a simbologia? - Suponhamos, um assunto muito longo ensinando sobre a origem do universo era dado em aulas extensas de boca para ouvido nos templos iniciáticos e no final tudo, aquilo ficava explícito num símbolo mnemônico, em sinais, ou algo aparentemente inocente. Algumas daquelas informações ensinadas assim, hoje são verdades científicas, porém muitas outras a ciência oficial nem sequer sabe ainda da sua existência.

Certas verdades perigosas em seu contexto, necessariamente eram registradas assim, para evitar os problemas que poderiam causar.

Tomemos um exemplo hipotético: suponhamos uma guerra nuclear com todo um séqüito de desastrosas conseqüências. O que sobrasse da humanidade teria dois caminhos para serem seguidos: Um era fazer a qualquer preço apagar todo o conhecimento sobre átomos, desviando qualquer tipo de estudo naquele campo, criando a idéia de “tabu” ou de “pecado” para indagações a respeito da constituição íntima da matéria para evitar que num futuro tudo viesse a se repetir. O Outro meio seria outro meio negar a verdade para uns e ensina-la para outros, mantendo assim o sistema sob um rígido controle. Esta maneira foi a adotada pelas Escolas Iniciáticas. Ensinavam-se certas verdades aos iniciados segundo a evolução de cada um. Ensinava-se de boca para ouvido e, como meio de memorização e perpetuação do saber, usava-se um desenho representativo de todo o conhecimento. Criavam-se símbolos

representativos que somente dissessem alguma coisa para aqueles que houvessem recebido certa forma de iniciação.

A interpretação daquele símbolo seria o desvendar de todo um conhecimento. Esta é a parte mais importante do simbolismo oculto das ordens Iniciáticas.

Cada símbolo representa uma verdadeira lição. Temos ali a imagem de um triângulo, lá a de uma estrela, em outra parte a de um olho, etc. Simplesmente isto nada diz para o leigo, para o "pseudo-iniciado" (Chamamos pseudo-iniciado aquele que é admitido nas Sociedades Iniciáticas, mas que por não merecer ou não querer jamais penetrou em qualquer mistério simbólico verdadeiro) O olho já oferece certo significado, embora superficial para alguns. O olho representa a "visão divina" observando contentemente cada pessoa. Isto é certo, mas há muito mais, há no olho simbólico um sentido metafísico extremamente alto em que é ensinada a verdadeira natureza do Universo.

Partindo do "olho" o iniciado pode falar horas a fio sobre os princípios universais, sobre a gênese das coisas, o seu evoluir e a sua própria natureza. Para se falar do olho iniciático seriam necessárias várias palestras e mesmo assim não seria dito tudo a respeito dos ensinamentos metafísicos nele representados.

Este é apenas um dos símbolos existentes nas Fraternidades Iniciáticas, inúmeros outros existem e cada um representa verdades eternas.

Nenhuma biblioteca universitária engloba tantos conhecimentos filosóficos, metafísicos e históricos, quanto àqueles símbolos.

Falar sobre os símbolos herméticos levaríamos muito tempo. Se muitos não aceitam isto como verdade, não importa, procurem antes estudar a simbologia e por certo após alguns decênios terão mudado essa opinião, e por certo passarão a ter dúvidas se uma existência inteira basta para dominar uma fatia apreciável dos conhecimentos arcaicos contidos nos símbolos herméticos.

O SIMBOLISMO DOS NÚMEROS

NÚMERO UM – DOIS – TRÊS

"O ÚNICO MISTÉRIO DO UNIVERSO
É O MAIS E NÃO O MENOS..."
FERNANDO PESSOA



1975 - 3328

TEMA 0.076



Nestas palestras iniciais apresentaremos alguns conhecimentos místicos básicos sobre o simbolismo dos números. Focalizaremos alguns conhecimentos já ensinados pelas ciências herméticas, além de outros ainda não divulgados.

Iniciaremos pelos três primeiros números conforme são estudados pelos místicos. Procuraremos discuti-los usando alguns exemplos de caráter prático, fugindo tanto quanto possível daquela linguagem velada que normalmente é usado na divulgação de conhecimentos esotéricos, para que certas dúvidas e erros possam ser eliminados da compreensão dos discípulos da senda.

Sabemos que grande número de estudantes da senda tem dúvidas quanto ao significado esotérico dos números, e o que é pior, muitos têm idéias errôneas a respeito, ou simplesmente não entendem o real significado dos três primeiros números.

As idéias deformadas derivam, segundo o nosso entender, da leitura de muitos livros que mais confundem as pessoas do que ensinam as verdades do misticismo, por isto não é sem razão que as ordens autênticas recomendam muito cuidado quanto aquilo que é oferecido em forma de livros aparentemente sérios.

Nossa intenção é dar respostas às indagações que nos têm sido feitas sobre os princípios ensinados pelas Ordens Iniciáticas usando uma linguagem clara, fácil e lógica, para que a matéria seja acessível ao buscador de forma que ele possa ter alguma compreensão metafísica inerentes à natureza das coisas. Da maneira como o assunto atualmente vem sendo exposto em alguns livros, o buscador certamente nada consegue entender, acaba perdendo o seu precioso tempo, ou pior ainda fica sujeito a confundir verdades com superstições como consequência de ensinamentos deformados de numerologia.

Procuraremos usar uma forma de linguagem simples, com exemplos fáceis e claros, pois na natureza a verdade jamais é complexa. Onde há complexidade indubitavelmente há erros. As leis naturais são fundamentalmente simples e isso se comprova à medida que elas são devidamente estudadas.

No passado um tanto remoto os algarismos, assim como as letras, traziam um duplo sentido. Um sentido exotérico, comum, o que todos entendiam, profano, técnico, e concomitantemente um sentido

essencialmente esotérico, isto é, um sentido oculto acessível só aos membros das sociedades iniciáticas. Em outras palavras, os algarismos tinham um sentido profano usado como meio de contagem, e um sentido iniciático indicativo de mensagens veladas.

Nesta palestra nosso intento é fazer alguns comentários preliminares sobre o significado oculto dos números tentando retirar parte do véu de mistérios que envolvem o sentido esotérico do 1, 2 e 3, sem nos aprofundarmos, porém nesses ensinamentos para não fazermos revelações não liberadas às pessoas não iniciadas.

NÚMERO UM

Esotericamente se diz que o *UM* não é por si mesmo manifesto e por isto ele não tem existência real para o nosso intelecto. Vejamos o que isto significa.

Quem observar um pássaro pousado sobre um cabo elétrico facilmente nota que nunca acontece uma eletrocussão. Não acontece porque a ave não está ligada a terra, ou a um outro fio com diferença de potencial. Quando o pássaro está pousado em apenas um dos fios nada acontece com ele porque a eletricidade está para ele em fase que podemos chamar "fase um". Somente quando uma outra situação se estabelece, que é a presença de um segundo fio por onde também escoe corrente elétrica com um diferente nível (diferença de voltagem), é que acontece algo, isto é, a eletricidade se torna manifesta e passa a existir realmente para a ave. Não sendo assim ela não sofre a mínima ação de qualquer coisa que exista ou que ocorra no fio em que está pousada.

Alguém que esteja sem contato com um segundo cabo ou com o solo não tem condições de saber diretamente se este está ou não está eletrificado. É absolutamente impossível sabê-lo, pois, naquela situação o fio é simplesmente um arame.

Vale notar o seguinte; mesmo que a ave nada sinta, ou que uma pessoa nada sinta, mesmo assim não há garantia de que um determinado fio esteja sem corrente. Absolutamente, o que ocorre é que apenas não há manifestação da corrente por falta de meios para evidenciá-la. Pode acontecer que entre o fio e o solo, ou que entre um fio e outro haja diferença de potencial, haja diferença de voltagem, então quando um contato for estabelecido com aquele segundo elemento, é que surgirá o "choque elétrico", a descarga elétrica se tornará real. Enquanto não houver o segundo elemento nada se saberá a respeito da presença ou não da corrente. Corrente elétrica em *UM* só fio, mesmo que em elevadíssimo nível de intensidade, não aquele uma resistência elétrica, não acende uma lâmpada, não faz girar um motor e nem gerar qualquer tipo de trabalho. Para que ela faça tais coisas é necessária a presença de um SEGUNDO fio. Por esse exemplo podemos dizer que a corrente elétrica está para o pássaro numa primeira condição, numa condição *UM*.

Evidentemente no fio existe algo, que a pessoa não se dá conta. Tomando-se *UM* só fio indiscutivelmente nele poderá "existir eletricidade", contudo esta estará imanifesta, razão pela qual não é possível se ter percepção direta dela.

Se numa sala escura colocarmos qualquer objeto negro, evidentemente este não será visível. Ele se comporta como se não existisse, embora esteja lá. Porém se clarearmos o objeto negro então ele se tornará visível.

Na primeira situação ele está na fase *UM* em relação à consciência, e quando clareamos criamos uma condição oposta, isto é, introduzimos o elemento *DOIS* que permite que o objeto (elemento *UM*) se torne visível. A recíproca é verdadeira, se clarearmos a sala o objeto aparecerá e passará a existir para a consciência objetiva.

Para demonstração prática da imanifestação de algo em condição *UM*, sugerimos o seguinte experimento: Tome um recipiente de vidro, uma lâmina de vidro que possa ser colocada dentro do recipiente, e uma certa quantidade de água limpa. Em seguida coloque a água no recipiente e a lâmina

de cristal dentro dele. Então, se verificará que a lâmina aparentemente some, como que desaparece, isto é, a pessoa deixa de se dar conta dela, é como se a lâmina desaparecesse, deixasse de existir para o observador. Porém, se for modificada a cor da lâmina – condição *DOIS* – ou a cor diferente da água – então a lâmina se tornara visível. Criando-se uma segunda condição oposta à primeira – cor da lâmina – então o evento se torna conscientizável, se torna visível. No primeiro caso a lâmina é fase UM em relação ao meio líquido em que está imersa. Também poderia ser derramado um corante no recipiente o que faria com que a lâmina de vidro se tornasse visível. O corante age com segundo elemento – o *DOIS* – sem o qual o evento não é detectado diretamente pelo sentido da visão. Erroneamente alguém poderá julgar que neste experimento o resultado é decorrente de uma incapacidade ou limitação da acuidade do sentido visual, contudo não é isto, pois se trata na verdade da aparente inexistência objetiva de qualquer fenômeno em fase *UM*.

Examinemos o problema com outro exemplo. A produção de energia hidrelétrica. Suponhamos um lago em uma planície. Lago e terra sem qualquer potencial utilizável. Então elevemos o lago para um planalto e surgirá potencial hidrelétrico capaz de gerar energia. Lago e terra nos dois casos, porém na última situação há o acréscimo de uma segunda situação (*DOIS*) que é o desnível. O lago pode ser o mesmo, ele pode não mudar em nada quanto a sua natureza de uma para outra situação. A única diferença é que no segundo caso foi introduzida uma situação a mais, independentemente da natureza própria do lago.

No reino animal, nós vamos encontrar o princípio da imanifestabilidade do *UM* exatamente no mimetismo dos animais. Mimetismo é a capacidade que têm certos animais de tomar as cores do ambiente para se camuflarem e não serem percebidos pelos predadores. Certos lagartos e insetos confundem-se com o meio ambiente tornando-se "invisíveis" ao assumirem a mesma cor da superfície em que repousam. Forma um conjunto de uma só cor, razão pela qual torna-se de difícil visualização objetiva. Em essência o que acontece naquela situação é que o animal se torna uno com o meio, ou seja, ele fica na fase *UM* em relação ao ambiente.

A partir desse ponto queremos salientar algo muito importante. O *UM* não significa esotericamente algo inexistente. A fase *UM* existe realmente, mas apenas ela não pode ser diretamente conscientizada. Nos exemplos que demos é fácil admitir que a eletricidade existe num só fio, que a lâmina embora invisível existe no recipiente, que o animal embora oculto existe verdadeiramente sobre a superfície com a qual se confunde. Por meio de instrumentos que sejam capazes de estabelecer alguma forma de contraste o UM se torna detectável. Assim sendo podemos afirmar que a fase *UM* existe, mas nunca ela é detectada diretamente. Quando um instrumento a detecta é porque o seu mecanismo estabeleceu alguma forma de contraste, de oposição, que se constituiu uma segunda condição.

Agora suponhamos um hipotético país em que só houvesse uma temperatura uniforme para todas as coisas. Em conseqüência, aquilo que chamamos temperatura jamais seria conscientizado lá. Nunca as pessoas se aperceberiam de algo para denominar temperatura onde ela só se manifestasse em *UM* só nível. Naquele lugar os seres somente teriam consciência de temperatura se houvessem variações térmicas. Se tudo tivesse uma só temperatura, se todos os climas e todos os objetos tivessem uma temperatura uniforme, constante, digamos 20° C., as pessoas por certo não teriam consciência dela e evidentemente não criariam sequer uma palavra, e muito menos um aparelho, para medir temperatura. Mas, mesmo as pessoas não se dando conta da existência da temperatura, mesmo assim aquele nível de calor existia. Tanto isto é verdade que se alguém de um outro lugar onde existissem variações térmicas lá chegasse ele teria por certo se daria conta da temperatura ambiente e até poderia determiná-la por meio de um termômetro. Para os nativos não haveria consciência de calor, de modo algum eles poderiam entender aquilo que o visitante estivesse falando ou medindo, pois somente conhecendo um nível térmico é que eles teriam consciência de calor. Este seria UM para eles. Certamente nunca se usaria um termômetro num hipotético mundo de uma só temperatura, pois, se descendência ali o calor,

jamais surgiria a necessidade de medi-la e de construir um instrumento para medir algo que nem sequer suspeitava-se existir. Este tipo de descoberta só poderia ser feito por raciocínio dedutivo e não por registro objetivo. Temperatura uniforme 20° C seria fase UM.

Como podemos ver, a primeira manifestação de qualquer coisa é exatamente aquilo que se pode definir como o um esotérico.

Se todas as coisas do mundo, por exemplo, fossem igualmente verdes ninguém se aperceberia daquilo que chamamos cor, embora ela existisse realmente. Se num dado momento surgisse uma outra cor, o azul, por exemplo, só então as pessoas se aperceberiam de que algo estava existindo, perceberia que duas coisas estavam existindo, o verde e o azul, e então haveria a consciência de cor.

Diante de uma situação isolada nunca será perceptível a fase um por isto se diz que o um não tem existência real. Tem existência num sentido absoluto – como uma atualidade – pois desde que é passível de ser detectado dedutivamente, ou por meio de instrumentos, etc., mas num sentido relativo, isto é, em relação à consciência objetiva dos seres tudo se passa como se não existisse.

O UM representa a primeira fase da evolução de qualquer coisa que só se torna manifesta e conscientizável quando surge uma diferença de nível, uma polarização, uma segunda situação que lhe sirva de contraste.

NÚMERO DOIS

Para que algo seja conscientizado é necessária uma segunda condição, ou seja, uma fase dois. Vamos chamar dois aquela condição que surge para complementar a manifestação da fase um. Nos exemplos dados a fase dois é o solo ou o segundo fio com diferença de potencial, no exemplo da ave; é a modificação de coloração do líquido ou da lâmina; é o desnível no do lago, etc. O pássaro só será eletrocutado com o surgimento de uma segunda – dois – condição, se tocar um outro fio; o lago só terá potencial hidrelétrico se estiver num nível elevado e o animal mimetizado só será visto se surgir um contraste entre ele e o ambiente.

Agora vale notar que a fase dois complementa a fase um, mas não é de natureza diferente. A fase dois sempre é de idêntica natureza da fase um. Só se tem idéia daquilo que se chama "grande" porque existe o seu oposto, o "pequeno"; o escuro só é percebido porque existe o seu oposto, o claro; o bom, porque existe o ruim; o bonito, porque existe o feio; o rico porque existe o pobre, e assim por diante.

Como se pode perceber, o dois é o contraste do um. Sem o dois o um pode existir, mas não pode ser conscientizado, não pode se manifestar objetivamente por falta de um contraste. O um existe sem se manifestar, sem que se tenha consciência da sua existência até que surge a fase dois que é o seu oposto. O dois por si só também não se manifesta, pois é equivalente ao um. É necessário salientar que a fase dois é oposta à fase um, mas ambos nunca são de naturezas diferentes. São idênticas em natureza, mas situados em extremos opostos. O UM e o DOIS constituem apenas pólos opostos de uma mesma coisa.

Pensem profundamente no seguinte: quantas coisas devem existir no Universo, mesmo em torno de nós, das quais não temos a menor consciência, exatamente por estarem na fase um em relação a nós.

Nos dois fios elétricos citados não existem coisas diferentes em cada um deles e sim uma mesma coisa, que é o fluxo de elétron. O que acontece é que num dos fios o fluxo é mais intenso em um que em outro. Disto decorre que quando se toca ao mesmo tempo nos dois fios há uma corrente de elétrons oriundo do fio de maior fluxo para o de menor fluxo, mas em ambos a coisa é a mesma, tão somente fluxo de elétron. O lago, tanto no planalto quanto na planície, é uma mesma coisa, água e terra. Toda diferença reside no desnível que faz a água fluir do ponto mais elevado para o menos elevado. O grande e o pequeno são uma mesma coisa, pois aquilo que sobra em um corresponde exatamente aquilo que falta no outro.

Se todos os vales da terra fossem preenchidos, se pusesse terra neles, as montanhas desapareceriam também. Na montanha sobre terra, no vale falta terra.

Alguém é mau, por não possuir bondade; é pobre por não possuir riquezas; é baixo por não ter altura; é feio por não possuir beleza, etc. Adicione-se altura ao baixo, ele se tornará alto; bondade ao mau, ele se tornará bom; riqueza ao pobre, ele se tornará rico. Tire tamanho de uma coisa alta e ele se tornará baixa. Assim os opostos, o um e o dois são idênticos em natureza.

Vemos também que o um e o dois se completam e se comportam como pólos opostos e disto à aplicação da Lei da Polaridade presente em todo o Universo Creado.

Para que a temperatura seja notada é preciso que existam pelo menos duas graduações de calor. Para que o dia seja notado é necessária uma situação oposta ao dia – fase um – que é a noite fase dois e então a pessoa se dá conta daquilo e assim surge a necessidade de uma denominação para as duas situações opostas. Mas, dia e noite, em essência, é uma mesma coisa. Noite é a ausência do dia e vice-versa. Isto é sempre válido, para que algo exista no atendimento da nossa consciência objetiva há necessariamente a obrigatoriedade de um contraste entre duas ou mais situações. Há necessidade de duas condições que se oponham para que algo tenha existência real para a nossa consciência objetiva. A mente objetiva é analógica, isto é só percebe por analogia, por comparação entre dois valores. A pessoa só se dá conta da existência da luz porque existe a treva como seu oposto, e vice-versa. Treva e luz é uma mesma coisa porem em polaridades opostas.

Qualquer coisa sem o seu oposto é como se não tivesse existência para nós. Assim são todas as coisas existentes no Universo.

NÚMERO TRÊS

Vimos que ao surgir a fase dois a pessoa se dá conta da existência da fase um, isto é, o um se torna manifesto quando surge o dois e imediatamente surge sempre um elemento três, uma terceira condição. Podemos dizer que o três é o se dar conta de.

O pássaro está pousado em um fio e nada acontece a ele, mas quando surge o contato com o segundo fio – dois – imediatamente surge a terceira – três – condição que é a corrente elétrica capaz de provocar uma eletrocussão. Quando aquela lâmina de cristal está mergulhada na água ela está invisível, mas quando é posto um corante no líquido – fase dois – que determina uma diferença de cor entre o líquido e o cristal, imediatamente surge a consciência de algo – fase três – a lâmina de cristal. Na comparação entre a condição que se chama "bem" e aquela que se chama "mal" surge a terceira condição que é a idéia de bondade, e assim por diante.

Sempre que se estabelecem duas polaridades em alguma coisa haverá simultaneamente uma terceira condição representada, no mínimo, pela conscientização do evento.

Foi exatamente dessa interação entre três condições, valores interligados, que as Doutrinas Místicas tiraram o Simbolismo do Triângulo. Geralmente para aquelas doutrinas o triângulo é sagrado porque representa graficamente a Trindade de todos os eventos, pois tudo o que existe pode ser estudado por um desdobramento de triângulos, ou seja, pela interação dos três primeiros números esotéricos.

O número TRÊS simboliza a manifestação perfeita de algo, por ser a condição necessária para que a conscientização se apresente, e o intelecto registre.

Podemos pressentir duas situações advindas da manifestação do Três:

- A - Conscientização de coisas abstratas;**
- B - Conscientização de coisas concretas.**

Conscientização de coisas abstratas:

Como já citamos em alguns exemplos, mesmo as coisas abstratas, as percepções abstratas são também trinas em manifestação. Exemplo: *grandeza* é uma idéia abstrata, ela nada mais é do que a resultante de duas condições também abstratas que são a idéia do grande e a idéia do pequeno. *Beleza* é a conscientização de duas situações abstratas opostas; feio e bonito. Assim, se pode afirmar que toda idéia abstrata também é suscetível de ser desdobrada em duas componentes. Se este desdobramento não for possível, certamente estaremos diante de uma idéia composta por várias trindades passíveis de sucessivos desdobramentos.

Conscientização de coisas concretas:

Também no campo da conscientização de coisas concretas a Lei do Triângulo é soberana. Quando algo não for susceptível de ser desdobrado em duas componentes certamente ele é complexo e precisa sofrer vários desdobramentos secundários.

Tomemos como exemplo as cores. Aparentemente elas são inúmeras, mas após vários desdobramentos restará só três delas: **Vermelho**, **Amarelo** e **Azul**. Qualquer nuance de cor existente, essencialmente é o resultando de uma combinação em partes variáveis daquelas três cores fundamentais.

No Universo, com relação àquela condição objetiva que denominamos "tempo" há três situações a serem consideradas: Passado, Presente, Futuro. É pela comparação dos dois pólos passado e futuro que vamos encontrar o presente. O presente é uma idéia metafísica de concepção difícil e impossível de existir no Mundo Imanente. O que é o presente? Onde termina o passado e começa o futuro para que se possa situar o presente? Por menor que seja intervalo de tempo considerado sempre é possível que aquilo seja o passado. O "agora" somente existe em função das limitações sensoriais. O presente é apenas a conscientização das duas situações, passado e futuro. Por outro lado também podemos dizer que praticamente o futuro não existe porque sempre que atingimos um momento que antes considerávamos futuro ele se torna presente. No sentido relativo o passado é UM, futuro é DOIS e presente é TRÊS. Como no sentido absoluto só existe o Presente, logo só existe o TRÊS, mas como ele está só, então só existe o UM.

Tudo aquilo que existe é constituído de três partes, duas das quais constituem um bipólo.

Existimos num Universo, de mais de três dimensões, mas para a nossa mente objetiva ele se manifesta por três delas. A mente necessita apenas de três dimensões, por isto somos seres de um mundo tridimensional. Esta é a razão pela qual tudo que basicamente existe para o nosso intelecto é trino em essência, num mundo de mais dimensões a regra é outra conforme o seu número básico.

O Triângulo é a representação gráfica deste princípio fundamental da constituição das coisas susceptíveis de conscientização. Somente aquilo capaz de ser representado graficamente por um triângulo pode ter existência real para o nosso intelecto porque somos adaptados a um Universo de três dimensões básicas.

A ORIGEM DOS NÚMEROS

“O IGNORANTE AFIRMA, O SÁBIO
DUVIDA E REFLETE”.
ARISTÓTELES.



2005 - 3358
TEMA 1.590



Os números encerram muitos mistérios – desconhecimentos – que não são considerados pelos matemáticos, mesmo que tenham uma importância fundamental no sentido do conhecimento sobre a natureza do Mundo e da problemática da existência dos seres. Esse lado dos números tem sido estudado pelos Iniciados de todos os tempos, em especial pelos Pitagóricos.

A Matemática tem se aprofundado imensamente na operacionabilidade dos números, mas não na natureza deles; ela nem ao menos indaga desde quando os números existem e como eles passaram a se constituir elemento importante na gênese das coisas existentes.

Nada se pode dizer dos números, ou de quaisquer coisas em nível da inefabilidade; no máximo se pode especular sobre o primeiro nível da sua manifestação, que é o da Consciência. Tudo está nela contido como “É”, e nesse caso incluem-se os números, contudo, em tal nível, apenas existe o *Um*. Evidentemente a Unicidade não pode conter mais que uma unidade. Pelo que já temos estudado sobre os números, evidentemente na unicidade a *Mente* é incapaz de perceber algo. Para isso ela tem que desdobrar a unicidade, dividi-la em partes. Assim aconteceu com a unicidade, foi preciso a ocorrência perceptiva da descontinuidade para que fosse possível se dar conta da sua existência.

Quando ocorreu a descontinuidade, simultaneamente houve o surgimento dos números e naturalmente também da contagem, ou seja, da existência da numeração. Como já assinalamos várias vezes a *Mente* é incapaz de perceber qualquer coisa em fase *Um*, para que ela possa se dar conta de algo é preciso a ocorrência de polarização, pois não pode haver polarização sem descontinuidade (A *Mente* funciona analogicamente). O *Um* não pode se afastar em pólos, isso só é possível com o desdobramento em pelo menos *dois*. Disso decorre que os números só existem em função da *descontinuidade*, que, por sua vez, é fruto da percepção limitada da *Mente*. É muito importante considerar que se a *descontinuidade* não existe realmente, por ser fruto da percepção parcial, consequentemente realmente não há coisas para serem contadas, e então os números são meras especulações. Os números, e, consequentemente, a contagem, é mais um dos engodos oferecidos pela *Mente*. Pura criação mental, pois na verdade só existe o *Um*. O *dois*, assim como os demais números, são fantasias, determinações de algo que realmente não existe.

Por que a *Mente* não percebe o *Um*? – Exatamente porque *Ele* é unicidade e a *Mente* somente percebe a multiplicidade. Ela existe porque a percepção é sempre limitada; porque o *Um* é unicidade, é totalidade, e o alcance da mente não chega a esse nível; ela só tem ciência das coisas limitadas, fracionadas. Na verdade ela existe como resultado do fracionamento (aparente) da existência *Una*.

O Infinito não pode ser percebido, pois se o fosse estaria limitado, e o limitado contradiz o sentido de Infinito. Por isso jamais o Infinito pode ser percebido, jamais a mente pode percebê-lo e disso resulta que apenas parcialidades podem ser mentalmente registradas.

Vemos, então, porque as Doutrinas Tradicionais dizem que só existe o *Um* e que tudo está nele contido. Todos os números são meras limitações na percepção do *Um* como todo. Todos os números estão contidos no *Um*. Sabendo-se que as formas – geometria – são expressões espaciais dos números, logo tudo se resume à expressão geométrica do *Um*, o ponto.

O surgimento dos *números* coincide com o surgimento da *descontinuidade*, e assim também as *formas*. A *Mente* quando percebeu, em descontinuidade, possibilitou a contagem, e daí o surgimento dos números, e quando quis expressar graficamente gerou a geometria.

Do que dissemos advém que todos os números são percepções limitadas que se tem do próprio *Um*, e o mesmo podemos dizer a respeito das formas, todas estão contidas no *ponto*, e dele derivam como resultado e percepção limitada. Isso quer dizer que, realmente só existe um número, o *Um*, e todos os demais estão nele contidos. Seja qual for o número, na verdade, são aspectos limitados do *Um*. Não há outros além dele. Somente ele existe, o seu desdobramento – outros números – é apenas uma condição aparente.

Poder-se-ia até admitir que os números sejam uma das condições básicas do Universo, pois na verdade eles são resultantes da *descontinuidade*, assim também o próprio Universo (descontinuidade aparente).

Por que a necessidade de contar? Isso está ligado a *espaço*, espaço exige ordenação, e ordenação implica em contagem.

Os números trazem em si uma capacidade ativa, eles não exercem apenas o papel de distribuir as coisas sequencialmente – contagem –, mas também a de gerir tudo quanto há. Quando se diz que as fases um, dois, e três de qualquer evento não podem ser estruturadas, o que somente é possível a partir do quatro, isso não se trata de contagem, mas de um poder determinante. Nesse caso, não estamos numerando simplesmente. Aquilo que é *uno* não pode ser percebido, e menos ainda ser representado graficamente. Quando surge a polarização se estabelece o *dois*, mas isso implica na criação do *três*. É impossível à mente a existência do *dois* sem o *três* simultaneamente. Isso não é um simples processo de numeração, e sim uma propriedade intrínseca dos números, não se trata diz respeito a conceitos e nem ao seu desenho gráfico, mas de sua própria natureza de existir. Na verdade não se trata de uma propriedade do número, mas do universo representado pelo número dois. Dois é uma condição que vai muito além de simples distribuição sequencial.



OS NÚMEROS E A CREAÇÃO

“ TUDO AQUILO QUE A NATUREZA DISPÔS SISTEMATICAMENTE NO UNIVERSO PARECE, SIDO DETERMINADO E HARMONIZADO PELO NÚMERO”.

Nicômano de Gerasasua
Matemático Pitagórico

120 05 - 3358 - J.L.E.



2007-3360

TEMA 1.783



Não é sem razão que a Escola Pitagórica considera os números como base de toda a criação, razão pela qual a Matemática e a Geometria servem de base como estudo para o entendimento da natureza do Universo. De um modo geral, podemos dizer que tudo quanto se manifesta na composição do Universo não é fruto de um processo aleatório, tudo se efetivou segundo normas, em obediência a determinadas leis. O Hermetismo diz que antes do início do Mundo Imanente existiam duas naturezas, dois aspectos do Absoluto que as religiões chamam de Deus – que os Sacerdotes do Antigo Egito denominaram de RA e MA cujas naturezas são inconcebíveis para o entendimento do ser humano.

RA correspondendo ao princípio ativo e MA seria um algo inconcebível para a compreensão do ser humano. Tudo o que pode ser dito sobre MA é que se trata de uma “essência” inconcebível e susceptível de vibrar pela ação de RA – o lado impulsionador da vibração. RA atuando sobre MA determina uma vibração e, conforme o nível coisas vem a ser detectadas.

Algumas Doutrinas dizem que o Absoluto quis criar e o fez mediante a interação dos dois atributos. Em outra linguagem, o Absoluto é a própria Consciência Cósmica a qual existe como *Eterno Agora* e donde tudo é tirado pela Mente. Nesse conceito, RA e MA seriam inerência da própria Consciência.

Deus criou porque sentiu a necessidade de criar, dizem as doutrinas. O Hermetismo não endossa essa afirmativa, ele diz diferente, diz que O Absoluto não exerceu um ato de querer, porque se houve a necessidade de criar então o Absoluto não seria pleno, desde que não se pode conceber algo pleno que sinta necessidade de algo, ele tem que ser a totalidade. Só se sente necessidade do que, de alguma forma, esteja faltando, e coisa alguma poderia faltar a Deus, pois se tal acontecer Ele não seria Absoluto. Por isso o Hermetismo prefere não falar de *criação* propriamente, mas sim da *manifestação* do que existe no Absoluto, de algo que pode ser comparado a uma forma de afloramento de algo eternamente existente.

Não interessa em nossa palestra divagar pelo campo da Metafísica, pois queremos analisar condições da Imanência não interessando serem elas realidades ou ilusões. Falaremos da criação, quer isso diga respeito a uma criação real, ou como o Hermetismo afirma, de uma ilusão – imanência.

Na linguagem das religiões tradicionais, no começo houve uma necessidade de criar, então RA agiu sobre MA provocando um estado de vibração que determinou a origem do mundo e que segundo a frequência vibratória as coisas surgiram. Cabe uma indagação: A criação seria fruto de um processo aleatório ou ordenado? – Sabemos que tudo foi ordenado em obediência a leis, sendo as básicas conhecidas por Princípios Herméticos e mais cinco condições fundamentais sem as quais os princípios não podem atuar.

A criação se processou mediante uma planificação – planta arquitetônica –, segundo um modelo de construção – “Planta Arquitetônica”, a qual é representada precisamente pelo esquema da “Árvore da Vida” da *Cabala*.

Em uma construção geralmente se tem a considerar basicamente: Arquiteto – Material – Modo de construção – Localização (espaço tempo) – Planta Arquitetônica – Quantidade e proporções de cada material. Aplicando-se isso ao Universo teremos: O Grande Arquiteto do Universo (Consciência Cósmica) – RA e MA

(“Material da Grande Obra”), – Princípios Herméticos (Leis inerentes à construção) – Espaço/Tempo (localização a obra) - Árvore da Vida (Planta arquitetônica) - Proporções Numéricas (números).

Neste livro vamos nos ater à proporcionalidade quantitativa do universo, ou seja, aos números. Numa construção, além do material e do local se fazem precisas quantificações no tocante ao material. A criação exigiu quantidades e proporcionalidade do “material” para haver harmonia, pois se assim não fosse ocorreria uma criação desordenada, algo totalmente caótico. Visando o estabelecimento de uma ordenação houve, então, a necessidade de valores numéricos, dando isso origem aos números. Não bastaram apenas números visando a contagem de unidades, de parcelas, mas envolvendo qualidades básicas. Daí a grande diferença entre numeração quantitativa e numeração qualitativa, esta corresponde ao lado exotérico dos números. Para efeito de contagem os números se distribuem em series e são em numero ilimitado, contudo em natureza eles são apenas sete (= nove). Neste contexto cada número apresenta propriedades extrínsecas. É nesse sentido que vamos estudar os números e não sob o ponto de vista quantitativo, e sim qualitativo – operativo.

Além dos números positivos veremos também temas sobre propriedades do Zero e do Infinito.



PROPRIEDADE DOS NÚMEROS

“ A CIÊNCIA DOS NÚMEROS É O
SUPORTE INTELLECTUAL DA MAGIA”.
RAYMOND ABELLIO.

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.373



A Escola Pitagórica geralmente atribui a cada número uma representação espacial, geralmente uma figura geométrica. Um dos mais famosos pitagóricos, o abade Jean Tritheime, mestre de Paracelso, dizia que *“as ciências matemáticas são como parentes da magia, tão indispensáveis a essa que aquele que, sem as dominar, acredita poder exercer as artes mágicas, se encontra em um caminho inteiramente errado, esforça-se em vão e não chegará jamais a qualquer resultado”*.

O que disse o Abade Tritheime é que vamos encontrar tanto na magia, quanto em muitos ramos das ciências herméticas, uma grande riqueza de representações numéricas e geométricas.

Os pitagóricos sempre que possível procuravam representar, por números e desenhos geométricos, as leis e os segredos da natureza, associando idéias através dos números e os representando geometricamente. Pode parecer que esse procedimento tinha em vista facilitar a compreensão dos princípios metafísicos. Em parte isso pode ser considerado verdade – a visão espacial de um problema metafísico torna-o bem mais compreensível – mas existe outras razões bem mais importantes que levam os Iniciados a evitar o ensinamento direto.

Como sistema de linguagem velada podem-se usar os números e as formas geométricas com vantagens, pois elas não requerem chaves de interpretação alguma, é apenas preciso se ter alguns conhecimentos básicos, saber raciocinar, e tudo se torna claro através dos números. Vale salientar que há uma lei pouco conhecida que leva a mente a penetrar nos mistérios inerentes aos números. Conhecendo-se alguns elementos básicos de um sistema numérico, ou geométrico, ao se pensar nas relações dos números logo o conhecimento se auto-revela. Quando no esoterismo se usa uma forma de expressão por palavras há necessidade de códigos de decifração e sendo assim está sujeita interpretação equivocada. Por outro lado os números e as figuras geométricas falam por si, são o que são sem necessidade de chaves de interpretação.

Por esse motivo, entre outros sistemas, os cabalistas e especialmente os pitagóricos baseados em conhecimentos milenares, optam pelo sistema metafísico numérico. Disso resultou a numerologia tal como é hoje conhecida. Pensa-se que a numerologia é um sistema esotérico, quando na verdade ele não é um sistema em si, mas sim um método utilizado por algumas escolas iniciáticas, em especial a Cabalística e a Pitagórica, para o entendimento dos princípios que respondem pela natureza do mundo imanente.

Muitas Escolas Iniciáticas preferem transmitir o conhecimento através de números e símbolos como parte da linguagem velada peculiar aos místicos de todos os tempos.

Houve época em que a totalidade dos conhecimentos, mesmo aqueles que hoje são ensinados nos colégios e universidades, eram proibidos e as pessoas que os estudavam eram até mesmo sacrificadas. Por isso era imperioso, em decorrência das perseguições movidas, especialmente por

algumas doutrinas religiosas, que as ciências não oficiais, e até mesmo a própria história, fossem mantidas fora do alcance das pessoas comuns.

Num passado um pouco mais remoto as Escolas Iniciáticas eram órgãos oficiais e assim o ensinamento podia ser feito através delas de forma direta, sem necessidade de linguagem figurativa alguma. Mas depois que o obscurantismo dominou os sistemas governamentais do mundo até as próprias Escolas Iniciáticas passaram a existir na clandestinidade, e os seus ensinamentos deixaram de ser transmitidos em linguagem clara, passando então a sê-lo em linguagem velada.

Houve época em que havia uma restrição draconiana a todos os ensinamentos não oficiais extensivo a todo o mundo, haja vista a inquisição. Mais recentemente esse controle foi rompido em muitos lugares onde há uma liberdade relativa de culto e de pensar, mas queremos salientar que ainda não é assim em todo o mundo. A perseguição ao saber ainda ocorre em muitos países do mundo controlados por fanáticos e sectários que vêm perigo no conhecido de certos princípios. Em algumas culturas esse controle é feito em nome de Deus, apenas vale indagar qual o aspecto de manifestação dele.

Já temos mostrado uma série de representações geométricas ligadas à natureza e as leis do universo e, portanto torna-se mais fácil aceitar que os números não são apenas elementos usados com a única finalidade de contar coisas. Na realidade eles trazem conhecimentos inerentes, contêm em si desde a origem das coisas até as leis mais simples com que lidamos no dia a dia. Por detrás do *contar* existe o *revelar* no sistema de numeração. Baseado nisto é que o sistema pitagórica tornou-se uma escola de ensinamentos esotérico de grande respeito no mundo, especialmente entre os iniciados em geral.

Nesta palestra iniciaremos a falar sobre algo bem conhecido de muitas pessoas, mas, por outro lado, pouco compreendido por elas, pelos não iniciados. Trataremos de trazer algum esclarecimento sobre a propriedade dos números para que tenhamos uma idéia melhor de algo muito usado em magia e ocultismo e pelos numerologistas que são os chamados Quadrados Mágicos, que estudaremos com mais detalhes num tema futuro.

Sabemos que a mente é muito simbólica e que por isso a comunicação entre o mundo físico e o hiperfísico se processa através de símbolos. Os quadrados mágicos são estrutura constituída de números ou de letras. Assim a relação entre os números constitutivos de um quadrado mágico tem um poder inerente aos números que o constituem. Funciona de forma semelhante a “Árvore da Vida”.

Dissemos em palestra bem anterior que um dos perigos do *Tarô* é ele por se tratar de uma representação dos *sephirot* e estes ocuparem simbolicamente o lugar de todas as coisas que existem, sejam elas más ou boas. Ao se manipular cartas de jogar se fazem associações aleatórias que pode orientar a mente tanto no negativo quanto no sentido positivo. Há perigo porque direciona a mente em sentidos muitas vezes completivos o que torna possível a ocorrência de uma espécie de “curto circuito” a nível mental como consequência da tentativa de estabelecimento de correlações aleatoriamente propostas, mas essencialmente incompatíveis.

Vamos fazer uma analogia bem simples para que se possa sentir a problemática das combinações aleatórias na “*Arvore da Vida*”. Suponhamos que um valor fosse representativo da água e um outro de incineração. Numa combinação aleatoriamente saíssem dois valores cada um indicando uma coisa incompatível com a indicação do outro. Por exemplo, um indicando à mente que ele deveria incinerar algo e o outro indicando a água. A associação seria: incinerar água. Como isso não é possível, a mente “congelaria” como faz uma tela de computador diante de situações completivas. Assim também acontece com a mente cerebral, diante de situações conflitavas e incompatíveis ela entra em pane. Por isso é que o *tarô* é perigoso, pois ele indica direcionamentos e associações inviáveis à mente.

A mente ao nível subconsciente age segundo aquilo que lhe é ditado de alguma forma. Assim sendo as representações simbólicas têm o poder inerente àquilo que através dele é ordenado à mente

fazer. Sendo assim três tipos de comandos podem se fazer presentes entre as quais, associações inviáveis que provocam situações conflitivas, e as viáveis, aquelas que são favoráveis, factíveis de realização, mas que podem ser negativas ou positivas.

Os quadrados mágicos agem como linguagem simbólica direcionando a mente. Os números têm grande significação conforme temos estudado, eles representam condições tais como se fossem *sephiroth* da “Árvore da Vida” cujos “caminhos” são vias associativas entre os diversos valores expressos em cada um deles. Os *sephiroth* representam os valores, a coisa em si, enquanto a via representa a ligação entre os diferentes valores, é, portanto uma via de associação. Os conflitos ocorrem todas as vezes que é tentada alguma associação impossível.

Situações negativas estão sujeitas a ocorrerem de conformidade com aquilo que é associado. É como na química, da combinação de duas substâncias inócuas pode resultar um produto perigoso. Claro que as combinações químicas aleatórias em grande parte são inviáveis e sendo assim coisa alguma resulta delas. Somente quando uma combinação é viável é que pode resultar algo perigoso ou não perigoso. Em se tratando do mundo da química uma associação impossível não acarreta transtorno algum. O mesmo não acontecendo no que diz respeito ao mental; uma associação impossível é altamente completiva e por isso é capaz de gerar conflitos susceptíveis de prejudicar seriamente o comportamento mental da pessoa.

Todos os mistérios do universo estão contidos nos números assim também todas as leis e princípios. Grande parte desse conhecimento já existe registrado ao nível de subconsciente, algo adquirido em outras encarnações. Assim não é preciso que a pessoa saiba o significado dos números para que um poder seja desencadeado, ele se manifesta naturalmente desde que haja um estímulo preciso.¹ Quando o discípulo aprende os “mistérios dos números” a capacidade de usá-los se torna algo automático. Quando estudamos os biorritmos dissemos que é importante que a pessoa aprenda os ritmos, quais são eles e como operam. Na prática não é preciso ficar fazendo cálculos e mais cálculos, pois desde que a mente haja registrado o “modus faciendi”, ela promove todos os cálculos e fornece uma resultante comum de todos os ritmos envolvidos. Então esse resultado surge na mente da pessoa como um afloramento, como uma intuição, no momento exato, mostrando o melhor momento para que algo seja feito. O mesmo acontece com referência aos poderes ocultos dos números.



¹ - Um dom na realidade é o afloramento de uma qualidade em que a pessoa já aprendeu antes e se manifesta numa encarnação futura. Assim é que as pessoas têm mais facilidade para aprenderem uma determinada língua, querendo isso dizer que antes aquela língua já lhe foi mais familiar que as outras.

O LADO OCULTO DOS NÚMEROS

“APENAS SOMOS QUANDO EM NADA
NOS TORNAMOS”
RUMI



2003 - 3356

TEMA 1.488



Os números encerram características que os matemáticos comumente não percebem, são as características que podem ser consideradas de natureza metafísica. Pitágoras, e aqueles que vieram constituir a sua escola, dedicaram-se ao conhecimento dos números tanto em seu aspecto comum quanto no transcendental. Esse lado somente era ensinado aos Iniciados, e mesmo depois de Pitágoras o lado “misterioso” dos números foi guardado ciosamente e só difundido de forma muito velada pelas escolas iniciáticas entre discípulos confiáveis.

Conhecer os mistérios dos números equivale a conhecer os mistérios do universo, pois eles representam aspectos do próprio *ser* (“É”), enquanto a matemática leva em conta os quatro aspectos do *existir*. Existir requer lugar, lugar requer espaço, e espaço é mundo material.

Os três primeiros números não requerem espaço, tudo o que diz respeito a eles não diz respeito àquilo que pode ocupar lugar, ser medido ou ser pesado, e a rigor não pode ser contado. Só a partir do quatro é que tais condições se fazem sentir, e isto é uma das razões pela qual o quatro representa a estabilidade.

Como tudo no mundo imanente está sujeito à polarização e portanto tudo tende a ter dois pólos, no ser humano o *quatro* tanto pode significar estabilidade quanto materialismo grosseiro. Isto acontece com todos os números, pelo que a rigor não existe número negativo e nem positivo, tudo depende da polaridade em ele se situe. O Um indica início, princípio, iniciativa, mas o excesso de iniciativa significa ingerência, prepotência.

No desdobramento da criação o *Um* representa a causa primeira, o poder criador, enquanto o *quatro* representa a matéria, constituída pela ação da unidade sobre o três. Mais do que representa, ele dita a natureza de tudo o que é material. Só a partir do quatro é que a existência vem poder se manifestar de forma a poder ocupar espaço, ser medida e ser pesada, condições estas impossíveis para os três primeiros números.

O quadrado tem 4 retas que formam a base de um triângulo, e cujo vértice superior tende a um ponto no infinito, pelo que corresponde ao Um. Portanto, gera um triângulo em que se evidencia a ação do ponto sobre o triângulo, do um sobre o três formando o quatro – quadrado.

Assim quando ao três – representativo do mundo não material – é acrescentado o Um ele muda de natureza, aquilo que constituía o abstrato passa a ser a base essencial do mundo material, o subjetivo passa a ser objetivo; o que não ocupa espaço, nem pode ser pesado e nem medido adquire essas condições.

A representação gráfica plana do número quatro é o *quadrado*. Na realidade, como estudamos em outra palestra, o *quadrado* é formado por 4 semi-retas e a sua projeção espacial é a *pirâmide* de quatro faces que contém 4 arestas opostas 2 a 2, que por sua vez delimitam 4 faces triangulares. As faces que se projetam do *quadrado* se opõem duas a duas e isso tem muita significação como veremos depois. O ser do mundo material – quatro – pode ascender até o Um, ou seja, pode se *unificar*. Esse processo evidentemente leva até o Um, mas não até o Zero. Isto mostra que a unificação é a união com o Um e não com o zero (Inefável).

Nestas palestras sobre os números temos usado o termo *mistério*. Mistério significa aquilo que se desconhece, e há muitos aspectos desconhecidos nos números, por isso se diz que os números encerram muitos mistérios. Por exemplo, não sabemos por que ao ser acrescida uma unidade a um determinado número as suas características mudam totalmente. No caso do três, por exemplo, que não tem expressão no mundo da matéria,

ao ser acrescentado o **um** o que é imaterial passa a ser material, o que não pertence ao mundo físico passa a existir no plano físico, o que é subjetivo passa a ser objetivo.

Não se sabe por que sendo acrescida uma unidade ao quatro ele se transforma no cinco e então a matéria inerte passa a ser matéria biológica. Sempre pelo acréscimo de uma unidade a um número há modificação total de sua natureza. Também não se sabe por que isto só acontece com os números até nove, acima deste ocorrem qualidades especiais, mas não ocorre uma transformação básica. O porquê da transformação da natureza de algo pela adição de uma unidade, é, portanto um mistério.

Como os números só são sete (Se forem considerados separadamente, o um se desdobrando em 3 então são 9) este é o limite de transformações essenciais possíveis no Mundo Imanente. Daí por diante os números podem ter peculiaridades, mas não capacidades de transformação. Assim sendo, a rigor só se pode dizer que somente os números de *um* a *nove* envolvem mistérios por serem somente eles que capazes de ocasionarem transformações cuja causa não se sabe por que - mistérios. Assim, podemos dizer que o mistério dos números se encerra com o *nove*. A partir daí apenas se repetem as qualidades inerentes ao números resultantes da redução aritmética. Por exemplo: 44 é igual a $4 + 4 = 8$. Por isso é que a numerologia reduz os números elevados aos seus componentes, trazem um número qualquer para o nível do mistério e é exatamente no mistério que está contido aquilo que pode ser revelado.

Os números elevados encerram características do número resultante da redução numérica e também dos componentes. Consideremos, por exemplo, o número 33. Pela redução $3 + 3 = 6$. Pelos componentes $11 + 11 + 11 = 33$. Mas como $11 = 1 + 1 = 2$ então ele encerra tanto características do 6 quanto do 2. Outro exemplo o 12 pela redução é 3 pelos componentes $3 + 3 + 3 + 3$. Pelo produto 3×4 . As características resultantes do produto é muito mais forte que o da soma.

Resumindo: Pela ordem de importância numérica: Em primeiro lugar o valor do próprio número (evidentemente se ele estiver compreendido entre 0 e 9. Quando se trata de um número superior, então primeiro lugar o valor da redução máxima; em segundo lugar, o valor dos produtos; e em terceiro o valor das somas.

Os números além do nove podem conferir características especiais, mas não conferem transformações como o fazem os nove primeiros números. Por exemplo, não é acréscimo de um número as treze que modifica a natureza se expressando como 14. Este número tem características peculiares, assim como 0 32, 44, 72, 666 e muitos outros, mas que não refletem transformações essenciais como acontece com os 9 primeiros números, que ao ser acrescentado de uma unidade geral naturezas totalmente diversas. Pela adição de uma unidade, o três (imaterial) geral o quatro (material); O quatro geral o cinco (material biológico) e assim por diante.

Lembremos Pitágoras em suas palavras. *Deus geometrisa*, querendo com isto dizer que todas as transformações do universo podem ser representadas por figuras geométricas.

O quadrado gera a pirâmide de 4 faces e cada face contém o três ângulos.

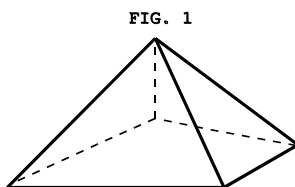


FIG. 1

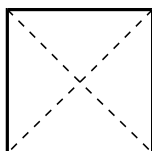


FIG. 2

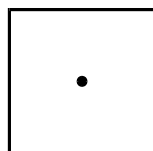


FIG. 3

Por sua vez a pirâmide de três faces gera o cubo, o três gera o seis, pela projeção das suas arestas.

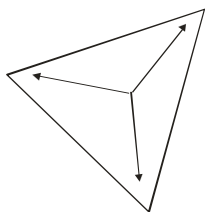


Ilustração 1

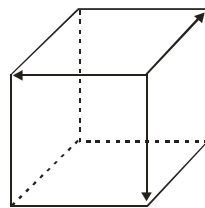
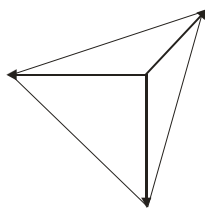


Ilustração 2



O CONTEÚDO DO VAZIO

“A PRECISÃO É A COISA MAIS DIFÍCIL EM UM MUNDO RELATIVO EM CONSTANTE MOVIMENTO.”



2005-3358

TEMA 1.508



Consideremos que só teoricamente existe o zero, este consistindo da anulação das polaridades, do gênero, da vibração, etc. Somente em nível de intelecto é que se pode chegar ao zero, pela anulação dos princípios herméticos. Por exemplo, se chega teoricamente ao zero pela anulação da polaridade, ou de qualquer um dos demais Princípios.

Pode-se dizer que o infinito é o tudo, mas também se pode dizer que ele é o nada. O que é o tudo? Intelectualmente o tudo é a manifestação das incontáveis polaridades, e o nada mais do que isso. Mostra a Física que duas polaridades opostas ao se encontrarem elas se anulam, zeram. Mas, isso só tem sentido para um determinado limiar de percepção, desde que a anulação só ocorreria no Infinito, portanto em um nível cuja precisão é difícil de ser concebida pela mente.

Será que o Infinito existe? Suponha-se algo cujos extremos se afastem ou se aproximem indefinidamente, será que ele chega ao um nível do infinito ou apenas tenda para infinito sem que este jamais seja alcançado. Aplicando o paradoxo de Zenão se verá que jamais o infinito é alcançável. Só se “chega” ao Infinito sendo o próprio Infinito.

No Mito Gnóstico da Creação, o engano de *Sophia* foi considerando-se um ser independente separado do Pai – Deus – acreditar que poderia chegar até Ele. O erro dela foi acreditar ser um ser à parte do Pai e não um aspecto Dele.

Já vimos que Deus é o próprio Infinito então é impossível atingi-lo, o mesmo se pode dizer a respeito de Deus. Um ser em separado não pode chegar a Deus. Quando muito pode se direcionar para Ele, mas jamais chegará até Ele. *Sophia* não percebeu ser um aspecto do próprio Pai e não algo distinto. Julgando ser uma existência à parte ela quis chegar ao Pai. Como um aspecto do próprio Pai ela não poderia chegar até Ele, pois já estava nele. Não se pode chegar a um lugar onde já se está. Evidentemente, como algo independente, por mais que se aproximasse não chegaria jamais ao seu objetivo. O mesmo se pode dizer de cada um de nós – fragmento de *Sophia* – jamais chegaremos a Deus, porque já somos Ele. O que se pode fazer é unir os pólos oposto de nossa existência, anular a polaridade que nos dá a ilusão de sermos “eus” separados do “Eu” (Seres separados do SER), quando que tal independência existe apenas em função da percepção limitativa.

Esse estudo nos leva a sentir que o Tudo e o Nada é uma mesma coisa, que as diferenças residem não na coisa em si, mas na percepção.

Não se pode separar a idéia de infinito da idéia de Deus, pois por mais que se tente entender o Infinito mais se chega à conclusão de que se trata tão somente de um aspecto de Deus. A idéia de independência pode ser considerada apenas como fruto da limitação da percepção, portanto, como uma das muitas ilusões geradas pela mente.

A impossibilidade de separar as qualidades do *infinito* das qualidades de Deus fez com que os matemáticos céticos abominassem estudar o infinito. “Foi principalmente Cantor quem tentou quebrar essa barreira, mas para isto ele teve que pagar um alto preço. O conflito acadêmico chegou até a esfera pessoal, e a entrada de Cantor em círculos de mais altos níveis da matemática foi barrada. Ele chegou até a enfrentar dificuldades para publicar seus trabalhos em revistas conceituadas. Pessoalmente, Cantor acreditava que existiam vários níveis de infinito. O mais alto deles, o Absoluto e inatingível, era o próprio Deus. Seu caráter

místico e sua mente conturbada devem tê-lo levado a se debruçar sobre tema tão profundo, revolucionário e ousado na matemática. Por isso Kronecker aproveitava o lado esotérico de Cantor para acusar suas teorias matemáticas de misticismo ficcional. Segundo o ex-mestre, cientistas não deveriam dar crédito ao seu ex-aluno, e seus trabalhos 'subversivos' deveriam ser rejeitados pelas revistas científicas renomadas”.

“Como resultado, Cantor sempre trabalhou sozinho e fora do centro da comunidade matemática. Suas frustrações e as perseguições, somadas ao trabalho estafante e solitário - e ao caráter explosivo e irritadiço do matemático -, acabaram por minar sua saúde mental. Ele foi internado várias vezes para se recuperar das depressões, mas, entre uma crise e outra, prosseguia no trabalho.”

Os matemáticos já sabiam do caráter infinito de alguns conjuntos, como o dos números inteiros, dos racionais (os que podem ser escritos como fração de dois números inteiros), dos irracionais e dos reais (que englobam os inteiros, os racionais e os irracionais). Mas ninguém ainda tinha parado para pensar que alguns conjuntos podem ser mais infinitos que os outros. Estranho? Cantor demonstrou que, embora infinitos, os números racionais podem ser enumerados - ou contados -, assim como os inteiros. Mas os irracionais são 'mais infinitos' que os racionais e não podem ser contados. Então, a quantidade de infinitos racionais, valor chamado de 'alef zero', é menor que a quantidade de infinitos irracionais, chamada de 'alef 1'. Em outras palavras, Cantor nos disse que os números racionais, assim como os inteiros, são, de fato, infinitos, mas são contáveis. Já os irracionais também seriam infinitos, mas incontáveis. E o infinito dos números racionais é menor do que o infinito dos números irracionais.

Transportando isto para o campo místico equivale a dizer que há aspectos de Deus que podem ser intelectualizados e outros impossíveis.

Como em escala decrescente se tende ao infinito, então isto faz pensar que neste caso o infinito tenda ao “vazio” absoluto e em escala ascendente, tenda para a plenitude. Por isto, para muitos persiste a indagação se o infinito é o “nada” ou se é o “tudo”. Segundo o que preceitua a Teoria Quântica, o nada absoluto não existe, isto porque ele é sempre pleno.

Alguns trabalhos científicos modernos se referem à obtenção de energia do vácuo. Graças à Teoria Quântica, a ciência começa a reconhecer que no vácuo, naquilo que consideram o vazio, existe uma “substância” que chamam de *substância quântica*, que está associada a uma grande quantidade de energia conhecida como “zero point energy” (ZPE). Como cita o Dr. Prof. José Pedro de Andrade: “A origem dessa energia que envolve e interliga tudo o que existe no universo não é ainda bem conhecida pela ciência. Isso não impede, no entanto, que a ciência atual, reconhecendo a correção desses ensinamentos filosóficos antigos, esteja se preparando para a utilização no futuro próximo dessa fonte inesgotável de energia”.

O que está citado no parágrafo anterior seria um paradoxo na admissão da existência de um vazio, mas mostra que aquilo que se considera vazio, na verdade é um tudo, de onde através da energia se pode “gerar” o *todo*, todas as coisas que existem ou que possam vir a existir.

Em um dos temas iniciais destes escritos citamos um gerador de eletricidade. Dissemos que os princípios da termodinâmica lembrando que em certo nível não são violados. A quantidade de energia necessária para girar o induzido de um gerador é igual à quantidade da energia elétrica produzida. Mas fizemos ver que não se trata da transformação de uma coisa em outra. Nem sequer o induzido toca fisicamente nos imãs, ele apenas gira dentro do campo magnético e a corrente elétrica se forma sem que se possa ver donde ela provém. Vejam o colossal volume de trabalho exercido, o volume tremendo de energia gerada, mas extraída de onde se nem o rotor e nem os imãs se desgastam. Algo que a eletricidade produzida não decorre de consumo direto algum da matéria do gerador. De onde vem, então a energia sob a forma de corrente elétrica? Ela não tem como fonte de abastecimento nem o induzido e nem nos imãs do gerador. A ciência não tinha uma explicação para isso antes da Teoria Quântica falar da existência de uma colossal abundância de “*substância quântica*” existente naquilo que é considerado vazio, confirmando o que se via na prática e citada pela filosofia mística há milênios. Na verdade a eletricidade – corrente elétrica – não sai de uma “*vazio absoluto*”, ela não tem como verter de um “*nada*”, mas sim a partir da “*substância quântica*”, exatamente aquela que os Antigos Egípcios atribuíam o nome de MA. A corrente elétrica faz parte do “*tudo*”, mas ao mesmo tempo antes de se manifestar ela faz parte do “*nada*”. MA, na verdade, não é uma forma especial de matéria, não se assemelha a coisa alguma dentro do plano imanente, por isso nesse sentido é considerada a “*nada*”, mesmo assim ela é a base do “*tudo*” quanto existe ou que possa vir a existir.

Podemos considerar o “nada” como a aniquilação de todas as coisas, a existência de todas as coisas em nível de zero polaridade. Em tal nível tudo se aniquila como coisa e isto é o “nada”, um “vazio” de coisas. Uma alquimia que consiste em coisa alguma que a mente possa conceber, mas, que na verdade, se trata apenas de um estado de repouso, que se chama de “nada”.

Vamos concluir esta palestra com um texto do Escritor Norte Americano Mark Coming sobre o “vazio”.
“O vazio esta emitindo a todo o momento o que poderíamos chamar de ‘luz de vazio’. A intensidade que provém do vazio é muitas vezes maior que a intensidade da luz da superfície do Sol. Estamos, portanto, mergulhados na luz o tempo todo. No espaço em que nos encontramos agora mesmo, há mais luz do que na superfície do Sol. E se não podemos ver isso como nossos sentidos físicos, é porque nossos sentidos físicos foram sintonizados para captar apenas as diferenças referentes às manifestações da matéria. Então, esta imensa luz sempre presente fica no fundo e não a vemos como nossos olhos. Todavia, as pessoas que alcançaram níveis místicos elevados confessaram ver enormes quantidades de luz branca. Essa percepção que os místicos têm da luz branca foi tomada pela Antiga Ciência como um desequilíbrio químico raro nos cérebros de tais pessoas, porque os cientistas não podiam compreender que essa luz radiante está presente, sim. Agora podemos compreender o que os místico percebiam era a manifestação do que realmente existe. Nos estados místicos, o sistemas nervoso e os sentidos estão sincronizados de maneira que se pode ver o que aparentemente não está aí”.

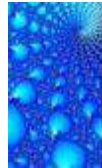
Esse oceano de MA é infinito, é um dos aspectos de Deus, mostrando que tudo quanto existe vem da energia, e, mas que a energia é um dos atributos do próprio Deus. Se tudo o que existe no mundo objetivo provém da energia e para mais cedo ou mais tarde retornará, então, tudo vem de Deus e retorna para ele. Na verdade não há retorno algum, tudo já está e se processa como um existir um não como perceber.

SIMBOLISMO GEOMÉTRICO DOS NÚMEROS ZERO, UM, DOIS E TRÊS

" EMBORA TUDO SEJA "UM", EM REALIDADE
E ESSÊNCIA, TUDO SE MANIFESTA E APARECE
COMO "DOIS"
JORGE ADOUM

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO. FRC
1987

TEMA 0.077



Nas Ordens Iniciáticas vamos encontrar símbolos de várias naturezas, tais como objetos, gravuras, desenhos geométricos algarismos e outros. Em todas as ciências iniciáticas, e especialmente na Cabala, os algarismos têm uma grande importância simbólica porque podem representar conceitos e ensinamentos que devem ser cuidadosamente guardados.

Em palestra anterior comentamos sobre o que existia antes do universo primitivo, afirmando que apenas existia a Consciência Cósmica e uma “Essência” especial susceptível de vibrar. Aquela “essência”, de certa forma, comporta-se como o “nada”, pois coisa alguma reconhecível se manifesta nela, nenhum evento passível de ser compreendido ou percebido pelo ser humano acontece em seu seio. Por outro lado, também não é um “nada absoluto” desde lá existe a própria essência. É um “nada” como manifestação, mas não como existência. Não é um “nada” absoluto, pois ali existe um princípio imanifesto contidoⁱⁱ.

Como representar graficamente uma situação de tal natureza? - Certamente a figura geométrica que melhor se presta para esse fim é um círculo vazio, e numericamente o zero.

O zero absoluto - vazio absoluto - não pode existir porque onde nada houver ainda existe MAⁱⁱⁱ. O zero absoluto só pode existir como parte do Inefável. Como “fora” deste só existe MA e RA como aspectos de uma mesma coisa. MA e RA não são coisas, não são algo, se tratam apenas de “condições”. São condições que existem embora não passíveis de serem detectados. Se MA e RA existem como atributos de UM SER, que pode ser representados numericamente pelo número “UM”. Por outro lado, quando a condição MA interage com a condição RA ocorre a polarização e então é possível algo conscientizado como alguma expressão de existência. É a atuação de RA sobre MA que faz com que o imanifesto possa se tornar manifesto dando origem ao TRÊS, ou seja, à existência mentalizável.

Vimos que em dado momento ocorre uma manifestação de frequência vibratória no seio de MA. “Quando” em algum “ponto” daquilo que os místicos metafísicos chamam de “Oceano Incomensurável de MA”, se faz presente à ação de RA então acontece uma manifestação de vibração e a partir disto passa a existir algo (criação). A natureza daquilo que passa a existir depende da frequência vibratória provocada. Para o nosso raciocínio é bastante entender que passa a existir algo onde antes só existia o imanifesto. Essa situação pode ser representada por um ponto dentro de um círculo vazio. O ponto é MA vibrando e o círculo e o espaço onde o evento está ocorrendo. Na linguagem da física quântica o ponto é um campo, e o círculo vazio o continuum.

ⁱⁱ Segundo a Teoria Quântica, no Nada há informação.

ⁱⁱⁱ Também denominado de Fohat por algumas doutrinas.

No simbolismo numérico o “Ser Supremo”, de Quem RA e MA são atributos, corresponde ao UM, pois retrata o ponto de origem de tudo quanto há, ainda sem polaridade alguma, ainda inconscientizável, dentro do continuum “oceano cósmico”. (Obs.: Usamos o termo universo para expressar tudo aquilo que está presente no espaço, a soma de tudo quando foi criado, ou seja, a existência positiva. A “existência positiva” – criação – mais a “existência” “negativa” – Transcendência – corresponde ao que denominamos de cosmos).

Pelo que já estudamos vemos que uma coisa única, sem um oposto, pode existir, mas não pode ser intelectualizado diretamente. Isto difere, portanto, do *zero*, do círculo vazio, daquela delimitação de MA que sob nenhuma forma pode ser detectada. A fase *zero* corresponde à essência primordial em repouso, sem vibração, e que dá origem a tudo. Já na fase um ela pode ser detectada, porém não pode ser ainda intelectualizada espontaneamente, conforme fizemos uma analogia em palestra anterior, com um mundo com um mesmo índice de calor o que faria com as pessoas não perceberem a existência daquilo que chamamos temperatura.

O primeiro momento da criação, a primeira manifestação antes de haver se estabelecido a polarização, pode ser representado pelo número UM. Já vimos que ele não tem existência real para o nosso intelecto. O UM no nível das criações representa a existência imanifesta, apenas um princípio. No plano cósmico significa o princípio, a criação, o primeiro momento da ação de RA sobre MA antes que a polaridade da coisa criada fosse estabelecida.

Uma situação isoladamente nunca será perceptível, por isto se diz que o “um” não existe, isto é, a *fase um* de alguma coisa não tem existência conscientizável, pelo que pode ser conceituada de inexistente.

Quando nos propomos a analisar algo, inicialmente devemos, de certa forma, isola-lo do ambiente, daquilo que vamos estudar. Para estudar o universo, e todos os seus eventos, a melhor representação é sem dúvidas uma esfera e cuja representação plana é o círculo. Por isto tracemos um círculo representando o universo ou uma parte definida dele. Na Fig. 1 a circunferência representa a delimitação de uma parte ou mesmo de todo o cosmos, num momento em que ainda não havia qualquer coisa manifesta. Não se deve admitir ser essa a situação do “nada”, pois ali havia MA. Como MA não estava vibrando conseqüentemente não podia ser conscientizado e nem detectado qualquer evento. Tal delimitação (os físicos chamam de “campo”). Mesmo que havendo na delimitação uma essência, contudo coisa alguma poder ser perceptível ou detectada, graficamente é representado pelo círculo vazio, e numericamente pelo zero.

No momento em que a ação de RA (atributo ativo do Inefável) se fez sentir no seio de MA (Meio básico) houve o princípio, o primeiro evento da criação, então a primeira Luz (= vibração) surgiu, embora nessa etapa ela ainda fosse indetectável. Ocorreu, assim, o primeiro ponto de criação que por isto pode ser representado por um ponto dentro de um círculo (Fig. 2). Naquela etapa já existia algo embora imanifesto. Existia porque a ação de RA sobre MA já se fizera sentir, embora nada pudesse ser ainda detectado, por carência de polaridade (Era a fase um do evento). Graficamente a representação do “um” é um ponto dentro de um círculo. Este símbolo representa o “UM”, quer em nível de Transcendência (Ser com dois atributos Ra e Ma) ou a sua manifestação na Criação como origem potencial de tudo quanto há (Ação de *Purucha* sobre *Prakriti* – termos baseados da doutrina védica).

Agora vamos estabelecer o paralelismo existente entre o que dissemos do ponto de vista místico com aquilo que a ciência contemporânea afirma. Ela diz que o universo teve início a partir de um ponto, de um “átomo primitivo” – Ovo Cósmico – no qual estava de alguma forma contido tudo aquilo que existe, toda a matéria e energia do universo. Ela, porém nada afirma a respeito da natureza do que havia antes^{iv}. Em dado momento, aquele ponto (singularidade) explodiu e numa sucessão de

^{iv} A Teoria Quântica diz que havia *informação*.

reações físicas as coisas foram se formando. Inicialmente houve uma mistura de fótons e elétrons, as partículas mais elementares da matéria. Os fótons eram detidos pelos elétrons e assim nada se manifestava, a luz não se manifestava como claridade porque não existiam fótons livres (a luz se manifesta pelos fótons). Somente após um pequeno intervalo de tempo houve um esfriamento e os elétrons puderam se estruturar em átomos e assim os fótons ficaram livres possibilitando a manifestação da luz (claridade).

Vemos que o ponto de vista da criação do Universo visto pela ciência^v não difere muito da do místico, tudo se prende a simples forma de expressão. Tudo aquilo que existe se origina de um ponto e como tudo provém, de um Poder Superior, simbolicamente podemos também representá-lo por um ponto no centro de um círculo. Tudo parte do Poder, tudo tem origem Nele, logo tudo parte do ponto central para a periferia. (Mas esse Poder não é infinito, pois na realidade, infinito não tem centro, não se contrai e nem se expande, portanto a maneira como citamos se trata apenas de uma analogia) Numa etapa imediatamente depois da criação foi se estabelecendo a polaridade, graças ao que o evento se tornou passível de ser detectado (corresponde à fase em que os elétrons deixaram livres os fótons, seguindo a hipótese científica). Então ocorreu o *movimento* e o universo passou a se expandir. Após ser criado, o evento progressivamente se expandiu – movimento – e expansão pode assim ser representada por uma linha em que os extremos opostos assinalam a polaridade de que todas as coisas são dotadas. Isto acontece numa delimitação espacial representada por um círculo, conforme pode ser visto na Fig. 3.

Qualquer coisa isolada partindo de um ponto para a periferia vai traçando uma linha, daí se dizer que uma linha dentro de um círculo é a representação gráfica da “fase dois” de qualquer manifestação.

A representação simbólica da lei da polaridade é expressa numericamente pelo *dois*, e graficamente pelo *círculo* com uma semi-reta em seu interior. Fig. 3. Acreditamos que o discípulo a partir deste ponto já esteja em condições de entender o que dizem certos livros em linguagem velada: “*Embora tudo seja UM em essência e realidade, tudo, porém só se manifesta como DOIS. Unidade e dualidade estão assim intimamente entrelaçados indicando o Reino Absoluto, e segundo sua expressão aparente e relativa, sem que haja nenhuma separação verdadeira entre estes dois aspectos (ou distintas percepções) da mesma realidade*”. “*Assim como a unidade caracteriza o Ser, igualmente a dualidade expressa a existência em suas múltiplas formas, os pares de opostos que constituem o selo que marca o mundo dos efeitos. É a lei que governa toda manifestação*”.

Mais uma vez, vamos fazer uso daquela analogia apresentada em palestra anterior sobre a não conscientização de uma temperatura uniforme. Uma temperatura única seria um ponto de partida na escala dos diversos níveis de calor. A representação da temperatura uniforme seria feita por um ponto dentro do círculo. Ocorrendo a mínima variação de temperatura a representação já não seria feita por um ponto, que teoricamente não tem dimensão alguma, mas por uma semi-reta. Esta linha poderia ser ou não ser conscientizada, dependendo da existência de um detector que poderia ser ou ser um órgão sensorial. Poderia ser o tato ou um termômetro. No primeiro momento uma mui pequena variação já faz o ponto se estender formando uma linha, mas que só não pode ainda ser conscientizada diretamente apenas por deficiência da percepção sensorial. Somente quando houver se estendido suficiente, quando a temperatura apresentar um desnível capaz de ser detectado, é que será evidenciada a lei da polaridade. Haverá dois pólos evidentes, duas situações de idêntica natureza, mas em níveis diferentes.

Quando ocorre a polarização é que o evento se torna registrável. Graficamente os dois pólos podem ser representados pelas extremidades da semi-reta e fariam parte dela. Quanto ao terceiro ponto,

^v A ciência cosmológica vem substituindo a Teoria do Big Bang por uma nova concepção, segundo a Teoria das Cordas. Mas isto não modifica o ponto de vista místico desde que ela considera a ilusão da manifestação e não algo real. Assunto que será estudado em temas avançados do Hermetismo. (Nota colocada em 2004)

a consciência do fenômeno está sempre fora da linha. Quando observamos algo a nossa visão não faz parte daquele algo. Ela está no universo, mas completamente fora do fenômeno. Enquanto os dois pólos são de idêntica natureza do evento, o terceiro ponto, no exemplo, a visão - não o é, por isto é que no gráfico esse terceiro elemento é representado um ponto fora da linha.

Ligando-se o ponto em que se situa a percepção (visão) que registra o evento aos extremos da linha que o constitui, forma-se o desenho de um triângulo dentro de um círculo (Fig. 3). Portanto, um triângulo dentro de um círculo é a representação do mundo das formas com suas três dimensões, é a representação de uma manifestação completa, é o simbolismo geométrico do número três. Por isto é que somente quando uma segunda condição aparece é que a pessoa pode se dar conta da existência de algo.

Somente quando se estabelece uma união entre o positivo e o negativo é que flui a corrente elétrica; somente quando se estabelece uma ligação entre os desníveis da água é que surge a força hidrodinâmica; do contraste entre o escuro e o claro é que surge a noção de luz, e assim por diante.

Conforme comentamos antes, a consciência (consciência no sentido do se dar conta de...) expressa em uma pessoa não tem percepção para um ponto isolado, isto é, para o número UM, enquanto não houver esse ponto se transformado em uma linha, o que equivale à existência de certo nível de contraste representado pela polaridade da linha que é o DOIS.

Usemos como explicação as cores. Tudo começa incolor, o meio básico vai sofrendo uma modificação vibratória até atingir uma frequência em que se manifesta a sensação luminosa de cor. Isto é, o ponto inicial. A cor vai se alterando na medida em que as oscilações vão se ampliando até chegar ao negro, passando por todas as etapas de cores intermediárias. O branco seria uma exclusão, uma ausência do preto ou o inverso. O fenômeno conscientizável é tão somente cor e só temos ciência de sua existência porque um ponto na linha serve de contraste para outro. Na linha representativa das cores, num dos extremos está o branco e no outro o preto.

Na representação geométrica da manifestação da Divindade, a esfera vazia representa o *Cosmos* primitivo, o "Oceano de MA". Como esfera cósmica tem raio infinito e qualquer ponto dela pode ser aceito como centro, por isto o ponto é colocado no centro da representação plana.

Como um evento qualquer pode ocorrer em qualquer ponto do universo se diz que a "Suprema criação é Onipresente" e conseqüentemente Onisciente.

Em qualquer ponto dentro da esfera há o meio básico e aquele meio vibrátil quando cicla a 10.000 c/s é som, quando a 20 milhões é onda hertziana. Quando vibra numa determinada frequência é chumbo, quando noutra é prata, noutra é ferro e assim sucessivamente; mas basicamente a coisa é tão somente MA respondendo em diferentes níveis à ação de RA.

Em qualquer ponto dentro dessa esfera há o meio básico e ali pode agir o querer Cósmico no sentido de provocar, ou de modificar a frequência. Assim é como as coisas se criam, como algo surge, desaparece ou se modifica^{vi}.

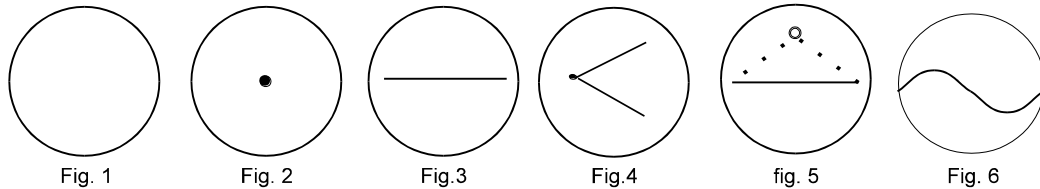
Nesta palestra tentamos esclarecer como um evento surge num ponto qualquer da esfera cósmica como resultado da modificação no "oceano de MA" determinado pelo "querer" Cósmico e a partir daquele ponto ela vai se prolongando em um sentido qualquer ao longo do eixo do tempo.

Alguns estudiosos representam graficamente a fase dois por duas linhas confluentes formando um ângulo (Fig. 5). Este tipo de representação é errôneo porque não são duas semi-retas a serem consideradas. Se fosse assim dariam a entender dois fenômenos diferentes oriundos de um mesmo ponto. Isto existe, mas se trata de outro estudo (Desdobramento das Mônadas). A situação dois não forma ângulo com a *um*. As duas situações são pólos opostos de uma mesma coisa por isto deve ser

^{vi} A ciência atual tem chegado à idéia aproximada desse tipo de universo segundo um modelo proposto pelo físico inglês P. Dirac.

representada por uma só linha. Isto porque se trata de uma mesma coisa, porque têm a mesma natureza. Se há a mesma natureza devem se situar numa mesma linha. A representação exata deve ser uma linha única cujos extremos simbolizam as situações opostas contrastantes. São por estes pólos que a consciência se inteira do evento.

O "ponto focal da mente" se liga ao fenômeno conforme a fig. 5. A representação de acordo com a lei da polaridade é feita por meio de uma semi-reta cujos extremos representam as situações extremas opostas. É o que a cabala se refere como "Harmonia pela analogia dos contrários".



Todas as manifestações susceptíveis de serem conscientizadas diretamente são bipolares. Tudo no mundo tem dois extremos. O branco é um extremo e o negro é o outro; a noite é um o dia é o outro; de um lado o mal e do outro o bem. O bem é a ausência do mal. Em tudo há uma polaridade – Princípio Hermético – é, pois a manifestação dual das coisas conscientizáveis.

Uma observação importante diz respeito à representação de certas condições abstratas como as emoções, os sentimentos, etc. Estas condições abstratas existem na mente, elas não têm existência sem a mente desde que não são algo de natureza vibratória em si. Como não são vibratórias as condições abstratas são representadas por uma linha reta, enquanto as vibratórias o são por uma linha senoidal cujo "passo" indica a frequência. Há uma figura (Tei-Gi) que representa o TAO, ou sejam, as polaridades da energia Yin e Yang que além do significado simbólico também pode ser representativa de um fenômeno oscilatório no universo (Fig. 7). Se as manifestações no Universo não fossem de natureza vibratória a representação de um fenômeno seria como a fig. 2, mas como tudo vibra, portanto a representação deve ser senoidal (Fig. 6) que no conjunto forma a figura do Tai Gi (Fig. 7).

Talvez um início absoluto nunca haja acontecido^{vii}, pois este nosso universo antes de existir já poderia haver outro em evolução. Talvez nunca haja ocorrido um momento em que MA em sua totalidade estivesse em repouso. É mais provável que aconteça da seguinte forma: Enquanto uma porção do cosmos, do "oceano de MA" está em repouso outra está originando um universo e outra chegando ao fim. Agora mesmo, em alguém ponto do Cosmos deve estar sendo iniciado a primeira alteração de frequência de certa porção de MA iniciando um universo, enquanto outro está em repouso (Pralaya). Parece que nem tudo começou de uma só vez e sim de forma sucessiva, por isto nos livros sangrados se lê:

O PODER SUPERIOR ESTÁ PERMANENTEMENTE CRENDO

^{vii} Em nível de Unicidade coisa alguma foi ou será criado. Este assunto só pode ser discutido em temas bem elevados.

GÊNESE DA ÁRVORE DA VIDA E DOS NÚMEROS

“Afastai-vos da dúvida se quiserdes conhecer os Grandes Mistérios da Natureza”



2003-3356

TEMA 0.783



No estudo dos números vemos que esotericamente só existem 7, que são aqueles que têm características intrínsecas que lhes conferem individualidade. Vimos que o 1, 2, e 3, na verdade, são apenas Um. Dessa forma a base do sistema de numeração reside em sete números não cabendo outros mais a não ser como forma de contagem. No sistema decimal após o número nove começa uma nova série constituída apenas por repetições dos nove números básicos. Embora o sistema decimal (nove número mais o zero) seja o mais usado no mundo ocidental, contudo isso não quer dizer que seja o sistema mais exato, pois se trata de um sistema de numeração que não reflete a natureza dos números. Nesse modelo de universo que vivenciamos não há possibilidade de números distintos além do 7 razão pela qual constitui o limite das diferenciações numéricas.

Por só existirem sete números distintos é que as vibrações, e tudo o que delas deriva esteja sempre atrelado à setuplicidade. Essa peculiaridade dos sete números está expressa em documentos do Antigo Egito, mostrando que a partir do sete os números se repetem e não a partir do nove como preconiza o sistema decimal. Em um documento do Antigo Egito^{viii}, conhecido como Sarcófago de Petamon lê-se: “*Sou o Um que se transforma em Dois, que se transforma em Quatro, que se transforma em Oito e então sou o Um novamente*”. Citação de Moustafa Gadalla^{ix}.

O Raio da criação ao adentrar o plano da imanência se divide em sete, e isto é mostrado fisicamente por um raio incidente sobre um prisma desdobrando-se nas sete cores constitutivas. Ilustração 1

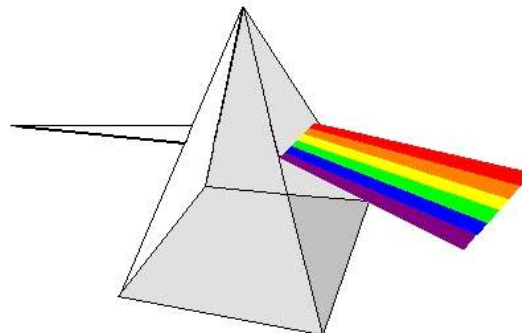


Ilustração 3

^{viii} Existente no acervo do Museu do Cairo.

^{ix} Egyptian Cosmology – The Animate Universe. Tehuti Foundation Publication.

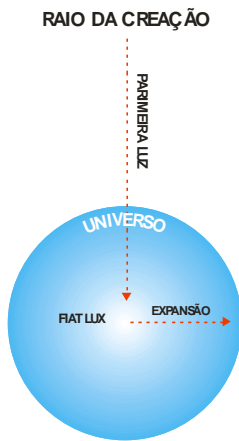


Ilustração 4

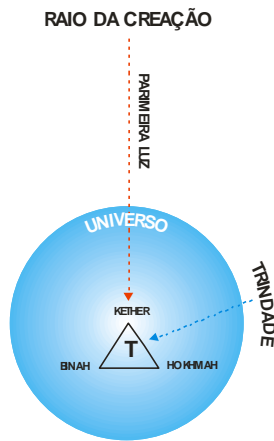


Ilustração 5

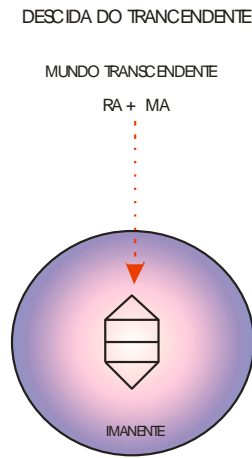


Ilustração 6

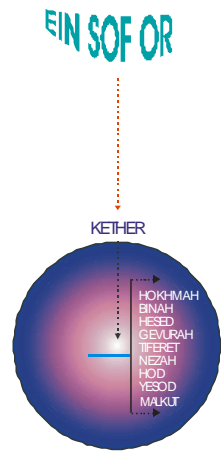


Ilustração 7

Antes da criação do universo que percebemos existia algo indefinível, fonte de tudo o que concebemos. A fim de que possamos penetrar no Mistério da Creação vamos considerar que emanou um raio creador que penetrou no vazio da existência – onde nada existia – vibrou e da vibração surgiram simultaneamente todos os princípios herméticos que gerou tudo quando há no mundo imanente. Formou-se a primeira manifestação, um ponto adimensional que se expandiu gerando o universo – espacial. Ilustração 2. (O Hermetismo representa esse evento com o Mito da Esmeralda. Existia uma esmeralda transcendental, uma, que em dado momento se rompeu e um dos pedaços formou a Tríade Superior, constituída por *Kether* – *Hokhmah* - *Binah*). O ponto polarizou-se formando a Trindade – Um, Dois, Três (Ilustração 2). A Tríade era Una (1, 2 e 3 = 1). A seguir o terceiro componente da Tríade – *Binah* – se desdobrou em setuplicidade.

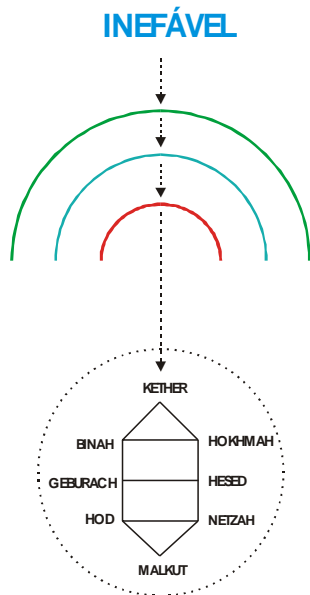


Ilustração 8

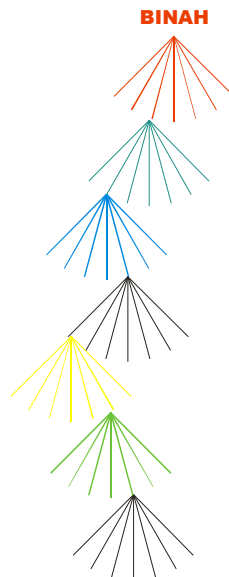


Ilustração 9

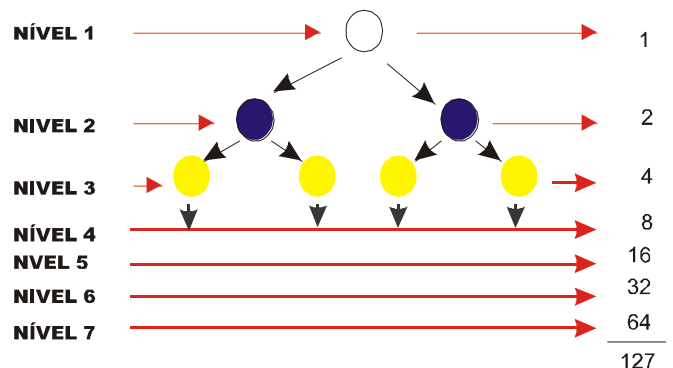


Ilustração 10

Este desdobramento é descrito como a queda dos anjos, queda de Sophia. Fig. 6. Isto reflete o porquê da decomposição da luz – fig. 1 – quando atravessa um prisma. O raio único se desdobra em sete cores distintas. Analogicamente podemos comparar o prisma com *Binah*, ou *Sophia*. A vibração diminuiu o que equivale a uma queda – Queda do Espírito, Queda de Sophia – originando o mundo com tudo o que nele existe. Essa criação processou-se com índice sete – Fig. 7 mostra como os desdobramentos sétuplos ocorreram para gerar tudo que existe em manifestação.

É simples se entender que é a setuplicidade que torna o mundo tão vasto e complexo. Se o desdobramento houvesse ocorrido em duplicidade – Fig. 8 – tudo seria menos complexo. É fácil entender que o número de desdobramentos – coisas existentes- é incensurável – Ilustração 7. Se o desdobramento fosse em duplicidade a complexidade seria muito menor. Ter coisas, desejar coisas, multiplicidade é fruto da queda. Ao nível de Brahmâ – nível do Pai, de Kether tudo é simples pois só há duas opções, sim e não.

A ilustração 07 mostra que a partir da Tríade, especificamente de *Binah*, houve um desdobramento sétuplo inicial aos quais os hebreus atribuíram os nomes: Hessed, Geburach, Tiferet, Netzah, Hod, Yesod e Malkut.

Diz a cabala que o raio da criação deu origem ao mundo manifestando-se em 10 níveis – *sephiroth* – que compreende uma Tríade Superior – Trindade – *Trimurti*. Citada pela doutrinas édicas, e mais sete perfazendo um total de 10, e que é graficamente representada pela Árvore da Vida (Árvore sephirótica).

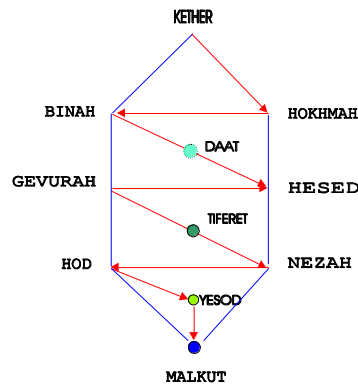


Ilustração 11

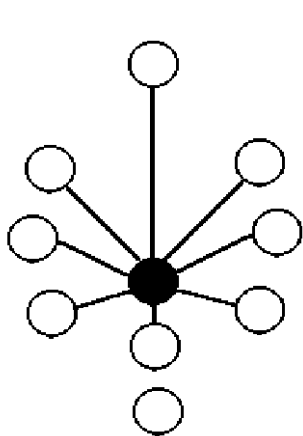
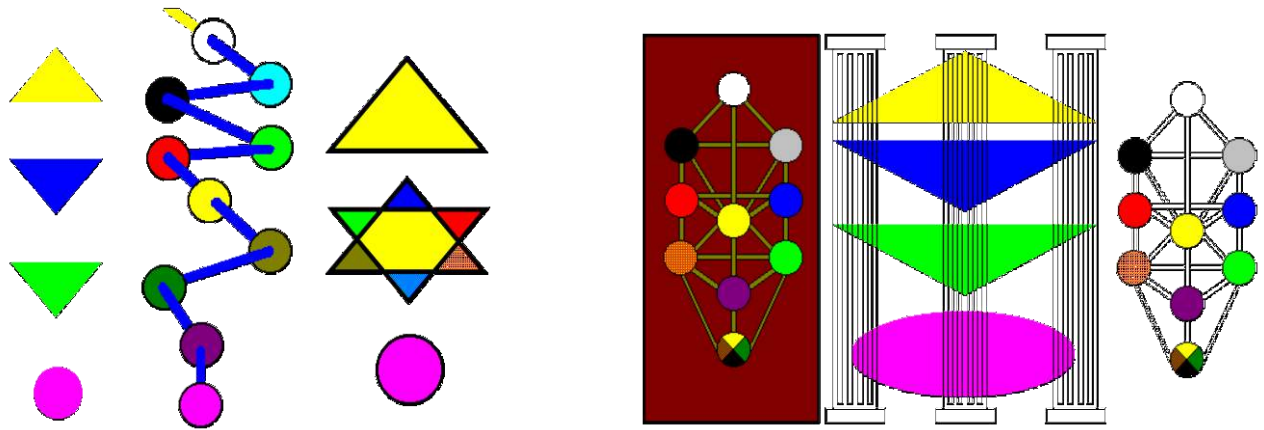
Os sephiroth se dispuseram aos pares, formando polaridades:

Binah – Hokhmah.
Geburach – Hessed.
Hod - Netzach.

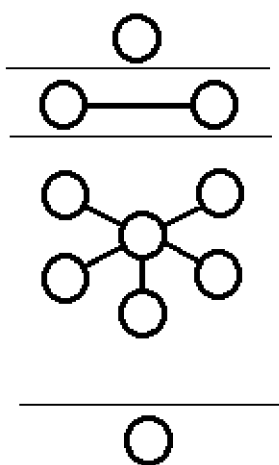
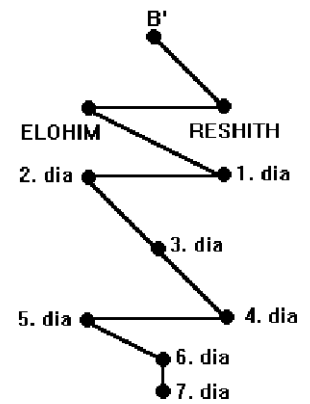
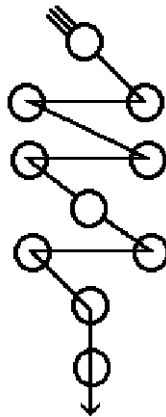
Ilustração 12

A descida da onda creadora se completa em *Malkut* que é um pólo oposto a *Kether* - Ilustração 9. O trajeto forma um zig-zag que em muitas tradições é representado por uma espada ondulada – Espada Flamígera usada em rituais de algumas Ordens Iniciáticas.

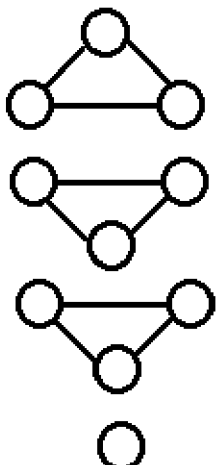
Há um grande número de “Árvores” desde que qualquer coisa, ou grupos de coisas, pode ser representada por uma “Árvore” independente. Também há muitas representações “artísticas” da “Árvore” .



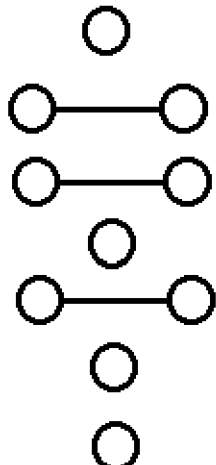
O Coração da
Árvore da Vida



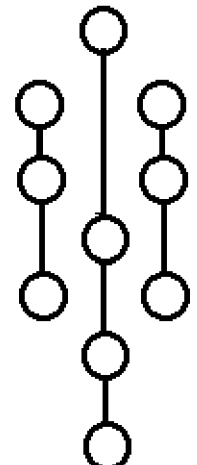
Quatro Mundos



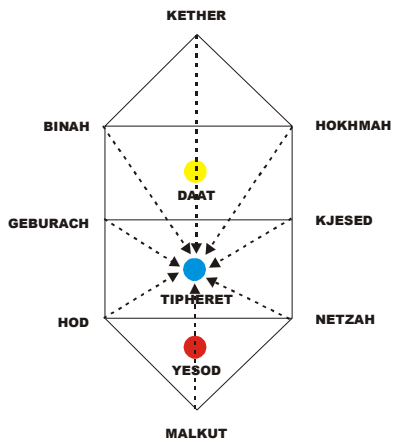
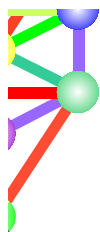
As Trindades



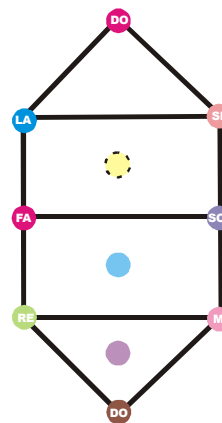
Sete Planos



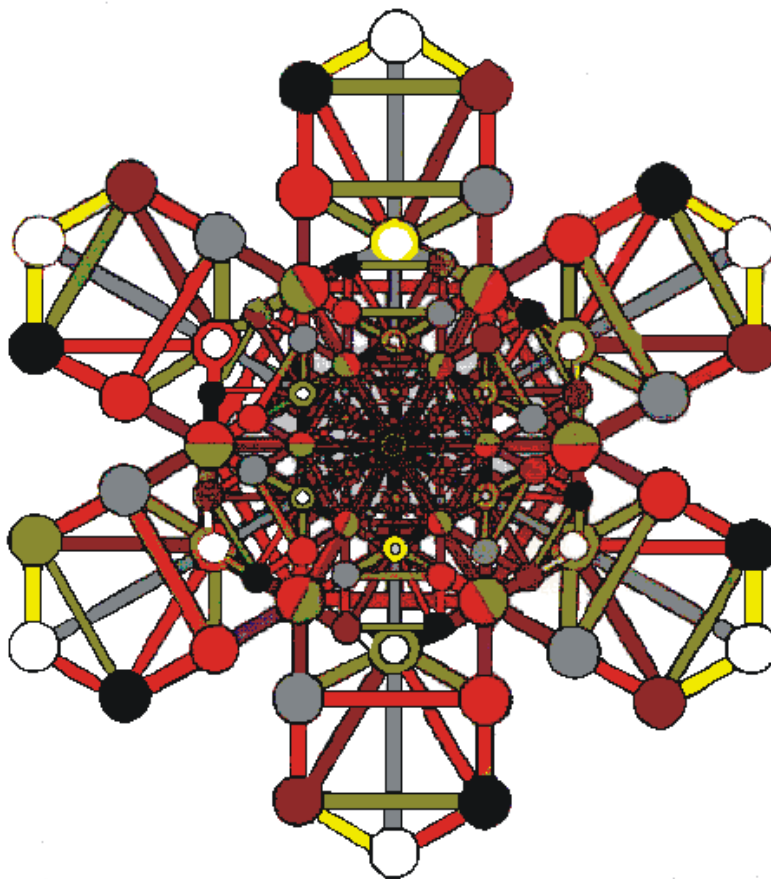
Três Colunas



ÁRVORE DA VIDA E AS NOTAS MUSICAIS



Assim como as coisas se agrupam também acontece com as respectivas representações em “Árvores da Vida”.



O VAZIO E O UM

“SOMOS MAIS PAIS DO NOSSO FUTURO
DO QUE FILHOS DO NOSSO PASSADO”
MIGUEL UNAMUNO



2005 - 3358

TEMA 1.507



Um dos questionamentos que mais tem intrigado filósofos, metafísicos e cientistas diz respeito ao vazio representado pelo zero.

Seria o “nada” a própria inexistência, ou a existência plena? – Para se entender isto temos que examinar o que já descrevemos em outras palestras, m especial às referentes aos Princípios Herméticos. A primeira vista parece ser impossível a obtenção de uma resposta, mas até mesmo pela racionalidade mental se pode chegar a uma conclusão.

Vamos supor o principio hermético da polaridade e aproximar seguidamente os dois extremos de uma condição qualquer chegaremos ao infinito. Como infinito ela continua existindo, mas de forma alguma ao ponto de poder ser apreendida pela mente. Jamais as polaridades chegam ao zero absoluto desde que cada resultado permite uma nova divisão sucessiva (paradoxo de Zenão) e assim jamais o zero, como inexistência, é atingido. O mesmo se pode dizer do Gênero, qual o ponto de passagem de um gênero a outro. (em linguagem matemática: qual o ponto de *corde*?), o mesmo acontecendo com todos os Princípios Herméticos, menos com o primeiro, por ser apenas um enunciado.

Agora consideremos a mente. A pessoa só dá conta da existência de algo se houver polarização, ela nem ao menos percebe o um, embora este exista manifesto. Lembremos um dos exemplos que demos em palestra anterior, considerando um hipotético mundo em que só existisse uma temperatura única, por exemplo, tudo quanto ali existisse em manifestação tivesse uma temperatura de 20° C. Neste caso nenhuma pessoa sensorialmente poderia sequer suspeitar da existência de algo que é a temperatura. A mente não perceberia sensorialmente, mas um termômetro registraria aquela condição. Em tal situação a temperatura seria uma ausência apenas para a percepção embora ela estivesse presente como um. Só ocorreria o zero absoluto se nem a mente e nem qualquer coisa possível, ou mesmo imaginária, pudesse efetivar alguma forma de registro.

O mundo só se manifesta através dos Princípios Herméticos, conseqüentemente algo em que eles esteja em nível de infinito (união de gênero, de polaridade, de vibração) existe, mas de forma alguma pode ser detectada. Em um caso assim ainda há compreensão intelectual sobre a natureza da coisa, ou seja, se pode pensar naquele algo em que a polaridade se aproximou tanto que se tornou indetectável – infinitesimal – mas, ainda assim o intelecto, mesmo que não possa perceber como isso existe, ele tem ciência do que se trata. Na fase um somente via dedução matemática pode sugerir sua existência, mas não em nível de detecção, de intelectualização.

Tanto o afastamento dos extremos quanto a aproximação tendem ao infinito, mas jamais chegam ao infinito. O mesmo acontece O Infinito é inatingível. Extrapolando-se podemos sentir que o Infinito é inacessível. Se Deus é o próprio “Infinito” naturalmente ele é inatingível. Por mais que se aproxime dele jamais se atinge a meta. Pela contagem dos números, por exemplo, se pode sentir a veracidade dessa afirmação. Embora ela tenda ao “infinito”, pois a um número sempre se pode acrescentar ou retirar uma unidade sem se chegue a um ponto final. Trata-se de algo que não tem ponto de parada,

portanto se diz que tais condições lavam ao infinito embora jamais o atinja. O mesmo acontece nos chamados números irracionais^x, tende ao infinito, mas jamais chega até lá.

“Podemos dizer que o infinito é algo que não tem fim ou algo que nunca será atingido. O homem sempre buscou o entendimento sobre essa questão. Os pensadores da Antiguidade anteriores a Pitágoras (séculos V a.C.) já eram atormentados por esse tema. Mas, foi só no final do século XIX, na Alemanha que Georg Ferdinand Ludwig Philipp Cantor (1845 – 1918) que a idéia de infinito foi realmente consolidada na matemática. Sua teoria era revolucionária e, por isso mesmo, acabou gerando embaraços e animosidades entre os matemáticos da época”. Alexandra Camanho - Revista Galileu

Cantor nos disse que os números racionais, assim como os inteiros, são, de fato, infinitos, mas são contáveis. Já os irracionais seriam infinitos e incontáveis. E o infinito dos números racionais é menor do que o infinito dos números irracionais.

O primeiro pensador a refletir sobre o infinito na Antiguidade Histórica foi o grego Zenão (496 a.C. – 435 a.C.). Ele lançou o problema da corrida entre Aquiles, o mais veloz corredor do mundo, e uma tartaruga, que por ser lenta poderia largar certa distância à frente. Porém, argumentou Zenão, o atleta nunca alcançaria o animal, pois quando ele chegasse ao ponto de partida da tartaruga, ela já teria avançado mais uma distância. E isso se sucederia infinitamente, se pensarmos em dividir os espaços infinitamente.

Mais de dois milênios depois de Zenão, os matemáticos inventaram um modo de ilustrar o problema do infinito na matemática com a “charada do Hotel Infinito”. Imagine que você chega à recepção e pede uma vaga. O gerente diz que não há mais lugar. Apesar de possuir infinitos quartos, estão todos ocupados. Mas existe uma forma de você poder ficar com um. Qual será? Você diz para o gerente deslocar o hóspede do quarto número 1 para o quarto número 2. O hóspede do quarto número 2 deve ser deslocado para o quarto número 3. E assim sucessivamente, ao infinito. Nenhum hóspede vai ficar sem quarto, pois há infinitos quartos. Da mesma forma, o gerente pode deslocar o hóspede do quarto número 2 para o quarto de número 4, do número 3 para o número 9, do 4 para o 16, sucessivamente. Agora, vamos ter infinitos quartos vazios também.



Podemos sentir o infinito considerando que as frações que existem entre dois números inteiros. Por exemplo, entre dois e três cabe um infinito número de frações, entre duas frações contíguas cabe um número infinito de subtrações. Tudo leva ao infinito.

Não vamos mais uma vez repetir em detalhes o que já dissemos em outras palestras, dizer que não há uma condição em que o *Infinito* não ocupe uma das as condição atribuída a Deus pelas religiões. Assim podemos dizer que o *Um* (Vide tema 1.504) é a primeira manifestação do *Infinito*, mesmo que tal nível ainda não possa ser apreendido pelo intelecto.

Esse sentido não diz respeito somente à filosofia mística, mas também à matemática. Como se lê em um artigo de Harbacek e Jeck: intitulado *Introduction to set Theory*: “Fato é que, apesar dos embates ainda sem solução, os matemáticos trabalham com o infinito como sendo um ente^{xi} dotado de existência. Operamos com ele, o exploramos, tentamos compreendê-lo. Não seria isso um ato de fé? Em que medida se difere do crente que, admitindo a priori a existência de Deus, parte em sua busca e compreensão?”.

Podemos entender que os Princípios Herméticos estabelecidos dependem do nível de percepção de cada um. É a percepção pessoal quem dita o limite em que alguém ainda pode sentir uma polaridade, um gênero, uma vibração, etc. Pode-se dizer que para um hipotético ser cuja acuidade chegasse ao limite ilimitado, por certo, o

^x Números irracionais são números reais que não podem ser obtidos pela divisão de dois números inteiros. Essa divisão é chamada “razão”, e daí o nome irracional: não reduzível a uma razão.

^{xi} Ente = Ser

infinito não existiria para ele. Na verdade Deus é esse Ser, aquele que pode ver *ad infinitum* os Princípios Herméticos, portanto para ele não existe a barreira da infinitesimalidade.

Isso nos obriga a entender que o vazio absoluto não existe, a não ser ao nível de simples idéia, a evidenciar que o “vazio” não existe realmente, o que existe é a barreira do nível de percepção. O que não percebemos é precisamente o que consideramos "vazio".

O UM E A CONSCIÊNCIA

“NEM SEMPRE ESTÁ DORMINDO AQUELE
QUE TEM OS OLHOS FECHADOS”



1995

TEMA 0.3 2 4



O grande *Thoth* – Hermes – revelou à humanidade 7 princípios que regem o mundo, assim como outros que devem ser descobertos pelo discípulo, podendo apenas ser confirmados por um adepto.

Apolônio de Tiana relaciona a natureza a 12 horas simbolizando cada hora um mistério relacionado com o desenvolvimento espiritual. Assim ele revelou o mistério de cada hora, mas não revelou claramente o “Mistério da Nona Hora”. Esse é reservado para cada um descobri-lo, por isto é intitulado por “*O Número que não deve ser revelado*”. Há uma correspondência direta entre a *Nona Hora* e o *Nono Princípio de Hermes*.

A revelação anterior é algo que grande parte dos estudiosos dos ensinamentos de Hermes nem ao menos suspeitam da sua existência. A grande maioria dos hermetistas chega apenas até o nível sete, desconhecendo, ou não levando em conta 5 condições básicas para que os Sete Princípios possam se manifestar. Como não sabem da existência destes, conseqüentemente torna-se impossível o estabelecimento de qualquer relação com o Mistério da Nona Hora citado no *Nuctemeron* de Apolônio de Tiana.

Toda natureza é una, tudo veio do UM e tudo a Ele retorna. Coisa alguma pode existir independentemente do UM e as diferenciações resultam do distanciamento, da polarização. (*Princípio da polaridade*). O Um é o infinito e coisa alguma pode extrapolá-lo.

Para haver a criação tem que haver no mínimo uma ilusão de ter uma *polarização* do UM – desdobramento; o *Continuum* teve que se tornar descontínuum.

Ao nível do “Nada” não existe espaço, portanto tudo está num mesmo ponto, sem distâncias, sem afastamentos, sem divisões de qualquer natureza. Tudo simplesmente está num infinito adimensional e, num nível assim, não há espaço algum a ser percorrido por qualquer mensagem. Tudo se faz sentir em tudo ao mesmo tempo, por isso não há fluir de tempo, então em tal nível o tempo simplesmente é. Coisa alguma lá acontece, mas se hipoteticamente acontecesse algo, aquilo seria instantâneo porque não haveria distâncias para serem percorridas e igualmente tempo para ser preenchido pelo evento.

Fora da criação tudo é atemporal e inespacial; ali reina o *contínuo*. A criação pode ser definida como a transformação do contínuo no descontínuo, portanto o universo é uma descontinuidade dentro da continuidade, ou seja, algo dentro do “Nada”. A criação, que convencionamos chamar de universo imanente, é constituída por aparentes unidades, é portando algo que se pode definir como sendo de natureza “granular”, que permite ser medido e contado. Medir e contar caracteriza ao Mundo Imanente, uma ilusão de realidade.

Todas as coisas existentes no universo são constituídas por unidades aparentemente separadas. A matéria pode ser fracionada até o nível dos átomos e, indo mais além, até o nível dos elétrons, prótons e de outras partículas ainda menores os “quakers”. Mais além dessas partículas, diz a ciência, haver energia e para além desse nível há uma condição indefinível, logicamente incompreensível para a

ciência. Esta fala de “buracos negros” uma concentração de matéria tão fantástica que toda a sua própria estrutura desmorona, que nem mais as ínfimas partículas podem existir como tais. Ali tudo é desfeito, não há mais granulação alguma, partícula alguma, tudo passa a ser uniforme atemporal e inespacial, portanto é aquilo que se chama “Nada” e que a *Tradição* já no Antigo Egito chamava de MA.

O *Querer Cósmico* faz MA vibrar tornando aquilo que é contínuo em descontínuo, portanto originando uma criação. O *Querer* pode ser definido como o princípio ativo máximo do Cosmos e, de certa forma, inerente a própria da CONSCIÊNCIA.

O universo é constituído de descontinuidades – Logói – em número inconcebível constituindo as unidades integrativas de tudo quanto há.

Mesmo entre as partículas mais ínfimas ainda existe um imenso espaço. A ciência diz que entre uma partícula atômica e outra, por exemplo, entre um elétron e outro, entre um elétron e um próton, entre uma subpartícula e outra, entre um átomo e outro, há um espaço imenso. Considerando-se o tamanho de um desses elementos, a distância entre uma partícula e outra se comparado com o tamanho da partícula, o espaço “vazio” é algo inconcebivelmente desproporcional. Portanto há muito mais espaço “vazio” do que ocupado pelas partículas. Pusemos a palavra vazio entre aspas porque na realidade o vazio inexistente no Cosmos. Onde julgamos existir o vazio existe o “Nada”, existe MA. Como diz a Teoria Quântica: existe informação.

Dividir MA, ou seja, fragmentá-lo, não é possível porque é um contínuo. Hipoteticamente, por mais que se dividisse MA cada fração ainda poderia ser dividida até um ponto de indivisibilidade absoluto, então a partir dali haveria sido atingido o contínuo e, portanto o infinito.

As coisas existentes são basicamente constituídas por partículas ou por campos de vibração. Podemos pensar como uma singela analogia, o Cosmos sendo um “caldo” de MA no seio do qual existem partículas dissolvidas que constituem as criações.

O que dá a idéia de universo é o campo formado pelas coisas existentes. O universo é como que uma bola constituída por partículas que interagem entre si formando um campo único, portanto esse campo é o universo. O universo é um campo energético – Luz Primordial – no seio de MA. MA permeia tudo e constitui tudo. As coisas nada mais são do que alterações vibratórias setorizadas em ínfimas porções de MA.

Dissemos antes que o Cosmos, de certa forma, é a própria consciência porque como tudo é MA, tudo é Cosmo e Cosmos é Consciência Manifesta. Portanto tudo o que existe fora e dentro da criação é também Consciência.

Podemos dizer que consciência só se torna perceptível através da Mente, do Universo é Mental.

O Cosmo é parte integrante da natureza da Consciência, da natureza de MA, portanto MA é inerente á Consciência. Assim consciência permeia tudo, está em tudo.

Em MA só há a unicidade, a continuidade, não há descontinuidade alguma e constitui a essência das estruturas. Assim tanto constitui as coisas como na sua intimidade quanto preenche o espaço considerado “vazio” entre as estruturas.

A criação foi um ato de *querer* e de *consciência*. Claro que a criação em sua ordenação perfeita evidentemente foi um ato de *consciência* efetivado por meio da Mente, portanto a *consciência* transcende, isto é, precede a própria criação. Para criar foi preciso um querer e uma consciência do ato de criar. Por isto MA é algo inerente à *consciência* conseqüentemente ela é UNA está dentro e fora das estruturas integrando tudo numa só unidade.

Mesmo que tudo seja MA, mesmo assim há uma individualização relativa na constituição das partículas do universo e o mesmo acontecendo no que diz respeito à consciência. É verdade que esta se setoriza; de uma forma geral ela se individualiza, mas não de forma absoluta, pois continua existindo sempre um elo integrativo, portanto sempre estando presente a continuidade. Podemos pensar na

consciência como algo com um grande número de níveis, nos níveis mais superficiais ela se individualiza, mas não nos níveis mais sutis.

Algo que seja contínuo, sem “granulação” alguma, sem descontinuidade alguma, algo maciço a nível absoluto é onipresente e tudo que nele ocorra é de forma onipresente. Pensemos numa bola do tamanho do universo, totalmente compacta, sem granulação alguma, algo essencialmente uniforme. Tocando-se num ponto qualquer daquela esfera, por maior que ela for, ela com um todo tem ciência do toque ao mesmo tempo, não haverá tempo transcorrido para uma mensagem partir de um ponto, de um lugar e chegar a outro porque ali não há lugares diferentes, há apenas um lugar abrangendo tudo.

Vamos usar uma singela analogia para entendimento prático de um ato ao nível de continuidade e de descontinuidade. Pensemos num conjunto de peças de um jogo de dominó. As crianças costumam brincar colocando as pedras erguidas uma junto da outra sucessivamente formando uma fileira. Depois fazem a primeira tombar e esta derruba a seguinte estabelecendo uma onda de pedras que vão caindo sucessivamente, ocorrendo assim como que uma onda de transmissão da primeira até a derradeira.

No universo acontece assim, num evento qualquer a informação vai passando de partícula a partícula, uma partícula vai comunicando à seguinte a mensagem numa sucessão. A informação se transmite de uma partícula para outra é o que faz com que exista a decorrência de tempo, isto é, a cronologia, o fluir do tempo.

Considerando-se que o dominó como se fosse constituído por só uma peça, esta ao ser derrubada o todo cairia de uma só vez, não haveria a transmissão uma onda sucessiva de quedas, portanto o espaço da fila e nem tempo a ser transcorrido entre a queda da primeira e da derradeira peça existira. No universo é assim também, há uma sucessão imensa de “grânulos” para a mensagem ir se transmitindo sucessivamente de uma para outra, e isso é o que constitui a cronologia.


A criação é “granular”, é descontinuidade. Como analogia nós podemos dizer que se comporta como uma fileira de peças de dominó, mas ao nível de MA, nível de consciência, e de níveis outros que estudaremos no futuro. Ele a nível essencial é *uno*, portando tudo aquilo que a lhe for inerente é algo contínuo. Para qualquer evento a nível essencial não há tempo transcorrido para algo se transmitir, tudo se faz instantaneamente.

Algo ao nível de consciência que ocorra num ponto qualquer do universo abrange todo ele ao mesmo tempo, num estado praticamente de onipresença. Ele e UM, comporta-se como se fosse uma peça única do dominó que usamos como singela analogia.

Pelo que dissemos, tenhamos em mente que a consciência é única abrangendo todo o Cosmo, que ela não é uma descontinuidade e sim uma continuidade. Sendo assim tudo aquilo o que ocorrer num ponto do Cosmo em nível de consciência atinge todos os pontos ao mesmo tempo. Como dissemos antes, num plano superficial a consciência, assim como muitas outras coisas estão individualizadas, separada, mas num nível mais profundo, mais sutil não existe separação alguma, conseqüentemente a nível sutil não há transmissão alguma pois não há espaço de separação real entre as unidades para fazer com que a mensagem tenha que passar de uma descontinuidade para outra.

Há patamares em que as coisas do universo são isoladas, em que há descontinuidade, mas não em tudo e em plenitude. Coisas como consciência, vida, etc. não são individualizadas. As coisas são constituídas de níveis, individualizadas por diferentes níveis. Nos níveis em que existe a descontinuidade tem que haver transmissão que pode ocorrer por diferentes modos. Mas nos níveis em que há continuidade transmissão não tem sentido de ser, porque ali há onipresença.

Em nível de consciência pensa-se que existem miríades de formas de consciência, mas não é assim. Parece haver consciências independentes porque elas estão parcialmente isoladas. Há condições que envolvem, que bloqueiam, que separam a consciência mas nunca chegando ao nível de uma separação absoluta. A individualização é limitada; num nível mais profundo ela se mantém *UNA*, se mantém como um *continuum*. O que está limitado não é a consciência em si, mas a manifestação dos diferentes níveis e planos.



Podemos usar outra analogia Admitamos uma sucessão de lâmpadas acesas. Dentro de certo patamar cada bulbo pode ser considerado uma unidade isolada, com características próprias, diferentes, portanto, das demais. Mas, em termo de energia todas são unas, não há corrente própria de cada lâmpada. Ligadas em série tudo o que ocorrer em nível de energia com uma delas se reflete nas demais, se uma queima todas as demais se apagam porque a corrente elétrica é una para todas as lâmpadas.

Em decorrência do que referimos nesta palestra podemos entender que os seres de todo o universo estão integrados entre si de muitas maneiras, que em nível de mente precisa de meios de transmissão, de sistemas de integração, e tudo isso sujeito a condição de espaço e de tempo. Mas, fora disso existe a interação em nível de consciência e esta une todas as coisas do Cosmo de uma maneira absoluta, não sujeito a fluir de tempo nem a espaço, simplesmente tudo é AQUI e AGORA.



A UNICIDADE

“O CORAÇÃO HUMANO RECUSA-SE
A ACREDITAR NUM UNIVERSO SEM
UMA FINALIDADE”

KANT



2005-3358

TEMA 1.596



Os números estão presentes na maior parte das atividades e das preocupações de nossa vida. Como escreve François Xavier Chaboche em sua obra *Via e Mistério dos números*: “A ciência a Antiguidade levava em consideração primeiro o mundo do invisível, do infinito e do divino, para explicar o mundo visível, limitado e humano. Não se dissociavam esses dois mundos; as estruturas da matéria eram como que o reflexo imediato das estruturas do espírito”.

Esse modo de pensar ainda existe atualmente no campo da filosofia, da metafísica e mesmo da Física Quântica. Há um duplo significado os números, o primeiro diz respeito à natureza do contar, e o outro à natureza íntima da existência.

Não se pode falar de número sem que se cite Pitágoras e sua escola de iniciados. Para os pitagóricos, os números não eram apenas considerados quantidades abstratas, mas uma “virtude” intrínseca e ativa do Um Supremo, de Deus, Fonte da Harmonia Universal. Segundo os ensinamentos pitagóricos, os números são “forças vivas” das faculdades divinas em ação no mundo e no homem; no microcosmo e no macrocosmo. Assimilando-as, distinguindo-as e explicando o seu jogo, Pitágoras não fazia senão uma teogonia ou uma teologia racional (Librarie Académique Perrin, 1889).

Uma das questões mais fascinantes que a Física busca resolver é a de saber como o “*Todo*” pode provir do “*Nada*”, como o zero pode se tornar um, ou vice-versa. A passagem do 0 ao 1 é uma operação astronômica e assustadora. Para se sentir isso basta que se aplique o paradoxo de Zenão à passagem do 0 ao 1 e então se verá a presença do “*Infinito*”. Indaga-se: Quando o zero se torna um ou vice-versa? Começando do zero se pode dizer falta tanto para se atingir o um, mas esse tanto pode ser dividido o tantas vezes quanto se quiser e jamais se chega ao um. A recíproca é idêntica, quando o um se torna zero? Teoricamente isso só ocorre como *Infinito*, portanto, mesmo pela via matemática, se chega à conclusão de que Deus tanto é o Zero, quanto o Um quanto o Infinito.

Se considerar a relação matemática $1/0 = \infty$ veremos que o 1 é o primeiro “germe” do ser, é igual ao produto do zero pelo infinito, do “Nada” pelo “Todo”.

Outra condição inerente à natureza do número se pode sentir ao se verificar que de todas as coisas que se conhece, sem dúvidas, uma delas que se pode conceber como eterna é o número. Os números existem desde o início de tudo e jamais se extingue, enquanto existir algo necessariamente existirá número. O número é onipresente, pois onde quer que exista algo ali está presente um número qualquer. Seja qual for uma qualidade nela sempre está inclusa um número. Mesmo que se considere Deus como o Ser Único a ele está ligada à idéia de número, do Um, Um Deus. Veja-se se é possível admitir Deus sem um número. Portanto só duas condições são possíveis, ou Deus e número são coisas distintas, condição que colocaria o número acima de Deus por não poder este existir sem aquele, ou não são coisas distintas, nesse caso compõem uma unicidade, a unidade Deus/número. Por isso o Acadêmico Francês Abade A. Gratry tem razão ao escrever: “*Se realmente os caracteres matemáticos são*

verdades absolutas eternas, eles vivem em Deus, são a lei de todas as coisas. Indaga-se assim o que são eles em Deus?”

Todas as Cosmogonias tradicionais citam a criação do Universo a partir do 1 e de sua projeção, sua “explosão”, no infinito. O movimento do primeiro átomo de vida, pela explosão da unidade original criou o espaço-tempo e todas as dimensões do Cosmos o que levou Kant a definir a aritmética como a ciência do tempo e a geometria como ciência do espaço.

Para se entender um tanto da natureza da *ilusão de mundo* é preciso que se conheça bastante sobre a natureza do *Um*. O universo é fruto de dois aspectos do *Um*. O primeiro deles, o verdadeiro, é o divisionário que resulta da descontinuidade do *Um*, é o “*solve*” da expressão mística *Solve e Coagula*. O segundo é a multiplicidade, aparentemente as coisas se multiplicam. Daí uma indagação: Este mundo resulta da divisibilidade ou da multiplicidade. As formas de existência resultam de um processo de divisão ou de multiplicação? As coisas se multiplicam ou se dividem?

Na verdade tanto a diversidade quanto a multiplicidade procedem da divisão do *Um*. Tudo procede da divisão da unidade. Na realidade a palavra número vem da palavra grega *némô* que significa dividir. A gênese de tudo quanto há resulta da fragmentação – descontinuidade – do *Um*, mas isso é somente uma aparência, pois coisa alguma chega a uma descontinuidade plena, separação absoluta. Podemos afirmar isso tomando, mais uma vez, como base afirmativa o Paradoxo de Zenão. Algo se separou tanto, a metade, um terço, **N** vezes. Quando então a separação se torna absoluta? Teoricamente isso só pode ocorrer no Infinito.

Materialmente a diversidade das coisas advém de uma multiplicação, ou seja, do somatório do 1, enquanto metafisicamente eles são considerados uma divisão *aparente* do 1. Não se discute se as coisas, com exceção do um, compõe-se de sucessões de partes, portanto da multiplicidade. Mas, a verdade é o inverso.

Vezes não é muito fácil se entender como a multiplicidade possa resultar da unicidade. A tendência é aceitar que a via seja a da multiplicidade, mas algumas vezes não é assim. Podemos sentir isso se considerando que os seres unicelulares não se multiplicam pela multiplicidade, pela soma, mas sim pela divisão. A célula se divide – mitose – para formar duas outras e não o inverso.

Os números inteiros, definidos em relação à unidade, tendem ao mesmo tempo para o infinito pela sua multiplicação aparente, e para o zero, ou seja, para o “nada” pela desintegração da unidade que eles representam. É paradoxal o fato da sucessão crescente, multiplicação levar ao infinito quando ao mesmo tempo a divisão decrescente fazer o mesmo. Aumente um número, que ele tende ao infinito e diminua-o que também tende a infinito, e como não podem existir dois infinitos daí a afirmativa da diversidade na unicidade.

Todas as formas de existência que existem no universo se assemelham a esses números, aparentemente perdidos entre dois infinitos como dizia Pascal. Tal como afirma com propriedade François Xavier Chaboche^{xii} citando Paschal: “*A relação entre a unidade e o infinito constitui a famosa díade pitagórica*”.

Uma lei constante rege o dinamismo dos números: procedendo da unidade, cada número “aspira” à unidade; assim, cada número atraindo a unidade superior acrescenta-se” uma nova unidade e cria um novo número seguindo-se assim até o infinito. O *um* tende a se transformar no *dois*, mas como é único ele não pode se associar, a única forma é se dividir. Essa tendência é tão forte que ao se formar um número imediatamente se forma inexoravelmente o número seguinte. Um número só pode existir no anterior. Em palestras anteriores já dissemos que é impossível se representar geometricamente o um sem o dois. O um seria um ponto, mas o ponto não é único, no mínimo o desenho requer outra dimensão, a espessura. Um triângulo jamais pode ser representado como três, pois seja desenhando,

^{xii} Vie et Mystère des Nombres – Ed. Albin Michel – Paris.

seja projetando numa tela, seja construindo materialmente, não tem como fazer isso sem o acréscimo da espessura. Mesmo uma imagem numa tela de um monitor é formada por elétrons que têm espessura.



ESTUDO DO UNISMO

“A META NÃO É EXTINGUIR A
MENTE, MAS DISCIPLINÁ-LA”
CASTANEDA



2002-3355

TEMA 1.347



Na medida em que o espírito se desenvolve nasce nele um anseio de saber sobre a sua origem e a de tudo que o cerca. Assim, se inicia a busca, e através dela não tem como a pessoa não acabar por chegar ao unismo, mas ela, por certo, encontrará grandes dificuldades de entender o mundo em nível de unicidade, pois que o seu intelecto está preparado apenas para entender à multiplicidade, àquilo que ele determina como lógico, como racional, quando na verdade nenhum padrão de racionalidade pode ser buscado na unicidade. Toda lógica tem como base a dualidade por isto o intelecto não pode aceitar nada que não se ajuste que antes não já haja sido experimentado ou aprendido por vivências de outrem. Só é razoável aquilo que no todo ou em parte não é novo.

Não se pode aceitar algo como verdade sem que antes a cientificação do ser esteja em curso, que o leve a entender que a mente gera o intelecto que mantém o ser escravizado. É a mente que lança o ser nas garras da razão não deixando que aflore a consciência essencial em maior grau. A mente arroja o ser nos braços da razão, deixando que ele lute para se libertar de suas garras sombrias até que seja despertada a voz da consciência essencial, e isto só é atingido através da cientificação, pois nada tem a ver com a purificação, até mesmo o mais puro dos seres é passível de viver preso às garras da razão, preso ao intelecto que é algo gerado pela mente dominadora.

Na verdade, mesmo sendo muito difícil o intelecto compreender o Uno, com certo esforço a pessoa pode conseguir isto, em especial, fazendo uso de analogias que fazem uso de condições de dualidade que facilitam o entendimento da existência ao nível do Uno, onde não há tempo linear e nem espaço algum. Mesmo que a pessoa sinta a unicidade, mesmo que ela entenda ser o próprio Deus, ainda assim não é fácil descrever tais condições sem fazer uso das expressões Eu e Tu. Podemos sentir isto no mais antigo escrito unístico de que se tem notícia, o “*Diálogo de Hermes com Pimandro*”. Em todos os documentos escritos que compõem acervo desta civilização atual são poucos aqueles em que vemos dialogarem com eles mesmos como se fosse com Deus.

O universo composto por coisas, somente existe como uma ilusão que compõe o imaginário mundo da dualidade e no qual impera a racionalidade. Mas, quando se tenta racionalizar, a primeira coisa que acontece é o separar a pessoa das coisas e isto já é cair na dualidade.

Durante milênios a unicidade era considerada um assunto hermético, o homem deste ciclo de civilização ainda não podia entender sequer o mínimo do Uno, o conceber ele e o mundo como unicidade. Somente agora é que há condições – ainda mínimas – do assunto ser compreendido. Somente com o advento da informática no campo prático e da teoria quântica no campo teórico, é que se podem ter vislumbres desse mundo sem espaço e sem tempo linear. Mas, o unismo foi trazido à humanidade há milhares e milhares de anos.

Em algumas civilizações extintas Unismo era compreendido com clareza e em outras nem sequer percebido. Mesmo no Egito Antigo o unismo se fez sentir no Diálogo de Thoth com Pimandro, mas a compreensão desse diálogo não se tornou algo do conhecimento das pessoas comuns, o mesmo acontecendo com a unicidade proposta pelas doutrinas védicas sobre a natureza de Brahmân. Após o advento dessas civilizações, seguiram-se milênios de predominância obscurantista e tudo aquilo que dissesse respeito ao monismo era considerado herético e, conseqüentemente, sujeito a punições rigorosas impostas pelas religiões. Assim Deus foi

afastado dos seres e das coisas, ou melhor, os seres e as coisas não tinham natureza divina e eram existências distintas e separadas.

A ciência em seus primórdios não tinha como admitir uma origem única, ela considerava irracional o unismo, pelo que acabou por imperar o pensamento cartesiano, e positivístico de outras linhas filosóficas. Mas, por fim, ela teve que se curvar diante de fatos trazidos pela observação do comportamento das partículas subatômicas, pela matemática do infinitesimal, que inexoravelmente levavam a uma origem, e a uma natureza íntima única, de tudo quanto há. Isto deu origem à Teoria Quântica que, mesmo que não explique a natureza do Uno, ainda assim mostra que o racionalismo falha diante do comportamento das partículas de alta energia. Assim os antigos conceitos de lugar e tempo ruíram levando a ciência a se aproximar do pensamento filosófico dos grandes místicos, em especial dos orientais.

Recentemente estão aparecendo livros bem importantes para os iniciantes do Monismo. Neles é tentado mostrar a unicidade da natureza. São diálogos da pessoa com ela própria, do “*eu pessoal*” com o “*eu maior*”, mas, mesmo o uso dessas duas expressões não é preciso porque não existem dois “eus” separados. Dentre estas obras mencionamos “*Conversando com Deus*” de Neale Donald Walch, e “*A Vida Impessoal*” de Joseph S. Benner. Nesta obras vemos a dificuldade dos autores em descreverem unisticamente, por isto eles se expressam em forma de diálogo quando deveriam se expressar em forma de monólogo, afinal nos assuntos tratados não cabe de forma alguma Deus falando com a pessoa ou vice-versa, desde que é ele falando com ele, apenas um Ser falando com Ele próprio. Se nós somos Deus não cabe a forma de diálogo e sim a de monólogo e isto não temos visto nestas obras, mesmo porque é muito difícil certas exposições em forma de monólogo.

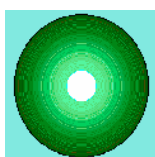
A UNIFICAÇÃO

“ O QUE ESTÁ EMBAIXO É COMO O QUE ESTÁ NO ALTO É COMO O QUE ESTÁ EMBAIXO; POR ESSAS COISAS FAZEM-SE OS MILAGRES DE UMA UMA COISA SÓ ”.

SIMÔNIDES



1995
TEMA 0.406



Como vimos em palestras anteriores, todas as coisas no Universo, em pelo menos um dos sete níveis, estão interligadas. Tudo teve início no *UM* e ao *UM* tende a voltar, por isto formas de existência podem ser consideradas desdobramentos deste *UM*. Isto, na linguagem cabalística, é mencionado: Tudo deriva de *Kether* e a *Kether* tende a voltar.

O universo foi criado como um desdobramento de *Kehter* em sephirot sucessivos até chegar no sétimo nível a *Malkut*.

Mostramos que em cada nível, isto é, em cada sephirat estão contidas *N* “árvores” bem como em cada uma podem se acoplar outras árvores. Transportando isto para a linguagem musical podemos dizer, cada uma das sete notas de uma oitava pode conter uma oitava do segundo nível e assim sucessivamente (sucessão de escalas dentro de cada nota).

Temos necessidade de mostrar que visando um bom entendimento do que pretendemos mostrar nesta palestra primeiro é necessário que se compreenda o que é um espírito. Primeiramente devemos ter em mente que espírito é algo criado, na realidade um *quanto* de energia que vibra em torno da 80ª oitava. Algo que vibre em tal nível constitui-se a base energética de um espírito.

Esta base energética, centelha energética, por ser vibratória é parte da criação, conseqüentemente algo com começo e conseqüentemente com fim. A fonte essencial dessa energia é Cósmica portanto sem começo e sem fim mas a individualização teve começo e terá fim. Tudo aquilo que tem começo por certo também terá fim, assim sendo temos que admitir que se o espírito é algo criado ele teve começo como tal e por certo terá fim.

Mais uma vez usemos uma analogia afim de que melhor possamos compreender mais um tanto da natureza de um espírito. Suponhamos algo unitário, por exemplo, um bloco de algo que em determinado momento se fragmenta em miríades de subunidades. Embora a origem e a natureza essencial de todas aquelas subunidades sejam a mesma cada uma delas passa a ter características próprias que a tornam individualidades. Como a unidade inicial tem muitas características nem todas elas se individualizam, muitas continuam comuns a todas as subunidades. Suponhamos que o bloco inicial tivesse uma cor azul, todos os fragmentos se individualizariam, por exemplo, quanto a tamanho e outras qualidades mas a cor azul permaneceria comum a todos os fragmentos.

Podemos dizer que os espíritos têm uma unidade básica, a energia da qual todos são constituídos é eterna mas tal energia ao vibrar em níveis diversos constituem-se individualizações. Agora temos que considerar que um espírito não é apenas de energia. No exemplo dado consideramos que aquele bloco era dotado de cor azul e que a fragmentação ocorreu a nível de massa e não de cor, portanto o caráter diferenciativo entre os fragmentos diz respeito a tamanho e não na cor.

Temos em síntese, a individualização básica dos espíritos se faz no que diz respeito ao índice de vibração da energia e não em algumas outras qualidades. Assim, se todos os espíritos vibrassem numa mesma frequência eles seriam uma mesma coisa, e se parassem de vibrar voltariam à essência inicial antes da individualização.

Um nível de vibração que ocupa uma extensa faixa de frequências em torno da 80^a oitava é própria dos espíritos, por isso algumas doutrinas denominam de *energia de espírito* aquela que vibra dentro desta faixa. A energia que estiver vibrando em tal nível tem condições de manifestar o suficiente de Consciência e de *Querer* Cósmico para se manifestar como um espírito.

Só pode ser considerado um espírito partícula de energia que esteja dotada de um quanto necessário de *consciência* e *querer*. Energia + Consciência + *Querer* = Espírito. Eis a TRÍADE ESPIRITUAL.^{xiii}



Agora é importante que se tenha em mente que tanto o *Querer* quanto a *Consciência* transcendem ao universo desde que são algo inerente à própria natureza do PODER SUPERIOR e *dentro da criação*.

Devemos ter ciência de que é exatamente aquela faixa em torno da 80^a oitava a que apresenta a mais eficiente condição para a manifestação da Consciência no mundo denso. Nessa faixa vibratória há a possibilidade das qualidades Cósmicas se apresentarem em valores que podem caracterizar um espírito. Estamos mais uma vez diante da lei da ressonância, aquela faixa vibratória é a que ressoa com mais intensidade à *Consciência* e ao *Querer*.

É mister a certeira de que energia é uma só que apresenta-se com destaques individualizadores em cada faixa e muitas vezes à cada frequência vibratória. Em outras palavras, a energia é única embora se apresente nas mais diversas formas determinadas pela vibração, portanto os destaques de energia são criações inerentes ao universo e não ao nível cósmico transcendente.

Por sua vez o *Querer* e a *Consciência* não são propriamente inerentes ao universo. Estas condições, como inúmeras outras são faces do próprio PODER SUPERIOR. *Energia de espírito* só se manifesta no universo enquanto *Querer* e *Consciência* manifestam-se até mesmo no próprio NADA.

Tudo no Cosmos tem *querer* e *consciência* embora os graus de manifestação destas condições não sejam o mesmo. A *Consciência* e o *Querer* absolutos não se manifestam como tais dentro do Universo. Aqui manifestam-se em nível relativo, mas mesmo assim em todas as situações estão presentes. **U**ma reação química qualquer que pode parecer não ser um ato de querer, mas em realidade sim, pois a lei química é fruto de um querer que criou a lei. Uma lei química, ou física em qualquer exceção é a expressão do querer de Quem a estabeleceu.

^{xiii} Vamos fazer uma revelação ainda praticamente não divulgada em publicações. Na realidade *Consciência* e *Querer* não são exclusividade do espírito. Nele é que essas qualidades afloram com exuberância, manifestam-se como característica individualizadora básica, mas elas, assim como as Qualidades Cósmicas também estão presentes em tudo quanto existe no Universo e fora dele. O que acontece é que na energia que vibra naquela faixa que é conhecida como faixa do espírito essas qualidades têm as condições de manifestarem-se de forma marcante e isto é que dá ao espírito as características que conhecemos. Na essência qualquer coisa é dotada de todos os atributos do PODER SUPERIOR. O PODER SUPERIOR está em tudo SUAS qualidades se manifestam com intensidade segundo o nível frequencial. Assim é que *Consciência* e *Querer*, que são atributos do PODER SUPERIOR, tem a sua plenitude de manifestação exatamente naquela faixa vibratória que constitui-se a dos espíritos. No Teclado Universal das vibrações diversas QUALIDADES INTRÍNSECAS DO PODER SUPERIOR estão sempre presentes em quaisquer frequências, porém numa faixa manifestam-se mais determinadas qualidades, noutra faixa outras qualidades e é exatamente isso o que faz com que dentro do Teclado existam as faixas de vibração. O que caracteriza uma faixa é a capacidade de melhor manifestar uma ou algumas das qualidades Cósmicas de forma mais eficientemente que outras.

Somos, como espírito, apenas unidades de energia com suficiente capacidade de manifestar Consciência e *Querer*.

É certo que no NADA não existe vibração portando não existem unidades destacadas como Espírito^{xiv}, enquanto isso a *Consciência* e o *Querer* podem se manifestar no próprio NADA.

= I I =

Gratificante é se entender que no NADA manifestam-se *Consciência* e *Querer* haja visto que o Universo foi criado a partir de um estado de *Consciência* e de um ato de *Querer* do PODER SUPERIOR. Quando da criação Ele agiu tendo *Consciência* plena de que poderia criar e pelo *Querer* de assim fazer, portanto essas duas condições não se manifestam apenas dentro da criação, como o fazem muitas outras condições, entre elas todas aquelas expressas nos PRINCÍPIOS DE HERMES.

Realmente *Consciência* e *Querer* são faces do **PODER SUPERIOR** caracterizando dentro da criação aquilo que é o espírito, mas devemos ter em mente que essas condições transcendem a própria criação. *Consciência* e *Querer* são condições Cósmicas que, dentro da criação, se manifestam com mais evidência nas vibrações que constituem a faixa dos espíritos.

Agora vejamos algo deveras importante. Poder-se-ia indagar do por que das pessoas terem diferentes graus de querer e de consciência. Isto é uma decorrência do próprio grau do espírito, já dissemos em outra palestra que os espíritos não ocupam uma única vibração mas sim uma faixa que compreende um grande número de vibrações (Tema 400). Essa faixa vai de um nível mais baixo de vibração espiritual até um mais elevado (vai do “espírito trevoso” e vem até o espírito puro). Quanto mais “trevoso” menor a vibração dentro da faixa e tanto mais baixa a vibração menor capacidade de refletir a consciência clara.

Um espírito se manifesta com maior ou menor clareza de *Consciência* segundo o seu grau de desenvolvimento. Ao nível da pureza a manifestação é plena pois em essência não existe mais que uma consciência e nem e nem mais que um só *Querer* em todo o Cosmos. Se essas condições se apresentam diferentemente em cada ser isso é tão somente uma decorrência do grau de envolvimento individual de cada espírito que impede a manifestação total.

Devemos nos lembrar que após a criação os espíritos foram envolvidos (= queda dos espíritos citado na Cabala) isto é, eles diminuíram em frequência dentro da faixa e assim perderam parcialmente a capacidade de expressar o *Querer* e a *Consciência* em alto nível. O *Querer* e a *Consciência* não diminuíram propriamente, o que diminuiu foi a capacidade de expressão dessas qualidades por parte dos espíritos.

Agora voltando à analogia que fizemos no início desta palestra. A cor azul do bloco inicial não diminuiu nos fragmentos mas apenas a capacidade de refleti-la por parte dos fragmentos é que se fez presente.

Devemos perceber que os fragmentos daquele hipotético bloco perderam em volume mas não em cor intrínseca; se esta se apresenta menos nítida é em apenas decorrência de um fragmento haver passado para vibração menos eficiente para a manifestação daquela cor, mas na medida em que o fragmento for se elevando em frequência, na medida em que ele for se reaproximando do frequencial do bloco primitivo a cor irá transparecendo em sua originalidade.

Indubitavelmente foi o “envolvimento” do espírito, com a queda do frequencial que ainda impede a manifestação plena da *Consciência* Pura, assim como do *Querer* Sábio.

Vemos que no Universo só existe uma *Consciência* embora ela se manifeste de forma aparentemente unitárias mas isso é apenas do maior ou menor grau de refleti-la por parte dos espíritos e não por qualquer alteração nela mesma. Os diferentes graus como a consciência se apresenta não quer

^{xiv} Espírito não existe no NADA a não ser apenas em estado potencial

dizer que sejam múltiplas formas de consciência mas apenas indica ser isso apenas destaques de conformidade com o menor ou maior grau de envolvimento espiritual.

Isto que temos escrito no leva a evidência de que a manifestação da *Consciência Pura* e absoluta depende do nível de vibração do espírito para se manifestar. O espírito energia é como que apenas uma onda portadora, mais um exemplo, a energia de espírito é como se fosse um piano e a consciência um pianista. A manifestação musical de um mesmo pianista se faz segundo a qualidade do piano. Na apresentação de um mesmo pianista o caráter diferenciativo é o pianista (consciência), e sim o piano (a energia de espírito).

Na verdade a fonte de energia que constitui os espíritos é uma só porém, no início a energia se ” fragmentou” em miríades de centelhas, por isto cada centelha está ligada à fonte mas de certa forma individualizada pela vibração. Cada espírito é caracterizado pela sua vibração. Conforme esse nível de vibração ele pode manifestar maior ou menor grau de consciência. O espírito vibra enquanto a consciência não vibra. Ela não vibra mas faz vibrar a energia que individualiza o espírito.

A vibração é a base de tudo que constitui a criação. Todos os elementos constitutivos do universo vibram, os elementos criados só existem pela vibração, mas nem tudo aquilo que se manifesta no universo, dentro da criação, faz parte dele . Muitas manifestações transcendem a criação, são aquelas condições que podemos chamar de faces de diretas do Poder Superior. Por exemplo: tempo, espaço, querer, vida, amor e uma gama imensa de qualidades se manifestam dentro da criação mas não fazem parte intrínseca dela. São faces do PODER SUPERIOR. Assim podemos dizer que existem muitas condições que fazem parte do PODER mas que não são inerente apenas a criação. Manifesta-se na criação mas transcende à ela. Muitas faces do Poder se manifesta a nível dos espíritos com maior intensidade se manifesta ao nível do espírito mas. Todas as faces do poder não são de natureza vibratória, apenas se manifestam naquilo que vibra. E o caso do espírito que é vibratório, que existe como criação, e nele se manifestam qualidades faces do poder. Essas faces do poder, orem, se manifestam com maior ou menor pureza conforme a vibração do espírito. A queda da vibração fez com que a manifestação das Faces o Poder seja menos intensas, seja bloqueadas, em outras palavras, envolvidas. Há um afastamento da essência pura, uma queda na escala vibratória, apenas.

= Δ =

Os espíritos podem ter maior ou de menor vibração, mas não a *Consciência* e nem as demais “faces” do PODER SUPERIOR que neles se manifestam pois são qualidade que transcendem ao nível da criação. Portanto não existem consciências destacadas e sim destaques (espírito) que manifestam *Consciência*.

Não foi a consciência que caiu após a criação e sim a frequência da partícula de energia que constitui a base do próprio espírito. Com a queda da frequência vibratória o espírito se afastou da capacidade de ter *Consciência Clara*, da *Consciência Cósmica*, do Querer Cósmico, que é parte integrante do PODER SUPERIOR.

Podemos dizer que as “Faces do PODER SUPERIOR” apresentam-se no mundo conforme o grau vibratório do espírito, ou seja, em menor ou em maior intensidade conforme o grau vibração espiritual. Quanto mais elevado vibra o espírito dentro da faixa que lhe corresponde no Teclado Universal (Tema 400) tanto mais claro e intensamente ele deixa transparecer as “Faces” da NATUREZA CÓSMICA.

A trajetória do espírito depois da queda ao mais baixo nível é ascender, é aumentar a vibração até voltar ao ponto de origem. Na árvore o espírito envolvido está em Malkut e tende a voltar a Kether.

Quando o espírito se purificar ele não tem mais porque permanecer no mundo material e neste caso estará no mais elevado nível dentro da faixa vibratória que lhe é peculiar. Estará no ponto vibratório de máxima capacidade de reflexão das QUALIDADES CÓSMICAS mas, enquanto continuar dentro da criação, ele tem que ser algo vibrante, desde que algo para existir dentro da criação

necessariamente tem que vibrar ou estar agregado à uma estrutura vibrátil. Assim, o espírito mesmo estando puro para permanecer no universo tem que conservar o seu suporte energético

Num hipotético momento em que a criação deixar de existir o espírito como energia também o suporte de manifestação da consciência será desfeito.

Como dissemos, a *Consciência* e o *Querer* manifestam-se por meio de um suporte energético vibratório que se destaca por ter uma frequência determinada. Na medida em que os espíritos vão atingindo o nível de vibração mais alto eles vão se fundindo, unificando-se entre si. Unificam-se pela vibração comum.

Se o universo deixar de existir, o mesmo acontecerá com o suporte vibratório pois haverão cessado todas as manifestações vibratórias que o constituem. Deixando de vibrar a energia volta à origem como tal, o destaque energético que constitui o espírito deixa de existir como tal. Nesse momento a *Consciência*, o *Querer*, e todos os “atributos” do PODER SUPERIOR presentes naquele suporte energético (estrutura energética do espírito) retornará à ORIGEM, isto é, a *Consciência* deixará de se manifestar individualmente, se REUNIFICARÁ ao PODER SUPERIOR.

Do que expusemos salienta-se que numa primeira fase os espíritos desenvolvem-se até atingir o mais elevado nível vibratório dentro da faixa que lhes é peculiar, mas mesmo assim eles ainda serão parte constitutiva do Universo. Estarão unificados em um suporte energético único mas não ainda com o PODER SUPERIOR. Portanto, tendo uma mesma vibração eles se constituirão uma só individualidade mas existindo ainda não unificada com o PODER SUPERIOR que transcende a Criação.

Numa segunda fase, cessará a vibração e então a energia voltará à origem. Sem a energia portadora a consciência, que sempre existiu e que sempre existirá como parte do próprio PODER SUPERIOR deixará de se apresentar fragmentariamente e o fará como UMA única forma de expressão que será diretamente a do próprio PODER SUPERIOR = UNIFICAÇÃO CÓSMICA

Uma indagação válida é se a UNIFICAÇÃO equivale ao aniquilamento do EU. Afirmamos que não, na unificação tudo volta a ser um mas se todos os eventos do universo ficam registrados no tempo (= Registros akásicos) e se este sempre está presente em todos os instantes consequentemente nele sempre haverá registro de todas as vivências da trajetória de um espírito. Assim, mesmo que a consciência deixe de se apresentar individualizada mesmo assim a consciência de si permanece eternamente em decorrência do registro no tempo. Após a UNIFICAÇÃO o espírito deixa de existir como unidade energética individualizada mas não como Eu pois o registro de memória confere-lhe a imortalidade.

A POLARIZAÇÃO DO UM

“NOSSA VIDA É A Criação
DA NOSSA MENTE “
BUDA



2000-3353
TEMA 1.279



Acreditamos que alguns discípulos já chegaram à conclusão de que todas as proposições apresentadas nessa série de temas têm que ser consideradas, pelo menos, sob dois ângulos, o dualístico e o unístico. Assim sendo, vamos agora considerar o “início” do mundo imanente.

Todas as doutrinas falam do início da existência das coisas, desde as mais primitivas às mais sofisticadas, e grande parte delas afirma que houve um início a partir de algo “*uno*”, ou um Ser, uma Consciência, um Poder, um Deus, etc. Vamos nessa palestra nos ater ao estudo de uma origem única, pois é um ângulo aceito até mesmo pelas doutrinas cartesianas, diferindo apenas em detalhes pouco significativos. A ciência atual tem como mais aceita a *Teoria do Big Bang*, mas existem outras como as da Creação Perene, a do Biocosmos, etc. Pelo menos numa coisa há consenso entre as mais sofisticadas teorias físicas sobre a criação e as doutrinas teológicas, que é a afirmação de que o universo (Mundo Imanente) teve origem a partir de um ponto infinitesimal, adimensional, de onde tudo foi surgindo.

Vamos nos reportar às doutrinas tradicionais que afirmam que no início houve um “*Fiat Lux*”, ou seja, o aparecimento de uma “*Luz*” da qual derivaram todas as coisas existentes. Aqui já temos que considerar o significado disso segundo a visão unista e a dualista. Pela visão dualista houve a formação de algo distinto - *o universo* - a partir de um algo desconhecido preexistente - Transcendência. Pela visão unista apenas o Criador viu a Si mesmo no aspecto dualístico. No dualismo Ele creou, enquanto que no monista Ele apenas “percebeu” como um potencial da criação, assim sendo esse mundo é apenas uma percepção, um estado mental, uma condição subjetiva da própria Mente Cósmica, e não algo com uma existência objetiva. Uma a criação seria uma obra concretamente consumada e na outra uma imagem mental de algo existente no “é”. Usando uma analogia simples: Uma seria o arquiteto que constrói e vivencia a sua obra, na outra a obra que existe nos mínimos detalhes na mente, mas que nada foi realmente construído. Outro exemplo: Num caso o artista que já pintou um quadro e noutro o quadro em todos os detalhes que está apenas presente na sua tela mental.

Como as pessoas tendem a compreender melhor aquilo que é mostrado em nível de dualismo então vamos desenvolver este tema segundo este modelo, pois esta visão facilita mais à compreensão das pessoas cuja mente funciona analogicamente.

Segundo as Doutrinas Tradicionais, houve o surgimento de uma Luz no início dos tempos (tempo cronológico, tempo linear, pois o tempo absoluto é eterno, portanto não tem início). Assim, no início deste universo manifestou-se uma Energia, uma Luz, à qual as doutrinas oriundas do pensamento védico chamam de *Brahmâ*; as Judaico-cristãs, de *Deus Pai*.

Analisemos a fig. 1 em que são consideradas duas condições que já foram estudadas em palestras anteriores^{xv}.

^{xv xv} Vide Temas: 1009-1035-1040-1041-1042-1043-1044-1045

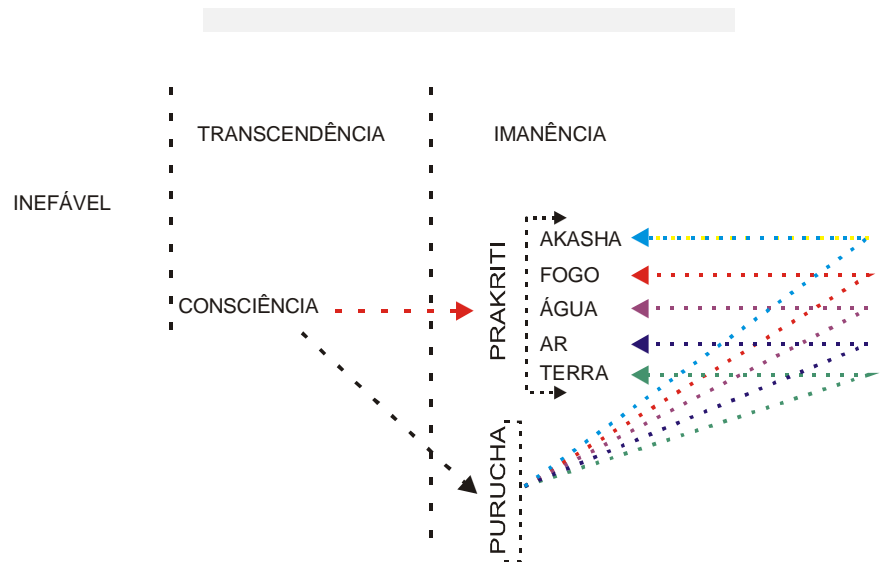


Figura 1

A Consciência Criadora gerou *Prakriti* que se manifestou como *Purucha*. Ao nível material *Prakriti*, algo vem de *Fohat* e que na imanência se apresenta como energia, a qual gerou todas as coisas físicas, e no campo psíquico gerou o “ego”.

A partir dessa origem surgiram mais dois prontos primordiais, que os orientais chamam respectivamente de *Vishnu* e *Shiva*, e que os Gnósticos Cristãos chamavam de *Khristos* e *Sophia*, ou *Demiurgo*; equivalente ao que os Católicos chamam de *Trindade* composta pelo *Pai*, pelo *Filho* e pelo *Espírito Santo*^{xvi}.

A Consciência Criadora gerou *Prakriti* e se manifestou como *Purucha*. Ao nível material *Prakriti*, algo vem de *Fohat* e que na imanência se apresenta como energia, a qual gerou todas as coisas físicas, e no campo psíquico gerou o “ego”. A partir dessa origem surgiram mais dois prontos primordiais, que os orientais chamam respectivamente de *Vishnu* e *Shiva*, e que os Gnósticos Cristãos chamavam de *Khristos* e *Sophia*, ou *Demiurgo*; equivalente ao que os Católicos chamam de *Trindade* composta pelo *Pai*, pelo *Filho* e pelo *Espírito Santo*^{xvii}.

O que transparece nos ensinamentos das doutrinas que mencionam a *Trindade*, é que a *Primeira Luz* se desdobrou, gerando uma segunda e esta uma terceira, portanto um processo em duas etapas, sendo a primeira delas *Khristos*, (*Vishnu*) e a segunda a *Sophia* (*demiurgo*^{xviii}, *Shiva*). Neste sentido o que o V.:O.:H.: (Hermetismo) ensina é que a manifestação da Imanência evocou todos os Princípios Herméticos instantaneamente. O que ocorreu na criação não foi um desdobramento do UM (*Pai*) gerar o DOIS (*Khristos*) e este gerar o TRÊS (*Sophia*), mas sim o UM e sua dupla polaridade.

Tudo o que vibra está contido na criação (Mundo Imanente) e tudo o que vibra tem polaridade, sendo assim a *Primeira Luz* se polarizou manifestando Seus dois aspectos distintos. A cabala denomina o processo de polarização por *separação*, e aos pólos respectivamente os nomes *Fogo* e *Água*, que não significam duas coisas distintas, mas apenas a dupla natureza do UM.

A Primeira Manifestação, por se processar como Imanência, já estava sujeita ao Princípio da Polaridade o que permitiu a manifestação de seus dois aspectos distintos, como polaridades, portanto não se tratam de duas outras Luzes. A *Trindade* seria a triplicidade (*Trindade*) do UM (*Pai*) a cujas polaridades dão os qualificativos uma de positiva e a outra a de negativa. Em outras palavras, na linguagem gnóstica, *Khristos* é a polaridade positiva do *Pai* e *Sophia* a negativa; o mesmo que na Trimûrti (*Trindade* Hindu) é composta por *Brahmâ* polarizado como *Vishnu* e *Shiva*.

Pela visão hermética o nome *Trindade* é impróprio por não se tratarem de Luzes distintas, e sim de Uma que, vista em polarização, assume dois aspectos relativos.

Em um nível mais elevado o Hermetismo não afirma que a rigor existe uma polaridade má e outra boa; uma negativa e outra positiva, pois estes são conceitos totalmente relativos. Aquilo que para um ser, ou numa

^{xvi} Já descrevemos as Trindades em detalhes nos temas: 530-531-533-534-925

^{xvii} Já descrevemos as Trindades em detalhes nos temas: 530-531-533-534-925

^{xviii} Segundo uma corrente gnóstica o *demiurgo* fazia compõe a *Trindade*, mas segundo outra a *Trindade* é composta por *Sophia*, estando o *Demiurgo* na transcendência, no lugar do criador do universo, o que precede a criação do mundo.

determinada condição, ou momento é considerado ruim, num momento seguinte pode ser considerado bom; o que num momento é positivo, no seguinte pode ser negativo; o que é positivo para um ser pode não ser para outro. Podemos usar como analogia em eletricidade a corrente alternada, em que a energia que se apresenta num momento positiva e passa a ser negativa no seguinte e vice-versa.

Isso muda todo o conceito de *mal* e de *bem*, conforme escrevemos no tema o *Enigma do Mal e do Bem* (Tema 105). São condições totalmente relativas por se tratar não de condições separadas, mas apenas polarizações. Não se pode taxar uma das polaridades da Primeira Luz como má e outra como boa, tudo depende das circunstâncias.

As duas qualificações Satanás e Deus são apenas polarizações do UM manifesto. Como o Um está presente em tudo, conseqüentemente as duas polaridades igualmente estão presentes em tudo, em todos os seres, em todas as pessoas. Isso o Taoísmo expressa no seu símbolo – o *Tei Gi* – que mostra um círculo com duas metades, uma escura com um ponto claro, e uma clara com ponto escuro. Na luz há a treva e na treva há a Luz.

Noutra palestra já dissemos que pela Trindade Indiana (*Trimûrti*) só existe sentido para UM. Ela fala do poder creador *Brahmâ*, o Poder conservador *Vishnu* e o poder destruidor *Shiva*. Também mostramos que coisa alguma pode ser criada sem que outra seja destruída, mesmo que se admita uma hipotética criação a partir de um nada, aquele nada tem que ser destruído para dar lugar àquilo que for criado. O mesmo se pode dizer da conservação, anulando-se o fator tempo, não há conservação, e só pode ser conservado aquilo que foi criado, que existe. Se a existência implica em destruição, logo só existe *Shiva*^{xix}.

Isto tudo é coerente com o Hermetismo, somente existe um poder em manifestação, porém sujeito ao Princípio da Polaridade, e logicamente a todos os demais. Na criação Deus se limitou, e esta limitação consiste na adequação aos Princípios Herméticos. Se tudo é Deus, e se todas as coisas que compõem o mundo imanente são aspectos de Deus, e se todas elas estão sujeitas aos Princípios Herméticos, logo Deus quando manifestado é limitado pelos princípios herméticos. Esses princípios não são algo exterior, não um poder controlador sobre Deus, mas um poder do próprio Deus que se faz sentir quando ele se manifesta. Ele para se manifestar estabelece condições limitativas a Si mesmo, que são os Princípios Herméticos.

A visão unista difere da dualista apenas no que diz respeito à objetividade. No dualismo Deus se manifesta objetivamente como polaridades, enquanto que no unismo não há a objetividade, há somente o potencial. É como se Deus dissesse, se Eu me manifestasse objetivamente seria assim, então se visualiza como tal e a nossa mente, que é a própria Mente Cósmica em forma limitada, produz as imagens que compõem o mundo como se ele fosse algo independente e objetivo.

^{xix} Essa *trimûrti* é relativamente recente, na teogonia das religiões indianas, pois nos Vedas primitivos não se mencionava *Brahmâ*, nem *Vishnu* e nem *Shiva*, a Trindade Védica era composta por *Vâyû*, *Agni* e *Sûrya*, correspondendo respectivamente ao “fogo aéreo”, o “fogo terrestre” e o “fogo celeste”, visto que *Vâyû* é o Deus do ar; *Agni*, o deus do fogo, e *Sûrya* é o Sol.

A POLARIDADE ANTE O INFINITO

“O GRADE SEHOR DO AMOR EM BREVE APARECERÁ,
MAS MUITAS COISAS DEVEM SER FEITAS ANTES QUE
ELE POSSA COMEÇAR.... DESPERTAI FILHOS DA LUZ”.

1996



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.571



Nas palestras mais recentes vimos que o mundo comporta-se como uma sucessão de espelhos que refletem uma incontável quantidade de coisas e situações. Vimos que do UM emanaram todos os demais números; em outras palavras, de Deus Creador – Ayin Sof Eor – emanou tudo quanto há no universo criado. Vimos que as emanações constituem as coisas existentes e que estas estão umas mais e outras menos afastadas da origem. Simbolicamente as coisas são espelhos nos quais se podem “ver” as “qualidades” do **Poder Superior**”.

Agora vejamos o que aconteceria se fosse possível dois pólos se aproximarem a um nível zero? - Claro que, em tal situação, coisa alguma restaria daquilo que antes fora algo representado pelo bipolo, pois uma das condições anularia à outra e sendo assim a coisa deixaria de existir. Na realidade coisa alguma correspondente àquele bipolo restaria para ser objetivamente conscientizado pelo observador. Por certo coisa alguma daquele bipolo continuaria a ter existência para ele. A coisa representada pelo bipolo que se anulou “sumiria” do mundo, voltaria à condição de NADA – Ao menos a do Imanifestável. Agora consideremos uma situação mais ampla. Suponhamos que isto ocorresse com todas as coisas do universo? - Naturalmente coisa alguma restaria, portanto o próprio Universo deixaria de existir. Então onde estaria o observador consciente se não mais existisse o Universo? Onde estaria ele, desde que não mais existisse o mar de espelhos no qual se reflete a existência objetiva? Só restaria uma possibilidade, no Infinito, no Nada^{xx}.

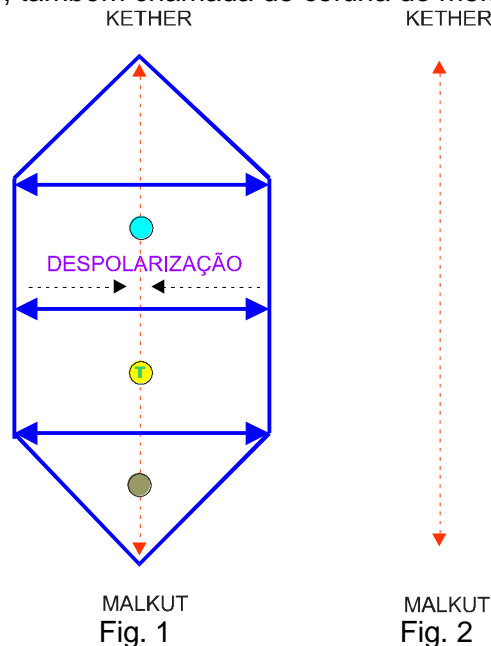
Eis uma observação maravilhosa, por este simples exemplo podemos perceber que a unificação das polaridades tira a pessoa (pessoa apenas como observador consciente) do mundo e a leva ao nível do **Poder Superior**. Naquele hipotético ponto, evidentemente estaria o **Poder Superior**, o infinito exatamente aonde todas as polaridades extinguem-se mutuamente, e assim nem mesmo espaço, nem mesmo tempo cronológico, nem mesmo vibração, nem mesmo quaisquer dos Princípios Herméticos estriam presentes. Nesta palestra veremos coisas bem interessantes a respeito desse infinito.

A caminhada do desenvolvimento espiritual se faz desse modo, aproximando-se as polaridades, anulando-as polaridades. Pela “Árvore da Vida” vemos que existem dois tipos de polaridade, uma é aquela estabelecida entre a coluna da direita e a da esquerda e a outra é aquela entre *Kether* e *Malkut*. Quando todas as polaridades laterais anulam-se, diz-se que a pessoa atingiu o caminho do meio, o equilíbrio. Mas podemos ver que esse equilíbrio ainda não é o verdadeiro, desde que ainda permanece a polaridade *Kether / Malkut*. (Vide Fig.2) Somente com a extinção desta polaridade é que se chega ao Equilíbrio Verdadeiro e aí é o **Poder Superior**.

Cada etapa vencida, cada purificação, significa a atenuação de uma polaridade, ou seja, a aproximação das duas colunas laterais da “árvore” para o linha do meio. Quando o espírito purifica-se

^{xx} Por NADA não queremos dizer da inexistência absoluta, mas da existência de qualquer forma de detecção física ou psíquica.

todas as polaridades estão extremamente unidas a um ponto tal que pode ser considerada uma linha, exatamente a linha do equilíbrio, também chamada de coluna do meio.



Temos que entender que, por mais que os pólos aproximem-se jamais eles se anularão a nível zero, a não ser no infinito (Paradoxo de Zenão). Mas, mesmo que não ocorra uma anulação total em nível de mundo imanente, contudo há um limite imensamente pequeno que não pode ser levado em conta a não ser em nível de um potencial.

A anulação da polaridade, da aproximação das colunas laterais, corresponde à anulação do mundo, isto é a eliminação dos espelhos, ou seja, a iluminação.

Tudo que consideram errado surgiu com a multiplicidade, ou seja, com as polarizações e assim sendo a anulação das polaridades equívale à purificação.

Mas, por mais “fina” que seja a linha central ela, mesmo assim, ainda existe, mesmo que seja em potencial. Essa aproximação das polaridade não implica na aproximação total pois ainda resta a segunda polaridade *Malkut* - *Kether*. Esta fase corresponde à cientificação. A anulação da polaridade longitudinal corresponde à onisciência, então tudo estará resumido a um ponto. Mas, podemos perceber que, por mais haja a aproximação entre *Malkut* e *Kether*, mesmo assim não há anulação absoluta. Acontece o mesmo que da anulação das polaridades laterais. Quando tal ocorrer restará um ponto incomensuravelmente pequeno, mas mesmo assim nele ainda estarão contidos todos os conhecimentos e todas as qualidades. Este é aquele ponto totipotente do início da criação.

Segundo a maneira de ver da D.R.D. (*Doutrina do Reflexo Divino* também chamada de *Doutrina dos Espelhos*) corresponde a uma situação em que os espelhos não haverão desaparecido, porém eles estarão tão unidos que praticamente não se reflete imagem alguma, mas, assim mesmo, eles continuam presentes. Desta maneira se viesse a ocorrer um novo afastamento tudo voltaria a ser como antes. Isto acontece com todo o Universo naquela situação que as Doutrinas Védicas chamam de “Respiração de Brahmã”

Pelo que mostramos é fácil notar que no universo inexistem tanto a pureza absoluta quanto a onisciência absoluta. Estas condições não têm como existir dentro do universo; somente elas podem ser absolutas fora do universo, portanto ao nível do **Poder Superior**, mas o paradoxal é que, como veremos depois, a rigor também não existe o “fora do universo”.

Agora pensemos no seguinte: Por mais aproximado que estejam as polaridades, por mais “fina” que seja a linha entre *Malkut* e *Kether*, elas jamais se anulam, mas há um limite além do qual pode ser considerado nulo, mas só em função de um determinado observador. Isto depende do

“tamanho” do observador, desde que assim como as polaridades podem se estreitar, a distância e o espaço diminuir de uma forma ilimitada, assim também o “observador consciência ” o pode também, de forma a sempre poder situar-se entre os espelhos por mais próximos que eles estejam.

Quando dois espelhos aproximam-se além de certo limite, não se pode mais observar nada neles, mas isto somente acontece porque o observador não consegue situar-se entre eles, mas, acontece que, assim como os espelhos podem se aproximar “ad infinitum”, assim também pode acontecer com relação ao observador; isto é, a consciência pode ir se amoldando à distância entre as polaridades de forma a sempre poder estar presente entre elas. As duas colunas aproximam-se progressivamente “ad infinitum”, mas o mesmo pode também acontecer com o “observador consciência”. Nos espelhos, na realidade as imagens só desaparecem em função de um determinado observador não poder situar-se entre eles, por não “caber” lá; mas sempre que um observador puder situar-se entre dois espelhos os reflexos continuarão presentes tal como acontece neste plano em que vivemos.

Pelo que dissemos, e segundo o Paradoxo de Zenon, desde que a diminuição da distância entre os espelhos e a do observador ocorram segundo um mesmo índice, por certo jamais chegam a um ponto de total anulação.

O mesmo raciocínio pode ser desenvolvido com relação à polaridade *Malkut - Kether*. Os pólos, mesmo que se aproximem ainda resta alguma distância a ser dividida “ad infinitum”.

O que expusemos nos conduz a uma seriíssima condição. Se os pólos que são a criação não se anulam consequentemente aquilo que chamamos de criação não tem como se extinguir e sendo assim como voltar ao Poder Superior?^{xxi}...

++++++

^{xxi} Esta questão somente pode ser compreendida com os ensinios da Terceira Câmara.

ASPECTOS DA MULTIPLICIDADE

O TEMPO É A IMAGEM MÓVEL DA ETERNIDADE IMÓVEL.

(Platão)



2005 - 3358

TEMA 1.505



Deus para ver a Si creou o mundo, diz a Cabala. Fora da Inefabilidade, seja qual for a forma como surgiu, a primeira manifestação da existência inexovavelmente foi UM. Seja uma Consciência, uma mente, um Deus, um Absoluto... Sempre há a primeira manifestação, ou seja, o Um.

Como disse o matemático pitagórico Nicômano de Gerasasua na obra Introdução à Aritmética: *“Tudo aquilo que a natureza dispôs sistematicamente no Universo parece, tanto em suas partes como no conjunto, ter sido determinado e harmonizado pelo número, pela previsão e pelo pensamento Daquela que criou todas as coisas”*.

Há duas forças opostas em ação no universo, uma que separa (*solve*) e outra que aproxima (*coagula*). Tudo proveio do *Um* movido pela força representativa do “*solve*” e em outro aspecto representativa do “*coagula*”, do *une*. Concomitantemente há também uma Lei que rege o dinamismo dos números: procedendo do um cada número “atrai” a unidade. Assim, cada número atraindo a unidade superior a acrescenta outra qualidade à si o que faz surgir então um novo número manifestando então qualidades distintas. Já estudamos antes: Quando ao *três* é acrescentada uma unidade gera-se o *quatro* e aquilo que apenas existia (1-2-3) no campo subjetivo passa a existir no plano objetivo.

O mundo material tem início no “quatro” e, por sua vez, o “quatro” – símbolo do mundo material – aparentemente parece atrair o “um” para formar o “cinco”. E como se a unidades agisse como uma força impulsionadora para dar surgimento ao biológico, àquelas qualidades que a ciência considera vida biológica. Por isso, onde quer que exista o “quatro” sempre será possível a ação da força da unidade direcionado-a ao “cinco”. Isto quer dizer que no Universo, onde quer que exista matéria inerte^{xxii} (= quatro), sempre haverá uma tendência à geração da vida biológica = transformação no “cinco”.

Do que acaba de ser exposto resulta o que na linguagem Hermética significa “Alquimia”. Como se sabe aquilo que existe como “quatro” não se apresenta com qualidades orgânicas, apenas com qualidades materiais, mas quando a ele é adicionada uma unidade surgem as características da vida orgânica. Acontece como se a unidade acrescentada desse vida ao “quatro”, ou seja, trouxesse a vida biológica para o mundo “inanimado”, conferisse o poder de manifestar vida orgânica. Assim é que ocorre, sem dúvidas, o mais fundamental dos processos alquímicos, aquele que consiste na vivificação do mundo material.

A transformação pela adição da unidade não se processa apenas na transmutação do mundo material no mundo animal. Também acontece em muitos outros níveis, entre eles o mundo da química, em que a mesma regra, a adição de um elétron condiciona a manifestação de outro elemento. Quando um elemento químico incorpora uma unidade ele se transmuta em outro.

^{xxii} Na verdade não existe nada inerte do Universo, não havendo, portanto, matéria inerte. Ao se citar “matéria inerte” o que se quer expressar é “matéria orgânica”, aquela que a ciência chama de “matéria viva”.

Evidentemente existem leis, regras para que o “quatro” atraia o “um” e se torne “cinco” no sentido de vida biológica. Por exemplo, é preciso condições físicas especiais, tais como temperatura, campo magnético, pressão, e vários outros fatores, para o surgimento do mundo biológico. Em outras condições, sob outros parâmetros, o caminho pode não ser o da manifestação de vida biológica e sim algo o de outra natureza. Mas, a regra persiste, a incorporação do “um” converte a natureza das coisas. De uma forma ou de outra sempre acontece assim a adição ou subtração da unidade transforma a natureza daquilo que é característico de um número.

Quando os parâmetros forem adequados as transformações oriundas da soma ou subtração do “um” ocorrem em outro nível. Como exemplo vamos considerar o número atômico dos elementos químicos. Sabemos que o número atômico define, por si só, as qualidades do elemento. Exemplo: 26 elétrons gravitando em torno de 26 prótons define o ferro, dando-lhe as características que lhes são próprias. Com efeito, os elementos se sucedem segundo a mesma progressão da geração dos números inteiros. Zero = neutro; um = hidrogênio; dois = helio; três = lítio; quatro = 4 berilo. Vemos que o acréscimo do “um” (no caso o acréscimo sucessivo de *um* elétron transforma uma substância em outra, muda-lhe a natureza física.

A alquimia tradicional se resume na simples transferência de 3 unidades do *chumbo* (Pb 82 o que o transmuta em *ouro* (Au79). A física faz isto, mas por um processo quente, e muito dispendioso em termos de energia, mas os alquimistas conhecem meios bem mais simples para chegar ao mesmo resultado.

																H																	He
Li	Be															B	C	N	O	F	Ne												
Na	Mg															Al	Si	P	S	Cl	Ar												
K	Ca	Sc	Ti	V	Cr	Mn	Fe	Co	Ni	Cu	Zn	Ga	Ge	As	Se	Br	Kr																
Rb	Sr	Y	Zr	Nb	Mo	Tc	Ru	Rh	Pd	Ag	Cd	In	Sn	Sb	Te	I	Xe																
Cs	Ba	La	Hf	Ta	W	Re	Os	Ir	Pt	Au	Hg	Tl	Pb	Bi	Po	At	Rn																
Fr	Ra	Ac	104	105	106	107	108	109	110																								
																		Ce	Pr	Nd	Pm	Sm	Eu	Gd	Tb	Dy	Ho	Er	Tm	Yb	Lu		
																		Th	Pa	U	Np	Pu	Am	Cm	Bk	Cf	Es	Fm	Md	No	Lw		

O princípio da periodicidade dos elementos estabelecida por Mendeleiev possibilita muitos outros aparentes “milagres”. Mendeleiev já tinha imaginado até mesmo um elemento anterior ao hidrogênio. A massa atômica tem por unidade a do hidrogênio (unidade química).

Agora vale salientar que na passagem do “quatro” para o “cinco”, do material para o biológico, realmente não ocorre um acréscimo de algo exterior, mas da uma eclosão a partir do próprio *quatro*. Nesse sentido a ciência hermética difere muito nas afirmações da ciência oficial. Segundo o Hermetismo não é a unidade quem leva as qualidades novas para o quatro transformando-o no cinco. A unidade apenas dá um impulso que faz com que qualidades latentes sejam ativadas. No *quatro* já está contido o *cinco*, o processo alquímico neste caso resulta do *solve* e não do *coagula*. A multiplicidade já está contida na Unicidade e isto permite a afirmar que na verdade só existe o número “um”, todos os demais que perfazem a multiplicidade são “frações” – desdobramentos do *Um*. A dinâmica da existência resulta do “*solve*” = divisão do *Um* seguida da junção das partes “*coagula*” no retorno à unicidade.

Mesmo quando se acredita que algo resulta da junção de elementos distintos, na verdade, eles não têm naturezas distinta da natureza do “Um”, apenas ocorrem manifestações do que já existe em latência. Assim vemos que afinal de contas a multiplicidade é mais uma das ilusões da mente, pois que partes aparentemente distintas nada mais são do que resultantes da divisão do *Um*. Dois é 1 + 1; Três é 1+1+1, e assim por diante. Mas isto somente em termos de matemática, pois em metafísica *dois* é *um* dividido^{xxiii} uma vez; *três* é um dividido três vezes e assim sucessivamente.

^{xxiii} Na verdade não ocorre divisão alguma, mas sim uma manifestação, uma eclosão.

Tendo a natureza do *Um* a própria natureza de Deus, então quando àquilo que é material (quatro) é acrescida a natureza de Deus então a matéria se torna viva. Por isso algumas religiões dizem que Deus dá a vida, que Deus vivifica a natureza. Pode-se dizer que a multiplicidade é *Prakriti*, e a Unicidade é *Purucha*. Quando *Purucha* é acrescentado à *Prakriti* aquilo que era matéria assume a condição de espírito, mesmo que *Prakriti* em essência não seja mais que uma manifestação da Consciência que é o próprio *Um* (Deus). Fala-se da criação dos espíritos, aquilo que o Hermetismo menciona como a Magna Alquimia da Vivificação. Segundo o Hermetismo o processo da criação ocorreu resultado da vivificação de *Prakriti* pela associação com *Purucha*. *Purucha* – mente consciência – o lado não imaterial, portanto representando um, dois e três (Trindade) que ao ser acrescentado a *Prakriti* lado material – elementos - gera-se a vida.

Agora já temos condição de entender o que é a unidade transmuta dora? – Entendendo-se que Deus é *Um* expresso no Mundo Imanente como uma Trindade (um, dois e três) e como elementos ao se manifestar como quatro. Da união do três com o quatro (casamento alquímico) gera-se o cinco – a vida biológica. Disto se pode considerar que a transmutação é um processo de manifestação Divina, que a vida dos seres é o resultado de uma transmutação. Também se pode perceber que na criação não ocorre acréscimo de uma condição Divina, mas sim de uma manifestação, desde que ela já está presente em qualquer número, em qualquer condição.

Aquilo que chamam de evolução tem duplo sentido. Um é o sentido estrutural, material, biológico em que a evolução é medida pela multiplicidade – solve – e combinações de partes. O outro é o sentido metafísico/espiritual em que a evolução é medida pela unificação, pela volta à unidade – coagula.

Note-se que na criação básica – multiplicidade – não há acréscimo e sim divisão. Os elementos não se juntam para formar o mundo, eles se dividem, não se multiplicam e nem se somam. A partir do mundo as multiplicidade se somam, se unem, para voltar à condição Divina. Podemos ver isso até mesmo pelos números, em que o infinito pode ser considerado como desdobramento da unidade mostrando que o um já contém todos os números, em outras palavras, em Deus – Um – já está contido tudo quanto há (multiplicidade), embora nem sempre objetivamente manifestado. Em suma, a multiplicidade resulta da limitação da percepção dos seres. Quando mais se aprimora a percepção, quanto mais ela se amplia mais as coisas se mostram unidas, até chegar ao limite em que a percepção mostra que todas as partes deixam de existir como tais, que todas elas são inerentes à própria unidade.



O DIVINO TRÊS

DEUS É COMO O VENTO QUE PASSA;
SENTÍMO-LO EM TODA PARTE E NÃO
O VEMOS EM LUGAR ALGUM".

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO. FRC.
1975 - 3328

TEMA 0.078



Quando observamos um fenômeno qualquer e dele nos damos conta, inegavelmente ele já está na fase *dois*, conseqüentemente terá polaridade evidente, do contrário poderia existir apenas sob uma forma indetectável.

Tudo começa por um ponto, fase *um*, inconscientizável; daí vai se expandindo e criando polaridade, podendo essa expansão ser maior ou menor, conforme a natureza do fenômeno e sua amplitude.

Vamos supor a *cor*. De início apareceria algo vibrando em um ponto dentro da faixa correspondente às cores. Daquele ponto a frequência iria se expandindo até atingir num dos extremos a frequência de 280.000.000.000.000 c/s aproximadamente, que é a frequência, mas baixa da luz visível e corresponde à cor vermelha; e, no outro sentido até aproximadamente 1.1000.000.000.000.000 c/s a frequência mais alta da faixa de luz visível e correspondente à cor violeta.

Quando necessitamos examinar um fenômeno devemos delimitá-lo de alguma forma. Para um fenômeno que pode se expandir em todos os sentidos a melhor figura para delimitá-lo é uma esfera ou, em sua projeção plana, um círculo. Então tracemos um círculo e delimitemos uma área na qual situamos o evento em estudo. Na figura 1 estamos delimitando a faixa das cores, delimitando a faixa das cores.

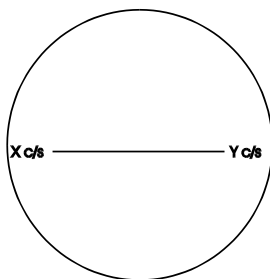


fig. 1

Na fig. 1 representamos o "universo das cores" que nada mais é do que do que a vibração de **MA** dentro da faixa compreendida entre 280.000.000.000.000 c/s e 1.100.000.000.000.000 c/s, portanto a circunferência que delimita o fenômeno deve passar pelas extremidades dos dois pólos opostos da linha representativa das oscilações das cores. Neste caso é fácil delimitar o tamanho do círculo, calcular o tamanho do campo do universo das cores, porém há casos bem mais difíceis por se desconhecer onde algo começa e termina. O tamanho do círculo corresponde ao tamanho do campo do próprio fenômeno. Se este abranger poucas faixas vibratórias, será pequeno; se muitas, ele será amplo. Isto equivale a dizer que quando uma coisa qualquer já se desenvolveu completamente o seu campo terminou ali o

universo de tal evento. Por exemplo: o limite para o universo material é, de um lado, a frequência mais baixa que pode ser reconhecida como matéria, e do outro, a frequência mais alta.

Já referimos que é necessário para a existência de algo conscientizável, além das duas polaridades representadas pelos números “um” e “dois”, uma terceira condição, uma forma de consciência para assinalar a sua existência, podendo ser reapresentada numericamente pelo três.

Se situarmos a linha representativa com as extremidades localizadas nos limites desse círculo, teremos um círculo cujo diâmetro equivale aos limites daquilo que é examinado.

Quando um fenômeno é evidenciado, necessariamente houve uma terceira condição, houve algo que se deu conta disto, do contrário não se saberia da sua existência. Na representação gráfica apresentada o intelecto que detecta o evento deve ser também expresso na figura e assim formaremos um triângulo inscrito no círculo. Este terceiro ponto pode ser localizado em qualquer lugar do círculo desde que a mente pode se situar nos mais diversos lugares, exceto na linha representativa do fenômeno porque ela nunca está dentro do evento por sempre ser de natureza diferente. A partir daquele terceiro ponto é possível se construir um triângulo inscrito no campo em que o fenômeno se desenvolve. Se a consciência estiver fora do campo não detecta o fenômeno e este não é o caso em estudo. Vide Fig. 2

Após estas considerações pensemos no seguinte: Se todas as coisas que se manifestam segundo a lei da polaridade existem, se não houver alguma expressão da consciência para registrá-las? Aquelas coisas podem ser consideradas como manifestações completas? Em outras palavras, mesmo existindo algo, mas sem que haja alguém para tomar ciência disto é o mesmo que a fase um. Até mesmo o bi pólo um e dois só se torna manifesto quando há alguma expressão da consciência para registrá-lo. Existiria beleza, mesmo existindo os dois extremos bonito e feio, se não existisse concomitantemente alguém para ter idéia disso? Existiria idéia de grandeza, embora existindo o grande e o pequeno, se não houvesse alguém para se dar conta disto? O quente e o frio, se não houvesse alguma forma consciente para tomar ciência disto? Um tiro existiria como tal sem um ouvido para detectá-lo? Haveria sim a explosão, mas estamos indagando é se existiria o efeito sonoro. Todas essas indagações têm respostas negativas, obviamente. Assim temos duas situações a serem consideradas:

1 - Mesmo havendo consciência algo só se manifesta pela lei da polaridade (pelo um e pelo dois) pois é a única maneira da mente perceber. Não se manifesta quando somente um dos pólos existe (o que equivale a não existir)

2 - Havendo os pólos, um e dois, mas não havendo a ação da mente – o três – para intelectualizar o evento ele passa como se inexistisse.

Disto advém uma grande verdade: O TRÊS É O NÚMERO SIMBÓLICO DAS MANIFESTAÇÕES PERFEITAS.

Algo só é plenamente manifesto quando se apresenta como um, dois e três. Os dois pólos simbolizados pelo um e pelo dois e a conscientização do evento pelo três.

O simbolismo do três é tão alto, tão transcendente, que aquele que senti-lo em toda sua plenitude, aquele que penetrar em seu mistério, será um iluminado, um liberto e terá respondido a multimilenar indagação: Quem somos, para que estamos aqui, por que viemos, por que sofremos, e para onde vamos.

Vamos supor um planeta hipotético em que agora acontecesse um cataclismo fenomenal que o destruísse totalmente. Se estivesse acontecendo isso neste exato momento, por acaso aquele planeta e aquilo tudo existiria como realidade para nós se não houvesse concomitantemente alguma forma de consciência para se inteirar do evento? Certamente não, pois tudo o que existe somente é real segundo a sua aparência, segundo uma forma de aceitação pela mente mediante algum tipo de percepção. Se esta não estiver presente o fenômeno não existirá como realidade.

Até aqui comentamos sobre a manifestação trina no campo da existência e na conscientização a respeito das coisas. Vamos nos aprofundar um pouco mais analisando um fenômeno isolado, mesmo que possamos analisar todas as coisas de uma só vez, de uma forma global.

Ora, o somatório de todas as coisas que existem constituem o universo. Então, vamos considerá-lo com todas as suas transformações e ocorrências. Já sabemos que tudo no universo é resultante da ação de RA sobre MA ocasionando as vibrações cósmicas constitutivas da existência, detectáveis pelo bipólo universal expresso numericamente pelo um e pelo dois. Mas o um e o dois só se tornam uma manifestação perfeita quando está presente o três, normalmente considerado como a consciência que identifica o evento, ou o “olho” que o detecta. Sem consciência as fases um e dois existem como atualidade, mas não como realidade. Em outras palavras: Existem, mas não se manifestam.

O Universo seria uma *realidade* se não houvesse uma parcela da consciência em todas as coisas para evidenciá-lo? Se não houvesse a mente também não haveria manifestação perfeita e tudo se passaria como se nada existisse. Suponhamos que haja um outro universo idêntico a este algures no cosmos e que dele não tenhamos ciência. Ele existe para nós? - Poderá existir apenas para as expressões de consciência que nele se situem, mas não para as demais que o ignoram. Mas, se não houver alguma forma consciente nele? - Se assim for ele não existe para a pessoa e não existe para ninguém, portanto é como se fosse inexistente de uma forma absoluta.

Nos seres vivos e, talvez, também nos inanimados sempre existe uma parcela de consciência que é parte da Consciência Cósmica. Ou melhor, todas as frações de consciência juntas são parte da Consciência Cósmica; assim com todas as coisas do universo juntas perfazem o próprio universo. Por essa razão tudo aquilo que tiver alguma parcela de consciência tem conseqüentemente algo de divino, pois é através da consciência de todas as coisas que se manifesta a Consciência Cósmica. Como dizia o Mestre Jesus: “VÓS SOIS DEUS”. Neste sentido, como parcela da Consciência Cósmica, o homem é uma criatura divina e perfeita. Toda imperfeição reside na personalidade humana a partir da mente envolvida, no EGO e nunca no EU Cósmico e eterno expresso como Consciência.

Mas como justificar as imperfeições dos seres humanos? Ocorre que a consciência manifesta no indivíduo torna-se dominante no plano material da vida, onde as injunções da matéria, do corpo, determinam as atitudes errôneas permissíveis pelo livre arbítrio. O ser em sua missão no mundo da matéria densa tem que tomar decisões objetivas por isto ele é dotado de duas formas de expressão da consciência. Uma é a consciência clara, pura, perfeita que aflora como intuição e outra é a exteriorização através da razão, sujeito às emoções. Uma flui pela coluna de *Hochma* da árvore da Vida, pela coluna da misericórdia, perfeita e intuitiva. A outra se manifesta pela coluna da esquerda, pela coluna de *Binah*, pela coluna do rigor, do intelecto cerebral. Como o ser tem que se desenvolver num mundo material denso e grosseiro naturalmente nele há o predomínio do lado mais grosseiro da “Árvore da Vida”.

Se o homem não houvesse esquecido de sua missão cósmica, certamente nele existiria equilíbrio entre as duas formas de manifestação da consciência. Esse equilíbrio deixou de existir pela “queda”. A Queda do homem implicou num mascaramento da mais importante parcela da sua consciência. A partir disso ele passou a se deixar guiar fundamentalmente por uma parcela incompleta, falha, e cheia de paixões predominante na coluna do rigor da árvore da vida.

Se não existisse o universo, expressão das fases um e dois, certamente a consciência não seria a fase três e sim a fase um e como tal ela não se manifestaria. Em essência e em consciência anímica somos uma dessas unidades. É através de nós que a Consciência Cósmica se torna plenamente manifesta. Os seres são tentáculos da Consciência Cósmica. Isto é exatamente o que somos em essência.

Vemos da Consciência Cósmica e para ela por certo voltaremos, pois tudo no Universo está preso à Tríade Imutável: *Criação - Conservação - Destruição*. Tudo *nasce, vive, e morre*, exceto o ABSOLUTO. Há um fluir eterno através da existência das coisas. O Supremo Ser sempre está criando e criando a Si mesmo, como dizem os livros sagrados da Antigüidade. Tudo aquilo que foi criado retorna algum dia para aquilo que lhe deu origem.

Se existissem todas as coisas do Universo sem que existissem expressões de consciência para registrá-las, tudo seria como se nada existisse realmente. De igual modo, se existisse uma consciência, mesmo Cósmica, mas se não existissem coisas para serem conscientizadas, elas seria estáticas e imanifestas. Deus teria existência se não houvesse a consciência das coisas para torná-Lo manifesto? Existiria apenas como aquele tipo de universo que exemplificamos antes, de uma forma absolutamente imanifesta.

Se meditarmos sobre aquilo que está explícito neste raciocínio, podemos compreender os maiores enigmas da existência. Surge a explicação para o verdadeiro sentido da existência e assim compreenderemos razão pela qual chamamos: **O DIVINO TRÊS**. Nesta palestra falamos do simbolismo metafísico do número três e podemos dizer que a sua representação é o triângulo. A consciência pode simbolicamente ser representada por um “olho” dirigindo a visão no sentido dos dois pólos de algum evento. Assim temos o triângulo como algo sagrados.

O TRÊS É DIVINO E O TRIÂNGULO É SAGRADO PARA OS INICIADOS.

Falamos apenas na Trindade Metafísica, porém vale salientar que mesmo no plano material nós vivemos mergulhados nas situações trinas, pois tudo o que se manifesta é trino. Quando algo não parece ser trino por certo se trata de alguma coisa complexa, composta e que pode ser desdobrado em elementos trinos mais simples.



A TRINDADE DO UM

Eu criei do nada e do invisível, feito visível, pois antes que as coisas visíveis existissem EU andava só no invisível..."

Bíblia Apócrifa - Livro de Enoch.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1994

TEMA 0.003



Em palestras futuras sobre o simbolismo dos números veremos que só possível se ter consciência do “um” se houver uma polarização, isto é, se surgir uma outra condição, a condição “dois”. Para que se possa entender a origem das coisas faz-se necessário ter uma idéia razoavelmente precisa de três condições que são: o *NADA*, o *UM* e o *DOIS*.

Antes que as coisas existissem já existia pela eternidade uma essência suscetível de vibrar a partir da qual se originaram todas as coisas e por isto pode ser considerada como um dos atributos do *Poder Superior*, que denominaremos de *MA*. Trata-se de algo que tem existência, mas que não pode ser detectado sob qualquer condição, quer pelos sentidos físicos, quer por meio instrumentais. É o que algumas escolas de Cabala denominam de “*Existência Negativa*”^{xxiv} Não é de forma alguma o nada inexistência, o nada absoluto, e sim algo que tem existência, mas que é imanifestável. Por isto podemos dizer não se tratar da inexistência, mas sim de uma forma especial de existência, inconcebível para o nosso entendimento. Não se manifesta porque mesmo sendo algo que existe não vibra. Não é o *nada* de *UM* uma forma absoluta, pois do “nada” não é possível se criar algo, enquanto que do imanifestável é possível se criar tudo.

Podemos dizer que aquele “nada” imanifestável, numericamente pode ser representado pelo zero e que além daquele atributo capaz de vibrar contém um outro capaz de provocar a vibração. Na realidade existe ainda um terceiro elemento inerente ao “Nada” que chamaremos *RA*. Queremos dizer que o manifesto resulta da ação de um “princípio ativo” - *RA* - sobre um “princípio passivo” - *MA* - e quando tal acontece então ocorre a vibração que, no primeiro momento, é a mais elevada possível. Essa denomina-se *LUZ*. Na verdade não se trata da luz no sentido de claridade, e sim de algo muito mais sutil que todas as formas de luz (claridade) que possamos conceber. É a matriz, a geratriz de todas as coisas. Essa primeira manifestação que chamamos Luz não é exatamente aquela que normalmente conhecemos, esta deve ser considerada como “claridade” que já corresponde a um dos estágios inferiores da Luz Primordial, da Luz tão fina, tão pura e elevada que é o primeiro estágio da criação.

A Primeira Luz já existe como manifestação, mas ainda não é passível de ser conscientizada, pois só se pode ter consciência através da polarização, como veremos depois. Esta fase de Primeira Luz numericamente é simbolizada pelo “UM”. Neste estágio a Luz Primordial já se manifesta no Universo, mas ainda não pode ser perceptível a nível sensorial, pois a consciência objetiva vem pela polarização, isto quer dizer que o “UM” sem o “DOIS” é inconscientizável.

^{xxiv} Não se trata de algo ruim, o termo “negativa” significa apenas se o oposto ao que se manifesta como universo.

O Poder Superior - nesse nível, nós preferimos chama-Lo de “O Inefável” existe essencialmente sob três aspectos: O aspecto “*Imanifesto*” - o zero - correspondente ao “nada”; o aspecto “*indetectável*” - o UM; o aspecto “*imanifesto*” - o dois - e o “detectável” (o que se detecta conscientemente) - o “três”. Vemos, que dessas quatro condições três fazem parte do universo criado e o outro o transcende. Assim sendo, na criação estão presentes três formas de existência do Poder Superior perfazendo uma TRINDADE^{xxv}. Isto constitui o chamado “*Mistério da Santíssima Trindade*” que só é entendido por UM número relativamente pequeno de pessoas. São três manifestações de UM único ser. Trata-se da “Trindade do UM”, ou seja, da “Trindade Manifesta” ou “Trindade da Creação”.

Como Trindade do "UM" queremos falar a respeito da primeira estruturação trina manifestável, passível de conscientização, porque existe uma outra que a precede, mas que não é passível de forma alguma de ser conscientizada e da qual só poderemos falar em palestra futura quando tivermos exposto outros pontos básicos ligados à natureza da Creação e do Poder Superior.

O "UM", conforme citamos antes, evidentemente é algo vibrando no limiar máximo possível e é manifestável como Luz, mas só conscientizável quando há a polarização porque é impossível se ter registro de consciência de alguma coisa que se apresente como fase UM. Teoricamente essa LUZ poderia ser detectada porque já é algo vibrando, já é uma vibração que se chama “Verbo”.

A fim de clarear a compreensão sobre o que estamos tentando mostrar vamos usar uma forma de analogia. Vamos supor, se as coisas da terra tivessem uma mesma temperatura, por exemplo, se tudo tivesse uma temperatura de 20°C por certo que são se teria consciência de temperatura embora esta já se apresentava e naturalmente passível de ser registrada por aparelhos. Ninguém teria consciência de uma temperatura por só existir aquela, mas um termômetro a registraria por certo.

Aquele "UM", aquela LUZ sem se polarizar não pode ser conscientizada por ser "UM" e nem também detectada praticamente porque os instrumentos materiais não suportam tal nível de vibração. (*Ninguém suporta ver a face do Senhor*).

Os Livros Sagrados, entre eles a Bíblia, falam no "Verbo" em citações assim: "*No Princípio era o Verbo...*", "*O Verbo se fez carne e habitou entre nós...*". "*O Verbo encarnado*". Existem outras expressões que poucas pessoas sabem exatamente o que elas querem dizer. Vamos agora tentar esclarecer: "*verbo*" quer dizer "*palavra*" que quer dizer "*som*", que quer dizer "*Vibração*". Portanto “Verbo” significa Vibração. No princípio de tudo que compõe o mundo já existia em manifestação algo vibrando, existia o "UM" de onde tudo surgiu e está surgindo e para onde tudo confluirá e está confluindo.

Tudo vem do “UM” e tudo volta ao "UM”. É UMA das fases daquilo que os Hindus chamam "*Respiração de Brahmâ*".

Existem religiões não monistas que afirmam que nem tudo teve uma origem única, porém afirmamos não ser isto verdade, do contrário teremos que tirar de Deus a qualidade de Onipotente e de Infinito, pois haveria algo não criado^{xxvi} por ELE.

No princípio das coisas criadas só existia UM Poder, não existia seja lá o que fosse. Somente o "UM" que nada mais era do que UMA manifestação vibratória do "ZERO", como cita o Livro de Enoch: “... *Eu criei do nada e do invisível, feito visível*”.

Vejam agora o sentido do “UM” ". O único e verdadeiro UM só pode ser o Poder Superior, senão vejamos: Se uma pessoa disser, eu sou um, uma outra pessoa poderá dizer: não é, pois eu também sou um. Eis dois que se dizem um, portanto qualquer deles não é realmente um. Se uma nação

^{xxv} Existem outras Trindades diretamente ligadas à Creação, que estudaremos em palestras futuras.

^{xxvi} Em nosso trabalho vamos usar duas expressões: *Crear* e *criar*. *Crear* usaremos no sentido de gerar, e *criar* no sentido de cultivar.

disser eu sou uma, outra pode dizer não, pois eu também sou uma. Se um planeta disser eu sou um, outro pode dizer que não, pois ele é um também. Continuemos dentro dessa linha de raciocínio até um ponto que só existisse Deus e o Universo – espaço. Se Deus dissesse eu sou "UM" o espaço poderia dizer não, pois eu também sou um espaço. Mesmo que não existisse espaço não poderia deixar de existir o tempo (Analisaremos isto em outro tema) e então se Deus dissesse eu sou o UM o tempo poderia dizer não, pois eu também sou UM.

Do que mostramos acima temos que tirar uma conclusão: Algo para ser o UM necessariamente deve ser sozinho, quer no espaço quer no tempo. Na realidade esse UM é algo Inefável, isto é, algo que de forma alguma pode ser descrito, ou mesmo comparado. Podemos, de certa forma, dizer ser o potencial primeiro da vibração, invisível por não estar polarizado, por não ser conscientizável e indetectável por não haver algo para detectá-la.

Para ser possível a conscientização é necessária uma polarização, que configure o “dois”. A mente humana funciona analogicamente, razão pela qual é necessário que surja o “dois” para que possa ser estabelecido algum tipo de analogia afim de que algo possa tornar-se manifestável.

O *Poder Superior* necessitou se polarizar para que as consciências individualizadas que viriam pudessem se dar conta Dele.

“... Eu andava só no invisível. Eu ordenei que nas alturas UM visível derivasse do invisível. E desceu o imenso ADOEL. Eu ordenei e eis em seu corpo UMA Grande Luz e que de ti se torne visível UMA coisa limitada... saiu da Luz UM grande EON manifestando toda criação que eu havia resolvido crear”. Livro de Haenoc.

Vemos claramente que do *Manifesto Invisível – o UM* - projetou-se uma Luz configurando uma polarização. Assim estava estabelecida a primeira Divindade que a seguir se tornou uma Trindade, pois quando se estabelece a dualidade simultaneamente se estabelece também a trindade, o um, o dois e o três. O UM, o Dois e o três sempre são uma mesma coisa, têm a mesma natureza, como estudaremos em futuras palestras.

“... saiu UMA Luz, UMA grande EON manifestando toda criação que eu havia resolvido crear...”.

Naquele momento o *Poder Superior* já podia ser conscientizado, mas não detectável, pois em parte já estava polarizado como O Nada e a Criação.

É muito discutida a razão pela qual o *Poder Superior* “resolveu” crear, “resolveu” se tornar manifesto. Embora ainda estejamos muito distante de compreender os desígnios de Deus, mesmo assim existem ensinamentos que atendem limitadamente a essa indagação. Mesmo que não seja uma verdade absoluta, como veremos em temas mais adiantados, nos daremos conta de que existe uma razão para a criação, que mesmo se não for a verdade exata, ainda assim é suficiente para atender ao anseio de saber o porquê da criação. Estamos longe de saber qual o plano total de Deus, mas através da Tradição é possível se ter pelo menos uma idéia do por que isto aconteceu, do por que da necessidade da conscientização objetiva de Deus através do universo. Assim podemos dizer, conforme reza a Tradição, que o *Poder Superior* creou o universo para concretizar uma idéia e satisfazer a uma condição da mente. Para isto a Consciência se “fragmentou” para que cada fração se inteirasse objetivamente de uma parcela da criação.

Tudo o que concebemos são apenas são conjecturas, algo que de alguma forma preenche a necessidade de saber o porquê da criação, embora não possamos afirmar com certeza, pois o assunto transcende muito a concepção humana.

Num mesmo momento a Trindade Inicial foi estabelecida, se era o intento do *Superior* criar um Universo^{xxvii} a partir da vibração inicial Ele próprio se manifestando em polaridade assim permitindo a percepção sobre todas as coisas.

A polarização foi progressiva e se estabeleceu a partir de uma queda de frequência vibratória, e disso muitos acontecimentos tiveram lugar. De certa forma surgiu aquilo que a Cabala e algumas religiões cristãs chamam a "Batalha dos Anjos", ou de "Queda dos Anjos".

A menor variação da frequência foi suficiente para algo ser criado. Da Luz Suprema surgiu UM destaque, a primeira manifestação do Poder Superior. Por menor que haja sido a vibração, mesmo uma fração infinitamente pequena de diferenciação da vibração inicial, já condicionou a polarização. Então já havia o Um e o Dois, em outras palavras, o Eu e o Tu. Eis porque Deus em algumas doutrinas é denominado de Tu. Nesse contexto o Poder Superior pode ser denominado de *Eu* e em algumas doutrinas Deus é denominado: "EU SOU EU", "EU SOU O QUE SOU". Na Bíblia há referência a essa denominação Divina:...EU SOU QUEM SOU.

Aquela Luz que emanou da Primeira Luz é Tu e conseqüentemente TU^{xxviii} é DEUS.

Para todas as coisas que foram criadas de Deus diferencia-se Dele de uma maneira ínfima. Em tudo o que podemos conceber é idêntico, pois há apenas uma mínima e imperceptível variação vibratória entre as estas duas LUZES.

...*"EU ordenei que nas alturas UM visível derivasse do invisível e descendeu o imenso ADOEL. Eu o considere e eis em seu corpo UMA GRANDE EON"*

Vemos que a *Primira Luz* é DEUS e que dela emanou uma Luz de Deus. (A Segunda Luz). Então estava constituída a PRIMEIRA TRINDADE assim: O NADA (O Imanifesto), a PRIMEIRA LUZ (O Manifesto inconscientizável) e a EMANAÇÃO (O Manifesto Conscientizável).

Como dizem as Religiões cristãs: A Santíssima Trindade são três pessoas em UMA só. Isto, portanto é verdadeiro, pois são três aspectos de UM só Poder.

Como vemos, tudo se origina do UM e tudo está no UM. O UM é o lado manifesto do Poder Superior em oposição ao lado imanifesto caracterizado pelo Nada^{xxix}. De certa forma pode-se dizer que o UM é uma polarização do ZERO tornando-se uma Manifestação Perfeita no Imanifesto Conscientizável.

O Poder Superior é a TRINDADE (O Nada, que na Cabala é denominado EXISTÊNCIA NEGATIVA + a EXISTÊNCIA POSITIVA + a MANIFESTAÇÃO, representadas pelos *Sephirot* da "Árvore da Vida"). Tudo está dentro desta Trindade.

...*"EU andava só no invisível..."*. *"Tudo que tu vistes Henoc, portanto que EU criei do NADA e do invisível, feito visível..."*

Dentro dessa forma de compreensão podemos atingir um nível em que já não nos machuca saber que algo existiu e existe antes da Luz, que a Luz é um dos elementos da Trindade, que não é superior e nem inferior ao Nada^{xxx}, pois ambos são partes de um mesmo Todo. Aquilo que não vibra = NADA em oposição ao vibra = LUZ. Quando, que é a frequência mais elevada possível quando decai em frequência vibratória = a CREAÇÃO. A baixa de frequência pode chegar a um nível tal em que a vibração cessa e então tudo volta ao NADA, e então o ciclo recomeça.

^{xxvii} No Hermetismo Superior fora da percepção limitada do ser humano, não houve criação alguma. Isso vemos em palestras futuras.

^{xxviii} Alguma doutrina usam a vocalização TU o que equivale à invocação do Nome de Deus.

^{xxix} Existência imanifesta.

^{xxx} O nada visto como número contável é inexistência, enquanto que visto pelo lado qualitativo (esotérico) é tudo.

O PRIMEIRO TRIÂNGULO DAS NOVE VIRTUDES.

ENSINOS DE SALOMÃO – AS VIRTUDES

“ POIMANDRES, O SUPREMO INTELECTO,
REVELOU -SE A HERMES, ABRINDO -LHE
AS PORTAS DOS SEGREDOS DA NATUREZA
E DO UNIVERSO”.
CORPUS HEMETICUM



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F. R. C



1995

TEMA 0.409



A *Tradição* nos tem ensinado o desenvolvimento espiritual requer uma caminhada em torno de três triângulos, portanto a pessoa deve passar diante de nove pontos, cada um correspondendo à ponta de um dos três triângulos.

Diz a Cabala que a *Árvore da Vida* é uma representação de três triângulos unidos. Durante o desenvolvimento o espírito caminha *sephirah* após *sephirah* reconstituindo simbolicamente o caminho que sai das trevas e chega à Luz.

Nessa caminhada o adepto deve passar diante de cada uma das pontas dos três triângulos que constituem a “*árvore sephirótica*” em que cada ponta representa uma virtude a ser despertada. Quando o adepto conclui as três voltas, a *árvore* estará completa, a viagem concluída e as virtudes despertadas.

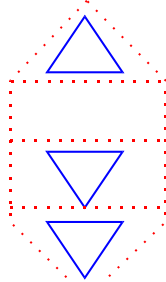


Figura 2

Os Preceitos de Salomão nos levam à Perfeição; os Sete Passos da Senda, ao Dominium; as Cinco Qualidades do Verdadeiro Homem, ao Amor; e as Nove Virtudes, à Paz.

As virtudes são uma conseqüência natural do exercício dos Preceitos, das Qualidades do Homem Perfeito, e dos Passos.

Não é possível se ter as *Nove Virtudes* sem que se tenha percorrido uma via que compreender as *Cinco Qualidades* + *os Sete Passos da Senda*, que perfazem um total de 12 estados. Esses doze estados estão simbolizado na conhecida *Via Sacra* que consta do ritual da Igreja Católica. São as “estações” que simbolizam determinados momentos da caminhada de JESUS para o Calvário.

1 - PRIMEIRA VIRTUDE: **LEALDADE**.

Entre as *Qualidades do Homem Perfeito* estão a *Justiça*, e a *Bondade*. Estas duas qualidades já fazem sentir que uma pessoa não pode tê-las sem que seja leal. O justo tem que ser leal desde que a deslealdade é realmente uma marcante forma de injustiça. Portanto a justiça conduz a pessoa à Lealdade que é em essência é a Sinceridade.

Ser leal é ser sincero e correto em todos os momentos no trato com os semelhantes. Sabemos que ser sincero não é fácil, pois Sinceridade é a Verdade, pois não é raro ela ferir suscetibilidades e por isto poucos são os que a aceitam naturalmente. Mesmo assim na medida em que a pessoa vem se tornando justa, e com amor, ela não tem como deixar de ser leal.

É através das Qualidades do Homem Perfeito é que se chega ao Amor que é DEUS e entre as qualidades temos a Verdade.

Lealdade é a Verdade, e a deslealdade, a mentira.

Não existe possibilidade alguma de conciliação entre *Justiça* e *deslealdade*. Sem *justiça* não se cumpre e ciclo das *Qualidades Do Homem Perfeito*. Sem a justiça deixa de estar presente uma das cadeias do ciclo que conduz ao amor. Sem justiça o ciclo é rompido conseqüentemente não é possível a pessoa chegar ao Amor. Como o *Amor é Deus*, podemos então dizer que sem Lealdade não há Justiça e sem Justiça não se chega ao Amor que é Deus.

Na medida em que a pessoa vem desenvolvendo em si a justiça e a bondade ela vem demonstrando lealdade.

Na simbologia temos como representação da Lealdade é o cachorro, pois a característica peculiar deste animal é a fidelidade ao homem. O cachorro trai, sempre está fiel ao seu dono.

Pelo esquema da “Árvore da Vida” vemos que a lealdade está situada no nível mais baixo da “Árvore” das virtudes, isto porque a pessoa pode ser leal com o que é certo, a, mas também está sujeita a ser leal com o lado negativo. Os malfeitores muitas vezes são leais aos seus iguais.

2 - SEGUNDA VIRTUDE - **CARIDADE**.

Todo aquele que é leal tem tudo para ser caridoso. Na lealdade a pessoa tem que auxiliar ao seu semelhante, pois se assim não fizer, com certeza, não está sendo leal em alguns momentos.

Quando se fala em caridade as pessoas têm uma idéia deformado do que isto significa. Caridade para muitos é ajuda material, quando na realidade isto é apenas um pequeno ângulo dessa virtude. Muitas vezes o auxílio material pode prejudicar e neste caso aquela ajuda deixa de ser verdadeira caridade. Caridade é auxiliar a pessoa a caminhar, é o exercício da misericórdia, é o ensinar o caminho para que a pessoa possa sair do complexo labirinto da vida. Caridade é facilitar as coisas quando elas devem ser facilitadas, mas caridade também é dificultá-la quando elas devem ser dificultadas.

Caridade “piegas” tende a levar a pessoa à acomodação e isto se contrapõe à caminhada aos Sete Passos da Senda.

Caridade é até mesmo ser enérgico quando preciso, desde que isto se reflita num melhor desenvolvimento espiritual da pessoa.

A autêntica caridade está bem distante do conceito que o comum das pessoas tem a respeito do que verdadeiramente isso significa.

O símbolo da Caridade é a vaca, por ser um ser que pacificamente se deixa ordenhar, cujo leite vai auxiliar um número imenso de outros seres.

Na “Árvore” vemos que a caridade ainda está no nível do triângulo inferior e isto acontece porque existe caridade “piegas” que está sujeito a ser prejudicial.

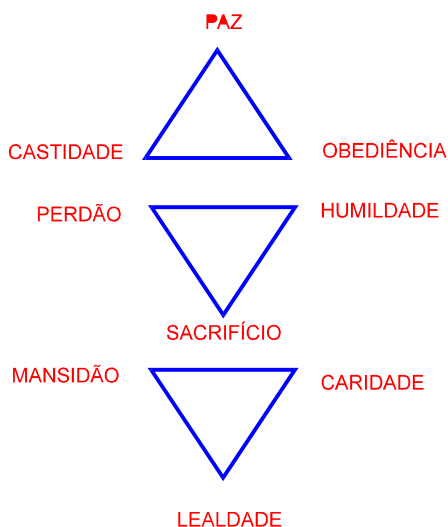


FIG. 1

3 - TERCEIRA VIRTUDE - **MANSIDÃO**

Bem aventurados os mansos, porque possuirão a Terra – *Sermão da Montanha*.

A docilidade é a terceira virtude e situa-se no triângulo inferior da “Árvore” porque ela ainda pode ser de nível inferior quando se contrapõe à Justiça.

A mansidão é uma bela virtude, mas deve ser administrada dentro da razão. Jesus, exemplo vivo de Mansidão em alguns momentos demonstrou rigidez, como naquele momento em que expulsou os vendedores do templo e muitas vezes em que se referiu aos Fariseus taxando-os de hipócritas, de sepulcros caiados e coisas assim. Desta maneira Ele nos mostrou que há os momentos de se ser manso, mas os momentos de não sê-lo para que não se ser injusto.

Muitos confundem mansidão com tolerância. A tolerância faz parte da mansidão, porém é o mais inferior das suas cinco qualidades de mansidão. Não se pode ser tolerante demais para com as coisas erradas.

O símbolo da mansidão é o *cordeiro*. Jesus é chamado de Cordeiro de Deus em decorrência da mansidão que lhe é peculiar.

O SEGUNDO E O TERCEIRO TRIÂNGULO DAS NOVE VIRTUDES

ENSINOS DE SALOMÃO – AS VIRTUDES

“ ... NÃO HÁ VIRTUDE SEM UMA VITÓRIA
CONTRA NÓS PRÓPRIOS, E NADA VALE O
QUE NADA CUSTA”.

JOSEPH DE MAISTRE



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F. R. C



1995

TEMA 0.410



4 - QUARTA VIRTUDE – SACRIFÍCIO

Após haver percorrido o caminho simbolizado pelas três pontas do triângulo inferior da “Arvore de Vida” o adepto inicia a marcha diante das pontas do segundo triângulo iniciando pelo SACRIFÍCIO

Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. - O Sermão da Montanha.

Diz na liturgia referindo-se a JESUS: *O CORDEIRO DE DEUS FOI SACRIFICADO PELA REDENÇÃO DA HUMANIDADE.*

Todo aquele que é caridoso e manso amiúde é sacrificado. Somente o manso submete-se sem revolta ao sacrifício.

Na cruz Jesus foi sacrificado pela Salvação da humanidade, por isso o símbolo do sacrifício é a cruz.

Todo aquele que se tornou justo, pelo amor da justiça aceita o sacrifício, por isso na medida em que a pessoa desenvolve as Qualidades do Homem Perfeito, em que consta a Justiça projeta-se se salienta paralelamente a capacidade de sacrificar, a virtude do Sacrifício.

Sacrifício não é somente o pagar com a vida, sacrifício é também a peleja que a pessoa desenvolve para não ser desleal, não ser injusto, nem faltar com a verdade, e tantas outras condições necessárias ao desenvolvimento do caráter pessoal e do bem-estar dos seus semelhantes.

O sacrifício não está muito sujeito a apresentar caráter negativo como algumas situações das virtudes do triângulo inferior referidos antes, mas existem sacrifícios inúteis. Assim sendo essa virtude faz parte de uma tríade intermediária, entre as mais próximas do lado humano da natureza.

O sacrifício é simbolicamente representado pelo **Pelicano**. O pelicano é uma ave que dizem ser capaz de, para alimentar os filhos quando não encontram alimento, arranca pedaços de carne do próprio peito, sacrificando a ele mesmo pelos filhos. ^{xxx1}

5 - QUINTA VIRTUDE - **PERDÃO** :

O sentimento de lealdade, caridade, mansidão e sacrifício enobrecem o espírito tornando-o capaz de exercer sinceramente o PERDÃO.

Nesta etapa da caminhada a pessoa ainda não chegou à Perfeição, por isto o perdão na maioria das vezes ainda não é exercido em sua plenitude.

Há cinco formas de perdão. Na primeira fase o perdão ainda não tem o nível do Perdão Divino por isso a pessoa mesmo perdendo esse perdão ainda está sujeito a não ser puro, ainda está sujeito a haver nele alguma forma de interesse pessoal. É válido porque é perdão mas num nível ainda bem humano. O Perdão Divino vem paralelamente com o amor.

Muitas pessoas dizem: Perdoei mas não quero me aproximar, quero evitar aquele que me ofendeu para que não aconteça de novo. Isto é perdão mas não no seu nível mais elevado. O mais elevado nível de *perdão* tem que ser com total isenção e elevado de *lealdade, caridade, mansidão, sacrifício, humildade, justiça, verdade, compreensão*. É o perdão com sabedoria que é perfeito e conduz ao AMOR que é DEUS.

JESUS foi sacrificado por amor à humanidade e mesmo diante do sacrifício Ele disse: “ PAI PERDOAI-LHES PORQUE ELES NÃO SABEM O QUE FAZEM ”...

JESUS foi sacrificado numa cruz por isso é a cruz o símbolo do sacrifício.

6 - SEXTA VIRTUDE - **HUMILDADE**.

Concluída a viagem em torno do segundo triângulo, coberto a tríade intermediária da “Árvore da Vida”. Agora o adepto deve estar pronto para ascender ao triângulo mais elevado da “Árvore”. Aquele que está apto a manifestar essas virtudes já deve estar bem próximo da pureza, por certo.

Todo aquele que é capaz de perdoar, por certo, manifesta Humildade. Não é fácil o exercício pleno da humildade, tanto que aqueles que parecem ser humildes, quando muito, estão ainda no primeiro nível da manifestado desta virtude.

Assim como as demais virtudes, também a humildade tem cinco níveis. As pessoas que se dizem humildes na verdade podem tê-lo em algum nível mas a própria condição de afirmar isto já não indica que aquela humildade é a de mais elevado nível.

JESUS, Projeção Divina na terra, deve ser visto como o exemplo perfeito do mais elevado nível de humildade. Ele tinha e tem o mais elevado nível de poder do Universo, mas jamais exerceu esse poder no sentido de promoção individual. Quando chamado de bom Ele simplesmente dizia: “ *Bom é o Pai que está no céu...* ”. Convivia com os desafortunados, com as criaturas mais simples e carentes quando poderia imperar sobre toda a terra.

^{xxx1} Os antigos viam assim o pelicano, mas há os que afirmam que eles pecam e colocam os peixes numa bolsa natural (uma prega na pele) que têm no peito. Pescam e colocam ali os peixes que leva para os filhos. Como tiram o alimento daquela bolsa as pessoas acreditavam que ele estava tirando pedaços de sua própria carne.

É um símbolo forte da Maçonaria, representando o grau Rosa-cruz.

Na Bíblia está escrito que Jesus havendo se retirado para meditar no deserto foi tentado por satanás que lhe ofereceu todo o poder da terra, todos os reinos da terra, todos os poderes materiais, mas JESUS simplesmente disse “afasta-te de mim satanás, não tentarás o filho de DEUS.”^{xxxii}

As pessoas enganam-se quando pensam que a pobreza, a penúria, o mal trajar, o pouco ganhar significam humildade. Muitas vezes é mais fácil se ver atos de autêntica humildade numa pessoa que possui bens do que nos desvalidos da sorte, a começar porque uma pessoa que vive em penúria por certo é um “punido”, um espírito respondendo pelo que fez e esse tipo de espírito é exatamente o que está distancia das virtudes divinas.

Salomão com toda a sua pomba, como é referido nos documentos sagrados, era essencialmente humilde. Ele possuía todos os bens inerentes ao poder temporal de um rei, mas sem ser possuído por tudo aquilo.

Muitas são as pessoas que coisa alguma possui mas que é dominado pelo desejo de tê-las, pela cobiça, pela inveja, e tudo isto significa eles serem ainda dominados até mesmo pelo que não possuem.

A humildade tem com símbolo o Cedro.

7 - SÉTIMA VIRTUDE - **CASTIDADE**

Um Grande Mestre disse que as duas condições a serem vencidas antes da purificação são o a sexualidade e a mentira.

A sexualidade é a base da reprodução, é o estímulo que leva os seres se perpetuarem, que leva os humanos a darem continuidade à missão de construir corpos para que os espíritos possam neles vir à Luz. Sendo assim a sexualidade é necessária para o comum das pessoas para os quais ela não pode ser abolida enquanto existir a necessidade de reprodução biológica.

Quando a missão de desenvolvimento de cada um vem se completando é obvio que ele não fique preso às coisas inerentes à matéria, portanto ele tem que se libertar até mesmo da própria sexualidade.

Mesmo antes de se purificar muitos já compreendem que a finalidade da sexualidade é apenas a de estimular a reprodução. Se não houvesse sexualidade, estímulo sexual por certo seria muito difícil a existência de corpos na terra, pois gerar corpos pelo dever de fazê-lo é algo que somente um espírito bem desenvolvido é capaz de entender e de assim agir. Um espírito próximo da purificação já não se reproduz pela sexualidade mas sim porque sabe que tem que continuar na missão de gerar corpos para que novos outros espíritos possam encarnar.

São cinco os tipos de castidade, sendo a mais elementar aquela imposta como repressão, quer seja pelas religiões, quer pela própria pessoa. Esse tipo de castidade ainda está distante da *castidade libertação*.

Este é uma das virtudes sobre a qual poderíamos escrever centenas de páginas mas ainda não consideramos oportuno pois, como diz um ditado latino “A VERDADE É MUITAS VEZES CRUEL”, e de forma alguma temos a intenção de violentar conceitos e ferir susceptibilidades.

^{xxxii} - Essa é uma passagem polêmica da Bíblia. Muitos dizem que jamais isso ocorreu pois satanás não ousaria se aproximar de Jesus e nem oferecer-lhe seja lá o que fosse porque sabia que estava diante da Divindade. Também é bom que se tenha em mente que satanás é treva, teve em todos os sentidos, mesmo no sentido de compreender, por isso o lado satânico desconhece o esplendor da LUZ verdadeira, assim ele não podia sequer ter uma idéia da Magnitude do FILHO DE DEUS.

Neta palestra não cabe desenvolver este assunto com mais profundidade, mas até que o façamos recomendamos que aqueles que conhecem a “Árvore da Vida” da Cabala estabeleça uma imagem do VERDADEIRO MESTRE diante do esquema da Árvore” ou que o analise segundo o símbolo do TAO que por certo entenderão perfeitamente o que significa aquilo que as religiões chamam de “Tentação De Jesus”.

A *Castidade* é simbolicamente representada por mais de um símbolo. Muitas vezes se vê o símbolo de um *Lotus Branco*. A flor de Lotus nasce na lama e tem uma pureza imaculada. Ao se aproximar da pureza o espírito encarnado pode até conviver na lama da sexualidade desorientada mas ele não se macula com os prazeres do sexo, mesmo no meio de impureza ele age com pureza, vive na lama mas continua puro tal qual uma flor de Lotus. Outro símbolo é o lírio que apresenta idênticas qualidades da flor de lótus.

Mas, o símbolo mais antigo é aquele que mostra um Unicórnio. O unicórnio é um dos animais míticos, uma espécie de gamo que tem um chifre na testa. São muitas as lendas, existe um cabedal rico em referências ao unicórnio. Esse animal de uma forma ou de outra está presente em diversas mitologias.

O unicórnio simboliza a *castidade* porque, conforme diz a mitologia, ele somente pode ser capturado com a ajuda de uma virgem pura, em cujo regaço se refugia confiantemente.

8 - OITAVA VIRTUDE - **OBEDIÊNCIA**.

Componente da Tríade Superior a Obediência também tem cinco níveis, sendo o mais alto deles o da *anulação dos desejos*.

Isto parece absurdo, como é possível ser positivo a anulação dos desejos se existem desejos bons, se pelo desejo é posto em ação o próprio querer evoluir? - Mas, na verdade, quando o espírito atinge um elevado nível ele apenas cumpre as leis, obedece aos princípios divinos simplesmente, “deixa de remar contra a maré” da vida e apenas lhe basta seguir o que determina a sabedoria inerentes às Leis e Princípios Cósmicos. As leis divinas são sábias, justas, boas, perfeitas, e assim sendo obedecê-las é suficiente para que se chegar à verdadeira paz, por isto o *dever* de cada um é *obedecer*.

BUDA disse que todo sofrimento humano é fruto dos desejos, por isto o Budismo fala da necessidade de se eliminar os desejos. Isto parece errado mas não é desde que o desejo somente é preciso enquanto o espírito ainda se debate no mar revolto da vida terrena, quando ainda não existem nele bem desenvolvido qualidades como o discernimento, quando ele ainda não tem percepção clara, quando ainda tem desconhecimento da verdade. Quando desenvolve o quanto necessário das *Qualidades do Homem Perfeito* e dos *Preceitos* ele não necessita ter desejos pois tudo aquilo de positivo que possa vir a desejar já consta nas Leis Divinas, é só obedecê-las e tudo a pessoa terá. “Faz a tua parte e Eu te ajudarei”.

Após o espírito fazer a sua parte na caminhada ele tem por certo a ajuda que precisar implícita no próprio cumprimento harmônico das leis. Quando o ser vive em harmonia com as leis de Deus ele nada mais necessita, tudo lhe é concedido pela própria lei que se cumpre.

Aprendendo a conviver em harmonia com as leis de Deus a pessoa “tem tudo para conhecer”, ela encontra todo o poder que precisar.

A pessoa que tem desejos é quase sempre dominado por eles, comporta-se como um peixe fora d’água a se debate na peleja do tentar conseguir. Mesmo em se tratando de um desejo positivo (existem cinco formas de desejo) ainda há uma forma de sofrimento quando se tenta realizá-lo.

O símbolo da obediência é o Camelo pois dizem ser um animal que em sua capacidade de obediência chega até a se ajoelhar para que a pessoa galgue o seu dorso.

9 - NONA VIRTUDE - **PAZ**

Estamos diante da coroa da Tríade Superior. Neste ponto termina a caminhada em torno das pontas dos três triângulos.

Os Preceitos conduziram o adepto à PERFEIÇÃO, as Qualidades o conduziram ao AMOR, os Passos ao DOMINIUM e neste por certo nele está nele presente a PAZ.

Até mesmo a paz se aposenta em cinco graus. Normalmente aquilo que os humanos chamam de paz entre os homens ainda está muito distante da PAZ DIVINA. Na paz dos homens ainda não há total amor, perdão, compreensão enquanto na PAZ DIVINA há tudo isto e bem mais.

O símbolo representativo da paz é a pomba. Isto se reporta ao Dilúvio Universal quando após 40 dias e 40 noites as águas baixaram Noé, após ver formado o Arco Íris no céu como símbolo da aliança de paz estabelecida entre Deus e os homens, soltou uma pomba que ao voltar trouxe no bico um ramo de oliveira.

=====

Pelo que estudamos, podemos identificar todas as NOVE VIRTUDES presentes em JESUS.

JESUS O MAIS PERFEITO EXEMPLO DO VERDADEIRO HOMEM, O HOMEM PERFEITO VERDADEIRO DEUS.

Exemplo de Lealdade Amor e Justiça. JESUS demonstrou lealdade para com todos os Apóstolos; mesmo sabendo que iria ser traído por um deles e sabendo perfeitamente qual, mesmo assim manteve-se leal, sem expulsá-lo, sem ofendê-lo sem denegri-lo. A vida de JESUS é exemplo vivo da mais sincera LEALDADE.

Em sua missão na terra trazendo a Força da Salvação ELE, curava, e até ressuscitava os mortos sem reclamar recompensas, demonstrando assim verdadeiro espírito de CARIDADE.

JESUS demonstrou tamanha MANSIDÃO que ainda hoje é denominado o Cordeiro de Deus. Pela humanidade ELE foi sacrificado na cruz e mesmo assim nos momentos mais terríveis da crucificação pedia que ao PAI que perdoasse as pessoas que o sacrificavam.

Magno exemplo de humildade é JESUS, coisa alguma possuía quando poderia possuir todos os bens da terra se assim o quisesse.

CASTO, jamais ELE demonstrou em qualquer momento qualquer impulso de união carnal. CASTO em todos os sentidos possíveis, Pureza Absoluta.

Exemplo de OBEDIÊNCIA, mesmo sendo Divino JESUS demonstrava obediência ao PAI QUE ESTÁ NO CÉU.

Jamais se apresentou conturbado, semblante sereno demonstrando verdadeira PAZ. Mesmo nos momentos em que teve que agir com energia ELE o fez com serenidade, com semblante de paz, jamais com traços de mágoa, de rancor ou de ódio.

No tempo em que se aposentou fisicamente na terra sua figura irradiava e irradia ainda PAZ SOBRE TODA TERRA.

MISTÉRIOS DO NÚMERO QUATRO

“ TODO DESEJO QUE NÃO DOMI-
NAMOS NOS DOMINAM ”



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1995

TEMA 0.370



Nesta palestra vamos estudar alguns aspectos do número quatro, que intitulamos “Mistérios do Número Quatro”. Mistério porque são revelações pouco conhecidas, portanto constituem-se mistérios para os não iniciados.

Os números *zero, um, dois e três* dizem mais ao plano superior, ou ao nível abstrato das coisas, enquanto que o número *quatro* relaciona-se mais com o mundo inferior, assim é que vamos encontrá-lo mais diretamente ligado às manifestações da natureza ao nível da matéria densa. Os números Um, Dois e Três não se manifestam no mundo material a não ser no sentido de contagem de coisas, mas não na natureza das coisas.

Segundo certas linhas de pensamento, o número quatro ainda não faz parte do mundo material, pois UM – DOIS - TRES, não seria a Unicidade, desde que não é Um, pois Um é parte dela. Assim a trindade seria o equivalente ao QUATRO, mas isto se trata de uma especulação metafísica, pois na realidade na sentido prático o número que se segue à Trindade é o quatro. Para contornar isso podemos dizer que a Trindade não é UM conjunto dos três primeiros números, mas um conjunto.

Muito freqüentemente há referências ao número quatro como sendo o número da estabilidade e do equilíbrio. De certa forma isto é verdade, mas queremos salientar que se trata do equilíbrio das coisas densas, das manifestações materiais. As coisas materiais freqüentemente necessitam de 4 pontos de apoio. O menor número de pontos de apoio que ao mesmo tempo oferece maior equilíbrio para uma cadeira, para uma mesa e para coisas assim, é sem dúvidas quatro.

O corpo humano equilibra-se em duas pernas enquanto que os seres mais inferiores necessitam de pelo menos 4 pernas, ou de grande parte da superfície do próprio corpo, como acontece com os rastejantes.

A representação gráfica plana do número 4 é o *quadrado*. Na realidade o *quadrado* é formado por 4 semi-retas e a sua projeção espacial é a pirâmide de quatro faces que contém 4 arestas opostas 2 a 2, por sua vez delimitando 4 faces triangulares. As faces que são projeções do *quadrado* se opõem duas a duas e isso tem muita significação como veremos depois.

Já estudamos em diversas palestras a lei da polaridade que simbolicamente é representada por uma linha reta. Todas as coisas detectáveis são constituídas por bipólos, isto é, são polarizadas (Feio/ bonito; Pequeno/ grande; Frio/ quente, etc.).

As manifestações da natureza, via de regra, se apresentam como dois bipólos, assim sendo manifestam-se no mistério 4 (mistério porque não se sabe o porquê das manifestações básicas da natureza se processarem através de dois bipólos, formando 4 elementos).

Na *constituição* das coisas se faz presente o mistério três, enquanto que as *manifestações na natureza* obedecem ao mistério quatro, somente no quarto nível é que as coisas podem se tornar concretas, objetivas.

Os sábios de um passado remoto diziam que o mundo material era o resultado da ação de quatro elementos essenciais: *Fogo, terra, água, ar*.^{xxxiii}

O mundo material está concretamente constituído por esses quatro elementos. Embora pareça isso algo absurdo, queremos dizer que não foge muito ao que a própria ciência ensina com outras palavras. Ela diz que a terra inicialmente foi uma bola gasosa (ar) muito quente (fogo) e que ao esfriar se formaram os elementos que se organizam formando a terra. Dos vulcões primitivos saíram os gases que deram origem ao ar assim como o vapor que deu origem à água. Da interação dos elementos constitutivos desses quatro princípios todas as coisas surgiram.

Assim vemos que a primeira estruturação do mundo denso já foi estabelecido segundo o mistério quatro (lei do quatro).

A natureza se manifesta em quatro aspectos: *Sólido/ Líquido/ Gasoso / Radiante* (atualmente a ciência em vez do nome radiante usa a palavra *plasma*). Existem 4 reinos: *Mineral / Vegetal, Animal e Hominal*^{xxxiv}.

A natureza manifesta as coisas por um desses 4 estados: *Quente / frio / seco / úmido*.

Os pontos cardeais são quatro: *Norte / Sul / Leste / Oeste*. Onde quer que estejamos a nossa mente identifica: Para diante / para trás / para um lado / para o outro lado.(esquerda e direita).^{xxxv}

Na Atlântida a ciência conhecia e utilizava muito bem a propriedade dos números, a manifestação dos números no universo. Atualmente a ciência oficial deixou de dar valor ao lado esotérico dos números passando a utilizá-los somente no sentido de contagem e determinação, o que na realidade apenas diz respeito a algumas das propriedades dos números. A realidade e as propriedades mais transcendentais são desconhecidas e inaceitas pela ciência oficial.

A projeção tridimensional do *quadrado* forma a pirâmide de 4 faces que é o resultado da união do quaternário (quadrado) com o ternário (triângulo).

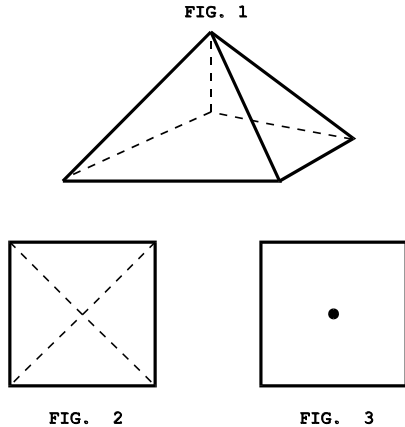
Na fig.1 vemos um *quadrado com um ponto no meio* que é a representação plana de uma pirâmide de 4 faces. A figura 2 mostra a pirâmide vista de cima.

^{xxxiii} Esses 4 elementos são divulgados a partir dos filósofos gregos, embora que o orientais mencionam o 5º elemento denominando-o de Akash. Mas o estudo desse assunto nos mostra que o Akash não pode ser conceituado como material, e sim como um estado intermediários entre o material e o etéreo (energia).

^{xxxiv} A ciência inclui o homem no reino animal, mas na realidade a gênero quando pode e deve ser considerado um quarto reino.

^{xxxv} Com esses 4 dados a pessoa se orienta na superfície da terra, enquanto que além do plano material ele existe a necessidade de uma outra medida, que é o tempo conforme mostra a Teoria da Relatividade.

Agora façamos o seguinte: Rebaixemos a pirâmide, isto é, direcionemos o seu ápice no sentido da base e teremos a representação da fig. 3.



Cada face de uma pirâmide representa um dos pólos de um bipólo, como por exemplo: Se uma face é *Norte* a outra necessariamente é *Sul*; se uma é *Leste* a outra é *Oeste*.

Também poderemos fazer o inverso, estender a pirâmide, afastando o ápice cada vez mais. Assim ela tende para infinito, situação em que as 4 faces tornam-se única, ou seja, o descontínuo (quatro faces) torna-se contínuo (infinito) – o UM adimensional. Isto mostra que o mundo objetivo – imanente – (multiplicidade) está contido no Transcendente (UM).

Também se pode entender a razão da grande importância deste sólido geométrico dada por muitas culturas avançadas da antiguidade, em especial pela egípcia. A pirâmide une o material – imanente – ao imaterial – Transcendente. Une a base quatro – mundo material - ao um – mundo transcendental. É daí a tremenda capacidade energética que pode ser manifestada pela forma piramidal. Ela é um elo entre os dois “mundos” e assim canaliza a essência energética do nível transcendental para o material, portanto age como ponte de união entre a força criadora e criação.

Agora alonguemos a pirâmide, distanciemos o seu vértice e sentiremos que haveria um ponto em que as 4 condições serão apenas UMA. Seja qual for a manifestação da natureza acontece sempre o mesmo, tudo converge para um ponto infinito onde, por mais diversas que sejam as coisas todas confluem para um ponto em que se unificam, tornam-se UM o que equivale ao movimento de unificação, a descontinuidade tendendo para a unicidade. O inverso é a dispersão, pois tanto mais a pirâmide se alonga mais os seus 4 elementos constitutivos se distanciam, se diferenciam, se dispersam; por isso as coisas da natureza são tanto mais diferenciadas quanto mais distantes estiverem da condição de infinito, onde elas são apenas Um. Tanto mais distanciadas mais densas, ou afastadas do Um (Unicidade tendendo para a descontinuidade).

Vejamos que os valores expressos pelo “*quatro*” dentro da criação tende para a descontinuidade, para a desunificação, para o afastamento, para o oposto ao UM.

Examinando-se a fig.1 vemos que a natureza se apresenta a partir do ápice e que este ápice tem origem no infinito, portanto tudo vem do UM, do contínuo, do uniforme, do indiferenciado, para o descontínuo, para o não uniforme, para o diferenciado.

Pela Fig. 4 podemos evidenciar dois posicionamentos distintos. Em A as coisas confluem no sentido do plano superior enquanto que em B ocorre o inverso. A figura mostra como o quatro pode direcionar para a positividade ou para a negatividade.

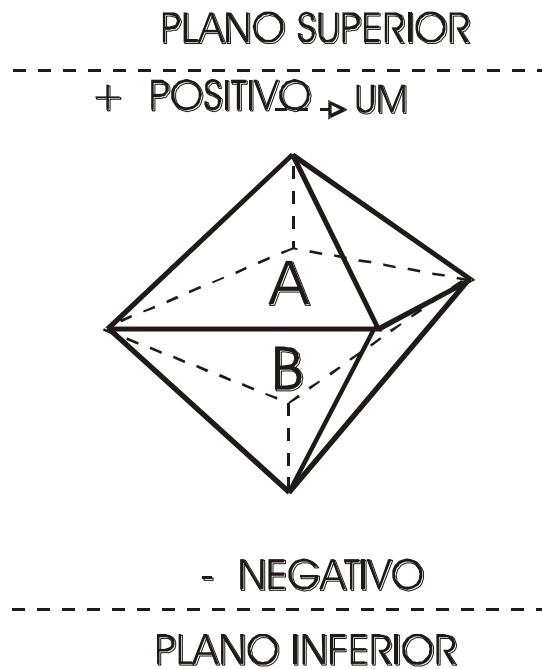


Fig.4

Pela fig. 4 podemos ver o duplo sentido possível da pirâmide. A pirâmide A ao ser alongada dimensiona-se para o Superior, ascende e chega ao UM; as coisas, por mais distintas que sejam, unem-se no UM. O que é deveras chocante para muitos, mas não para os autênticos iniciados, é que o mesmo acontece com a pirâmide B mostra o inverso.

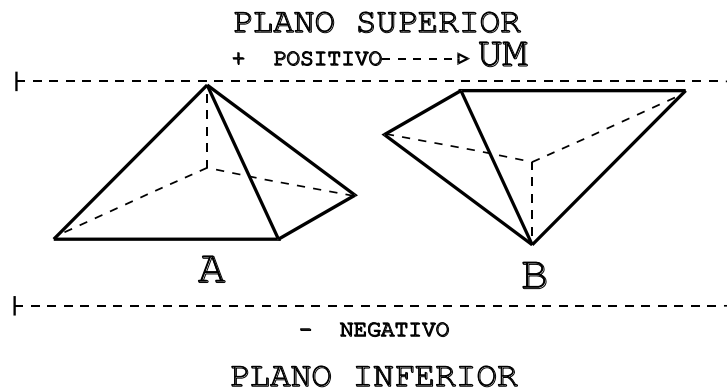


Fig. 5

Por esta razão é que o número quatro é considerado um número perigoso. Não se pode dizer que se trata de um número nefasto, mas sim que ele envolve duas possibilidades opostas.

Este esquema e que ele representa tem uma seriíssima implicação mística, algo que cada um deve descobrir por si mesmo. Não vamos citar qual a conclusão que se pode chegar, pois para o discípulo poder entendê-la é preciso que ele antes haja assimilado certos ensinamentos da Segunda Câmara de Amenti – Câmaras Herméticas.

A CRUZ E O NÚMERO QUATRO

“ É HORA DE ACORDAR O SENTIMENTO.
QUE TUDO MAIS DURMA. JÁ TOCARAM
O TÍMPANO; COMEÇA LIGEIRO TUA VIDA.”

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO ∴



TEMA - 0.371



Na fig. 2 está explícito o simbolismo da cruz. Quanto mais material seja algo, tanto maior a cruz. Vimos na palestra anterior (fig. 1 , 2, 3) que as quatro polaridades que se apresentam nas manifestações da natureza unem-se num ponto, chegam ao UM tronando-se único e a seguir ao ZERO que é o próprio infinito.

Na realidade falamos muito na volta ao *UM*, mas isto significa que é à volta à origem dentro da Criação e não ao nível do *NADA*. A primeira manifestação na criação é *UM*, portanto é a *PRIMEIRA LUZ*. O *UM* é o manifesto, mas não concientizável, portanto já existe como criação. Por outro lado, a origem primeva de tudo é simbolizada pelo *ZERO* que tudo contém, mas coisa alguma em manifestação, portanto não está sujeito nem sequer a tempo e algum.

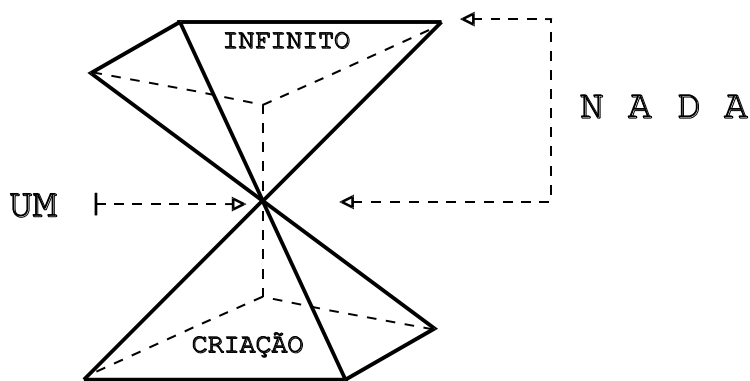


FIG. 1

Pela fig. 1 podemos ver que do 4 chega-se ao UM e que do UM pode-se ascender para o infinito ou descer para o plano inferior.

Pela fig. 2 do tema 0.367 podemos ver que a cruz é uma representação plana da pirâmide e de 4 faces e que esta é uma projeção espacial dos dois bipolos que constituem o quatro.

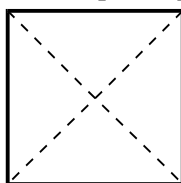


Fig. 2

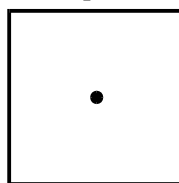


Fig. 3

Podemos sentir que se elevando o ponto de interseção a partir do plano forma-se uma pirâmide de 4 faces e que nessa ascensão as quatro faces tendem ao infinito. Portanto a cruz é considerada como um símbolo de ascensão.

Considerando-se a fig. 2 e a superfície como um plano então as duas diagonais se cruzam, mas onde elas se cruzam?. Com base no paradoxo de Zenão elas só se encontrarão no Infinito que é Deus. Por isso a cruz é um símbolo de direcionamento divino. É pela ascensão da Cruz que se chega ao ponto; pela cruz se sai do material e chega-se ao imaterial, do concreto chega-se ao abstrato; do mundo inferior chega-se ao superior, do plano das formas e chega-se aos planos do sem forma; do domínio da força inferior chega-se ao *dominium* da **Força Superior**. Assim, desde que se entenda e aplique-se o *mistério do quatro*, simbolizado pela cruz o espírito liberta-se do mundo da criação e chega ao UM e pode daí chegar ao **Nada**.

O quatro é um número aberto porque pode levar ao UM, mas também está sujeito a descer deste para os planos inferiores assim como ascender para o infinito, conforme se pode ver pela Fig. 1.

Na realidade a cruz pode ter sentido duplo, por ela pode haver tanto o afastamento quanto a aproximação do que é positivo, tanto simboliza o afastamento quanto a aproximação com o UM. Isto está simbolicamente bem representado pela crucificação. Jesus, a Força Superior desceu do UM e se manifestou na natureza como o quatro, representando a cruz. Na cruz voltou a ascender para o UM. O próprio cristianismo exotérico não entende mais isso, apenas associa a cruz à Salvação pelo martírio de Cristo, mas na realidade o sentido é bem mais alto.

Pela cruz tanto está sujeito o ser se afastar quanto se aproximar de sua ORIGEM.

Os *Celtas* e *Druídas* tiveram grande conhecimento sobre o *número quatro* tanto é assim que na Cruz Céltica muito dos mistérios deste número estão representados.. Vide fig. 4.

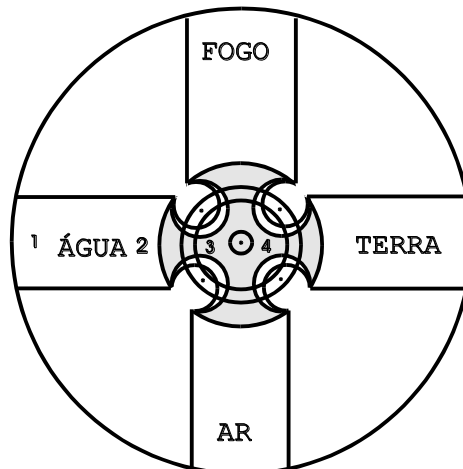


FIG. 4

Vêm-se muitos símbolos na cruz céltica; claramente dois bipolos representando os quatro elementos básicos da natureza: FOGO/ AR e o outro ÁGUA/ TERRA. Também uma cruz em cujo centro há um ponto simbolizando o UM, ponto onde os elementos do bipolo se unem. É o ponto do retorno onde até mesmo os opostos se reencontram e tudo se torna UM. ^{xxxvi}

Não é somente na *cruz celta*, na realidade no mundo atual a cruz mostra dois bipolos entrecruzados simbolizando a manifestação da natureza no mundo e a ascensão. O cristianismo perdeu o conhecimento sobre o significado místico da cruz, relacionando-a apenas ao sofrimento de Cristo à crucificação, mas na realidade existe pelo menos mais um, esse que expomos nesta palestra. a ascensão pelo quatro.

A cruz representa a extensão, o desenvolvimento no sentido de manifestação na natureza, assim como a redução do múltiplo à unidade. Representa o *dominium* do UM sobre o múltiplo.

Uma cruz simples representa a redução à unidade, campo de manifestação exterior que, partindo de um ponto central expande-se nas quatro direções.

^{xxxvi} Ai está representado o teorema e proposição geométrica da *Quadratura do Circulo*.

A cruz também pode resultar do desdobramento 6. Abram um cubo que surgirá uma cruz.

Agora queremos fazer uma revelação bem significativa. A cruz pode levar ao absoluto, mas jamais ser o próprio Absoluto. Jamais o transcendente em sua totalidade pode ser reduzido à unidade; apenas em parte *ELE* pode se manifestar como *unidade*. Se assim não fosse todo o Nada poderia se tornar manifesto, se tornar no todo no *UM* e como consequência *ELE* deixaria de existir como infinito e tudo passaria a ter somente uma polaridade, a da criação. A criação passaria a ser absoluta, mas um absoluto que haveria tido começo e algo que tem começo não pode ser infinito. Infinito não pode ter princípio algum.

Por mais que se crie a partir do NADA este continua existindo com a mesma amplitude, em tudo igual ao antes. Por mais que seja criado a partir do Infinito ele não diminui em coisa alguma, em fração alguma, pois se assim não fosse o infinito tornar-se-ia carente, após a criação faltar-lhe-ia algo e conseqüentemente ele deixaria de ser infinito.

Vemos assim que embora tudo haja surgido a partir do *PODER SUPERIOR* na realidade *ELE* não diminuiu, tal como após a unificação não aumentará.

JAMAIS SE PODE REDUZIR O TRANSCENDENTE EM SUA TOTALIDADE À UNIDADE.

A criação a partir *DELE* é algo que a mente relativa não pode compreender, mas de uma certa forma podemos ter ao menos um vislumbre de entendimento desde que admitamos que *TUDO É MENTE*. A *MENTE* é o que é e *NADA* mais.

O aparente paradoxo mencionado só existira se o universo tivesse existência real, mas sendo ele *MAYA*, uma espécie de ilusão, apenas um “pensamento” da *MENTE CÓSMICA*, então *TUDO É NADA E NADA É TUDO*.

A SUÁSTICA E OS MISTÉRIOS DO NÚMERO QUATRO

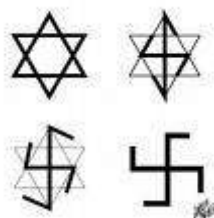
“ENQUANTO TENDES A LUZ, CREDE NA LUZ
E VÓS TORNAREIS FILHOS DA Z ”.
BÍBLIA - JOÃO, XII - 35-36

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO ∴



TEMA 0.372



Poucos sabem que não são apenas a terra e os corpos celestes que giram no universo e que isto está explícito no desenho da svástica^{xxxvii}. O universo como um todo gira, assim como a própria natureza, e conseqüentemente todos os bipólos se alternam em sucessão. Dentro da criação, com mais ou com menos tempo, tudo se repete – Princípio do Ritmo – e isso está representado na cruz céltica.

Ao verão segue-se a primavera; ao inverno, o outono. O giro da natureza tem um sentido próprio, o inverso dos ponteiros do relógio, inerente à quase totalidade das coisas, por isso a pessoa que desejar estar em harmonia com a natureza tem que acompanhar esse sentido no maior número possível de situações do dia a dia.

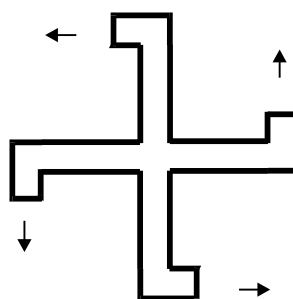


Fig. 1

A suástica simboliza exatamente o giro da natureza, por isso é também conhecida pelo nome de “cruz giratória”. No sentido inverso ao dos ponteiros do relógio ela é um símbolo positivo, pois está em harmonia com o giro da natureza, porém se invertida torna-se um símbolo desarmônico, negativo, usado em magia negra. A suástica nazista era invertida, isto é indicando um giro inverso ao da natureza, sentido dos ponteiros do relógio.^{xxxviii}

^{xxxvii} Sabe-se que alguns corpos celestes têm giro inverso, mas isto não é comum e por certo tem uma razão especial de ser assim.

^{xxxvii} Existem duas formas representativas da suástica, uma indicando o giro da natureza e que tem um Svástica (sentido positivo) e a Svástica sentido positivo (sentido inverso ao giro da natureza).

^{xxxviii} A suástica positiva, a do giro da natureza, Tem o nome de SVÁSTICA e a invertida SAUVASTIKA.

É bem importante que se diga que o giro do universo é oposto ao giro dos ponteiros do relógio. Há pessoas indagam porque o giro da natureza é o inverso do giro dos ponteiros do relógio. Na verdade os ponteiros do relógio não indicam o sentido do giro da natureza. Realmente quem deveria girar seria o relógio e não os ponteiros e se assim fosse o giro do relógio seria idêntico ao da natureza. O que acontece é que sendo o ponteiro o elemento móvel então ele para apontar a hora corretamente tem que girar no sentido inverso. Isto é uma decorrência apenas de um problema técnico da construção do relógio. O próprio nome “ponteiro” indica “apontar”, portanto ele não tem por finalidade girar e sim apontar. Na verdade o que deveria girar seria o relógio enquanto o ponteiro deveria ficar parado, ele apenas deveria apontar, mas isto implicaria numa dificuldade técnica de natureza prática. Realmente quem indica o giro da natureza é o relógio e não o deslocamento do ponteiro.

A swástica positiva mostra o giro correto da natureza e isto se pode constatar pelo giro das próprias galáxias. O giro de uma galáxia se faz no sentido oposto àquele indicado pelo sentido dos braços da espiral, exatamente como está indicado na swástica - fig. 1. Uma galáxia gira de encontro às extremidades dos braços, portanto em concordância com o giro do universo.

Vemos que os braços da cruz na suástica podem ser direcionados para a direita (caminho da mão direita) ou para a esquerda (caminho da mão esquerda). Por meio deste simbolismo podemos entender que existem duas formas de se conhecer DEUS. Os aspectos transcendentais de Deus através do tempo têm sido buscados num sentido e no outro, os assim chamados “caminho da mão direita” e “caminho da mão esquerda”.

A suástica mostra que a realidade suprema não é diretamente acessível ao espírito humano. Ela também mostra que é possível se conhecer DEUS conhecendo-se a polaridade oposta, até mesmo pelo caminho da mão esquerda, mas isto é tremendamente perigoso, como aprenderemos na Segunda Câmara de Amenti. Este assunto somente em grau mais elevado dos ensinamentos herméticos é que são estudados. O sentido inverso de se chegar a Deus justifica o porquê da existência de diversas doutrinas que as religiões oficiais consideram doutrinas “negras” mas que os que as praticam afirmem que chegarão a Deus através de suas práticas. O Hermetismo não nega isto, mas mostra a tremenda dificuldade que o peregrino terá que enfrentar se escolher essa via.

O que acabamos de afirmar parece um autêntico absurdo, mas não é assim, e o próprio simbolismo da cruz mostra isso, especialmente a Cruz Céltica. Os Atlantas sabiam disto, tanto é assim que eles desenvolveram paralelamente os dois caminhos, mas como um deles é deveras perigoso resultou então na destruição do próprio continente.

O caminho a mão esquerda foi muito difundido em algumas culturas do passado como a Druida e a Celta, mas na atualidade sua influência ainda é muito marcante no Tibet, especialmente entre os citados *lamas de chapéu vermelho*.

Conhecer a *Força Superior* através do conhecimento da força inferior, repetimos, é perigoso, pois requer experiência, discernimento e especialmente anulação de todos os paradigmas, o que na maioria das vezes está muito distante do poder pessoal daquele que se dispõe a seguir por aquela via.

Também na simbologia da Índia a cruz estabelece a relação íntima entre o múltiplo e o UM, indicando que a unidade emana da multiplicidade tanto quanto se partindo desta volta-se à unidade, representada pelo ponto central. Por isso, em muitas imagens de Buda, há desenhada a Suástica. Os dois caminhos estão representados no símbolo das portas do *Yantra*, sempre presentes nas Mandalas.

A suástica está representada em vasos, pratos, moedas e outros objetos muitos deles datando milênios antes da era cristã, e isto é natural, pois esse conhecimento oculto do número quatro, pelo que sabemos, já existia na época do Continente Perdido de MU (Lemúria).

O simbolismo do *quatro* e a sua representação gráfica estão bem explícitos em alguns pontos da Bíblia. Queremos dar ênfase apenas aquele citado pelo profeta Ezequiel. Está escrito na visão de Ezequiel: “*E no meio, eu vi a semelhança de quatro seres vivos, e eis qual era o seu aspecto: tinham a*

semelhança de um homem. E cada um tinha quatro rostos, e cada um tinha quatro asas... E eis que era a semelhança de seus rostos um rosto de homem radiante, um rosto de leão à direita em todo o quatro, um rosto de touro à esquerda em todos os quatro e um rosto de águia em todos os quatro...”

Para Ezequiel, há quatro Seres vivos, cada um com quatro faces e quatro asas. O que se converterá mais tarde nos símbolos dos Quatro Evangelistas não era na origem senão os quatro aspectos desses quatro seres, tal como se pode apreciar ainda em representações artísticas do Oriente Médio antigo.

Também no Apocalipse de João no capítulo 4 - (O TRONO DE DEUS E A CORTE CELESTE). 6 - 8 “*Em frente do trono havia um como mar de vidro semelhante ao cristal; e no meio do trono, e em volta do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás*”. 7 – “*O primeiro animal semelhante a um leão; o segundo semelhante a um novilho; o terceiro tinha o rosto como de homem, e o quarto era semelhante a uma águia voando. Os quatro animais tinham cada um seis asas; em volta e por dentro estavam cheios de olhos, e não cessavam dia e noite de dizer: Santo, Santo, Santo, o Senhor Deus onipotente, que era, que é, e que há de vir*”.

Em ambas as citações bíblicas destacam-se quatro seres, situados à volta do trono, representando os quatro aspectos, ou feições de um ser único, o qual só pode ser aquele que “*estava sentado sobre o trono e se assemelhava a uma visão de jaspe verde ou de coralina...*” representando o próprio Deus.

Estas citações bíblicas dizem respeito à manifestação quaternária da natureza, mostrando como Deus se manifesta nos elementos da natureza.

Dissemos do conhecimento que tinham os atlantas a respeito da natureza e, conseqüentemente, do lado esotérico do *quatro*. Isso se pode ver também pela cultura primitiva da América Central e do norte. Para os antigos habitantes do México o mundo foi construído à semelhança de uma cruz, no cruzamento dos caminhos que levam do leste para o oeste e do norte ao sul. Nos manuscritos, o leste é vermelho, o sul é azul, o oeste branco, o norte negro, enquanto o centro é multicolorido. Nas vestes do deus Quetzalcoatl, que governava, sobretudo o leste e oeste, estava estampado uma cruz.

Na cosmologia azteca a cada ponto cardinal havia um sinal, o leste um monstro aquático, o sul um caniço, o oeste uma águia, no norte uma serpente e no centro o terremoto. Diz o pensamento azteca (herança dos Maias e conseqüentemente dos Atlantas) da existência de um espaço-tempo que envolve os fenômenos naturais e os atos humanos impregnando-os das qualidades próprias de cada lugar e da cada momento.

Cada lugar-momento determina de modo irresistível e previsível para tudo quanto se encontra nele colocado. Assim a cruz simbolizava para os aztecas a lei do universo, a alternância de qualidades distintas que dominam e se desvanecem, que vão e que vêm, ressurgindo depois, eternamente.

O hieróglifo azteca mais comum é uma figura de múltiplas variações que compreende quatro pontos e um centro. Representa o ponto de contacto entre o céu e a terra, o lugar onde se opera a junção dos princípios opostos.

Na Sibéria e na Lapônia os xamãs sempre têm em seus tambores estampados uma cruz, representando a imagem do universo. Tem a cruz estampada para que ao vibrar produza o som primordial, criador.

As pinturas dos índios Navajos apresentam quatro barras simbolizando os quatro elementos saídos do Grande Espírito. Do centro circular, representando o Grande Espírito, saem quatro tochas que iluminam as quatro direções do mundo. Este conjunto é rodeado pelo arco-íris. (A natureza sétupla e a manifestação quaternária).^{xxxix}

^{xxxix} Vejamos como culturas que julgamos primitivas na realidade muitas vezes têm conhecimentos mais elevados que a cultura oficial da atualidade.

Mesmo que haja sofrido imensas alterações, a estória da criação segundo a Bíblia mostra o simbolismo do quatro. Ali vemos a ação separadora de Deus na natureza. Gênesis I 1-10 mostra que Deus estabeleceu ordem ao caos inicial, estabeleceu a origem separando os elementos e colocou cada um em seu devido lugar. O Creador primeiro separa a luz das trevas, depois separa as águas superiores das águas inferiores, depois separa o seco do úmido e por fim a terra do mar.

A cruz esteve presente em toda civilização do antigo Egito, sob várias formas e em especial a Cruz Ansata – Cruz alada.

Também nas culturas nórdicas primitivas além da cruz céltica existia uma cruz em forma de T denominada o *Martelo de Thor*.

Pelo que dissemos nessa palestra pode-se ver que a cruz não é primitivamente um símbolo cristão, pois remonta a milênios antes do Cristianismo, mas que, por outro lado, Jesus mostrou simbolicamente o seu significado, demonstrando inclusive que a cruz é símbolo da Ascensão, ela nos indica como unir os opostos como abandonar a multiplicidade para se chegar à unicidade.



QUADRADOS MÁGICOS

“ TODO NÚMERO É ZERO DIANTE
DO INFINITO ”.
VICTOR HUGO

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.386



Em um quadrado mágico, que geralmente simboliza a matéria, e os dados numéricos internos têm a ver com a vida interna, portanto, simboliza a vida interna da matéria.

Nome e número são poder que podem ser gratificantes expostos em disposição de quadrados e cuja construção deve obedecer a regras precisas. São edificações de figuras mágicas, simbólicas e de uma eficácia própria.

Há *quadrados mágicos* de grande poder e que encerram grandes ensinamentos. A tabela 3 mostra um desses quadrados poderosos. É chamado de “O quadrado de 6” (Sol).

Soma linear	= 111
Soma global	= 666
Soma das diagonais do segundo quadrado	= 37
666 dividido por 37	= 18
18 é composto de 6 + 6 + 6	

Esse número **666** é citado no *Apocalipse de João* como sendo o número da besta. O curioso é que dentro deste quadrado há um outro quadrado mágico em que os valores indicados pelas setas somam 37. Este é o número do homem e *666 dividido por 37 dá 18*, ou seja, três vezes seis, ideograficamente 6 - 6 - 6.

6	32	3	34	35	1
7	11	27	28	8	30
19	14	16	15	23	24
18	20	22	21	17	13
25	39	10	9	26	12
36	5	33	4	2	31

Tabela 1

Nos vitrais de muitos templos, especialmente aqueles construídos na Idade Média, e em especial ligados à arte gótica, são comuns representações simétricas com correspondências em quadrados mágicos.

Durante o domínio da “conjura” sobre a cultura ocidental, o conhecimento foi muito perseguido. Em uma palestra anterior falamos de algumas ordens e confrarias secretas, quando mencionamos que duas delas, a *arquitetura* e a *alquimia*, existiram sob o beneplácito das autoridades políticas e religiosas. Assim aquelas duas congregações não eram muito perseguidas, pois os magnatas do catolicismo necessitavam de templos soberbos e de ouro, assim necessitavam dos arquitetos e alquimistas. Esta foi a razão pela qual era permitido a existência de confrarias que congregavam os construtores e os alquimistas, o que não acontecia para com os demais ofícios. Enquanto todas as ciências eram banidas a arquitetura era protegida., por isso nas confrarias de construtores abrigavam-se cultores de várias linhas de conhecimento e não só construtores arquitetos. Dissemos que havia os “sindicatos” e a eles juntavam-se estudiosos e cultores de todos os ramos do conhecimento humano. Como os “sindicatos” de construtores eram tolerados, e mesmo estimulados pelo poder dominante, aquelas pessoas ligavam-se a eles a fim de estudar, e praticar as ciências proibidas sem que corressem riscos de vida.

Em decorrência das autoridades repressoras não saberem que muitos adeptos não eram na verdade construtores e sim adeptos de outras formas de conhecimento, e isso deu margem a que grande números de conhecimentos fossem preservados, pois desenvolvera métodos de nas próprias construções deixar explícitos os mais diversos tipos de conhecimentos.

Dentre as muitas formas de “linguagem arquitetônica” temos a dos vitrais. Esses ornamentos eram então elaborados visando a preservação e transmissão de conhecimentos arcanos.

Atualmente ainda pode-se evidenciar claramente esse tipo de registro, basta que se examine algumas capelas da Catedral de Notre Dame em Paris e comprovar que existem vitrais aparentemente comuns mas que na realidade foram construídos obedecendo à uma simetria peculiar. São desenhos representativos de *quadrados mágicos*. Na fig. 1 podemos ver um deles cujo formato de colmeia na realidade trata-se de uma *quadrado mágico bem significativo*, o quadrado mágico de base 10.

Vejamos, então, a mensagem contida naquele vitral. Contornando-se os números que no quadrado situados na sua posição *ordinal* salienta-se um formato oculto à uma análise superficial. Podemos evidenciar que o algarismo 1 está *primeiro* lugar, o 4 no *quarto*, o 7 no *sétimo*, o 10 no *décimo* e assim por diante. Disto resultará um desenho assas insólito. É algo tão estranho que de forma alguma se pode atribuir ao acaso. Na realidade trata-se da reprodução do quadrado mágico de base 10. Esse quadrado encerra importantes dados que assim são assim são apresentados sob a forma de e sim a mensagens cifradas segundo um mistério dos números.

O Monsenhor Jean de Saint-Denis diz: *Grande parte dos ensinamentos bíblicos, litúrgicos escapam à nossa percepção. Está inteiramente impregnada de linguagem numérica*”. Se ainda hoje o clero tem dificuldades de entender isso, muito mais na época do domínio quase absoluto da “conjura”. Assim foi possível serem salvaguardados inestimáveis conhecimentos arcanos de muitas maneiras, até mesmo através dos vitrais.

Os vitrais, como já falamos antes em um outro tema, não eram coisas aleatórias, meras expressões de arte, pois, além desse sentido numérico eles também encerram conhecimentos a respeito da ação das cores sobre o organismo em geral e de maneira bem peculiar sob o lado mental. Assim pela combinação de cores constituíam-se templos capazes de ocasionar estados místicos especiais.



Fig.1

Pela fig. 1 vemos como a percepção é mutável e parte da magia dos quadrados mágicos se baseia nessa qualidade da mente.

1	99	98	4	95	6	7	93	92	10
90	12	13	87	16	85	84	18	19	81
80	22	23	27	75	78	74	28	29	71
31	69	68	34	36	65	37	63	62	40
50	49	53	47	45	48	57	58	59	41
51	52	48	54	55	56	44	43	42	60
61	39	38	64	66	35	67	33	32	70
30	72	73	77	26	25	24	78	79	21
20	82	83	17	86	15	14	88	89	11
91	9	8	94	5	96	97	3	2	100

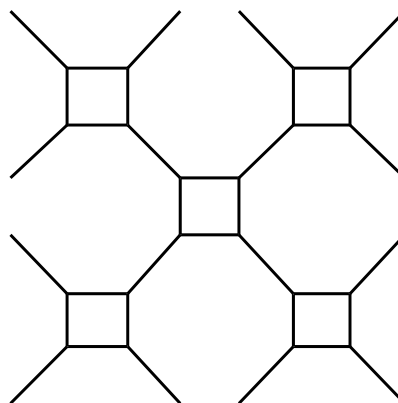


Fig. 2

Somando-se os números assinalados da periferia do quadrado (nas 4 colunas externas) o resultado é **819**. Vejam que o número **819** corresponde a **153 + 666**. O que há de interessante nisso? - **166** é o número de peixes da pesca miraculosa de Jesus e **666** o número da besta conforme o evangelista João.

Apenas mostramos o quadrado de base 10 a fim de fazermos algumas indagações para suscitar a curiosidade do buscador. Podemos dizer que isto envolve grande mistério, um dos segredos que somente um iniciado sério tem o direito de saber. Trata-se de algo tão sério que quase nunca é revelado diretamente ao cabalista, assim como aos adeptos de algumas sociedades sérias ligadas à Tradição. Mas durante a sua caminhada de busca dos valores espirituais e dos mistérios da Natureza é comum que a revelação surja como um *Insight*, um *flash* de conhecimento emanado dos níveis elevados da mente.

Não se tem conhecimento de alguma pessoa não iniciada que haja tido conhecimento direto, transmitido por outra. Nenhum adepto trai certos juramentos, e este é um deles. Muitos livros já publicaram esse quadrado mágico, muitos comentários profanos existem sobre ele, mas todos estão muito distantes da verdade.

Diz a Cabala que pouco importa a língua; são as vibrações sonoras e visuais que contam. Assim também existem *quadrados mágicos* constituídos por palavras. Um deles bem conhecido é feito com palavras latinas e que tem base 5.

A frase pode ser lida tanto horizontal quanto verticalmente como se fosse uma palavra cruzada. O seu significado está ligado à Ordem Alquímica e ao Gnosticismo dos primeiros séculos. Nos primórdios do Cristianismo esse quadrado era bem respeitado. Os Coptas atribuíam um desses para cada um dos cravos que prendeu Cristo na cruz.

Este quadrado mágico literal na realidade trata-se de uma fórmula que, segundo dizem os iniciados, ser de grande importância e que encerra alguns dos conhecimentos considerados perdidos ^{xl}.

↓ ↓ ↓ ↓ ↓

⇒ S A T O R
 ⇒ A R E P O
 ⇒ T E N E T
 ⇒ O P E R A
 ⇒ R O T A S

Existem “quadrados Mágicos” estabelecidos sob determinadas figuras geométricas sendo os mais comuns aqueles que têm por base o hexagrama. São muito utilizados na magia e têm grande potencial. Os números são colocados nos pontos de interseção de cada face dos triângulos.

São conhecidas como estrelas mágicas. A fig. 2 mostra dois hexagramas mágicos, mas existem outros, como pentagrama e que são muito usados em práticas ocultistas. Nestes dois hexagramas a soma de cada linha é igual a 26 e a soma total é 78. Setenta e oito é o número das lâminas do Tarô.

Fala-se muito em numerologia, mas via de regra o que se vê são noções elementares em que os valores numéricos do nome da pessoa é convertido em valores numérico ao qual é dado uma interpretação.

1	99	98	4	95	6	7	93	92	10
90	12	13	87	16	85	84	18	19	81
80	22	23	27	75	76	74	28	29	71
31	69	68	34	36	65	37	63	62	40
50	49	53	47	45	46	57	58	59	41
51	52	48	54	55	56	44	43	42	60
61	39	38	64	66	35	67	33	32	70
30	72	73	77	26	25	24	78	79	21
20	82	83	17	86	15	14	88	89	11
91	9	8	94	5	96	97	3	2	100

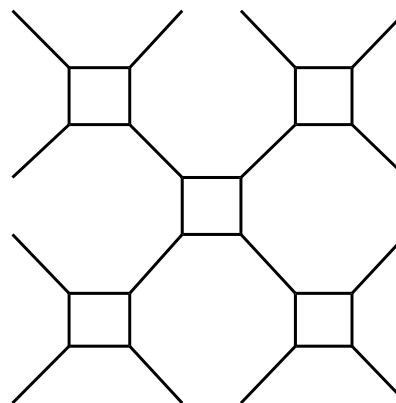


Fig. 2

Nesta palestra não visamos fazer um estudo detalhado dos *quadrados mágicos*, apenas mostrar que eles não significam apenas curiosidades inerentes aos números.

Escrever em detalhes sobre os *quadrados mágicos* seria preciso um tratado volumoso sem contar os desdobramentos possíveis de cada ensinamento.

A quase totalidade do significado dos números reside não no sentido simples do contar e sim nos mistérios que eles encerram, isto é, nos conhecimentos a eles inerentes, todo número, portanto, tem o seu lado oculto. Conhecer os números é conhecer a natureza das coisas, as leis do Universo, é conhecer os atributos Divinos até o limite em que o permitido à condição de um ser relativo.

Na Bíblia existem muitas alusões cifradas como se pode ver em Jó 5-19 “Seis vezes de angústia ele te livrará, e uma sétima o mal te poupará... No Apocalipse de João são várias citações numéricas, especialmente o 7, 12, 24, etc. Até mesmo a numeração da Bíblia em capítulos e versículos tem o seu lado oculto, eles ocultam outro lado da Bíblia que se torna claro para a pessoa que conhecer as chaves interpretativas.

^{xl} - Quando se fala de “conhecimento perdido” diz respeito aos meios oficiais, desde que as Confrarias secretas, as grandes Ordens Iniciáticas, ainda têm quase que todo o conhecimento da história da humanidade. Existem mosteiros, especialmente na região do Himalaia onde imensas bibliotecas zelosamente ocultadas, guardam um cabedal imenso de sabedoria arcaica.

O QUADRADO MÁGICO DE SALOMÃO

“ O MAL NÃO É O CONTRARIO,
É A FALTA DO BEM”.
WILHELM LEIBNIZ



1995

TEMA 0.385



Entre as propriedades dos números existe uma relativa aos chamados *Quadrados Mágicos*. São figuras compostas com números, ou com letras, em que a soma dos números inscritos nas casas podem resultar somas ou produtos iguais. Resultam em somas idênticas independentemente do sentido em que for efetuada uma soma. A soma deve ser constante quer seja efetuada pelas linhas, pelas colunas, ou pelas diagonais. Pode ser apenas a soma das linhas independentemente das colunas, ou vice-versa, ou das colunas ou das diagonais, mas um quadrado mágico será tanto mais perfeito e poderoso quanto mais elementos ele atenda. Assim um quadrado que mantiver as soma das diagonais, das colunas e da linhas iguais é mais poderoso do que um outro que somente mantenha a contate para as linhas, ou para as colunas.

Existem muitas formas e *quadrados mágicos*. A tabela 1 mostra um quadrado mágico simples em que se pode ver que de qualquer maneira que seja efetuado a soma dos números o resultado será sempre 21

5	12	4
6	7	8
10	2	9

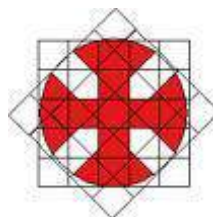
Tabela 1

Soma linear = 21

Soma vertical = 21

Soma diagonal = 21

Os *quadrados mágicos* são conhecidos desde a mais remota Antigüidade e muito utilizados pelo ocultismo, pela magia e por outros sistemas na preparação de *objetos de poder* como *pentáculos*, e *mandalas*. Tidos pelos matemáticos como simples curiosidades numéricas, contudo para o adepto eles significam bem mais que isso.



Quadrado Mágico dos Templários”

Áo se examinar alguns *quadrados mágicos* é fácil se admitir que eles podem ter poderes, desde que o que já mostramos e ainda viremos a mostrar quando do estudo dos números e de suas representações geométricas, mostrando que os números transcendem em muito a simples função de contar.

O mesmo acontece com os números, não é preciso raciocínio ativo para que muito das propriedades deles aflorem é suficiente que sejam distribuídos obedecendo a determinadas relações. Assim é que funcionam os *quadrados mágicos*.

Cornelius Agripa, cabalista e numerologista que recebeu diretamente influência do Abade Jean Tritheme, elaborou uma série de 25 *quadrados mágicos* correspondendo aos 7 planetas e às 9 deidades inferiores e superiores, deidades essas que a magia diz corresponder aos planetas.

Vale observar que se tomarmos uma estrutura, com pesos correspondendo a cada valor das casas, suspensa pelo centro ficará equilíbrio como decorrência da distribuição uniforme dos pesos. Esse poder é o que faz com que os *quadrados mágicos* hajam sido muito usados na confecção de *yantras* e *mandalas* no oriente e de *pentáculos* no ocidente.

Já estudamos o bastante para entender que “nome” e “número” são poderes que se encontram delimitados num *quadrado mágico*. As rigorosas regras de construção dessas figuras mágicas são a garantia, simbólica, de uma eficácia própria do conhecimento oculto.

A manifestação dos números começa com o número 3 por isso o quadrado de base 3 é usado pelos sistemas místicos como símbolo da criação do mundo, pois ele é o primeiro “desenvolvimento” possível da Unidade. Um quadrado de base 1 limita-se a si mesmo, se resume a si mesmo $1^2 = 1$.

É impossível se construir um *quadrado mágico* de base dois por isto é que também não é possível se construir uma *quadrado mágico* com os dois primeiros números, por igual razão também não existem polígonos de 1 e de 2 lados. Os polígonos começam a partir de 3 lados (triângulo). A representação do um é o ponto (adimensional) e do dois uma linha (semi-reta) de união entre dois pontos, pontos estes que na realidade não são dois e sim um aquilo que chama dois é o próprio UM polarizado.

O mais divulgado *quadrado mágico* é conhecido como “*Quadrado de Salomão*” e tem a seguinte forma.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

Tabela 2

Este quadrado Mágico foi apresentado pela primeira vez por *Apolônio de Tiana*, e encontrado em manuscritos árabes do século XI, entre estes o Al Ghazadi e Kitab al Mawazm d Djabir b Hoyân. O Quadrado Mágico de Salomão tem sido freqüentemente usado em muitos tipos de pentáculos utilizado e muitas vezes ele é usado como instrumento mágico para facilitar a parturição. Para tal ele é desenhado sobre um pedaço de tecido novo e colocado sob os pés da parturiente.

O *quadrado mágico de Salomão* contém em si relações que dizem respeito à própria criação, por isso vale ser feito um estudo um pouco mais detalhado.

Não temos experiência pessoal para afirmar se esse quadrado mágico funciona eficazmente na parturição, mas podemos dizer que ele é a síntese da ordem da criação. Talvez, o estar ligado à criação, ao nascimento do universo, o nascimento ao nível do *macrocosmos*, seja a causa da sua indicação na parturição, ou seja, no nascimento de um a pessoa, ou mesmo ao nascimento de qualquer coisa ao nível do *microcosmo*. Haveria uma generalização de uso deste quadrado mágico e isto não contraria as leis do universo, e sim seria uma manifestação do Princípio da Correspondência. “Assim como é embaixo é

em cima”; tudo quanto há quer seja abstrato quer concreto tem correspondência nos diferentes níveis da natureza. Assim algo que tenha poder no plano cósmico, algo que encerre os mistérios da criação no plano cósmico, faça-o também no plano mais limitado, como seja, no nascimento de um corpo físico.

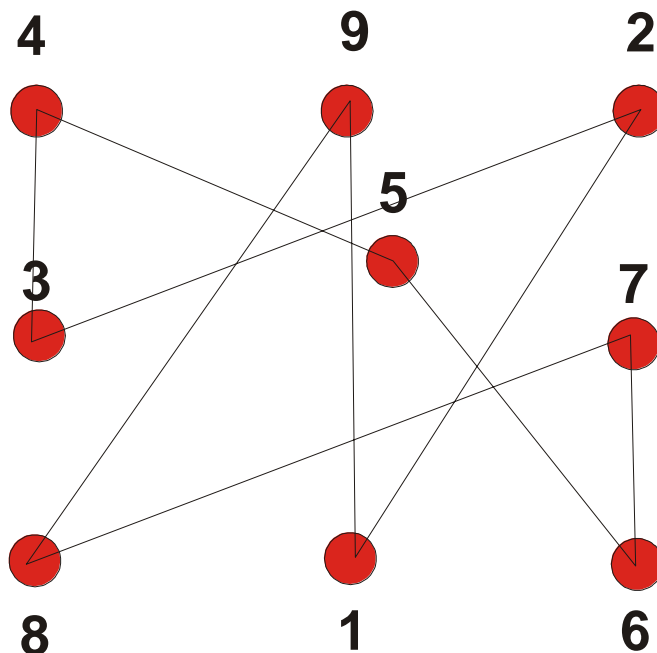
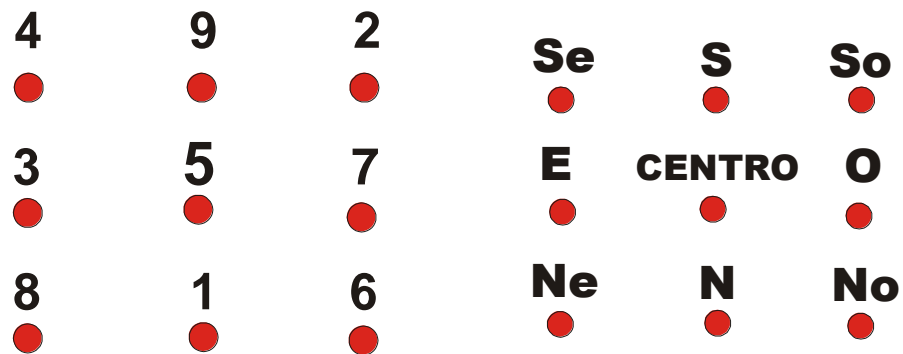


Fig. 1

Salomão, quando da construção do Templo de Jerusalém, trouxe belos ensinamentos; um deles foi sobre a Criação do Universo. Mostrou que da unidade partiu a criação sucessiva segundo valores específicos e direcionamentos precisos. Ensinou que o universo não se expandiu aleatoriamente e sim mediante orientações e valores precisos.

Diz a Tradição deixada por Salomão: A Unidade criou e dividiu o mundo pelo seu próprio movimento.

O ponto de partida da criação define o Centro (0), de onde ele passa para o Norte (1), daí para o Sudoeste (2), e sucessivamente para o Leste (3), para o Sudoeste (4) repassando pelo Centro (5) seguindo para Noroeste (6), para Oeste (7) para Nordeste (8) e para o Sul (9), de onde retorna ao seu ponto de origem (10).

Existe uma expressão bem usada, mas que são poucos os que sabem do seu significado oculto. Falam do *alfa* e do *ômega* da criação, duas letras gregas respectivamente a primeira e a derradeira daquele alfabeto. Quando são usados letras em vez de algarismos, é costume usarem-se letras gregas e

assim sendo a letra alfa indica o ponto de início dessa trajetória expressa no quadrado mágico de Salomão e o ômega assinala o ponto de chegada, portanto o início e o fim de tudo.

Como se vê o universo foi criado seguindo 9 orientações básicas, por isso são apenas 9 os pontos básicos de orientação (incluindo-se o centro) possíveis. O 10 é (Ω) ômega, o fim que ao mesmo tempo é o início (α). Isto tem a ver precisamente com o sistema decimal de numeração; são apenas 9 os números possíveis dentro do contexto macrocosmo/microcosmo, eles são apenas 7 e não 9 porque $1, 2, 3 = 1$. Dos 7 três referem-se ao microcosmo e quatro ao macrocosmos. São sete os aspectos de Deus.

O ponto de partida (0) imanifesto, nove pontos de manifestação, novamente o zero explícito no (1) Zero de partida e zero de chegada.

No universo coisa alguma foge a essa regra, após 9 etapas o retorno à origem. O nove como vemos oportunamente representa a vida manifesta no ser humano. O ser humano (9) a seguir o retorno à origem... (0)



ESTUDO DO NÚMERO CINCO

“ QUEM CAMINHA NAS TREVAS
NÃO SABE PARA ONDE VAI ”.



1995

TEMA 0.380



O número cinco, por certo, é o que mais diretamente está ligado à vida no plano material. Ele é considerado desde remota Antiguidade como sendo o símbolo da humanidade.

É o número que geralmente tende a ser positivo, não é fácil a negatividade penetra-lo, como veremos depois. É o número que preside todas as manifestações da vida, especialmente a animal, e com mais intensidade a vida humana na matéria.

Diz a Tradição que o mundo material é constituído por quatro elementos: *Terra, Água, Ar e Fogo*^{xli}, mas em se tratando dos seres vivos tem que ser considerado um quinto elemento *Akash* que é equivalente à *luz*^{xlii} (Claridade = Luz Solar, ou estelar). Sem a luz não ocorre a fotossíntese e conseqüentemente a matéria orgânica não se estrutura, pois o reino animal depende dos vegetais que sintetizam os compostos orgânicos pelo processo de fotossíntese a partir da luz solar.

A estruturação *inorgânica* do mundo está diretamente ligada ao *mistério quatro*, enquanto a *orgânica* ao *mistério cinco*.

Um quaternário muitas vezes pode se apresentar com uma estrutura de 3 + 1. Quando isto acontece ocupa uma posição especial, ou é dotado de uma natureza diferente das outras.^{xliii}

O mesmo acontece com o *cinco*, muitas vezes uma coisa é constituída de 5 elementos de uma mesma natureza, mas há vezes em que é constituído de 4 elementos de uma natureza e 1 de outra natureza (4 + 1). Assim acontece no que se refere à natureza orgânica. A matéria orgânica tem em sua constituição os 4 elementos básicos; o sólido (terra = minerais); água (líquidos orgânicos, humores); ar (em todos os compartimentos do organismo existe ar); o fogo (calor orgânico - calor dos processos metabólicos, reações exotérmicas, reações de substâncias que desprendem calor → calor animal).

O que estabelece a diferença entre o inorgânico (sem vida) e o orgânico (com vida) é a *energia luminosa*. Esse *quinto elemento* unindo-se aos 4 elementos básicos (4 + 1) faz com que a natureza das coisas se modifique, apresente-se a manifestação vital. Quatro elementos de nível mensurável unem-se a um quinto não medível por vias comuns. O quinto elemento confere ao quatro características especiais, determinando conseqüentemente outro tipo de manifestação da criação. Como já vimos os números até o 3 não integram o mundo das formas, mas quando é acrescido de mais 1 (3 + 1) então surgem as estruturas físicas representada

^{xli} - Fogo no sentido de chama. A ciência atual considera 4 estados da matéria: Sólido, líquido, gasoso e plasma. O plasma corresponde exatamente à chama do fogo. A estes quatro deve ser incluído mais um elemento por : Akash

^{xlii} Embora seja muito discutido o que realmente é o Akash, mesmo assim a maior parte dos iniciados consideram-no a luz. Neste caso luz no sentido de claridade e não a Luz Primordial que se compõe o mais alto nível de manifestação do Mundo Imanente.

^{xliii} - Já mostramos que muitas vezes o três se apresenta como uma tríade constituída de uma mesma natureza. Por exemplo: Pai - Mãe - Filho, mas na maioria das vezes o terceiro elemento é de natureza diferente dos dois outros. O segundo elemento de uma tríade sempre tem a mesma natureza do primeiro elemento; o *dois* nada mais é do que a polarização do *um*, portanto é o próprio *um* e vice-versa, mas quando polariza surge o três, o terceiro elemento. Acontece que nem sempre ele tem a mesma natureza, aliás quase tem essência diferente e via de regra é de natureza abstrata, imponderável. Vejamos como exemplo: 1- grande - 2 pequeno (algo concreto) 3 - idéia de beleza (abstrato). 1 Feio, - bonito (algo concreto), 3 - idéia de beleza (abstrato). Enquanto o tamanho pode ser medido por dizer respeito à algo concreto o terceiro elemento que é uma idéia daquilo não pode ser medido por ser abstrato. A grandeza de algo, representado por grande e pequeno é material, tem existência que pode ser medível, pesável ou contável, enquanto que o terceiro elemento que é a idéia não pode sê-lo por se tratar de algo abstrato, apenas subjetivo.

pelo 4. O mesmo acontece com este número que ao ser acrescido de 1 (4 + 1) surge o 5 cujas propriedades diferem as do número 4, a possibilidade de manifestar a vida orgânica.^{xliv}

Toda vida orgânica na terra depende da fotossíntese que ocorre no reino vegetal. O reino animal não existiria sem a fotossíntese que se processa no reino vegetal.

Vimos que no *quaternário* constitutivo do mundo material quando a ele se soma mais um elemento, transformando-o em *quinário*, há mudança de natureza, passa do inorgânico para o orgânico. Isto é válido para todos os números, quando uma unidade é acrescida à natureza de uma manifestação há mudança de natureza.

Quando o inconscientizável recebe um segundo valor (polarização) se torna conscientizável gerando o três. Se ao conscientizável (*três*) for adicionado algo que o torne *quatro* surge o mundo denso, a matéria inorgânica. Por sua vez, quando ao quatro adiciona-se mais um surge a matéria orgânica (cinco); com mais uma adicionado o cinco surge o *seis* que é o mundo das transformações que opera sobre o cinco. Mais uma unidade e teremos a natureza constitutiva do universo, a vibração com suas leis. Mais uma unidade e surge o *oito* representativo da orientação. A natureza em sua manifestação requer direcionamento, orientação, campo expresso no mistério oito, como veremos em tema futuro. Veremos que tudo aquilo que diz respeito à orientação está ligada ao oito. Mais uma unidade e chegaremos ao mistério do nove que rege a manifestação da vida como um todo. Por isto Pitágoras dizia que os números regem toda a criação.

São *cinco* as funções básicas do organismo - *Respiração, digestão, circulação, excreção e reprodução* assim como também são *cinco* as funções psíquicas básicas e os sentidos físicos. Esse elemento está presente em praticamente todo reino, animal e humano.

Desta maneira, no organismo o número *cinco* está manifesto em 3 grupos essenciais:

1 - FUNÇÕES ORGÂNICAS	2 - SENTIDOS	3 - PSIQUISMO
RESPIRAÇÃO	VISÃO	INTELIGÊNCIA
DIGESTÃO	OLFAÇÃO	RAZÃO
CIRCULAÇÃO	AUDIÇÃO	INTUIÇÃO
EXCREÇÃO	PALADAR	MEMÓRIA
REPRODUÇÃO	TATO	SENTIMENTO

Qualquer que seja a manifestação, e, ou função no organismo, ela sempre está enquadrada num dos três níveis. Ou se trata de uma função motora, Função Orgânica (nível HOD - NETZACH), ou de uma função sensitiva - SENTIDOS - (nível GEBURACH - KJESSED), ou intelectual (nível BINAH - KJOKHMAH) e dentro de cada nível em cinco aspectos.

Numa pessoa tudo o que diga respeito às funções orgânicas estão enquadradas em um dos *cinco* grupos citados, da mesma maneira tudo o que diga respeito às sensações e ao psiquismo também num dos grupos sempre está compreendido em uma das *cinco* funções mencionadas.

No reino humano não existem outros sentidos físicos além desses *cinco*. No reino animal essa também é a regra geral. Mesmo existindo animais dotados de sentidos diferentes desses mencionados, mesmo assim são sempre totalizados em *cinco*. Se um determinado animal tem algum órgão sensorial diferente por certo algum dos sentidos humanos está ausente ou precariamente nele. De acordo com a necessidade, em uma determinada espécie pode haver algum órgão sensorial ausente no homem, mas, por sua vez, este possui algum que aquele não possui e se o possui ele não chega a ser funcional, é resquicial apenas.

O número *cinco* é considerado símbolo do desenvolvimento da humanidade porque o que possibilita a constituição de uma sociedade são os cinco sentidos. Sem os sentidos não haveria integração entre as pessoas, consequentemente resultaria a impossibilidade de estruturação social. Basta a carência de um órgão para que uma pessoa deixe de manter algum tipo de interação, independentemente de qualquer segregação, ou discriminação. Uma pessoa que não possui audição, por certo ela não participa de um concerto, de uma audição musical e de coisas assim. Ela se exclui por não poder usufruir como as demais pessoas daquelas atividades que

^{xliv} Vemos a grande diferença que existe em números como contagem e números como qualidades intrínsecas. Aqui o acréscimo de um número indica modificação de qualidade e não um elemento à mais.

o sentido faltante propicia. Muito mais seria um surdo e cego. Por exemplo, uma pessoa sem paladar não se integra com outras pessoas para um almoço, a não ser movido pelo simples convívio social.

É fácil se perceber que se alguém hipoteticamente não tivesse sentido algum por certo seria inviável sua existência, até mesmo o viver seria praticamente impossível. Por isso é que podemos dizer que são os sentidos físicos que integram a pessoa formando uma sociedade e esta uma humanidade. Os sentidos são janelas através das quais o ser, tanto no que diz respeito à vida material quando à espiritual, se abre ao mundo exterior e se relaciona com o mesmo.

O templo interior de cada um tem nos sentidos instrumentos através dos quais a pessoa registra todas as impressões recebidas do mundo exterior.

Já dissemos, numa palestra anterior, quando falamos no desenvolvimento espiritual na escala animal, que para ser cumprido o paradigma da libertação, é requerido o reconhecimento de um Poder Superior. Para tanto ele tem que saber separar o mal e o bem. Em outras palavras, através de encarnações sucessivas ele aprende a reconhecer a escala do mal e do bem e assim sentir necessidade de se posicionar na polaridade do bem segundo o código escolhido. São precisamente os sentidos físicos que dão as sensações de desagradável e de agradável e assim sendo através de sucessivas encarnações na escala animal o espírito em grande parte levado pelos estímulos dos sentidos físicos começa a entender que há uma escala de mal e de bem, do que é desagradável e do que é agradável, do não compensador e do compensador. Os sentidos fazem com que a caminhada se faça do desagradável ao agradável, do sofrimento ao prazer, do mal ao bem, da treva à luz.

Vemos que os sentidos físicos não só têm uma função material, mas têm também função espiritual, por isso como são *cinco*, este é o número serve com símbolo do desenvolvimento espiritual.

Queremos salientar que, cada sentido se apresenta em *cinco* aspectos. São *cinco as sensações gustativas*, (cinco sabores básicos): *salgado*, *amargo*, *ácido*, *picante*, e *doce*. Também são *cinco as sensações táteis*: *temperatura* (quente/frio), *densidade* (mole duro), *maleabilidade* (rigidez/flexibilidade/fluidez), *aspereza* (macio/rugoso) *textura* (fofo / não fofo). *Cinco são os odores* básicos, mas na língua portuguesa não existem palavras bem específicas para eles. Usam-se mais termos de analogia, como sejam: odor *azedo*, *adocicado*, *almiscarado*, *acre* (ácido) e *pútrido*.

Cinco percepções visuais básicas: *cor*, *dimensão* (tamanho), *forma*, (amorfo / não amorfo), *simetria* (relações comprimento, largura, altura), *proporcionalidade*.

Cinco as sensações auditivas (aqui também em português faltam palavras que definam bem os tipos de percepção auditiva): *Intensidade* (fraco/forte), *timbre* (rouco/ estridente)... (suavidade/ rudeza), *harmonia*, e *melodia*.

Como mostram alguns sistemas orientais existem cinco tipos, *cinco formas de respiração* patológicas: Respiração *cavernosa*, *estertorosa*, *estridulosa*, *anfórica*, *assim como também cinco tipos* de respiração não patológicos: Respiração padrão (normal), pulmonar alta, pulmonar baixa, abdominal, diafragmática. Os orientais, cultores da Ioga citam também cinco tipos especiais de respiração.

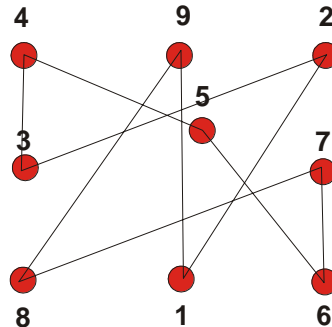
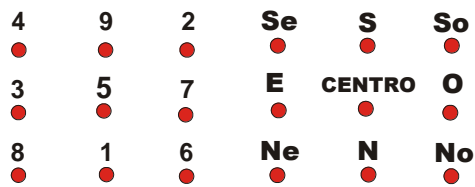
O organismo (vide tabela) só possui cinco funções orgânicas básicas, assim como funções psíquicas básicas. Por sua vez cada função se apresenta em cinco níveis. Não vamos citá-las todas para não prolongar muito essa palestra, mas apenas mencionar os sentimentos: *cólera*, *prazer*, *alegria*, *dor*, *amor*. *Por sua vez existem cinco formas de amor, cinco de prazer, cinco de alegria, cinco de dor e cinco de amor*.

O organismo só dispõe de cinco vísceras: *rins*, *pulmões*, *baço*, *fígado*, *coração*.

Já se pode perceber que praticamente todas as funções do organismo estabelecem-se segundo características do cinco.

Vale salientar que sem relação com o indivíduo as direções num plano (superfície) – superficiais – são quatro: *Norte*, *sul*, *este*, *oeste*, mas quando diz respeito à pessoa acrescenta-se mais uma o *centro*. Para a pessoa não são apenas quatro as direções possíveis numa superfície^{xlv} e sim cinco: *para frente*, *para trás*, *para a direita*, *para a esquerda* e também *para o centro*. *Norte*, *sul*, *este*, *oeste* e *centro*.

^{xlv} Citamos superfície porque em relação ao espaço surge o para cima e o para baixo, que já envolve outro mistério.



São 5 as qualidades do homem perfeito: *Bondade, justiça, amor, sabedoria, verdade*. Por sua vez são cinco os tipos de bondade, de justiça, de amor, de sabedoria e de verdade.^{xlvi}

Jesus, o ideal de perfeição, tem um nome com *cinco letras* e é curioso que na quase totalidade das línguas acontece o mesmo. No próprio hebraico nome JESUS é escrito: *Iod, hé, shin, vav, hé*.

Com 5 pães Jesus saciou a fome de 4 mil pessoas.

Os celtas citavam cinco elementos na natureza, *Lasa*, matéria dura; *Gwyar*, matéria úmida; *Fun*, matéria gasosa; *Ufel*, matéria ígnea; *Nwyvre*, éter, matéria astral.

A Bíblia inicia com o Pentateuco: Gênese, Êxodo, Levi tico, Números e Deuteronômio atribuídos a Moisés.

Como dissemos antes, o quatro é o número do mundo material, inorgânico ao passo que cinco é o número da matéria orgânica e da matéria líquida, em especial a água.

Linus Pauling, prêmio Nobel de Química, e Bernal, evidenciaram que as moléculas de água são “agrupadas” segundo uma simetria da ordem 5, isto é, segundo uma estrutura pentaédrica o que explica a razão pela qual a água “escoa”. Os cientistas Piccardi e Giau estabeleceram que essa estrutura peculiar da água fosse a razão pela qual as moléculas são sensíveis aos campos de forças do universo, o que faz da água, em relação ao número *cinco*, o intermediário entre as forças cósmicas e os seres vivos.

Não existe qualquer cristal que tenha simetria *cinco*, enquanto isto somente a matéria viva e os líquidos que contêm água estão particularmente ligados ao número *cinco*, enquanto os sólidos e matéria morta^{xlvi} apresentam relações com os números inferiores ao *cinco*.

Em física nuclear jamais evidenciou núcleos atômicos estáveis possuindo cinco partículas, enquanto existem núcleos, mesmo que instável para todos os números até 275. Os núcleos de hélio ou de lítio com cinco partículas explodem quase antes de se terem formado. A ciência não sabe por quê.

Enquanto a natureza na constituição das coisas *não* biológicas é muito pródiga na simetria 4, na constituição das coisas biológicas ela é muito pródiga na simetria 5. Há numerosas formas vivas com essa simetria cinco, a estrela do mar é uma delas, mas existem inúmeras outras assim como muitas flores.

No universo só existem quatro dimensões. *Falam de N dimensões, mas até agora somente 4 foram conhecidas com características materiais. Nunca se teve idéia da existência de uma quinta de natureza material. A quinta é imaterial, ou seja o tempo. Isto é decorrência da lei universal de propriedade dos números. Mais uma vez evidenciamos que no universo existem 3 dimensões que têm uma mesma natureza, a quarta é de natureza diferente, é o tempo.*

^{xlvi} Deixamos intencionalmente de mencionar as subdivisões para que possam por si mesmos descobri-los. Isto é um bom exercício mental para aquilatar o grau de compreensão e a capacidade de recepção intuitiva.

^{xlvi} Na realidade, a rigor não existe matéria morta/ no universo tudo tem vida.

MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO - O PENTAGRAMA.

ENSINOS DE SALOMÃO – QUALIDADES DO HOMEM PERFEITO

O VERDADEIRO HOMEM

“AQUELE QUE SABE CALCULAR
COM OS NÚMEROS DA NATUREZA
ENCONTRA A RELAÇÃO ETERNA
DAS COISAS...”
ECKARTHAUSEN



TEMA 0.381



No início desta série de palestras, quando tratamos do simbolismo dos números, mostramos alguns aspectos da representação gráfica do número cinco, do pentagrama, ou estrela de cinco pontas. Vamos agora pôr em evidência mais algumas características dessa representação gráfica do número cinco.

O pentagrama, a estrela de cinco pontas, expressa graficamente importantes princípios inerentes ao número cinco. Esta representação gráfica é muito antiga, documentos bem anteriores à civilização hebraica mostram a estrela de cinco pontas como representação do cinco, pode ser constado que já na antiga China o número cinco (wu) era um número sagrado representado graficamente por uma flor de cinco pétalas. Na China o simbolismo do cinco já se fazia presente nos primeiros registros do *I-Ching*, no *Livro dos Ritos* e no *Livro das cerimônias*. Foi na antiga China que este número foi associado aos 5 elementos da acupuntura, *madeira, fogo, terra, metal e água*, que por sua vez eram associados às cores.

Nas obras mencionadas, os chineses falavam de *cinco* pontos cardeais (incluíam um quinto ponto, o meio), de *cinco* cores primárias cada uma com cinco tons básicos. Para eles eram cinco os bens da felicidade: a *riqueza*, a *longevidade*, a *paz*, a *virtude* e a *saúde*; Cinco também as qualidades morais da humanidade, e cinco as coisas puras: a *lua*, a *água*, o *pinheiro*, o *bambu* e a *ameixa*. Citavam *cinco* graus de nobreza, cinco tipos básicos de cereais. E *cinco* punições nas das leis da antiga china.

Os japoneses citam 5 deuses da felicidade e os representam por cinco budas.

O pentagrama é um símbolo muito mais antigo do que se pode pensar. No Ocidente alguns pretendem afirmar que esse símbolo nasceu com Salomão, porém ele já era usado no Antigo Egito onde há registros em tumbas e sarcófagos.

O cinco era também um número sagrado gnóstico-maniqueístas.

Para os pitagóricos também era um símbolo sagrado que mostrava a harmonia entre o corpo e a alma, por isso era o símbolo da saúde. Era o sinal de reconhecimento entre os pictóricos. Os pitagóricos costumavam traçá-lo no ar com a mão direita como meio de identificação. Eles atribuíam virtudes especiais ao pentagrama porque é uma figura que pode ser construída com uma única linha fechada entrelaçada indicativo de um símbolo de perfeição.

Símbolo associado ao grau de Mestre Eleito da Maçonaria, do rito Escocês.

Talvez seja a figura mais freqüente nos instrumentos de magia e usado em amuletos instrumentos de exorcismo como se evidencia no episódio de encantamento contido no primeiro livro do “Fausto” de Goethe.

Com um vértice voltado para cima simboliza a magia branca, enquanto o a inverso, a “magia negra”. A técnica usada na magia branca consiste em partir da ponta esquerda, seguir para a direita, de lá para a esquerda abaixo, e assim por diante, até a linha vinda da direita para baixo e retornar a ponto de partida. Na magia negra é o inverso. Na magia negra, no centro apresenta a figura de um bode, e na branca um G (fig. 5) ou um Sol, ou uma figura humana como está representado muito bem proporcionado no famoso desenho de Leonardo da Vinci – O Homem Vitruviano Fig 8. Na magia branca, a figura humana está com a cabeça para cima; e na negra, para baixo.



Fig. 1

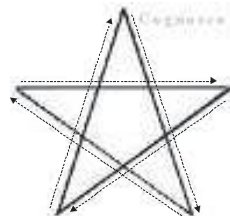


Fig. 2

O Pentagrama é um símbolo muito poderoso, por isso é usado como meio de proteção pessoal. Na Magia Branca o adepto quando necessário o traça até mesmo no ar conforme a Fig. 1.

O pentagrama positivo simboliza o homem positivo. As Figs. 5 -6 -7 representam o ser humano bem plantado sobre seus pés e que trabalha, com suas mãos, seguindo a orientação de uma cabeça bem colocada: A inteligência é nele dominante, a claridade e a lucidez o orienta.

O pentagrama invertido Fig. 3 é o símbolo da queda do ser, daquele que anda de cabeça para baixo, isto é, da desorientação. Daquele em que a inteligência está submetida aos desejos materiais. Simboliza o predomínio do material sobre o espiritual.

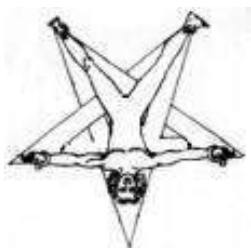


Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

HOMEM VITRUVIANO (Leonardo da Vinci)

Os chineses da Antiguidade já falavam das qualidades do homem perfeito: Bondade, Justiça, Amor, Sabedoria, Verdade.

Salomão em suas preleções feitas no Templo em construção, também trouxe esse ensinamento seguindo-se ao ensino do Cubo – Hexágono. Disse que os seis preceitos diziam respeito às reações do homem para com ele mesmo, que a partir do polimento da pedra cúbica o material estava preparado para o soerguimento do templo interior do Amor Divino. Ele ensinou que: *O Amor é a grande perfeição Divina*.

Mostrando o pentagrama mostrou as cinco condições presentes no ser humano em sua relação com os seres vivos, que podem levá-lo a se tornar um Homem Perfeito – O Verdadeiro Homem.

Sabedoria: A pessoa deve buscar a sabedoria pela busca do conhecimento de tudo quando há. Deve saber pesar, medir e contar^{xlvi} tanto os valores físicos quanto os morais. Ter sabedoria é ter o domínio do conhecimento. Mas não é somente saber, é preciso saber como usar, ter domínio positivo sobre o saber. Saber sem uma utilização positiva é ruim.

Tudo tem polaridade e assim sendo o conhecimento tem dupla polaridade e uma delas é a sabedoria. Salomão é a Sabedoria...

Salomão se celebrizou pela uma imensa sabedoria, tido como o mais sábios de todos os reis.

Verdade: Não pode haver justiça sem a verdade. Quantas injustiças ocorrem pelo desconhecimento da verdade!

Na administração da justiça Salomão procurava primeiro a verdade. Naquela citação bíblica em que duas mulheres disputavam a posse de uma criança da qual cada uma alegava ser a mãe verdadeira. Salomão usou a sabedoria. Antes de administrar a justiça usou de um ardil para saber qual das duas mulheres era a verdadeira mãe.

Justiça: Ser sábio é ser justo. O conhecer não requer justiça, é possível o conhecimento com injustiça, mas não pode existir *sabedoria* sem justiça. Salomão é a Justiça...

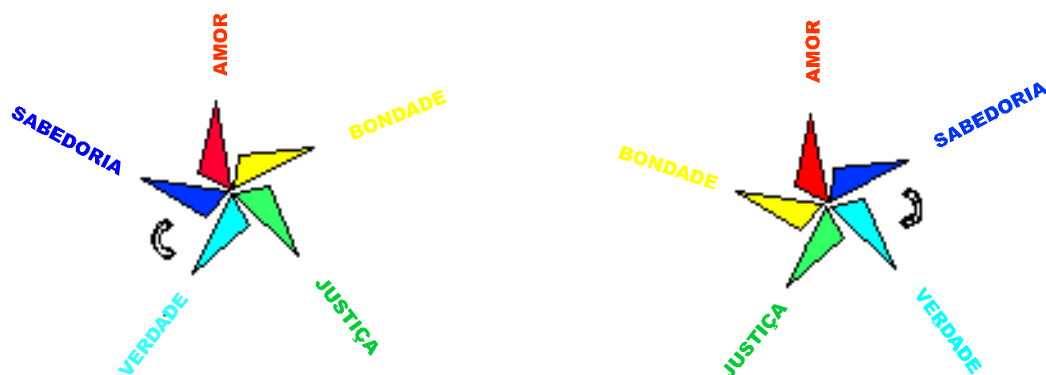
A Bíblia e outros livros sagrados falam da *Justiça de Salomão*.

Bondade: Não pode existir tratamento verdadeiro, justo e sábio sem bondade. É a bondade quem impulsiona a pessoa a procurar a verdade para efetivar uma justiça sábia.

Amor, é a coroa do ser, é a manifestação da sua essência cósmica O amor é Salomão...

Vale salientar que a ordem pode ser inversa. A bondade pode ser a causa da *justiça*, esta a causa da *verdade* e a *verdade* a causa da *sabedoria*. (Fig. 1 e 2).

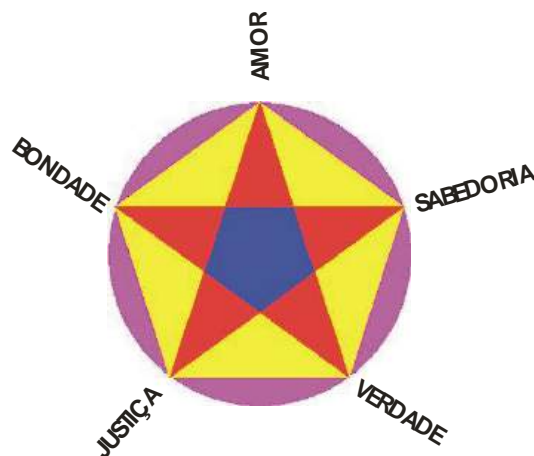
^{xlvi} Na criação três elementos estão inerentes: Medida (volume); Peso (massa) e número. Todas as coisas criadas têm massa, dimensão e por isso pode ser contado.



Cada uma das *Qualidades do Homem Perfeito* é composta por cinco outras, por um segundo escalão de cinco, por exemplo: Desta forma existem *cinco* formas de amor; *Paixão, amor carnal, amor conjugal, amor materno* (maternal/ filial) e *Amor Divino*.

Do mesmo modo existem *cinco* níveis de bondade, *cinco* de justiça, *cinco* de verdade e *cinco* de sabedoria.^{xlix}

Na iconografia cristã associam o *cinco* as 5 chagas de Jesus.



^{xlix} Vale como exercício descobrir os cinco níveis de cada coisa inerente não apenas às demais qualidades do homem perfeito como também a todos os níveis de relações entre a pessoa e o mundo. A vida se torna menos imprevisível desde que se conheça quais os desdobramentos possíveis de qualquer situação.

MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO - A QUINTESSÊNCIA

“QUEM DENTRE VÓS PODE TORNAR LÍMPIDAS
AS ÁGUAS LAMACENTAS? DEIXAI-AS QUIETA E
ELAS, POR SI SÓ, SE TORNARÃO TRANSPARENTES
LAO-TSÉ.

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.382



Na alquimia o número *cinco* ocupa uma posição de destaque. Vem dela o nome *quintessência*; símbolo, de concepção alquímica segundo a qual os *quatro* elementos da antigüidade (água, fogo, terra e ar) devem ser complementados por uma *quinta essência* originária do elemento dominante imaterial do espírito do mundo. Sua participação na totalidade do Universo deveria ser acrescida mediante a atividade espiritual. Este *quinto* elemento, como coroação dos outros, era visto como o elemento vivificador e mencionado a *águia do ar*, a *fênix no fogo*, o *golfinho na água* e o *homem na terra*. A representação matéria viva deixa então de ser quaternária para ser quintenária e a sua formulação gráfica da matéria quintessência da é o pentagrama.

A matéria sem a quintessência é considerada inerte¹ pois é esse “espírito” universal que permite a vivificação da matéria.

Neste ponto podemos dizer o que vem a ser a quintessência dos alquimistas. Na realidade é um dos mais altos aspectos da água. A água no universo se apresenta em sete níveis, *quatro* no plano material e três do espiritual. Assim em relação à vida orgânica a água se manifesta em *quatro* estados: *Sólido*, *Líquido*, *Gasoso*, *Vapor*, sendo a *Quintessência*ⁱⁱ o primeiro do nível espiritual.

Tales de Mileto e outros filósofos antigos afirmavam ser a água o princípio de todas as coisas. Na realidade quando os sacerdotes e filósofos assim ensinavam eles na realidade não estavam se referindo às formas da água do plano material, mas de um fluido potencial contido no universo. Esse princípio no Antigo Egito era representado por *Kneph*, o deus “*não revelado*”. Simbolicamente era representado pela figura de uma serpenteⁱⁱⁱ (emblema da eternidade) circundado um jarro de água, com a cabeça suspensa sobre esta.

Dizem os alquimistas que quando a terra pré-adâmica era reduzida a *Alkahest*, a sua primeira “substância”, era semelhante à água clara. O *Alkahest* é “o primeiro nível invisível”, da água em sua segunda transformação.

¹ Em essência não existe coisa alguma no universo sem vida, mas estamos citando apenas no nível biológico.

ⁱⁱ Algumas doutrinas antiga chamam de quinta essência ao nível imediatamente superior ao estado de vapor. Em sentido ascendente:

Gelo	=	Água sólida
Água	=	Água líquida
Nuvem	=	Água gasosa
Vapor	=	Água vaporosa
Quinta essência	=	?
Sexta essência	=	?
Sétima essência	=	Luz Primordial

Vezes denominam genericamente como Quinta Essência os três derradeiros níveis.

ⁱⁱⁱ Oroburus, a cobra engolindo a própria cauda, símbolo do infinito.

Á água no estado de quintessência é o princípio vital essencial vivificador do universo, o elemento transformador da matéria inerte – o *quatro* – em matéria viva – o *cinco* –, por isto considerado um símbolo de transformação alquímica.

Existem ainda dois estados da água, sendo o mais elevado de todos a LUZ, gênese de todas as coisas, conforme ensinava o filósofo Tales de Mileto, e citado na Gênese Bíblica 1:2 *O Espírito de Deus pairava sobre a face das águas...*”.

Essa natureza da água faz com que ela seja usada em grande número de rituais iniciatórios em todo o mundo e em algumas doutrinas conhecido pelo nome de batismo.

O batismo confere à pessoa, graças à natureza quintessencial da água, uma condição energética de volta à origem, simbolicamente representativa de uma transformação, o sair da materialidade representada pelo mistério quatro e o despertar na espiritualidade representada pelo mistério cinco.

Á água é desde a mais remota antiguidade símbolo da pureza por isso o batismo representa a purificação do ser humano.

A data em que o batismo foi instituído perde-se na névoa do tempo, desde que na Antiga Índia era tido como rito de purificação nas cerimônias religiosas. Também no Antigo Egito era religiosamente praticado em cerimônias nas Pirâmides, e em algumas destas ainda hoje existe pia batismal em forma de sarcófago. Também na Grécia, nos Mistérios de Eleusis, o batismo com água já era praticado. Na religião hebraica o batismo não era pela água e sim pela circuncisão. João, o Batista, fez voltar à Palestina a prática do batismo pela água. Até mesmo Jesus recebeu essa forma de batismo no Rio Jordão, mostrando a sua importância.

Vale salientar uma visita feita por um sacerdote hebreu de nome Nicodemos a Jesus às escondidas dentro da noite. Naquele encontro Jesus disse que não entraria no reino de Deus aquele que não nascesse de novo da água e do espírito. Essa citação tem muitas interpretações mas entre elas a da necessidade do renascimento do batismo pela água da caminha espiritual.

Julgam que a água benta usada no catolicismo é de origem recente. Na realidade o seu emprego é muito mais antigo do que supõem, é um dos mais antigos ritos praticados no Egito, de onde passou para Roma pagã. Os sacerdote do antigo Egito aspergiam com água as imagens dos deuses e por isso aquela água era considerada abençoada.

O que faz com que aquilo que é inerte transmute-se em vivo é a água em sua quinta essência por isso o número cinco é um número relacionado com o lado biológico. As interações dos seres com o mundo pertence ao mistério *cinco*. Indica a maneira como o ser interage a nível orgânico, como reage com o mundo exterior e como e como o mundo exterior age sobre ele a nível biológico.

Uma maneira básica de receber do exterior inclui-se, é claro, os meios de sobrevivência biológica, assim sendo todo o sistema metabólico e digestivo está contido no mistério cinco.

Veremos agora que o número cinco está ligado a tudo o que é orgânico, a tudo o que se apresenta vivificado ou diretamente ligado às formas vivas.

O organismo tem apenas cinco fontes básicas de alimentos para se nutrir: Assim os alimentos tem como origem: Reino Vegetal, Reino Animal, Reino mineral, Água e Prana. A vida orgânica depende diretamente dessas cinco manifestações da natureza.

Existem cinco tipos básicos de alimentação vegetal: *cereais* (sementes - massas), *féculas* (raízes = batatas = massas e similares), *frutas, folhas, caules*.^{liii}

Cinco derivados básicos de origem animal: *Sangue, gordura, carne, ovos e leite*.

Os alimentos ao nível de metabolismo agrupam-se em cinco categorias: *Proteínas, Glicídios* (Açúcares), *Lipídios* (gorduras), *Vitaminas e Sais Minerais*.

^{liii} Um vegetal tem 5 partes: Raiz, caule, folha, fruto e semente

Vale salientar que em decorrência do mistério cinco o organismo não requer mais que cinco órgãos básicos ligados ao metabolismo e ao sistema digestivo/condutor/metabólico. Portanto, são necessárias apenas cinco as vísceras: rins, pulmões, baço, fígado, coração.

Estudamos em outra palestra que existem quatro reinos na natureza: *Humano, mineral, vegetal, animal*. Mas a ciência diz que os seres vivos distribuem-se em *cinco* grupos: *Animal, vegetal, Fungo, Protista e Monera*. Também são agrupados como *Vírus, Bactéria, Fungos, Animais e Monera*.

Os animais podem ser: *Mamíferos, Ovíparos* (aves, reptéis e anfíbios), *Peixes, Crustáceos e Insetos*.

Seja qual for o animal considerado, quanto ao tegumento ele se apresenta com: *Pelo, Pluma, Escama, Placa e Glabro* (sem pelo).

As formas reprodutivas também são cinco: *Brotamento, Cissiparidade, oviparidade, parturição, e esporulação*.

No organismo humano existem 5 glândulas de secreção internas: *Testículo/ovário, Supra-renal, Tiróide, Paratiroide, Timo*.^{liv}

As secreções externas do organismo são: *Suor, Lágrima, Urina, Esperma e Sucos Digestivos*, ao mesmo tempo em que outras tantas são as que se processam em cavidades fechadas: *Sangue, Líquido Sinovial, Líquido Céfal Raquideano, Humor Vítreo e Humor Cristalino*.

O organismo humano para viver depende de cinco fontes de nutrição: *Vegetal, Animal, Mineral, Água e Prana*. Vale dizer que cada uma dessa fonte contribuiu com cinco elementos para a alimentação:

Dos vegetais: *Raiz, Caule, Flor, Fruto e Semente*.

Dos animais: *Carne, Leite, Ovo, gordura e Sangue*.

Dos minerais: Hidrogênio, Oxigênio, Carbono, Cálcio e Fosforo. (O organismo depende de muitos outros elementos químicos, mas este é o grupo maior. Os demais elementos químicos, em ordem de importância, podem ser sucessivamente distribuídos em grupos de *cinco*).

Da água: *Solida, Líquida, Gasosa, vapor e quintessência*.

Do Prana: O *prana* que o ser absorve através da respiração apresenta-se com cinco variedades.

Quando à motilidade dos seres também o número cinco está presente: Temos que considerar no que diz respeito a motilidade ativa e a passiva. Ativa aquela que se processa por um impulso ativo do ser, e a passiva aquela que depende de fatores externos:

Motilidade passiva: *Parada, flutua, Levada pelo vento, Cai, Rola*.

(Algo pode estar *parado*, pode *flutuar*, pode *flutuar* e ser conduzida pelas correntes aquáticas, *flutuar* nas correntes aéreas, e pela modificação do grau de inclinação de uma superfície ele pode rolar).

Motilidade ativa: *Fixo* (o ser *garra-se à algo*), *Anda, Voa, Nada, Rasteja*.

Cada elementos de uma desses quinários podem ser desdobrados em outros cinco e assim sucessivamente: Existem cinco tipos de *Nado*: *Craw, Borboleta, Peito, Costas e Cachorrinho*, assim como existem *cinco* tipos de *marcha*, *cinco* tipos de *flutuação*, e assim por diante.



^{liv} Alguma pessoa poderia dizer da existência de mais uma glândula além das mencionadas, a Epífise, uma glândula resquicial, e cuja função é desconhecida razão pela qual é considerada pela ciência com um órgão resquicial, em vias de desaparecimento. Segundo as doutrina é um órgão que não deve ser considerado como glândula e sim como algo inerente à visão psíquica (terceiro lho.)

MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO – O GIRO DO UNIVERSO

“A ÚNICA COISA IMUTÁVEL É
A MUDANÇA”.
ARTHUR SCHOPENHAUER

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO ∴

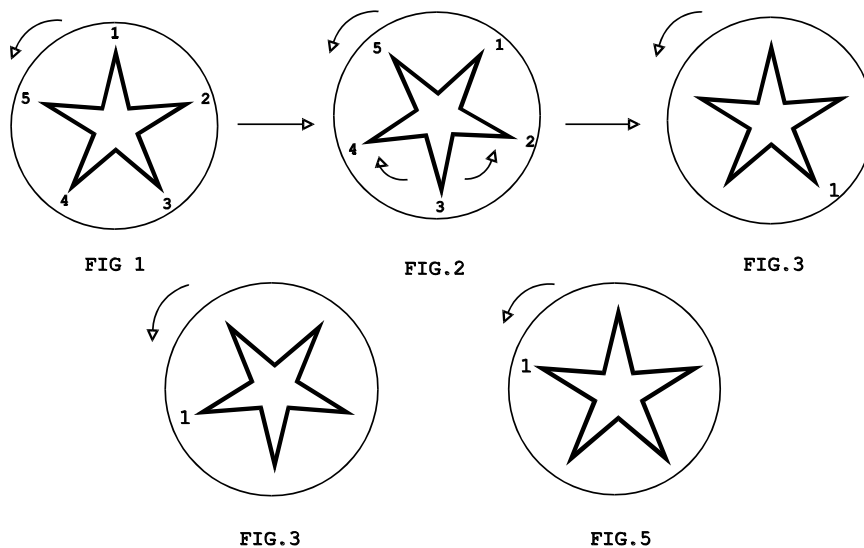


TEMA 0.383



Existe um “segredo” que o iniciado não costuma revelar: “Os Treze Mistérios do Número Cinco”. Descrevemos alguns deles; quanto aos demais os descubram.

O número cinco geralmente não é tão factível de negatividades quanto os números pares, mas mesmo assim não se pode dizer ser ele invulnerável. Dissemos que o pentagrama pode representar a negatividade ou a positividade de conformidade com a sua posição. Não é somente no que diz respeito à posição que ele pode ser negativo, também quanto ao giro. Girando no sentido dos ponteiros do relógio, em posição contrária ao giro da natureza ele é negativo. Mas, como a natureza gira no sentido inverso aos ponteiros, as coisas naturais não podem girar naturalmente em sentido inverso sem problemas. Acompanhar sentido de um fluxo, todos sabem, é bem mais fácil. Existe até uma expressão popular bem significativa que diz: “*Não se deve remar contra a maré*”.



O universo e toda a natureza gira com tudo o que está nele contido. Essa dinâmica pode ser graficamente representada pelo pentagrama inscrito dentro de um círculo. Na fig. 1 a seta indica o sentido do giro do universo. Se o universo gira, tudo aquilo que estiver nele contido torna-se instável se permanecer parado. Veja que, se o universo (círculo) gira e se as coisas nele contidas permanecessem paradas surgiria a situação representada na fig. 2, ou seja, uma condição tanto ou quanto instável. Evidentemente em uma situação assim, algo pode até estar equilibrado, mas basicamente não está firme. O pentagrama da fig. 2 representa essa situação, ele não está firme, e por isso tende a girar (cair) para um lado ou para o outro em busca de estabilidade, fig. 2 e 3. Essa busca de estabilidade é que faz com que tudo aquilo que existe dentro da criação (a natureza), quer material quer não, assumam um comportamento dinâmico, acompanhando o universal.

A natureza, como um todo, pode ser representada por uma figura geométrica e seja qual for ela tende a girar.

No exemplo estamos estudando a matéria viva, ou seja, o *cinco* cuja representação é o pentagrama. Se o círculo gira e o pentagrama se mantém fixo ocorre a situação da fig. 2. A estabilidade do apoio sobre duas pontas passa a ser feita apenas sobre uma ponta e conseqüentemente ele tende ao desequilíbrio, rompe-se a firmeza, e desaparece a estabilidade. Em uma situação assim é ainda possível haver equilíbrio, mas não estabilidade, pois o equilíbrio é precário, há forte tendência a se desfazer. Pode até haver equilíbrio, mas não pode haver firmeza.

Em obediência a uma lei física, o pentagrama tende a procurar se estabilizar dentro do círculo, procurando apoio sobre duas pontas (Fig.3) voltando a ser um pentagrama positivo, estável, equilibrado.

Vejamos um ponto muito importante para nós que queremos compreender cada vez mais a natureza. Pelas figuras podemos ver que embora haja uma tendência à volta ao equilíbrio, que ele é restabelecido, mas algo não será como antes, será um novo equilíbrio semelhante ao primeiro, pois houve um giro, um deslocamento. (Nas figuras isso pode ser visto pela posição do algarismo 1). Por isso é que nada acontece novamente, da mesma maneira na vida das pessoas e no universo. Somente no fim de um ciclo completo é que algo pode ser repetido exatamente da mesma forma, é que tudo pode voltar a ser como antes.

Muitas pessoas indagam o porquê nada mais volta a ser como antes, mesmo que tudo seja repetido de igual forma mesmo assim não é a mesma coisa.

Pela fig.1 podemos ver que o giro do universo cria uma situação de instabilidade, gera um desequilíbrio nas coisas, mas isso é corrigido porque há a tendência a tudo procurar uma nova posição de equilíbrio Fig. 2-3.

É o próprio giro do universo^{lv} quem faz com que o pentagrama positivo converta-se no negativo e este novamente no positivo.

Se transportarmos esse raciocínio para a origem dos espíritos, veremos exatamente como, pelos *mistérios do cinco*, pode-se compreender o que motivou a “queda do homem”, a descida da condição divina para uma condição inferior, a transformação do pentagrama positivo no negativo.^{lvi}

Podemos então, com facilidade, entender um tanto do porquê da queda o espírito e da tendência que todas as coisas tendem para a negatividade.

Um pentagrama dentro de um círculo que gira tende a procurar se manter com dois raios para baixo, pois há mais estabilidade. Fig., 2. O giro tende a desestabilizar, tende a levar ao desequilíbrio, mas paralelamente é ele também quem tende a trazer tudo de volta ao equilíbrio.

Essencialmente a causa dos princípios herméticos é o giro do universo. Ele é a causa maior, o fator determinante de diversas transformações que se observa na natureza. Por exemplo, num universo estático não se manifestariam os princípios herméticos. É o giro o que causa a polaridade, o ritmo, a correspondência o gênero e os demais princípios.

Agora vamos fazer uma revelação de natureza física. A ciência vive tentando a todo custo saber o porquê da “força de gravidade”, sem que até o momento ainda não esteja em condições de compreender o que ela significa. No plano físico, o que faz com que o pentagrama busque a estabilidade quando pelo giro do universo ele se desloca? Se representarmos algo material, essa tendência seria uma decorrência da força de gravidade, evidentemente. Na realidade não é uma força e sim uma conseqüência do giro da natureza, é a busca do equilíbrio, da adaptação a uma nova situação de estabilidade das coisas no universo.

O giro do círculo (fig. 1) faz com que o pentagrama inscrito tenda a modificar a sua posição ficando como na fig. 2. O pentagrama que era superior tornou-se inferior, ocorreu uma “queda” da perfeição para a imperfeição, do equilíbrio para o desequilíbrio, do superior para o inferior. Como a natureza continua em seu giro obriga o pentagrama mais uma vez a procurar um novo equilíbrio (Fig. 3), mas a continuidade do giro leva-o mais uma vez ao desequilíbrio e a seguir a um novo equilíbrio. Assim sucessivamente até serem cumpridas todas as etapas e tudo volte ao início.

São quatro fases através das quais matéria tende ao cinco para voltar ao equilíbrio dinâmico da vida. Só pela matéria o espírito se redime, ou seja, o que é material tende a voltar ao espiritual. Estamos diante de algo

^{lv} - Quando falamos de giro do universo queremos dizer tudo o que existe, não são apenas as coisas concretas que giram, também as coisas abstratas. Até os sentimentos, emoções e coisas assim giram conjuntamente. No momento ainda não podemos mostrar com detalhes o como se processa o giro das coisas não materiais, mas possivelmente num tema futuro sim.

^{lvi} Em uma palestra bem anterior mostramos a “queda do espírito” segundo esquema da cabala. Nesta palestra estamos mostrando por outro sistema, mas em coisa alguma os dois sistemas são conflitantes entre si.

bem significativo. É o giro da natureza quem torna possível a transformação da instabilidade em estabilidade; da imperfeição, em perfeição; do espírito caído, em espírito salvo; do demoníaco, no Divino. Graças ao giro torna-se possível a imperfeição voltar a ser perfeição, o ser, representado no pentagrama com a cabeça voltada para o nível inferior, se voltar para cima.

Nos ensinamentos da Cabala, vemos pelo esquema da *Árvore da Vida* que as coisas descem e sobem, saem de *Kether*, chegam a *Malkut* e voltam até *Kether*. É a mesma coisa, mas a Cabala não diz qual a força atuante, ou seja, o que impulsiona o ciclo descida / subida, o que gera o bipólo *Kether - Malkut*. Podemos afirmar que é exatamente o giro do universo o “motor” propulsor desse incomensurável ritmo.

Se analisarmos a fig. 2 veremos que, embora o giro da natureza tenha um sentido certo, e que é ele quem possibilita tudo voltar ao equilíbrio original, mesmo assim, embora a natureza gire, o ser pelo querer pode buscar uma condição de estabilidade no sentido inverso (Vide fig. 2). Para chegar à estabilidade ele pode girar no sentido do giro da natureza, ou no contrário. A estabilidade pode se efetivar para um lado ou para o outro. Com base nisso é que existem doutrinas que preconizam o giro inverso. Dizem: se existem dois sentidos para o equilíbrio a pessoa pode escolher um ou outro, indiferentemente. Em tese isso é verdade, mas o que não dizem é o volume imenso de dificuldades em “remar contra a maré”; o colossal dispêndio de energia necessário para uma pessoa vencer a força do giro. Há doutrinas que dizem que o ser pode chegar à pureza pelo chamado “caminho da mão esquerda”, mas elas não citam as implicações tremendas inerentes para essa via. A força negativa estimula tais doutrinas, pois os métodos são ricos no desprendimento de energia sutil. O tantrismo negro enfileira-se naquele sistema, o do “caminho da mão esquerda”. Não se pode negar que existe essa via, mas a probabilidade de sucesso é mínima, é dar um passo para diante e outro para traz permanecendo assim num mesmo lugar. Desloca-se pelo querer um ponto no sentido antigiro e o giro traz de volta. O esforço tem que ser tremendamente maior para que o caminhar para traz, o anti-giro supere o giro.

Há doutrinas que dizem assim: Para que a repressão do que é agradável aos sentimentos, se mesmo atendendo a todas as satisfações da matéria é possível se voltar à origem pelo caminho da mão esquerda, pelo anti-giro? Por que não usar um sistema prazeroso, agradável aos instintos se também é possível chegar à purificação espiritual pelo caminho inverso àquele proposto por outras religiões? - Tal é o pensamento da linha negra, do caminho da mão esquerda, muito difundido no mundo. No Tibet, e em outros países do Oriente existem religiões desse tipo, e que congregam um número imenso de pessoas.

Podemos ver que o giro obriga o inferior a se tornar superior, a buscar o equilíbrio sucessivamente. Busca-se no sentido que chamamos de correto porque por ele é bem mais fácil a volta à origem, conforme a seqüência apresentada nas figuras.

O querer permite que o ser busque o equilíbrio inversamente. Nesse caso pode caminhar para traz ou ficar de um lado para outro. Assim podemos ver o porquê do comportamento das pessoas que caminham um tanto e depois, de um momento para outro novamente se envolvem, voltam para traz, depois novamente para frente e assim ficam presos naquilo que os orientais denominam roda das encarnações.

Podemos ver que se seguindo o ritmo do giro da natureza a caminhada se torna mais fácil. Isto, em outra palavra, quer dizer: *Viver em harmonia com a natureza torna mais rápido e fácil o desenvolvimento espiritual.*

É muito mais difícil se tentar chegar à origem pelo lado inverso, mas é exatamente isso o que algumas seitas tentam induzir as pessoas a fazerem, girarem em sentido inverso. Evidentemente que não é impossível chegar à origem girando no sentido inverso, mas é um caminho muito mais difícil, lento perigoso e que requer coeficientes de energia muito elevados. É isso o que motiva os membros das seitas da mão esquerda a se tornarem tão ávidos de energia e tentarem consegui-la a todo custo, a se tornarem predadores de energia.

Usemos uma analogia uma escada rolante. Pode-se chegar ao topo pela escada descendente, mas não se pode negar que o esforço é incomparavelmente maior do que usar a escada que sobe. Portanto se pode dizer ser possível se chegar a Deus caminhando no sentido inverso. Sobre isso teríamos muito a dizer, mas é preferível não fazê-lo neste momento. Aquela possibilidade do seguir em sentido inverso do giro para chegar à origem é que dá sustentação às idéias dos adeptos do demonismo. Teoricamente a perfeição pode ser atingida girando em sentido contrário, pelo *caminho da mão esquerda*, mas praticamente poucos, se é que na prática alguém já chegou.

Muitos tentam fazer o trajeto inverso sabendo da sua existência, se dando conta do que pretendem, mas a maioria das pessoas o faz apenas pela ignorância imposta pelo envolvimento espiritual. Estes são os joguetes

da vida, os que se lastimam, que são levados pelas correntezas da vida sem rumo certo. Enquanto uma atitude assim permanecer, o ser vai se equilibrando, ele não se destrói, mas, por outro lado, não tende a voltar à origem; permanece oscilando de um lado para outro, tentando se equilibrar hora para um lado, hora para outro, retardando assim a caminhada do desenvolvimento espiritual. Essa possibilidade de tentativas indecisas de se equilibrar pode ser vista na fig. 2.

Pelos diagramas pode-se entender que a criação efetivou um universo que gira e que esse giro altera todas as situações, torna mutável tudo quanto nele existe. Também mostra que há uma força impulsionadora, ora que leva tudo o que for instável, inferior, a mais cedo ou mais tarde voltar ao equilíbrio originário.

Três são as situações possíveis ante um universo creado: *Parado*, com movimento *aleatório*, com movimento *direcionado*. Num *universo parado* seria impossível a ocorrência de algo porque tudo existe pela vibração que, em essência, é movimento. Na realidade um *universo parado* seria um *nada finito*, uma delimitação do *Nada*, um universo imanifesto. Praticamente o mesmo dinâmico, mas com a diferença de ser limitado, ou seja, uma delimitação no seio do Absoluto.

Um Universo aleatório seria um caos, não haveria leis físicas, tudo seria casual, não haveria sentido coordenado em coisa alguma, algo tomando um sentido, e outro um sentido oposto. Não haveria sistemas de ordem, não haveria leis físicas, nem químicas, apenas uma mistura incontrolável de situações que nunca se repetiriam segundo um padrão de ordem, conseqüentemente, uma desordem total.

Basicamente o único movimento ativo no universo é o do próprio universo, todos os demais movimentos são relativos. Isto é muito importante porque revela a razão pela qual tudo no mundo é relativo, portanto, podemos dizer que a base da relatividade se estabelece precisamente no Giro do Universo.

Vamos usar uma analogia para ser entendido melhor o que estamos querendo mostrar. Suponhamos um relógio em que o ponteiro fosse fixo e o relógio girasse. Ele marcaria as horas da mesma maneira, aparentemente o ponteiro estaria se deslocando quando na realidade era o relógio que o fazia. No universo as coisas são como ponteiros de tal relógio, parecem girar quando na realidade é o universo quem gira. Disso resultam muitas situações que respondem pelas diferentes velocidades, mas tudo não passa de artifícios do próprio espaço.

Um carro parece se deslocar, mas, vale a seguinte indagação: É que se desloca ou ele se fixa e a terra se desloca sob ele? Nesse caso, a maior ou menor velocidade é apenas o resultado do grau de fixação^{lvii}. Alguém pode dizer, mas nem sempre o carro se direciona segundo o sentido em um dos movimentos, mas tem que considerado a existência de um incomensurável número de deslocamentos no universo. O movimento do universo tem um único sentido, mas os elementos que o compõem podem ter vários. Sabe-e que a terra tem mais de uma dezena de movimento, isso já bastaria para possibilitar igual número de direcionamentos, e ainda mais, não existem somente movimentos correspondente aos movimentos da terra no espaço. Há muitos referentes à movimentos do sistema solar, dos sistemas galácticos, etc. Isto leva a crer que não é a terra que se desloca em volta do sol, ela está tanto ou quanto fixa, quem se desloca é o sistema solar. Este por sua vez não se desloca e sim a galáxia, esta por sua vez não se desloca e sim o Universo como um todo. Tudo que parece se mover na realidade estar parado, estar “fixo” ao universo em maior ou menor grau. Há nas coisas um maior ou menor grau de fixação ao universo o que leva a se pensar que as coisas estão girando.

Examinemos a fig. 1 representando uma coisa qualquer. O giro da natureza aparentemente a desloca. Se o círculo gira e a estrela está fixa na realidade, por falta de um referencial, é a estrela que parece girar. Se ela estivesse totalmente fixa aparentemente giraria com a mesma velocidade do giro do universo, mas como o grau de “fixação” varia de coisa para coisa então uma é arrastada mais intensamente que outra fazendo surgir as diferentes velocidades.

Vejamos mais uma analogia para que se torne ainda mais claro o que estamos dizendo. Muitas vezes numa roda girando uma criança coloca um carrinho de encontro à superfície giratória. As rodas do carrinho giram, parece que ele está se deslocando, mas na realidade não é ele e sim a superfície da roda maior. Há apenas o efeito do giro da roda.

Saber da existência do giro do universo tem grande significação no que diz respeito à compreensão mística da natureza, como veremos. Quanto mais fragmentário for algo mais necessidade tem de adaptações em busca de equilíbrio. Vejamos que uma figura de 6 um quadrilátero inscrito num círculo num circuito completo

^{lvii} Isso não esta sendo dito como verdade, mas como possibilidade teórica.

necessita de quatro adaptações sucessivas para retornar à posição primitiva, enquanto isso um sólido de 15 faces necessitaria de 15 adaptações e assim por diante.

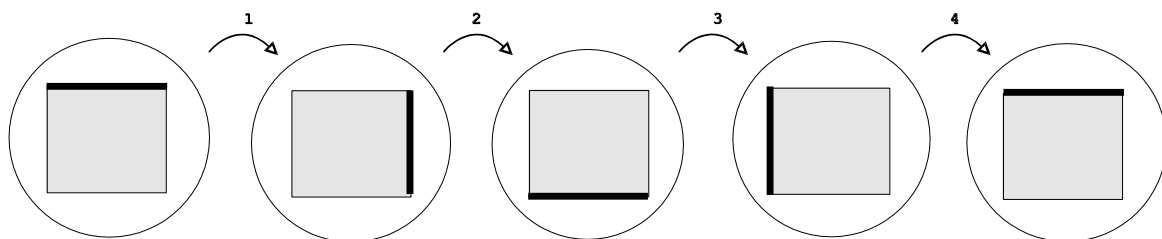


Fig. 6

Em um tema anterior dissemos que os mundos quanto mais inferiores mais leis existem nele e, como consequência, maiores são os graus de complexidade, por isso as possibilidades de desequilíbrios aumentam tanto mais quanto mais descontínua for uma condição qualquer. Tanto mais transformações quanto maior for o número de faces da figura, mas, por outro lado, quanto maior for o número de faces menor será o esforço para mudar de posição, isto é menor o esforço para as transformações. Embora as transformações aumentem em número na medida em que as faces vão aumentando em número, mas, por outro lado, as arestas vão se tornando menores e consequentemente a figura se tornando esférica.

Dentro deste esquema, a representação gráfica de uma pessoa já bem próxima da pureza é quase a de um círculo dentro de outro círculo. Neste caso praticamente não há mais desequilíbrios, necessidade de buscar equilíbrio, pois em qualquer posição haverá estabilidade dinâmica. A estrutura simplesmente gira em harmonia com o giro do universo.

No nível quatro o deslocamento de uma posição corresponde a praticamente 25% do distanciamento da perfeição, enquanto isso num sólido de 30 faces esse percentual de desvio é acentuadamente menor. Podemos ver, então, que as possibilidades de manter-se preso ao mundo é tanto menor quanto menores forem as arestas.

Representemos outras figuras correspondente ao três, ao cinco, ou ao sete. Todos são figuras assimétricas, portanto sujeitas a passar por pontos de maior desequilíbrio conforme o giro. As figuras geométricas assimétricas no giro da natureza passam por pontos de maior instabilidade que as simétricas. Por outro lado, as figuras simétricas, 4, 6 8 dentro de um círculo que gire (giro da natureza) elas são mais estáveis. Os místicos dizem que o número quatro é o número da estabilidade. Na realidade isto pode ser constatado pelo desenho (fig. 6).

Os números mais perfeitos são os ímpares, mas por outro lado eles têm menor estabilidade que os pares dentro do universo. Todas as pessoas ou coisas no universo necessitam adaptações, transformações. Somente o *um* representado por um ponto dentro do círculo não tende de forma alguma a buscar equilíbrio. Ele não tem ponta alguma sobre a qual se apóie e tenda consequentemente a oscilar e nem retrair. De forma alguma ele pode pender para trás, uma vez impulsionado no sentido o do giro segue pela inércia girando no mesmo sentido.

A ciência não sabe, que a inércia é apenas uma das consequências do giro do universo.

Antes falamos do *se deslocar* para diante ou para traz, mas em essência não existe o se deslocar e sim o se fixar mais ou se fixar menos. Fixar-se plenamente equivale a se “cristalizar”, e o resultado é girar para trás. Mesmo que algo esteja fixo o universo gira. No sentido absoluto ele está fixo, mas no relativo está ficando para trás.

Ainda queremos dizer que este estudo não é apenas inerente ao número cinco e sim a todos os outros. Se o apresentamos no cinco é por ser este o número representativo da evolução dos seres vivos, das adaptações evolutivas.

Vimos alguns dos segredos do número cinco, existem outros num total de 13. São lições magníficas que estão contidas nos Mistérios do Número Cinco.

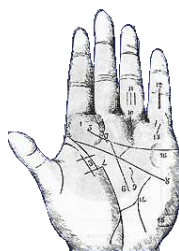
MISTÉRIOS DO NÚMERO CINCO – A MÃO

“MUITOS SÃO BONS PORQUE
NÃO SABEM SER JUSTOS.
A CHAUVILLIERS



1995

TEMA 0.384



Nas duas palestras anteriores citamos uma série de condições biológicas inerentes ao número *cinco* que torna claro a ligação direta desse número com tudo o que diga respeito à vida orgânica.

Mostramos que existe um desdobramento de cada unidade, e que cada elemento considerado pode ser desdobrado em outros cinco e assim sucessivamente num direcionamento ao infinito. O mesmo acontece com todos os demais números, aquilo que um número representa pode ser desdobrado sucessivamente. Por exemplo, mostramos que qualquer nota de uma oitava (mistérios do sete) contem outra oitava inerente e assim por diante. Isso acontece exatamente porque no Universo tudo tende ao infinito.

Falamos da representação gráfica do número cinco o *Pentagrama*. Queremos salientar que existe outra representação para o número *cinco* que é o desenho de uma *mão* espalmada em que cada dedo corresponde a um dos elementos constitutivos do *quinário*. Cada dedo representa uma das pontas da estrela de cinco pontas, e o simbolismo é o mesmo do pentagrama.

A mão é usada simbolicamente para a representação do número cinco, não apenas por ter cinco dedos, mas também por ser o apêndice do organismo que mais tem haver com o relacionamento da pessoa com o mundo.

Trata-se de uma alegoria muito antiga, até mesmo nas pinturas das cavernas a mão é a parte do corpo mais representada. Já nas pinturas rupestres da Idade da Pedra em todos os continentes há muitas imagens de mãos. Alguns dizem ser isso apenas uma decorrência da mão não necessitar ser pintada, apenas impressa num superfície qualquer, não exigindo assim habilidade artística. Se tal foi no que diz respeito ao homem pré-histórico o mesmo não se pode dizer quanto ao homem histórico. Sem dúvida alguma é a parte do corpo simbolicamente mais representada em todas as culturas.

Nos monumentos cristãos edificadas nos cinco primeiros séculos, a idéia, a ação, a onipotência e a intervenção da Divindade era expressa por uma mão saindo de uma nuvem dando a mostrar Deus como um Ser incorpóreo, não denso (nuvem), diretamente invisível (oculto pela nuvem) e que só se manifesta por suas obras (monocórdio).

Nas culturas semíticas, *mão* e *poder* (iad) são sinônimos é expressão de força soberana. Opor a mão significa abençoar, conferir a própria força à pessoa. Mão elevada e dobrada significa a prece, dar as mãos um gesto de paz e amizade. No Islã os 5 dedos significam: a revelação da *fé*, a *oração*, a *peregrinação*, o *jejum* e a *caridade*.

Tem significado não apenas com a força, *com o poder*, mas também impureza/pureza, por isso diz-se estar de mãos limpas. Lavar as mãos, simbolicamente é não se envolver.

Na realidade o simbolismo da mão é idêntico ao do pentagrama e cada de do representa um dos raios da estrela.

A mão pelos seus cinco elementos simboliza a união entre o mundo interior (espiritual) e o exterior (material) Os cinco sentidos simbolizados pelos cinco dedos permitem a consciência perceber o mundo exterior. Pelos dedos escoam a energia sutil, são os pontos do corpo em que mais escoam a energia sutil, por isso para que não ocorra perda inútil é aconselhável que se evite passar todo o tempo com a mão espalmada, especialmente no momento em que precisamos do máximo de energia sutil.

Durante milênios a mão simboliza a Justiça. Uma das virtudes do homem perfeito. Diz o ditado: Fazer justiça com a própria mão...

Existe o conhecidíssimo símbolo da *figa*, uma mão fechada com o polegar emergente entre o os dedos indicador e o médio, sendo em algumas tradições um símbolo fálico por excelência, mas não é somente assim. Isto está ligado basicamente ao fluxo de energia sutil. A energia flui pelos dedos e na posição da figa toda a energia da mão é direcionada através de um só dedo. É utilizado com um símbolo protetor contra azares. Na realidade isso tem fundamento em função baseada no fluxo de energia sutil.

Sem dúvidas o maior integrador físico das pessoas entre si, e delas com o mundo que as cerca, é a mão. Graças à mão o homem criou todo um sistema de vida, desenvolveu uma tecnologia e compôs um imenso acervo de artes plásticas e inúmeras outras formas de expressão. Praticamente tudo aquilo que constitui a sociedade humana é produto direto ou indireto da mão humana.

O pensamento é a primeira expressão a nível pessoal. Diretamente no plano material o pensamento é pouco eficiente. A eficiência do pensamento só se apresenta com eficácia em nível dos corpos energéticos. Na realidade pelo pensamento pode-se operar ações físicas, mas na realidade de eficiência mínima. Ações físicas de grande porte, como acontece em algumas apresentadas por famosos “para-normais”, na realidade não são decorrências diretas da ação da mente sobre a matéria. Primariamente ela se processa ao nível de um dos corpos intermediários e este é quem secundariamente induz a ação física.

A palavra também tem força mais basicamente como indução de reações. A palavra comanda, mas a ação tem que ser executada fisicamente e nisto está a participação essencial da mão.

A importância da mão como elemento integrador do ser humano com o mundo pode ser percebido através de um estudo comparativo entre o ser humano e alguns animais, como veremos: O cérebro do golfinho, por exemplo, é bem mais desenvolvido do que o cérebro humano. A relação massa *corporal*/massa *cerebral* é bem maior no golfinho que no homem. Também várias estruturas cerebrais são mais desenvolvidas no golfinho, até mesmo aquelas inerentes ao neocórtex cerebral. Assim sendo, pela estruturação do cérebro os golfinhos deveriam se estruturar como uma “humanidade”, como uma sociedade complexa tal como acontece com os seres humanos, mas não é isto o que acontece.

A ciência não discute que isto decorre de duas condições. Aos golfinhos faltam: uma linguagem, falada desenvolvida e a presença de um órgão igual ou semelhante a mão.

Os golfinhos têm uma forma simples de comunicação sonora (fala), mas na realidade a fala em importância vem depois da ação, por isso vem em segundo lugar no desenvolvimento de uma sociedade, pois desde que exista a mão pode haver o desenvolvimento de formas de comunicação não falada^{lviii}. Na realidade o desenvolvimento da humanidade atualmente deve-se mais à linguagem não falada. A escrita predomina sobre a linguagem falada. Assim, desde que exista a mão a linguagem e outras formas de linguagem podem se estabelecer, (gráfica, pictóricas, simbólica, etc.). Dessa maneira a deficiência de linguagem dos golfinhos não seria um empecilho ao desenvolvimento de uma sociedade (“humanidade”). Se tivessem mãos poderiam desenvolver muitos instrumentos ou, mesmo através de engenharia genética efetivar uma estrutura orgânica capaz de dotá-los de fala mais eficiente, como por certo virá a acontecer com as pessoas através da engenharia genética em futuro não muito distante.

Com a presença da mão o golfinho poderia desenvolver muitas formas de linguagem, ou mesmo estruturar modificações orgânicas apropriadas, mas a linguagem primariamente não pode desenvolver a mão. A linguagem pode aperfeiçoar a eficácia da mão, pode operá-la, rapará-la, ensinar usos especiais e, até mesmo através de engenharia genética, melhorá-las quanto à eficiência, mas não pode criá-la propriamente. Por sua vez a mão pode primariamente criar uma forma de linguagem.

^{lviii} Exemplo a linguagem por gestos da mão usada por surdos.

Assim, pelo que dissemos, é compreensível que os golfinhos não hajam desenvolvido uma sociedade exatamente por não serem dotados de mãos e eles mesmos não poderem criá-las. Os seres humanos tendo a mão pôde se desenvolver como humanidade, lhes foi possível a estruturação de uma humanidade, portanto a mão é o mais expressivo símbolo da humanidade.

Pelo que afirmamos vale, então se indagar: E como fica o espírito diante disso tudo. Se o golfinho tem um cérebro mais desenvolvimento anatomofiológicamente do que o homem qual a situação dos espíritos que encarnam como golfinho!? - Como sempre funciona a lei do merecimento, ali estão espíritos que ainda não chegaram a um nível de desenvolvimento espiritual suficiente para adentrarem a espécie humana.

Como em todo o universo tudo está ligada à polaridade, também a mão é um instrumento que tem o seu oposto, é através delas que as pessoas expressam o seu grau desenvolvimento, a sua negatividade ou positividade. Assim como todos os acertos no desenvolvimento biológico ocorrem através da ação das mãos também o inverso acontece. As mãos é um determinador do grau do espírito, pois é através dela, agindo mal ou agindo bem, que em grande parte ele mostra o que é.

A superioridade do homem sobre todos os demais animais reside basicamente da existência da mão

MISTÉRIOS DO NÚMERO SEIS

“CAMINHAI ENQUANTO TENDES LUZ, DE MEDO QUE A ESCURIDÃO VOS ALCANCE”.
BÍBLIA - JOÃO, XII



1995 - 3348
TEMA 0.374



Salomão veio a terra com a missão especial de estabelecer normas através das quais as pessoas pudessem evoluir dentro de um mundo complexo, de uma sociedade altamente corrompida. Assim, Ele legou à humanidade, entre muitas coisas importantes, a Maçonaria através de cujos ensinamentos se fielmente cumpridos o homem pode vir a ser *Justo e Perfeito*, por isso os seus ensinamentos primaram muito no sentido do aperfeiçoamento do caráter.

Também Salomão deixou meios do homem poder não ser enganado pelos sistemas religiosos, pelas filosofias, por pensadores, que, na maioria das vezes, agem sob a inspiração do “terceiro interesse”, ou seja, sob a égide da força negativa. Deixou meios de a pessoa sincera poder ter acesso direto às fontes de conhecimentos sem intermediários.

Tudo na natureza se manifesta por leis e princípios que sempre estão ligados aos números. Vejamos como exemplo: O imanifesto está representado pelo zero; o manifesto não conscientizável, pelo UM; o manifesto conscientizável – polaridade – pelo DOIS; a conscientização, pelo TRÊS; a estruturação das coisas e a manifestação da natureza sobre elas, pelo QUATRO; a interação dos seres com o mundo, pelo CINCO; os princípios aperfeiçoadores da natureza dos seres, pelo número SEIS; a natureza vibratória do universo, pelo SETE; o direcionamento pelo OITO, e a vida pelo NOVE. (Em palestra futura mostraremos a continuidade expressa de esoterismo dos números, quando reuniremos num contexto único todas as qualidades que temos apresentado sobre o mistério dos números.

Salomão estabeleceu as normas básicas do aperfeiçoamento individual por isso todos os seus ensinamentos estão ligados ao *mistério seis*, cuja forma geométrica plana é o hexagrama e a forma espacial o cubo.

Um dos grandes ensinamentos baseado no SEIS remontam ao período da construção do Templo de Jerusalém Salomão, segundo dizem os registros esotéricos. Este ensinamento foi dado num momento em que o Rei Salomão visitava o Templo de Jerusalém em construção, quando Ele tomou em suas mãos duas pedras; uma delas, ainda bruta, não preparada, e outra uma pedra polida na forma cúbica. Então disse o Mestre: *O homem deve ser como a pedra polida (o cubo) que surge como uma pedra bruta, irregular, multi-angulada, instável, e que ao ser lapidada revela toda a beleza contida que existe em todas as coisas da natureza. O ser, enquanto não for também lapidado não será aceito no Castelo da Perfeição.*

Segundo o que o Mestre Salomão, o caráter é preparado segundo seis características, (tal como uma pedra bruta é lapidada em seis faces constituindo um cubo).^{lix}

^{lix} No *mistério seis* está contido o ensinamento maçônico representado pela pedra bruta e pela pedra polida presente nas Lojas Maçônicas.

Disse Salomão: *O homem é como uma pedra bruta, cheio de irregularidades, asperezas e imperfeições. Assim como o talhador lapida e transforma a pedra bruta tornando-a polida, assim também a pessoa deve lapidar-se, tirar de si inúmeras arestas irregulares deixando apenas aquelas arestas necessárias a lhe dar uma forma regular e perfeita. Polir a pedra bruta, desbastar todas as arestas imprecisas, para poder ser simbolizado por uma forma geométrica regular em seus múltiplos aspectos, a pedra cúbica.*

Varemos então as seis faces do HOMEM JUSTO E PERFEITO:

1a. FACE - PERCEPÇÃO.

Sem dúvidas, tudo depende inicialmente do perceber. Coisa alguma pode ser iniciada, trabalhada ou concluída sem que antes haja a *percepção*.

Desde que algo seja percebido a primeira iniciativa deve ser a atenção da mente.

A *percepção* só deixa de ser fundamental quando a pessoa chega ao nível de consciência clara, estado em que tudo é percebido.

A *percepção* é tanto menor quanto mais envolvido espiritualmente a pessoa ainda estiver. Por isso é que existe uma gama imensa de diferenças perceptivas entre as pessoas quer sejam em decorrência de fatores sensoriais quer de fatores mentais.

Uma pessoa percebe tanto mais eficientemente quanto maior acuidade tenha nos seus sentidos físicos. Disto advém uma indagação: Como atribuir à *percepção* ao grau espiritual? - Para que possamos entender a razão de ser assim é preciso que nos lembremos de que o espírito assume um corpo segundo a lei do merecimento. Recebe-se um corpo sensorialmente limitado na realidade é aquele tipo de corpo que estabelecerá muito das condições que ele terá que aprender a superar e sublimar.

Pela lei do merecimento, citada por algumas doutrinas, o espírito pode receber um corpo com maior ou menor limiar de *percepção*, ter sentidos mais aguçados, instrumentos mais eficientes para uma *percepção* do mundo ou maior discernimento sobre si mesmo.

Na palestra anterior em que estudamos o *mistério cinco* vimos o significado fundamental dos cinco sentidos e fica claro que da eficiência desses sentidos é que resulta o nível de *percepção*.

A *percepção* pode ser indutiva ou dedutiva. Pode o estímulo vir de fora para dentro assim como de dentro para fora.

Sem *percepção* nenhuma obra pode ser conduzida, a pessoa praticamente é um incapaz. Portanto, é aguçando a *percepção* que ela pode desenvolver cada vez com maior eficácia qualquer empreendimento, quer seja material quer intelectual, moral ou espiritual.

A diferença essencial entre o ignorante e o sábio, entre o pecador e o santo, entre a negatividade e a positividade, na maioria das vezes resulta de uma *percepção* limitada ou deformada. Se a pessoa não for capaz de perceber as diferenças nas múltiplas situações que se lhes apresentam por certo terá diante de si grande empecilho, não saberá distinguir qual o caminho que deve seguir. Não consegue distinguir e separar ou unir as coisas em suas devidas proporções e valores. É fundamental que se tenha meios de saber, de perceber com clareza e exatidão o mal e o bem, a utilidade ou inutilidade dos elementos envolvidos na obra da construção do caráter do ser.

Numa obra qualquer a pessoa não deve se limitar a ter uma visão unitária simples, e sim uma visão a mais detalhada possível, ver e conhecer todos os ângulos daquilo a que se propõe realizar, daquilo que pretende utilizar, ou da maneira como agir.

A visão unitária de algo necessita abranger as três dimensões, e de formar alguma se limitar apenas à fachada. Deve-se prestar atenção também as partes laterais, posteriores,, de evidenciar

simetrias e harmonias. Perceber um indivíduo vai muito além do registro de uma imagem, de uma forma física. Assim também toda e qualquer obra ou proposição deve ser percebida em seus mínimos detalhes, com o quanto mais de detalhes possíveis, para melhor se ter uma percepção aproximada da realidade.

Evidentemente só através da consciência clara^{lx} é que se pode ter uma percepção exata; conhecemos as coisas apenas por aparências, praticamente não é possível se perceber a coisa em si e sim como ela se nos apresenta.

Uma fração enorme de erros é decorrências da falta de *percepção* de detalhes, das conseqüências possíveis e da validade da utilização. Via de regra quando uma situação se delinea a pessoa quase nunca percebe o que daquilo pode ou não pode advir, por isso muitos negócios fracassam, por isso muitas pessoas deixam de ter sucesso naquilo que se propõem realizar.

Não é somente no que diz respeito às realizações materiais que a percepção é fundamental. Também é básico no desenvolvimento espiritual, pois é através *percepção* que a pessoa **“pode perceber a importância de comer ou não do fruto da árvore da vida, da árvore do mal e do bem”**. No caminho da vida muitos deixam a estrada segura para palmilhar veredas difíceis, tão somente por não perceberem por onde caminham, por onde enveredam.

As complexidades da vida, via de regra, são criadas pela própria pessoa e fundamentalmente decorrências da falta de *percepção*.

Perceber não diz somente ter impressões sensoriais, também significa tirar ilações, chegar a conclusões, etc. Existe um manancial enorme de percepções que podem ser catalogadas como percepções dedutivas. Assim sendo paralelamente à acuidade sensorial é mester um aguçamento dos “sentidos psíquicos” sendo o mais importante o desenvolvimento da intuição^{lxi}.

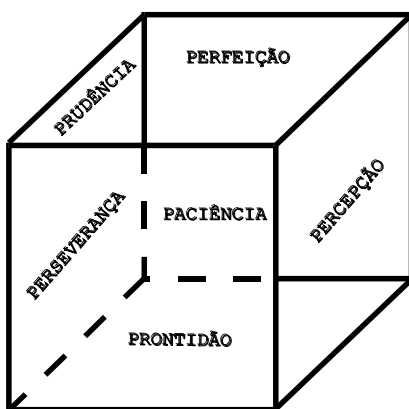


FIG.1

Nível mais elevado do número seis: Representa a LUZ. A harmonia. O Bem. A união do espírito divino e da matéria, do positivo e do negativo, yang ao yin. O silêncio. A inércia do dyn. A união dos quatro elementos. O entendimento, a conversão de valores. A estrela de David. O Selo de Salomão, o grande segredo da alquimia.

O número que só o homem possui: o racional. O DIA. O número em que o abismo entre o homem terrestre e o divino desaparece, onde o divino liga-se ao celeste: caminho difícil de ser trilhado, pois envolve o abandono de nosso ego em prol do Amor, que é a característica, principal do número 6.

^{lx} Consciência totalmente clara só existe na Unicidade.

^{lxi} Não confundir intuição com intenção. Muitas pessoas dizem: eu faço assim por intuição, quando na realidade aquilo já era nelas uma intenção de fazer.

MISTÉRIOS DO SEIS – PRONTIDÃO E PRUDÊNCIA

“ EU SOU A LUZ DO MUNDO; QUEM ME
SEGUE NÃO ANDARÁ NAS TREVAS, MAS
TERÁ A LUZ DA VIDA”.

BÍBLIA - JOÃO, VIII - 12

1995 - 3348

TEMA 0375



Nesta palestra damos continuidade aos ensinamentos em que o MESTRE simboliza o aperfeiçoamento do caráter com o polimento de uma pedra bruta.

Simbolicamente os ensinamentos Salomão em geral podem ser representados pela ESTRELA DE DAVID e por essa razão esse símbolo é mais conhecido como “SIGNO SALOMÃO”

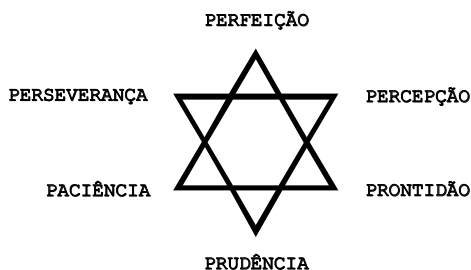


Fig. 1

2a FACE - PRONTIDÃO:

Os ensinamentos de Salomão em sua grande maioria estão dentro do *mistério seis*. Vimos na palestra anterior à importância da pessoa ter a maior acuidade possível no que diz respeito à percepção das coisas. Mas não é bastante perceber, também é necessário estar pronta, devidamente preparada para dar andamento a qualquer empreendimento.

Estar pronto envolve alguns aspectos.

Querer: É essencial que a pessoa esteja querendo realizar algo, que esteja se sentindo devidamente motivado.

É deveras comum a pessoa não atingir os objetivos por não ter a necessária força do querer; diz que está querendo quando na realidade apenas está desejando e muitas vezes nem isso. Diz por dizer, diz para atender alguma situação do momento, apenas.

Capacidade: É fundamental que após a percepção a pessoa analise se tem ou não a devida capacidade para a realização.

A capacidade envolve muitos ângulos, muitas facetas. Na área da pedra bruta aonde vem ser estabelecida a face correspondente à prontidão existem muitas arestas a serem desbastadas, eliminadas. Tem que ser considerado a capacidade profissional, capacidade econômica, física, emocional, e muitas outras.

Não se pode realizar algo se não se tiver o conhecimento na área, seja este intelectual, científico, técnico e muitos outros.

A não observância deste item gera uma gama imensa de dificuldades, dependendo da natureza do empreendimento a pessoa pode sofrer muitos danos ou causar danos a terceiros. Vezes em que a pessoa se envolve em competições para as quais não está devidamente preparado relutando em fracassos e mesmo em perigos. É o agir sem conhecimento de causa, sem medir as inúmeras formas de capacidade.

Muitas vezes a pessoa é levada a assumir compromissos para os quais não é capaz, quer físico, quer intelectual, quer moralmente.

Na realização devem ser precisamente considerados os três níveis expressos na “Árvore da Vida”, no *nível físico* (Hod - Geburach), no *emocional* (Geburach - Kjesed) e no *intelectual* (Binah - Hokhmah).

Deve ser visto se há estruturação biológica para o empreendimento, se há condições orgânicas para a realização; se há condições emocionais, e se há um coeficiente de inteligência ou de intuição, para levar a um estado de perfeição.

Deve ser considerada a presteza, que diz respeito especialmente à pontualidade. Só se pode estar pronto se estiver presente no momento adequado. Quantos fracassam nos empreendimentos em decorrência da falta de pontualidade, do cumprimento de horário, por exemplo. Isso gera problemas sérios no emprego, nos negócios e em todos os empreendimentos da vida. Se uma pessoa não está presente no momento aprazado geralmente perde muitas oportunidades, perde conceito e pode chegar a não ser levado a sério. Neste item está inclusa a falta de palavra, o não cumprimento dos compromissos. É essa aresta que atualmente vem se generalizando. Os profissionais não exímios desobedecedores desse princípio, a proporção dos que cumprem horários, datas e prazos, ainda são minoria, mas é evidente que o homem perfeito tem que ter uma absoluta precisão. Muitos poderão dizer que existem os imprevistos. Existem sim, mas também existe a margem de segurança que se deve ter ao assumir compromissos.

Sob o manto sombrio da *falta de prontidão* vivem os enganadores, os que compram e não pagam, os velhacos, e outros assim. O não pagar é uma possibilidade a que qualquer um pode estar sujeito, mas, desde que seja eliminada a má fé e se considerado a *margem de segurança* preciso diante de qualquer empreendimento, ele quase não existiria, por certo.

Nesse princípio moral está contido aquilo que é dito na Bíblia Sagrada quando diz em Eclesiástico que há um momento certo para tudo, um tempo apropriado para cada coisa, um momento justo e favorável para toda realização. Há momento para nascer e um momento para morrer, um momento para plantar e um momento para colher.

É preciso que a pessoa tenha *percepção* do momento certo e que então esteja *pronto* nos momentos precisos, pois muitos eventos não se repetem em tempo hábil, assim muitas oportunidades não se repetem em curto prazo e sendo assim vale o dito: “o que passou, passou”. É o não perder as oportunidades da vida, dirigir a vida e não ser um juguete a mercê dos eventos.

O bom barqueiro deve *perceber* o melhor momento para dar início à viagem e nesse momento deve *estar pronto* para iniciá-la. Não deve assumir o leme se não souber se orientar, não souber que rumo seguir. É possível que tenha muitos transtornos e dificuldades se não iniciar a viagem com a maré favorável.

3a FACE - **PRUDÊNCIA**:

Iniciada a viagem é preciso a *prudência*. O barqueiro está sujeito a muitos percalços, muitas pedras podem estar ocultas por baixo da superfície e danificar o barco, muitas correntes marinhas podem desviar o seu rumo desviando-o para águas revoltas e de muitas tempestades. Pela falta de

prudência o barqueiro está sujeito a levar o barco da vida para mares bravios. Ele, antes de tudo, deve ter *prudência* para o barco não virar em mares eivados de perigos.

A *prudência* envolve o exame do empreendimento. Tudo aquilo que se faz deve ser feito com *prudência*. O seu oposto é a impetuosidade, que pode ter muitos graus, podendo ir desde uma simples negligência até atingir a precipitação, passando pela intrepidez, pelo arrojo, etc.

Na execução de um empreendimento além da percepção indispensável não basta a pessoa estar pronta, pois numa situação se ocorrem imprevistos é exatamente a *prudência* o elemento equilibrador.

Ser prudente é ser cauteloso, é medir o nível pessoal de prontidão, é conhecer leis e princípios para não infringi-los, pois, como diz um adágio: “Não se agride impunemente a natureza”, ou “A lei sempre se cumpre...”.

Quantos fracassam resultam do desconhecimento das leis e o que é pior do descuido diante delas. Via de regra as pessoas ou não usam as leis devidas ou negligenciam outras essenciais resultando disso uma plêiade de dificuldades que, via de regra, compromete a perfeição da obra.

No exercício da *prudência* é imperiosa a vigilância e a reflexão. “Vigiar” significa estar desperto para melhor por em exercício o discernimento.

É a *prudência* quem guia a precisão da ação, não e possível um bom resultado de uma obra levada a efeito com imprudência.

MISTÉRIOS DO SEIS – PACIÊNCIA E PERSEVERANÇA

ENSINOS DE SALOMÃO - PRECEITOS

“NÃO INTERESSA O QUE SE TRATA DE
LEVAR A TERMO: O QUE INTERESSA É
PERSEVERAR ATÉ O FIM”.
CONFÚCIO

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO ∴



TEMA 0.376



Iniciaremos esta palestra com as palavras do duque de Jean Baptiste Descuret: “Não há caminho demasiadamente longo para quem anda devagar, sem pressa; e não há recompensas demasiadamente afastadas para quem a elas se prepara com paciência.

4a FACE - PACIÊNCIA:

“A pedra que deve ser polida merece a paciência do artesão, do contrário jamais as asperezas serão eliminadas”. Palavras de Salomão.

Polir é, antes de tudo um exercício da paciência. Diz a doutrina hebraica que o mundo foi feito em sete dias. Num nível mais alto de compreensão isso tem um sentido diferentes mas mesmo assim a citação é importante para nos mostrar que mesmo o Criador assim agir nos mostrando a importância da paciência. ELE tudo poderia fazer num só momento, mas não o fez, nos mostrando assim a importância da paciência no desenvolvimento espiritual.

É pela paciência que a pessoa pode chegar tanto à sabedoria quanto à virtude. A sabedoria exige tempo, é um edifício obstruído pedra a pedra, portanto algo que se opõe à precipitação.

Jamais pela precipitação se pode chegar ao fim da jornada. O barqueiro sabe que não pode conduzir o barco precipitadamente, sabe como fazê-lo singrar, vencer as ondas sem que estas tombem o seu barco. Sabe que só com paciência ele pode vier a ter firmeza no leme para chegar ao seu destino.

A natureza nos ensina o exercício da paciência, vemos a precisão paciente no cumprimento das leis.

Benjamim Franklin disse: “Com paciência e tranquilidade logramos tudo... e um pouco mais.

São bem oportunas as palavras do Marques De La Rochefoucauld: “ *O homem prudente deve ordenar, segundo a importância, todos os seus interesses e saber impeli-los para frente, cada um na sua ordem. A nossa avidez muitas vezes os emaranham, obrigando-nos a correr para tantas coisas de uma só vez que, por excesso de desejo das menos importantes, terminamos por pender as mais importantes*”.

A impaciência gera a precipitação e esta a imperfeição. Os trabalhos mais delicados só podem ser executados com paciência, só pela paciência a pessoa pode chegar à ordem e só com a ordem atingir o domínio a ciência da natureza.

A PACIÊNCIA É REFLEXO DA ORDEM E A PRECIPITAÇÃO É REFLEXO DO CAOS.

Engana-se todo aquele que pensa que a paciência é a força dos fracos, pois é preciso ser muito forte e moderado para ter paciência em qualquer ocasião.

“Uma atitude imperturbável provém de uma perfeita paciência. Os espíritos tranqüilos não se assombram e nem se assustam; continuam, na ventura ou na desventura, com a paz íntima, como o relógio durante as tempestades”.

Não existe caminho longo para quem tem paciência, nisto temos a imagem de JÓ que nos legou a maior lição de confiança em Deus. Diante das maiores vicissitudes JÓ continuou impassível no exercício pleno da paciência.

O maior aliado que conduz o homem à vitória é a paciência pois é sábio quem sabe esperar. Como diz o provérbio japonês: *Não mateis o vosso inimigo, sentai-vos pacientemente à soleira da nossa casa e vereis o seu enterro passar.*

Na paciência o homem vê a realização de todos os seus anseios, a paciência é o brasão do mestrado. O verdadeiro mestre é paciente ponderado o discípulo irrequieto.

É pela paciência que a pessoa suporta com mais facilidade o que é inevitável (Horácio).

“Leve é o peso de quem suporta com paciência - Ovídio.

A paciência, tida pelo insensato como covardia, é para o sábio indício de alma verdadeiramente grande.

5a FACE - PERSEVERANÇA:

Salomão disse aos obreiros mostrando-lhes mais uma das faces da pedra polida: *Nenhuma aresta seria polida se não tivésseis a perseverança necessária para desbastá-la... À natureza humana é assim passo a passo toda estrada pode ser percorrida; gota a gota até mesmo o oceano pode ser esvaziado... Ceitil por ceitil tudo será pago... Dívida por dívida tudo será pago, se tiveres paciência e perseverança no desejo de fazê-lo”.*

Jamais se chega ao fim da jornada sem que haja um mínimo de perseverança. Sem a perseverança não se daria nem sequer o primeiro passo, em tudo a perseverança está presente e sem ela nada flui, coisa alguma a pessoa realiza. Não existe alguém sem per vença, o que existe são pessoa mais e pessoas menos perseverantes.

O barqueiro precisa perseverar, não desistir ante os embates das ondas, estar pronto para atravessá-las e não desistir. Mesmo que o barco perca o rumo certo ele deve ser perseverante para redirecioná-lo, pois somente assim ele conseguirá aportar no cumprimento da sua missão.

Jesus nos legou uma lição de perseverança na caminhada para o calvário. Diz a Bíblia que ELE caiu por três vezes, levantou-se e continuou sua caminhada, mostrando que mesmo que a pessoa caia na estrada da vida ela deve perseverar.

De uma modo geral em muitos momentos paciência e perseverança parecem ser uma mesma coisa mas há diferenças decisivas em muitas situações. Deve-se ter paciência até mesmo diante das coisas erradas que não possam ser modificadas, mas jamais perseverança naquilo que não for certo. Pode-se ter paciência diante do erro mas não perseverança no que é errado.

Milarepa e Jó, os dois homens de quem mais chegou até nós o exemplo vivo da prática da paciência e da perseverança. É bem conhecida a estória de Jó, mas no ocidente poucos conhecem a de Milarepa, o fundador do Lamaísmo^{lxii} no Tibet.

Quando jovem Milarepa sentiu-se atraído pela a vida monástica razão pela qual procurou alguém que pudesse vir a ser o seu Mestre. Assim foi ter com um ermitão conhecido como uma pessoa sábia e santa. Recebido pelo ermitão, que vivia numa das encostas do Himalaia pediu-lhe para ser aceito como discípulo. O Mestre sábio, disse que o aceitaria como discípulo desde que ele lhe auxiliasse construindo um pequeno muro diante da caverna em que vivia. Milarepa se disse pronto para realizar o trabalho. Passou o primeiro dia e ao entardecer a obra estava concluída, quando, então, o Mestre veio examinar o trabalho. Sem qualquer comentário adicional o Mestre empurrou o muro derrubando-o e disse apenas: Não está bem feito, não está perfeito. Faça-o de novo, quero um muro perfeito. Milarepa no dia seguinte se empenhou ainda mais, mas o sábio novamente derrubou o muro. Assim seguiram-se os dias, e cada vez Milarepa mais se esforçava para satisfazer o desejo do seu Mestre. Mesmo sem resultado algum ele persistiu e assim decorreu um período de 14 anos, até o momento em que o Mestre disse: basta, foste aprovado na primeira lição, a de dominar as emoções, ter obediência, paciência, e perseverança. Estás devidamente preparado para receber novas lições.

A partir de então o “Santo Homem” transmitiu todo o conhecimento mediante o qual Milarepa estruturou todo o sistema religioso do Tibet, tornando o povo daquele país o mais ligado à em toda a terra.

Existe um ditado popular que bem retrata o quanto é poderosa a perseverança: “Água mole e em pedra dura, tanto bate até que fura”. Em consonância existe outro pensamento que “Uma fortaleza rodeada de baluartes se rende à perseverança de uma simples picareta”.

“Manda, torna a mandar, manda, torna a mandar espera, torna a esperar, espera, torna a esperar, um pouco aí, um pouco aí ” BÍBLIA - Isaías 28-10.

“O justo cairá sete vezes, e tornar-se-á a levantar ”BÍBLIA, Provérbios, 23-16.

Na realidade se pensarmos bem, veremos que é a força e sim a perseverança quem executa as grandes obras.

A estrada de mil léguas começa por um passo.” - Provérbio Japonês.

A pessoa pode tropeçar e cair cem ou mil vezes sobre as pedras cármicas, na transposição dos inevitáveis obstáculos, porém, se ela persiste outras tantas vezes levantando-se e reiniciando a marcha ou a tarefa com o ardor e entusiasmo, acabará por ser acolhida no templo da perfeição.

Mas, em tudo vale a razão, há momentos que não se deve persistir; não se deve persistir no erra, no caminho errado. Jesus disse aos apóstolos: *Ide e pregai os Evangelhos em todos os lugares. Os apóstolos indagaram: Senhor e se não quiserem nos escutar. Jesus respondeu: Se persistires e não lhes derem ouvidos, sai da cidade e bate até mesmo o pó das sandálias.*

Na vida à cada dia encontramos pessoas que se dizem sem sorte, que vivem plenos de lamúrias, sem que encontrem a causas de tantos insucessos. Na realidade são pessoas que nem ao menos têm a perseverança de procurar descobrir a causa essencial das dificuldades, são pessoa que perseveram apenas nas lamentações. Jesus disse : Faz a tua parte e Eu te ajudarei” ... “Quem quiser me seguir pegue a sua cruz e siga-me”.

A natureza não é pródiga para os que não perseveram, ela dá tudo mas é preciso que a pessoa não se acomode diante das situações. O que separa o fracasso do sucesso, em parte é sem dúvida alguma a perseverança.

^{lxii} O Lamaísmo é a religião dominante no Tibet e países vizinhos no Himalaia. É uma das religiões baseadas nos ensinamentos de Buda.

MISTÉRIOS DO SEIS - A PERFEIÇÃO

CHAMO CRISTALIZAÇÃO TUDO AQUILO O QUE
TIRA DO ESPÍRITO O DESEJO E A CAPACIDADE
DE BUSCAR DA PERFEIÇÃO.



TEMA 0.377



Disse Salomão: “A *pedra cúbica está quase Pronta, falta-lhe o aperfeiçoamento. Cinco etapas foram cumpridas mas ainda resta uma face para ser trabalhada*”.

6a FACE - PERFEIÇÃO:

O barqueiro chegou ao seu destino, mas é preciso saber aportar, firmar com segurança a âncora do seu barco. Após as vicissitudes da viagem ele sabe que ainda lhe resta uma ancoragem que deve ser perfeita para que no derradeiro momento não venha o barco soçobrar.

Muitos chegam ao porto, mas a viagem não foi perfeita, por isso ela deve ser repetida, uma duas, ou tantas vezes que se fizerem precisas, cada etapa deve ser revista, analisada e melhorada. Não cristalizar qualquer etapa em qualquer momento. Tudo deve ser analisado etapa por etapa.

Podes fazer pouco, mas tudo aquilo que fizéreis fazei-o com perfeição...

O que estabelece a diferença entre o curioso e o artista é a perfeição. Os virtuosos em qualquer arte são aqueles que procuram fazer as coisas as mais perfeitas possíveis.

É pela perfeição das realizações que o obreiro se transforma num artista.

A não observância exata das 5 primeiras etapas do trabalho de uma obra é que leva a não perfeição de uma obra.

Os principais oponentes da perfeição são: *o não estar Pronto, a incapacidade, e a negligência.*

A negligência tem diversas causas que devem ser combatidas à vida inteira. Ela confunde-se com a desorganização e sabemos que só através da ordem é que se chega à perfeição. Não pode haver perfeição sem que haja ordem.

O objetivo do homem não é a felicidade, é a perfeição, pois na perfeição reside a felicidade.

Disse Marco Aurélio: “*Onde quer que se possa aperfeiçoar uma obra, de acordo com a exigência da razão, que é comum aos deuses e aos homens, não é possível haver um mal grave*”.

Não pode ser Mestre aquele que não procura ser perfeito como discípulo; perfeito no pensar, perfeito no falar e perfeito no agir.

A perfeição é um dos Atributos Divinos que mais se manifesta ao homem, mas este permanece cego, não querendo ver, ou não podendo ver ofuscado com o esplendoroso brilho do que é perfeito. Se a pessoa quiser chegar a Deus é preciso procurar a perfeição, e para chegar à perfeição é preciso o cumprimento dos demais

preceitos de Salomão. Mesmo que a perfeição seja uma meta inatingível em poucas encarnações mesmo assim deve ser o principal objetivo de cada um.

Deus reflete-se na natureza e observando-se a natureza sente-se o preciso cumprimentos dos SEIS PRECEITOS.

É bastante que a pessoa observe a natureza para sentir a perfeição de DEUS. A natureza é uma verdadeira pedra polida. Ela não apenas sente, mas é a própria essência a ser percebida. As leis sempre se cumprem mostrando que a MÃE NATUREZA sempre está *Pronta*, em qualquer momento e onde quer que seja.

A Natureza jamais comete erros. Faz tudo em perfeita obediência às leis e princípios, por isso pode ser modelo de prudência e cautela.

Tudo a natureza faz no seu devido tempo, ela só está *Pronta* no momento exato, atua com prudência e é essencialmente paciente. Os ciclos da natureza são exatos, não adiantam e nem atrasam sem que exista uma lei maior modificando. Não se apressa, tudo nela tem o momento exato.

A evolução da natureza na terra vem ocorrendo há bilhões de anos; uma etapa sucedendo à outra numa harmonia perfeita, numa sincronia digna de um malabarista talentoso.

Jamais vemos os seres da natureza se precipitar em nada. A abelha não apressa a fabricação do mel, a aranha não se precipita por pressa na consecução da sua teia.

Na natureza há coisas aceleradas e coisas lentas, mas não precipitadas e nem intempestivas tudo ocorre tudo em obediência á uma lei regente. Não existem leis lentas ou aceleradas, leis imprudente, impacientes e sem que seja capaz de efetivar a ação.

Quando nenhum dano é causado à natureza não se precipita em coisa alguma e nela não existe coisa alguma é imperfeita. É a perfeição de *Netzach* da “*Árvore da Vida*”. Todas as células sabem como agir e agem perfeitamente a não ser quando ocorre a interferência de algum querer imperfeito (envolvido).

Os astros giram numa sincronia perfeita, numa harmonia maravilhosa, como se fizessem parte de um balé perfeito, ao som da Música das Esferas, sob a regência do Grande Arquiteto do Universo.

Os seres biologicamente mais elementares da natureza não têm um querer (Hod) bem desenvolvido e atuante, eles são mais instintivos (Netzach), por isso a regência das leis da natureza emanadas de DEUS chegassem quase que diretamente. Isso é o que faz com que tais seres sejam perfeitos em suas funções. Os insetos, por exemplo, não cometem erros, mais um inseto estabelece o seu habita num lugar impróprio. Até as formigas sabem onde construir seus buracos sem que sejam atingidas pelas intempéries, pressentem com antecedência as intempéries.

Muitos são os animais que podem ser mestres de perfeição do homem. Veja a perfeição dos ninhos construídos de gravetos, ou de barro, como exemplo. Os seres simples fazem aquilo que necessitam dentro de um preciso ritmo, paciência, *prontidão*, prudência e paciência do que resulta a perfeição. Desde que não se façam presentes condições espúrias, jamais há erros nas manifestações da natureza. Jamais se vê um casulo, uma colméia errada, um ninho mal construído.

Há atividades que envolvem índices tão elevados de perigos que só aqueles que procuram à perfeição é que conseguem exercer-las. Tomemos como exemplo um equilibrista., um trapezista e coisas assim. Ele deve ser perfeito naquilo que fazem sob pena de seriíssimos danos. Há uma elevada gama de atividades que exigem um fiel cumprimento dos SEIS PRECEITOS.

Disse Santo Agostinho: “A função da perfeição é fazer com que cada um de nós conheça a sua imperfeição”.

Salomão continua ensinando aos obreiros: “*Na pedra mais bem polida ainda cabe polimento*”.

A ciência vem mostrando isso. Uma superfície que aparentemente está muito bem polida se for colocada num microscópio se vê que está cheia de crateras.

MISTÉRIOS DO SEIS - A PEDRA CÚBICA

“PROGREDIR É CAMINHAR EM
DIREÇÃO À PERFEIÇÃO”

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO ∴



TEMA 0.378



Ainda ensinamentos de Salomão: “O cubo representa o ideal de perfeição do caráter humano, pois se apresenta com absoluta igualdade, retidão e paralelismo. Assim deve ser aquele, seja no sentido material, moral e espiritual”.

No mundo as coisas densas se apresentam com três dimensões: comprimento, largura e altura. O cubo expressa a igualdade entre esses três valores, constituindo-se por isto uma figura geométrica regular perfeita. Naturalmente o cubo é mais estável que uma outra figura de seis faces irregulares, assimétricas.

FIG. 1

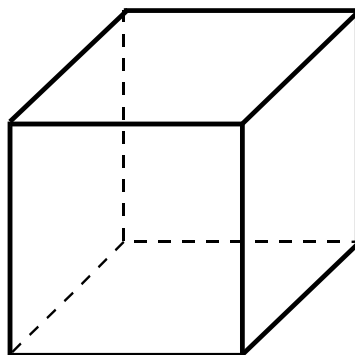
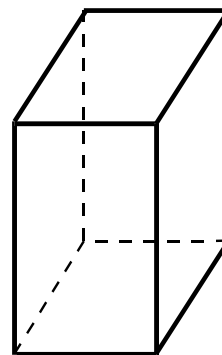


FIG. 2



A pessoa não deve ser semelhante a um cubo irregular, não deve ter arestas maiores e menores, ter faces com áreas maiores e áreas menores. No caráter as arestas devem ter a mesma medida, isto equivale a não ter “dois pesos e duas medidas”. Diante de cada situação semelhante ela deve ver todos com igualdade. Ser juiz imparcial, medir tudo com justeza, não alterar uma grama sequer. Os julgamentos do Rei Salomão celebrizaram-se pela justiça. Vê-se a sabedoria do Grande Rei naquela decisão tomada por Ele em que duas pessoas que eram sócias num trabalho vieram reclamar em audiência que o outro estava dividindo desonestamente o fruto do trabalho delas. Em sua Sabedoria o Mestre Salomão decidiu assim: Seja um que divida e o outro o que primeiro escolha o produto da divisão.

Simbolicamente levaram a Salomão um caso geometricamente representado na fig. 2 quando deveria ser como na Fig. 1.

No ensinamento deixado por Salomão naquele julgamento em que Ele determinou que um dos contendores dividisse e o outro escolhesse está explicito na fig. 1. Mas em tudo é assim se alguém dividir desproporcionalmente sem que para tal haja alguma razão, todo o princípio tende a ruir, a harmonia da proporcionalidade desaparece, assim como a lei da correspondência também e a polaridade será prejudicada. Por isso é desarmonia do ser uma divisão de forma errada, ter dois pesos e duas medidas, manifestando aquilo que se chama egoísmo, o egocentrismo.

O cubo deve ser regular, polido e equilibrado em ângulos, arestas e superfícies. Somente com a regularidade é que pode haver estabilidade e equilíbrio.

No estudo do cubo ainda podemos evidenciar uma coisa importante. Em cada angulo confluem três arestas. Isto é, o três gerando o seis, ou seja, o mundo criativo (Criador) dando origem ao mundo material.

Salomão mostrou a pedra polida e disse que o trabalho ainda não estava perfeito, que por mais que ela fosse polida no mundo material ela ainda podia ser melhorada, poderia ainda ser polida polisse até chegar o infinito.

Também mostrou ser possível e mesmo comum se construir uma obra, mas efêmera. Com a pedra bruta há necessidade de rejuntas, de argamassa que com pouco tempo se é destruída e o edifício desmorona, pois que lhe falta a estabilidade que a pedra cúbica polida é capaz de. Uma construção com pedras cúbicas é muito mais duradoura, quase não necessitando de algo espúrio, de argamassas ou rejuntas.

O cubo também representa por seus três ângulos uma característica essencial das coisas materiais do universo: PESO - MEDIDA - NÚMERO.

As coisas que existem no plano denso sempre estão ligadas a esses valores. Seja lá o que for dentro da criação tem Massa (peso), tem dimensões (medida) e como decorrência da descontinuidade naturalmente pode ser contada, indicadas numericamente (número).

Esses três elementos fazem parte da criação, são inerentes ao Princípio da Descontinuidade. Tudo no universo denso pode ser medido, pesado e contado.

Durante muito tempo existiram paralelamente duas teorias quanto à natureza da luz: uma “corpúscular” (pontual, descontínua), a outra “ondulatória (portanto contínua)”. Duas condições que pareciam incompatíveis entre si, até que o cientista Louis de Broglie descobriu que as duas não só eram compatíveis como também inseparáveis. Desde então a luz ficou sendo considerada pela própria ciência como tendo dupla natureza, como fazendo parte tanto do descontínuo quanto do contínuo.

A luz pelo seu lado contínuo está no PODER SUPERIOR enquanto que pelo lado descontínuo, corpúscular (fótons) ela faz parte da criação e como tal pode ser *pesada, medida e contada*.^{lxiii}

A ciência atual, a partir dos trabalhos de Einstein, vem mostrando que até mesmo a luz tem massa. A Luz na criação se manifesta como onda, neste caso não tem massa alguma, mas como ela também se apresenta simultaneamente como partícula, neste caso tem massa e peso.^{lxiv}

Somente quando as três dimensões de um ser alteram-se proporcionalmente é que ele continua mantendo a *beleza, a simetria, e a harmonia*. Seja quando for que haja desarmonia no crescimento das arestas o cubo torna-se *irregular, imperfeito, e instável*. A beleza e formosura de uma obra estão nas proporções por isso na sua representação geométrica o cubo deve ter as três arestas iguais. É o princípio da IGUALDADE simbolizada nesta figura geométrica, como nos legou Salomão.

Na vida a pessoa deve sempre ter em mente os três elementos que confluem para o ângulo das faces da pedra cúbica que é ele próprio.

Os três primeiros números, que são UM, não existem concretamente no mundo material. Os três primeiros números se manifestam no mundo denso, só a origem e causa, mas não faz parte dele. É no quatro que ocorre a criação do que é material, a concretização, a origem do ser como física. Mas é no cinco que essa estrutura assume características de um ser, ainda bruto, que precisa ser lapidado nos mistérios do seis para se manifestar com plena vida no nove.

O Seis, também é símbolo da espiral evolutiva formador dos mundos, desde o estado primitivo de energia indiferenciada até os copos celeste, a terra, compreendendo a harmonia ordenada.

^{lxiii}A ciência pode determinar o número de partículas de um raio, contagem de fótons, conhece o volume do fóton e pode ser determinada a sua massa (peso).

^{lxiv} Isto Einstein demonstrou na sua famosa equação $E = MC^2$ (Energia é igual à Massa vezes a Velocidade da Luz) (provado no eclipse solar de 1919).

MISTÉRIOS DO SEIS - O HEXAGRAMA

“ A VIDA É COMO UMA ESCADA,
UNS SOBEM E OUTROS DESCEM ”.



1995

TEMA 0.379



Enquanto o cubo representa o número seis em três dimensões o hexagrama (estrela de seis pontas) representa-o em duas (figura plana).

O número seis corresponde geometricamente ao *Hexagrama*, que é uma estrela de seis pontas, conhecida como Selo de Salomão (Signo de Salomão).

Pela interseção dos dois triângulos podemos ver que um deles é superior e outro inferior, com o inferior com o vértice voltado para baixo, representativo do denso, do material, e um superior representativo das coisas do mundo da criação, o superior gerando o inferior e o inferior pelo três voltando ao superior formando uma estrutura em perfeito equilíbrio.

O *hexagrama*, estrela de seis pontas, reflete bem o princípio de analogia de Hermes: *O que está em cima é como o que está embaixo*. Conforme se pode ver pela fig. 4 o hexagrama pode ser dividido por duas linhas cruzadas. Na figura está representando a criação dentro do universo. O universo é o círculo e os dois triângulos a natureza inferior e a superior. As linhas A - B e C - D dividem a figura que em todos os sentidos as partes são simetricamente opostas, mostrando a polaridade contida no seis, a correspondência.

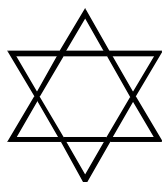


FIG. 1

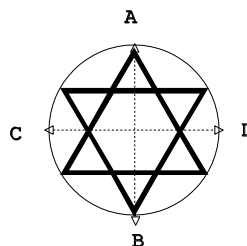


FIG. 2

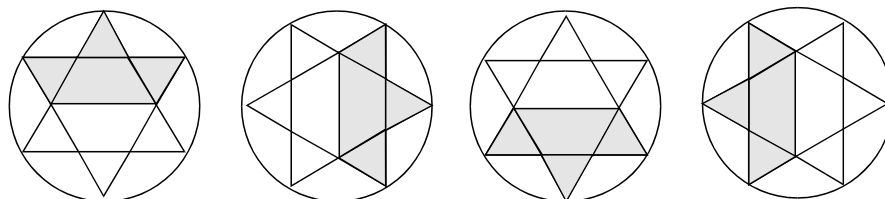


FIG. 3

Quando se fala em pecado muitas vezes não se explica o porquê, e nem mesmo se diz que pecado é apenas a o infringência de códigos estabelecidos. Infringindo uma lei há uma agressão contra a natureza, o que na maior parte das vezes se reflete sobre a própria pessoa. O que é interessante é que através dos números, como ensinava Pitágoras pode-se saber se algo é ou não é “pecado” (Pitágoras não usou essa expressão, evidentemente). Como todo número tem uma correspondência geométrica

evidentemente pela figura expressa pode-se ver se uma coisa é certa ou errada, se levará ao fracasso ou se terá sucesso.

Vejam que no *hexagrama* está explícito a natureza humana, *aquilo que baixa e aquilo que sobe*, o *em baixo* e o *em cima*. Nele o que está em baixo é como o que está em cima em perfeito equilíbrio. Fig. 4 e 5. Equilíbrio entre a matéria e o espírito.

Na natureza a perfeição sempre envolve a simetria a não ser nas manifestações dinâmicas.

As coisas negativas tendem mais para a assimetria, ocorrendo o inverso com as coisas positivas. Isto é uma decorrência do princípio da correspondência de Hermes. Na natureza o lado positivo das coisas, quando se apresenta assimetricamente trata-se por certo de alguma manifestação dinâmica. Assim temos, o movimento dos ventos, das ondas do mar e outros. Nisto reside o perigo de muitos elementos, porque não sendo simétricos, são conseqüentemente imprevisíveis.

A simetria se apresenta em toda natureza, apresenta-se nos seres em geral. Os animais têm lados simétricos, as conchas, as estrelas do mar, os peixes, as flores e tudo enfim. As coisas assimétricas são mutáveis e inconstantes, por isso são imprevisíveis.

As linhas A - B e C - D dividem simetricamente o hexagrama mostra o principio da correspondência de Hermes.

Na assimetria o equilíbrio não é fácil, daí a importância do SEIS deixada por Salomão. Desfazer as arestas da personalidade equivale tornar ao caráter simétrico, ser o que se é e não aquilo que se finge ser. Sem simetria é muito mais difícil uma pessoa manter-se em equilíbrio.

O equilíbrio torna-se evidente pelas linhas que se cruzam da fig. 5 É pelo equilíbrio da cruz que a natureza da pessoa se equilibra na vida.

Eliphas Levi representa a fig. 6 de uma forma interessante. Ele coloca no ápice do triângulo superior uma cabeça com as duas linhas do triângulo até a interseção B - C os cotovelos e os braços, formando um busto. Esse busto é refletido invertido na metade inferior do desenho. Essa metade inferior é como um espelho no qual o busto que está em cima se reflete na parte de baixo.

Trata-se de uma figura representativa do micro e do macrocosmo. É uma fig. interessante porque a parte superior simbolizando Deus se projeta até o nível mais inferior das coisas, assim como as coisas inferiores se projetam no sentido ascendente até Deus, que está em cada ser na centelha Divina pessoal. Por mais pecador que seja uma pessoa ela tem uma partícula de divindade.

O triângulo superior representa o domínio do mundo material sobre o espiritual quando representado como na fig. 4 e do espiritual, superior, sobre a matéria densa.

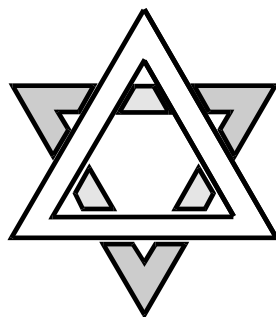


FIG. 4

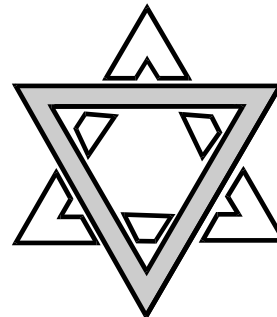


FIG. 5



Fig. 6

No desenvolvimento espiritual deve-se tem em mente isto, jamais deixar que o material domine e espiritual. Na realidade é exatamente o domínio do material sobre o espiritual. São as pessoas que pautam a vida segundo a representação da fig. 5, todas as coisas materiais predominam em sua vida, seus atos materiais suplantam intensamente os seus anseios espirituais. O espiritual, o superior para muitos não passa de uma quimera, de um objetivo muito distante dos seus atos, do dia a dia. Poucos se lembram de que o edifício tem que ser construído de baixo para cima, mas muitos nem ao menos se preocupam com o alicerce, com qualquer base.

Esses dois triângulos podem representar o ser humano, na fig. 4 tem a cabeça voltada para cima e no outro voltada para baixo, um ascensão e o outro queda.

Porém tudo no universo tem dupla polaridade, até mesmo esse símbolo. Quando a pessoa tem que resolver, tem que lidar com as coisas do mundo material o trabalho de magia é feito com a estrela da fig. 1. Não querendo isso significar que seja um domínio, ou uma busca do inferior mas sim um direcionamento do superior para o plano inferior em busca de uma clareza, de uma solução material para se conseguir as coisas do mundo material o princípio a ser trabalhado é exatamente este. Por outro lado tudo o que diga respeito ao metafísico, ao espiritual deve ser usado o da fig. 5 portanto.

É importante que se tenha em mente uma condição inerente às coisas no plano da criação. Há uma tendência ao dinamismo, a criação é movimento, portanto ambos os triângulos são instáveis O que tem o vértice voltado para o superior tende a cair procurando uma estabilidade no inferior enquanto o que estiver com o vértice no plano inferior tende a cair tomando a posição inicial. Isto é o que movimenta a conhecida roda de encarnações, com grande tendência a ir e vir sucessivamente. Por isso é importante que a pessoa sempre busque o equilíbrio para poder sob varias formas se estabilizar e assim chegar à purificação.

Temos que encarar o *seis* como polaridade do *três* e por sua vez o *três* aspecto do *um*. O UM traz em si orientação evolutiva ou involutiva. É a junção de duas tendências, ele estabelece a harmonia entre os processos de criação (diversificação, descontinuidade, multiplicação) e reintegração (unificação, continuidade) ou seja a concretização da unificação do Criador e do criado.^{lxv}

^{lxv} Na realidade 1,2,3 é UM, e assim temos que tudo vem do UM tudo volta ao UM.

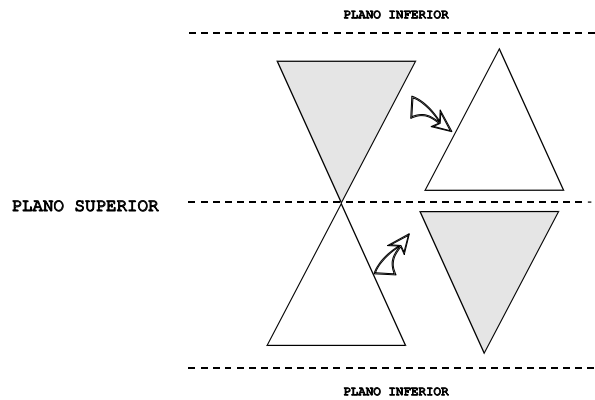


Ilustração 13

O triângulo com vértice superior simboliza o *Yang* e o outro o *Yin*, *ativo* e *passivo*, *masculino* e *feminino*, etc.

Somos manifestações da Vida Divina, que busca constantemente uma sempre mais perfeita expressão de si mesma em nossa personalidade, no todo que somos e fazemos. Assim nossa vida é um esforço construtor que se bem digno, torna-se num conjunto harmônico que pode se chamar Templo Divino, Castelo Divino e outras expressões equivalentes. Dai a alegoria de muitas religiões que consideram e falam do Templo interior de cada um. Jesus fala muitas vezes de seu próprio corpo como de um Templo, e prometeu reconstruí-lo em três dias.

Na Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios há referência ao templo. I Epístola aos Coríntios 3-16: “Não sabeis que sois o Templo de Deus, e que o Espírito de mora em vos” ?

Refere-se ao templo que cada pessoa deve construir dentro de si após polir todas as arestas que inerentes ao seu próprio caráter.



MISTÉRIOS DO NÚMERO SETE

“TODO NÚMERO É ZERO
DIANTE DO INFINITO”
VICTOR HUGOR



1995 - 3348
TEMA 0387



Pitágoras mostrou no mundo ocidental a sagrada ciência dos números conhecida há milênios nos templos da Ásia e do Egito. A ciência dos números é de grande importância para o estudo do misticismo e em grande parte baseia-se na Cabala.

Qual a realidade objetiva e subjetiva inerentes aos números? - Que são os eles, apenas sinais indicativos de quantidades, ou existem mistérios nos números?

Com a “criação” do universo, três condições se apresentaram de imediato: *Descontinuidade*, *tempo* (cronológico) e *espaço*. Com o “*Fiat Lux*”, a primeira manifestação, surgiu UM^{lxvi} - Primeira Manifestação - que se subdividiu sucessivamente em miríades de subunidades. O que era um *continuum* tornou-se *descontinuum*, e assim surgiu a multiplicidade. Ao nível do *Nada* coisa alguma havia para ser contada, portanto nele não tem sentido a existência de números, ocorrendo o inverso com a criação, quando houve o surgimento de coisas contáveis e conseqüentemente a necessidade dos números. Certamente todo o conhecimento do universo pode ser expresso por números por isso eles são considerados imensa fonte de mistérios. Todos os mistérios do universo estão contidos nos números.

O Verbo coordena o mundo através de “*peso, medida e número*”. Veja-se, porém, que mesmo peso e medida são expressos por números, portanto número é o mais soberano elemento da criação.

Coisa alguma é imóvel dentro da criação, e também coisa alguma é contínua, tudo é fragmentário e móvel, tudo é constituído de partes, de unidades sucessivas e isso envolve o contar, portanto uma manifestação dos números.

Como decorrência de ser algo inerente à própria criação deve-se por isto considerar os números, como disse François-Xavier Chaboche:

“*Os números não apenas em suas propriedades lógicas, aritméticas, algébricas, geométricas... mas também, mas, sobretudo, em suas dimensões analíticas, simbólicas, psicológicas, lúdicas, poéticas, mágicas e meta-psíquica, entre outras*”.

A ciência da Antigüidade levava em conta primeiro o mundo do invisível, do infinito e do divino, para explicar o mundo visível, limitado e humano. Não se dissociavam esses dois mundos. As estruturas da matéria eram como que o reflexo imediato das estruturas do espírito. Dentro de tal conceituação não se podem dissociar os números do mundo objetivo.

Pitágoras, em sua época, foi discípulo de Mestres do Egito, da Índia, da Grécia, da Fenícia e da Caldeia, havendo fundado em Crotona a Escola Itálica. A base de sua doutrina é “*a Unidade Divina, absoluta e primordial, na qual ele vê a mônada das mônadas; a imortalidade da alma a pluralidade das existências num sentido de evolução; a organização harmoniosa do universo baseada na serie dos números, à qual ele atribuía maior poder*”.

^{lxvi} Não se trata do UM correspondente ao “E” e sim da Primeira Manifestação ao nível da Criação.

Nesta série de palestras já vimos que os *três primeiros números* (1-2-3) na realidade podem ser considerados apenas *um*. O zero é o *Nada*, o *Imanifesto Cósmico*. O UM o *Manifesto inconscientizável*. O dois é o próprio *UM* em pólo oposto. O *três* o conscientizável.

Na realidade o três não se manifesta por si próprio, é preciso haver algo em que ele se manifeste. O *feio* é a polaridade oposta do *bonito* (1 - 2) e essa dualidade permite o surgimento da idéia de beleza (3) e assim por diante. Ora, essa idéia de beleza só se manifesta em função de algo. Não pode haver beleza se antes não existir algo em que esta possa se apresentar.

No mistério *três* está contido tudo o que diz respeito aos sentimentos e sensações, assim como ao intelecto, às coisas que são conscientizáveis, mas que requerem a existência de algo através do qual possa se fazer sentir.

Podemos concluir, como já dissemos, o *três* não tem existência concreta no mundo objetivo. *Um*, *Dois* e *Três* não pertencem ao mundo material, ou mesmo energético, e sim a um mundo subjetivo, espiritual, por assim dizer.

O número *Quatro* representa a existência objetiva no mundo material. Ao nível dele a coisa pode existir por si mesma no mundo material, portanto diz respeito a algo objetivo, enquanto isso os números *um*, *dois*, *três* são apenas *um* só, mas não manifesto diretamente no mundo denso. Somente a partir do *quatro* é que os números indicam expressões do mundo denso.

Algo para se manifestar objetivamente tem que ter existência a partir do *quatro*. Como já estudamos antes, o *quatro* representa dois bipólos e conhecido como o número da *estabilidade*. O número *cinco* é ligado diretamente às *manifestações biológicas* e aos *líquidos*; o *seis*, ao aperfeiçoamento, o *oito* à *orientação* e o *nove* à *manifestação da vida*.

O *sete*, é tido como o número da criação. Porque é o número da criação? - A criação se apresentou tendo fundamentalmente a vibração como causa. Surgiu a partir de quando parte do *Nada* começou a vibrar. As coisas criadas só se manifestam pela vibração. Onde não houver vibração é o “mundo” do *Nada*, da imanifestabilidade. Como o universo é manifestabilidade, tudo o que nele existe o faz pela vibração. O elemento diferenciativo entre o Nada e o Universo Creado é a descontinuidade, e é exatamente a vibração que condiciona a descontinuidade.

Por ser o número da criação, o *sete* é o número que se apresenta com maior incidência em todas as ocorrências do universo; tudo dentro da criação de alguma forma está a ele ligado. Porque é o *sete* o número da criação? - porque a criação consiste basicamente de coisas em vibrações e as vibrações agrupam-se em sete (oitava musical). É o número que mais aparece em citações de todas as obras místicas, na magia, no ocultismo em geral, na Bíblia e em todos os livros sagrados como mencionaremos depois.

O motivo da importância do *sete* é porque as vibrações se distribuem em oitavas. Tomemos como exemplo a escala musical. São sete notas aquém e além das quais tem início outra oitava e assim sucessivamente. Essa é uma propriedade das vibrações e conseqüentemente o que liga a vibração ao número *sete*, mas isso não é o bastante, existe um mistério ainda maior: por que as vibrações se apresentam, em oitavas?... Veremos depois.

Nessa palestra não nos deteremos muito sobre o número *sete* porque isso é o que temos feito em todo o nosso trabalho. A maior parte do que escrevemos nas palestras antecedentes, de uma forma ou de outra diz respeito às vibrações e conseqüentemente ao número *sete*.

Sem a vibração não haveria o universo tal como o conhecemos, assim podemos dizer que o número *sete* é essencial ao universo. Sem o número *cinco* não haveria o lado biológico da natureza, mas esta poderia existir independentemente de haver ou não esse lado. Sem o *seis* não haveria o aperfeiçoamento, mas o universo poderia existir sem haver o aperfeiçoamento. O *oito* diz *direcionamento*, mas mesmo assim o mundo poderia existir sem ele. Sem o *quatro* as coisas físicas não poderiam existir, mas mesmo assim ainda continuaria a existir o universo em níveis de energia. Mas sem o *sete* não haveria coisa alguma, seria impossível a existência de tudo o que está criado, o universo como um todo não existiria; por isso o *sete* é tido como o número da criação. A criação é, em linhas gerais, as manifestações explícitas no simbolismo do *sete*.

Agora vejamos o porquê das vibrações se apresentarem em grupos de sete. Numa primeira fase o um se desdobra (primeiro desdobramento) formando uma trindade, o três que por sua vez esta primeira tríade se desdobra numa segunda perfazendo 7 (segundo desdobramento).

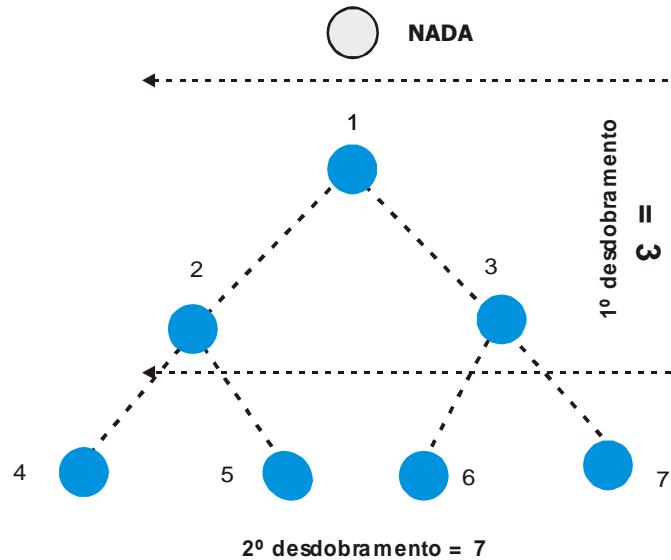


Ilustração 14

Na primeira fase do desdobramento da criação formou-se o *Um - Dois - Três* (na realidade apenas o próprio UM sob tríplice aspecto). Na segunda fase, o *Sete*. Como os três primeiros números são UM, o número dois da seqüência natural aparentemente deveria ser o *quatro*. Mas, no sentido da criação o *sete* vem primeiro que o *quatro*, portanto o segundo lugar a ele pertence, conforme se pode ver pelo esquema.

O *quatro* representa a estruturação física e esta não pode anteceder. Poderia haver a concretização das coisas representadas pelo *quatro* se antes não houvesse a vibração, isto é o *sete*? - Não, por certo. Não pode algo se estruturar sem antes haver sido criado, por isto o *sete* antecede a fase quatro. Primeiro foi preciso vibrar para haver criação e depois aquilo que já existia pela vibração se estruturar. Assim sendo os três primeiros números é um, o *sete* é o dois. Depois de estruturado, então pode haver biológico, o líquido constituindo três, depois o aperfeiçoamento, o quatro, depois a orientação o seis e finalmente a vida humana o nove.

$$\begin{array}{rcl}
 1 - 2 - 3 & = & 1 \\
 7 & = & 2 \\
 4 & = & 3 \\
 5 & = & 4 \\
 6 & = & 5 \\
 8 & = & 6 \\
 9 & = & 7
 \end{array}$$

Por meio de uma experiência física pode-se ver como o *sete* segue de imediato o *três* (UM). Tomemos um raio de luz simbolizando o Um que penetra um prisma (sólido de três faces, portanto o três. O UM (raio) ao ultrapassar o três (prisma) se projeta como sete. O raio se decompõe em sete cores). O raio não emerge do prisma como *quatro* e sim como *sete*. Por analogia com o espectro solar, o *sete* é considerado a manifestação imediata do *um* através do *três*.

As sete “*emanações luminosas*” são descritas pela Tradição como sete raios de criação (separação) e de união (reintegração).

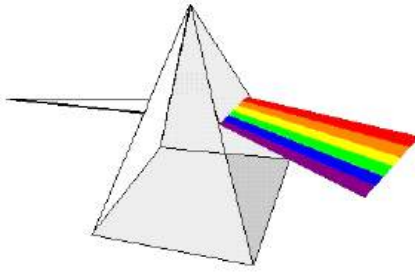


Ilustração 15

A partir de três cores fundamentais pode-se reconstituir todo o espectro, isto é, as sete cores do arco-íris. Isto é a relação da fonte - o divino, ou o Sol - com sua manifestação. Vide Ilustração. 3

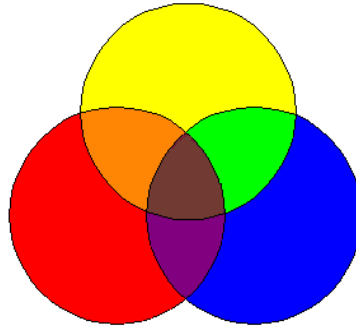


Ilustração 16

OS SETE PASSOS DA SENDA.
ENSINOS DE SALOMÃO – OS PASSOS DA SENDA

“ **TUDO ESTÁ EM TUDO** ”.
TÁBUA DAS ESMERALDAS
HERMES TRISMEGISTO.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



1995

TEMA 0.407



O MESTRE SALOMÃO legou à humanidade maravilhosos ensinamentos dos quais já apresentamos nesta série de palestras os *SEIS PRECEITOS* e as *CINCO QUALIDADES DO HOMEM PERFEITO*^{lxvii}. Nesta palestra vamos apresentar os SETE PASSOS DA SENDA.

Não é possível se chegar à *Perfeição* e ao *Amor* sem que se tenha percorrido uma longa jornada e adquirido virtudes básicas. Nessa caminhada o adepto deve ter em mente sete condições que determinam o sucesso da caminhada em busca da LUZ que se faz através do aperfeiçoamento condicionado pelos *Preceitos* e *Qualidades do Homem Perfeito*, estudados em palestras anteriores.

Quando se pretende chegar a uma meta, atingir um objetivo qualquer, algumas condições devem ser atendidas.

Desde que se tenha uma meta o primeiro requisito a ser atendido é a pessoa ter fé, acreditar que aquela meta existe e que pode ser atingida. Afim de que a pessoa possa realizar algo não basta apenas *perceber*, não se faz necessário apenas *estar pronto*, capacitado, sentir-se *apto* para a perfeita consecução de um objetivo. Na pureza a pessoa deve paralelamente haver também atingido a perfeição, desde que não cabem imperfeições na pureza, por isso os *Preceitos* mostram o como se chegar qualitativamente à perfeição e, obviamente, à *purificação*.

Enquanto os *Preceitos* dizem respeito ao trato com as coisas, à maneira de ser da pessoa com relação aos objetivos, especialmente com relação a si mesma, por sua vez, as *qualidades* dizem respeito ao relacionamento da pessoa com os seres, à forma de conduta para com os semelhantes.

Os *Preceitos* é que conduzem à **Perfeição**, são as condições essenciais que orientam a pessoa a ser perfeita naquilo que realiza, enquanto as *Qualidades* conduzem ao **Amor** desde que se referem ao relacionamento com os seres. Os *Preceitos* dizem das qualidades que a pessoa deve ter, tendo como meta a *Perfeição*, o como agir na busca da *perfeição* e as *Qualidades* o como ser para chegar ao AMOR. *Perfeição* e *Amor*, duas condições essências da *Purificação*.

Uma pessoa pode preencher todas as condições dos *Preceitos* e *Qualidades*, mas simplesmente coisa alguma realizar. Isto acontece, muitas vezes, com pessoas comuns e em

^{lxvii} Temas 374/377 e 81

especial com aquelas que levam vida contemplativa, reclusas, que vivem enclausuradas, isoladas em eremitérios. Potencialmente elas podem atingir à purificação, mas isto não indica que seja uma decorrência do isolamento.

São em grande número as pessoas que teoricamente sentem que podem chegar à meta, mas que na prática ainda não deram sequer o primeiro passo.

A Purificação é uma meta a ser atingida e para se chegar até ela tem toda uma caminhada a ser feita, assim é preciso que passos sejam dados na caminhada até a FONTE DA LUZ. Também o MESTRE SALOMÃO nos legou com bases desse ensinamento através de praticas do viver.

1 - PRIMEIRO PASSO = **FÉ**.

Para se chegar a algo primeiro é preciso a pessoa acreditar na existência desse; pelo menos ter fé que aquilo existe e que querendo ela pode chegar ao alvo, mas também compreender que há uma caminhada a ser feita.

Ninguém caminha para um objetivo definido se não tiver a precisa fé que esse objetivo existe e que a pessoa sinta-se capaz de chegar até ele.

As religiões são unânimes em afirmar que é preciso fé para se salvar. Algumas doutrinas chegam até mesmo a dizer: “SÓ A FÉ SALVA”. De uma forma lata é assim, pois se a pessoa não tiver fé naquilo que pretende não caminha de forma alguma na direção da perfeição.

Não seria possível se chegar à Purificação de uma forma aleatória? - Essa possibilidade é praticamente nula, pois o caminho da salvação é um autêntico labirinto em que a cada passo dado está sujeito a se defrontar com o perigo, ter diante de si um labirinto de onde é impossível sair sem que receba alguma forma de auxílio. É preciso que se tenha o “Fio de Ariadne” afim de que no caminho de volta seja encontrado. Se aleatoriamente fosse fácil se chegar à Purificação não seria preciso Deus, fazendo uso de Sua Misericórdia, constantemente enviar mentores espirituais, guias aptos a conduzir os espíritos envolvidos a chegarem à LUZ.

O labirinto da existência na terra é tão amplo e complexo que até mesmo os “guias” muitas vezes têm se desviado do caminho mais curto. Isto é algo tão sério que algumas vezes o próprio Deus se projeta diretamente na terra para orientar quanto à maneira de se sair do labirinto, desde que tantas vezes os “guias” se envolvem no intrincado emaranhado de desvios da vida humana na terra.

A pessoa, na busca de se chegar a qualquer alvo é indispensável que se tenha à fé que ele exista e que se seja capaz de chegar até ele, especialmente em se tratando do “labirinto da vida terrena”. Se não tiver fé não é fácil à pessoa se tentar atravessar aquele tremendo labirinto.

Na estória de Teseu podemos ver que se ele não tivesse a fé de que o Minotauro existia e de que poderia destruí-lo ele jamais teria se candidatado a penetrar no labirinto.

Ante qualquer objetivo difícil a ser atingido, primeiro é preciso que se acredite que o ele existe, pois se assim não for conscientemente passo será direcionado para o alvo essencial.

Por sua vez a *FÉ* sem as *Qualidades* e sem os *Preceitos* torna-se estática e a pessoa não caminha. Isto é o que se vê amiúde, pessoas que dizem ter fé, mas que não fazem por onde melhorar o próprio caráter, aperfeiçoar a própria maneira de ser. Por isso a fé só tem valor na medida em que ela possa impulsionar a pessoa para o alvo. A fé leva à decisão e então deve ser

posto em prática a orientação a ser seguida orientada pelos *Preceitos* e pelas *Qualidades do Verdadeiro Homem* ensinados por Salomão.

2 - SEGUNDO PASSO - **ESPERANÇA**.

A *Esperança* é o alento que faz a pessoa caminhar. Uma pessoa, mesmo cheia de fé, mas que estiver sem esperança tem tudo para não chegar a objetivo algum, pois lhe falta o impulso para percorrer o caminho. Ela deve ter esperança de que caminhará seguro, ter esperança de que todas as etapas serão cobertas até chegar à meta.

Vemos isto no dia a dia, pessoas preparadas, que conhecem, que sabem, que são pacientes e até mesmo capazes de serem persistentes, mas que não seguem em busca da meta por se julgar incapaz de fazê-lo. Assim podemos dizer que lhes falta a necessária esperança de chegar ao alvo.

O que dá segurança para percorrer as trilhas do labirinto do desenvolvimento espiritual é a *Esperança*. Cujo símbolo da Esperança é a *âncora*, pois é graças a ela que o barco torna-se seguro nos momentos precisos; o navio ancorado está mais seguro que à deriva.

Na história da humanidade vemos constantemente que a esperança é que conduz muito à salvação nas mais diversas situações. Tanto isto é verdade que existe um adágio que diz: A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE.

Por outro lado percebe-se que não pode existir esperança alguma se não existir paralelamente a fé, por isso A FÉ É O PASSO QUE PRECEDE A ESPERANÇA.

3 - TERCEIRO PASSO - **CONFIANÇA**. (TEMPERANÇA).

Na caminhada em busca do alvo não é necessário apenas ter fé e esperança é preciso também ter confiança.

Conscientemente não se pode chegar a uma meta sem que se tenha confiança no poder de realização. Quando a meta é facilmente atingível é possível se chegar até ela de forma casual, aleatoriamente, mas não quando se trata de uma viagem por um intrincado labirinto, como acontece com a vida na terra.

Pode-se perceber o quanto de insucessos decorre da falta de confiança em si mesmo. A pessoa *percebe*, tem a *fé*, está *pronta*, é *paciente*, ou seja, preenche todos os *preceitos* e *qualidades*, mas que por não confiar em si mesmo, por achar que não vai conseguir, vê conseqüentemente cada vez mais distante de si a meta a ser atingida.

Na consecução de um objetivo é preciso ter a “força de vontade”, a força do querer, que também é conhecida como TEMPERANÇA, ou FIRMEZA.

4 - QUARTO PASSO - **DISCERNIMENTO**:

Na caminhada existem muitas veredas, o labirinto é muito amplo e complexo, imenso é o número de alternativas que existem e que estão sujeitos a conduzir a pessoa para um lugar oposto. Isto é o que faz com que o caminheiro dê um passo adiante e dois para trás.

Para se chegar à meta é preciso se saber discernir o caminho correto, para isto os “mentores” divinos estão a postos ensinando o caminho. Mas, muitos fazem ouvidos de mercador ante tudo aquilo que lhes é ensinado, não querem escutar e procuram seguir por sua conta ficando perdidos no emaranhado do labirinto.

Muitas são as ocasiões em que a pessoa se defronta com múltiplas alternativas, até pode *perceber* o alvo, *ter fé* neles, estar *apto*, ser *capaz*, *paciente*, etc., mas não ter a precisa capacidade de saber para que lado seguir.

O discernimento tem como animal o *Camelo*. Símbolo inanimado a *bússola*. É pela bússola que os viajores tomam a direção correta evitando assim perderem-se na caminhada.

Temos mostrado o quanto é complicado o caminho de volta, como é elevado o número de desvios possíveis e conduzindo a pessoa para uma situação totalmente indesejável.

5 - QUINTO PASSO - **TEMPERANÇA** - ÍMPETO - CORAGEM.

A pessoa nem sempre tem a devida coragem para encetar a caminhada. Percebendo as implicações muitos desistem, sentem-se desencorajados, sem aquela “garra” precisa para se sair vencedor.

De um certo modo a *Temperança* lembra o preceito *Persistência*, mas podemos dizer que essas duas condições não são idênticas. A pessoa pode ser persistente naquilo que está fazendo, mas temer iniciar algo novo. Embora persistente consecução daquilo que está realizando, ante uma resolução tomada, mas quase nunca toma decisão exatamente por falta de ímpeto, sente-se covarde diante dos novos eventos.

Há pessoas que têm tremenda ansiedade de antecipação, pessoas a quem qualquer evento novo pode até mesmo levá-las a um estado de pânico.

A *Temperança* tem como pólos opostos, de um lado, a *covardia* e do outro a *ousadia* inconseqüente, condições não ideais, uma contraposição ao desejável que é a situação intermediária, a *intrepidez*. Esta é uma condição que deve ser bem trabalhada, pois é valoroso todo aquele que a possui.

O símbolo da Coragem é a “armadura”, pois os guerreiros intrépidos e corajosos da Idade Média usavam armadura. Também é usado com símbolo da coragem “Um buquê de rosas com espinhos”. Mesmo diante da beleza das rosas somente com coragem é que a pessoa ousa pegá-las.

6 - SEXTO PASSO - **CERTEZA**

Quando o caminheiro chega ao objetivo àquilo que era *FÉ* torna-se *CERTEZA*.

A certeza é a consecução de uma meta pretendida, mas ela na realidade apenas atende à proposta do pretendente.

O símbolo da *certeza* é uma *caveira*, símbolo que se faz presente nas cerimônias de “iniciação” de algumas doutrinas assim como em suas simbologias. Muitos pensadores, desde remota Antigüidade, dizem que a única *certeza* que se pode ter é quanto à morte, mas até

mesmo isso é uma *certeza* relativa, pois se analisarmos com mais detalhes vemos que nem mesmo isto pode ser tido como *certeza* absoluta desde que morte absoluta não existe. A morte que assim mencionam é uma condição inerente apenas à encarnação no mundo material.

É, pois importante que tomemos em conta que vivemos num universo relativo e que por isto a *certeza* existe apenas dentro de parâmetros de relatividade como veremos no tema seguinte.

A *certeza* é o clímax da fé, o ponto de chegada da caminhada a um alvo preestabelecido. É o atingir à meta estabelecida, apenas.

7 - SÉTIMO PASSO - **DOMINIUM**

Quando uma FÉ é concretizada, quando a pessoa chega à realização daquilo a que se propôs, quando atine aquilo sobre o que tinha esperança, quando chega à *certeza* ela não mais está à mercê daquilo. Quando a pessoa faz uma viagem tem certeza de que chegou à meta, a “viagem visada” chegou ao término, então aquela pessoa não mais é dominada pelo desafio e sim o dominador.

A pessoa sempre está à mercê daquilo que não tem certeza, daquilo que não consegue, mas quando consegue, então, ela vem a ter o domínio sobre aquilo. Ela tem o dominium porque conseguiu, porque o desafio inicial foi dominado, pois venceu o desafio.

A dúvida, a *incerteza* escraviza o ser enquanto a *certeza* lhe confere o *domínio*. Sobre aquilo que se tem fé ainda não se tem domínio, mas se tem *domínio* quando se tem *certeza*.

A fé pode levar a pessoa ao *domínio*, mas ainda não lhe confere o *domínio*, por sua vez a *certeza* evidentemente o faz.

Afim de que se tenha uma melhor compreensão sobre isto usemos um exemplo analógico. Uma pessoa tem fé de que um determinado lugar existe, isto faz com que tenha esperança de chegar até lá, confia em si, sente que pode atingir aquela meta, escolhe a melhor maneira de chegar até lá. Chega e então tem certeza de que chegou, o desafio foi vencido, portanto. Antes de iniciar a viagem à pessoa era dominada, tinha dúvidas, não tinha certeza alguma de chegar à meta final, mas quando chega ela dominou o desafio.

**NÃO SE TEM DOMÍNIO SOBRE AQUILO QUE SE TEM FÉ, MAS
SOBRE AQUILO QUE SE TEM CERTEZA SE TEM DOMÍNIO.**

Na fase de desenvolvimento espiritual em que nos encontramos apenas temos um tanto pessoal de Fé de que existe UM PODER SUPERIOR, mas ainda não temos a *certeza*, conseqüentemente não temos ainda domínio sobre ELE. O PODER SUPERIOR é para nós ainda um objetivo não atingido, mas, por Sua vez ELE tem *certeza* de que existimos por isso tem domínio sobre nós. No momento em que O reconhecermos em realidade, isto é, no momento em que tivermos essa magnífica certeza teremos também o dominium sobre ELE, pois todos serão UM e Este terá o Domínio sobre Si.

Simbolicamente a representação mais comum do Dominium é símbolo do TAO.

Como o domínio do PODER SUPERIOR é infinito, se cada espírito viesse a ter domínio sobre o Infinito, então haveriam **N** infinitos cada um dominando um outro. Mas, como tantas vezes temos dito, isto é, pois algo para ser infinito tem que conter em si absolutamente tudo. Não pode haver mais que um *infinito fora do infinito*. Entre muitas razões esta é mais uma que conduz à necessidade de haver a UNIFICAÇÃO e tão somente um ÚNICO DOMÍNIO que é A FORÇA SUPERIOR QUE VEM A TODOS DOMINAR.

MISTÉRIOS DO NÚMERO SETE - O NÚMERO DA CRIAÇÃO

“O VERBO COORDENA O MUNDO ATRAVÉS DE PESO, NÚMERO E MEDIDA”.
FRANÇOIS XAVIER CHABOCH

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.388



Já vimos que 3 (o céu) + 4 (a terra = 7 a totalidade do Universo criado. Tudo o que constitui o universo está sujeito ao mistério *sete*, porém nem tudo aquilo que se manifesta no mundo pertence ao *sete*.

Aparentemente tudo no universo está incluído no *sete*, porém são somente as coisas que vibram, pois convivemos com coisas que se manifestam no universo, mas que não fazem parte dele. Existem condições que de forma alguma são vibratórias em sua natureza. O amor, alegria, e todos os sentimentos não são de natureza vibratória. São condições que se manifestam em algo que vibra - nas pessoas - mas em si mesmo não são coisas vibrantes. Uma pessoa amando vibra mais ou mais intensamente, mas é a pessoa que vibra e não o sentimento em si.

O que dissemos é importante porque serve para indicar se algo é criado ou se é a manifestação direta de algum dos atributos do Poder Superior. Aquilo que se manifesta sem que seja de natureza vibratória não faz parte diretamente da criação, mas sim uma das “faces do Poder Superior”, uma Manifestação Direta do Poder Superior.

Os mistérios do *sete* através das eras foram assinalados em todas as culturas, e especialmente nas Tradições Arcanas. Assim é que tanto podemos encontrar entre as civilizações antigas do Novo Mundo quando na Velha Ásia.

O *zigurate* babilônico (torre de Babel) tinha *sete* andares. No Tibet são *sete* “Os Sete Livros da Sabedoria da Grande Senda”.

Nas iniciações esotéricas há *sete* degraus de iniciação e cada um é subdividido em outros *sete*. Na cerimônia iniciatória o mestre diz: “*Há sete portas e, por trás de cada porta, há sete sendas. Deveis compreender!...*”.

Os Judeus, assim como os Mulçumanos, dizem que as Escrituras têm em geral três ou sete sentidos. O Zohar cita 49 interpretações das Escrituras (7 x 7), assim também no que diz respeito ao Alcorão.

O ser humano possui sete corpos (quatro com forma e três sem forma) e cada um deles tem sete estágios, dos quais os chacras são manifestações fisiológicas.

Sete, foram os filhos de Adão e o mais moço teve o nome de *Seth*.

A Mesquita do Rei em Ispahan (Irã) possui uma cúpula que, do interior, devolve sete vezes um eco: símbolo das “*sete emanações*” do *Verbo Divino*.

No apocalipse fala-se de *sete* igrejas, *sete* candelabros, *sete* estrelas, *sete* trombetas, *sete* cornos, *sete* taças, *sete* anjos, *sete* selos, *sete* flagelos, um dragão de *sete* cabeças, e um cordeiro de *sete* olhos.

Tudo o que existe no universo tem *sete* “corpos”, Sol, Lua, Terra, Estrelas e todos os Astros Celestes, e também todos os vegetais, animais, sempre são estruturas sétuplas, mesmo que em condições habituais apenas uma seja percebida.

São *sete* os chacras, vórtices de energia no organismo assim como *sete* são os centros psíquicos cada um deles associado a uma víscera.

A Tradição cita que existem *sete* céus assim como *sete* infernos. Sete são os céus para os Mulçumanos e também *sete* são os infernos.

Em outros temas já mencionamos inúmeras correspondências do *sete* na natureza humana.

Vemos em: Profecia de Isaías (30.26 - Fim dos Tempos Apocalípticos): “*Então, a luz da Lua será como a Luz do Sol, e a Luz do Sol será sete vezes mais forte - como a Luz de sete dias*”.

Existem *sete* etapas no amor: cega, sensorial, intelectual (platônico), social, ideológico e Universal. São *sete* também os níveis de consciência.

A criação se processou em *sete* direções do espaço (alto, baixo, esquerda, direita, adiante, atrás, em direção ao centro).

A criação, segundo Gênesis estava concluída no sétimo dia.

O tempo cronológico é dividido em *sete* dias e isto é comum a quase todos os povos.

São *sete* vezes *sete* os dias do domingo que precede a terça-feira do carnaval até a Páscoa, *sete* vezes *sete* dias da Páscoa ao Pentecostes.

O desenvolvimento do ser humano se faz em ciclos de *sete*. A cada *sete* anos tudo o que compõe e corpo humano se renovam totalmente.

Na Bíblia, em Êxodos 21.2 - “*Se compras um escravo hebreu, ele servirá seis anos; mas no sétimo ele sairá livre, sem nada pagar*”.

No sonho profético do Faraó, interpretado por José, havia *sete* vacas magras e a *sete* vacas gordas.

Josué fez contornar Jericó ao som de *sete* trombetas durante *sete* dias e *sete* vezes em cada dia (Jos. 6.11-16).

As festas das núpcias de Salomão duraram *sete* dias, diz a Bíblia.

O Templo de Salomão foi construído em *sete* anos. Ele tem três adros e *sete* naves (3 →7)

No mundo hebraico o juramento mais sério era: Jurar pelo número *sete*.

O Mahabharata cita *sete* grandes ilhas do mar do Ocidente. Isto é associado à Atlântida. O continente de Mu possuía *sete* grandes cidades. A Atlântida teve *sete* colônias tal como a Lemúria.

Em Mateus 15,32-(39), com referência à segunda Multiplicação dos Pães, Jesus alimentou quatro mil pessoas com *sete* pães: restaram *sete* cestos com as sobras.

Dizem que Jesus expulsou *sete* demônios, de Maria Madalena.

Também Jesus disse ser preciso perdoar não apenas *sete* vezes, mas *setenta* vezes *sete* vezes.

Há um provérbio judeu que diz: Há *sete* espécies de ladrões, mas o pior de todos é o homem que ilude o espírito dos homens.

Cristo na cruz pronunciou somente *sete* palavras.

Na igreja *sete* são os pecados capitais e *sete* os sacramentos que os perdoam: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Extrema-unção, Ordenação, e Matrimônio.

Em alguns lugares a *Vigem Maria* é chamada *Nossa Senhora das Sete Dores*.

Os números das faces opostas de um dado somam *sete*.

Roma foi construída sobre *sete* colinas, assim como Paris. O mundo antigo tinha *sete* maravilhas.

Na estória de Moisés consta que o Egito foi assolado por *sete* pragas.

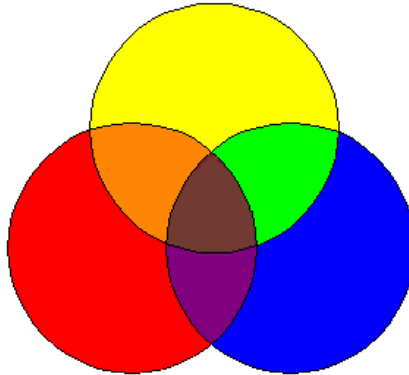
Na Antiga Grécia havia *sete* sábios.

Há um provérbio que diz: É preciso se dobrar *sete* vezes a língua antes de falar.

Sete são os anões amigos de Branca de Neve. No conto a “Bela e a Fera”, a Fera veio ver Bela *sete* horas e se ausentou por *sete* dias. Simbad o marujo fez *sete* viagens.

Por tantas referências, e muito mais que ainda existem, não é sem razão que o número *sete* seja considerado o número da mentira, porém podemos dizer que por detrás de tudo isso existe os mais essenciais ensinamentos inerentes à criação do universo assim como as suas leis.

As cores do espectro são *sete*, sendo três básicas, três cores puras, com as quais se podem recompor todas as *sete*: Amarelo, Vermelho e Azul e quatro compostas, Verde, Laranja (róseo), Roxo e Castanho (pode ser banco ou preto) A partir das três cores primárias fazem-se todas as cores possíveis, em número quase infinito.



Laranja mistura de amarelo e vermelho

Verde mistura de azul e amarelo

Roxo mistura de Azul e Vermelho.

A mistura de todas dá o Castanho que não faz parte do espectro, mas é a cor mais comum na terra.

No Peru há ruínas de túmulos pirâmides dos índios, o túmulo do sol tem sempre *sete* degraus.

Na Grécia antiga o *sete* tinha destaque. A lira de Orfeu tinha *sete* cordas assim como a Flauta de Pan tinha *sete* tubos.

Mostramos essa lista de setuplicidade para fazer ver que não se trata apenas de coincidência, mas do lado esotérico desse número que era do conhecimento dos povos desde muitíssima idade.

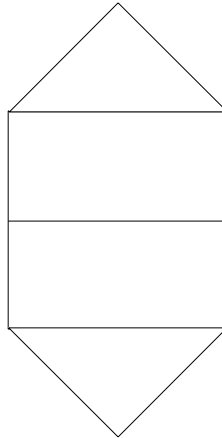
O número *sete* está muito ligado aos ensinamentos de Jesus, basta que se tenha em mente a oração ensinada por Ele deixou isso explicito no PAI NOSSO:

PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU
SEJA FEITO A VOSSA VONTADE

VENHA NÓS O
VOSSO REINO

LIVRAI-NOS DO
MAL

O PÃO NOSSO DE
CADA DIA NOS DAI
HOJE



SANTIFICADO SEJA
O VOSSO NOME

NÃO NOS DEIXEIS
CAIR EM TENTAÇÃO.

PERDOAI-NOS AS NOSAS OFENSAS
ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A
QUEM NOS TEM OFENDIDO.

O Pai Nosso se inicia com uma invocação e termina com uma dedicatória. São *sete* pedidos ao todo, os três primeiros dirigidos a Deus e as quatro seguintes ao homem.

- 1- Santificado seja o vosso nome
- 2 - Venha a nó o vosso Reino
- 3 - Seja feita a vossa vontade.
- 4 - Dai-nos o pão nosso de cada dia
- 5 - Perdoa as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem os tem ofendido
- 6 - Não nos deixeis cair em tentação.
- 7 - Livrai-nos do mal.

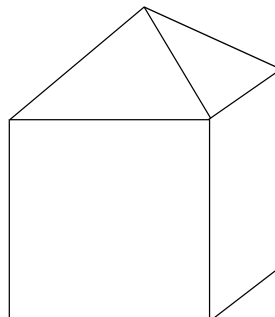
Os maometanos falam no *sétimo céu das delicias*, e admitem *sete* paraísos diferentes.

A Tradição Maometana diz a respeito: Deus enviou três arcanjos, Gabriel, Miguel e Rafael, um após outro, para procurar *sete* punhados de terra de cores diferentes para criar Adão. Cada um voltou de mãos vazias. Por fim foi mandado Rafael que teve êxito na missão pelo que foi nomeado Anjo da Morte para sempre.

O livro apócrifo de Enoch cita sete anjos santos também chamados anjos divinos: Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel, Chamuel, Jophiel e Zadkiel (Só os três primeiros são mencionados pela cabala).

No Antigo Egito o *sete* era um número sagrado, e foi *Thoth* quem deu ênfase a esse número na Tábua das Esmeraldas em que fez constar os *sete* princípios (Já estudados em outras palestras).

O *sete* representa a união do Espiritual (1-2-3) com o material e geometricamente pode ser representado pelo cubo encimado por uma pirâmide.



A Força procede do ápice da pirâmide, do infinito, e desce até o nível do mundo material representado pelo cubo.

O sete é o mais difundido dos números, pois se tudo é vibração, e o sete é a sua representação, logo ele está sempre presente em toda manifestação do universo.

A influência do sete constitui-se um verdadeiro arquétipo haja vista o número de lendas, mitos, fábulas, romances, etc. que citam esse número. As citações que constam nesta palestra foram escolhidas onde existe alguma razão para justificar o porquê do sete. Não fizemos uma escolha aleatória, e sim razões para ser sete, para justificar o porquê o sete nas citações.

MISTÉRIOS DO NÚMERO OITO

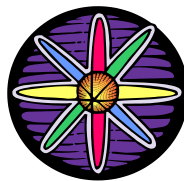
“ O NÚMERO REGE TUDO NO COSMO
TAL COMO ELE É ”
D. NEROMAN

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.390



Existe uma sagrada ciência dos números, conhecida sob diversos nomes, que se ensinava nos templos do Egito, Ásia, Grécia” e divulgado no mundo ocidental especialmente por Pitágoras. Temos apresentado uma pequena parte dessa ciência através desta de palestras sobre temas místicos.

No plano superior, o número não é número, mas zero^{lxviii}, no plano da criação o zero se converte em um, que é um número ímpar, e ainda hoje considerado sagrado em muitas doutrinas. Nos antigos alfabetos, cada letra, como cada número, tinha sua significação filosófica e sua razão de ser, além de indicar sons e contar coisas.

Entre os diversos significados místicos do um podemos dizer que ele simbolizava, para os Iniciados de Alexandria, um corpo direito, o ser humano, cuja posição normal é a vertical, ao passo que a horizontal é a dos animais.

^{lxviii} - Quando falamos de plano superior estamos falando de um nível de continuidade onde coisa alguma existe para ser contada e nem mesmo podendo ser detectado. Nesse nível tudo é zero.

Os pitagóricos afirmavam que a “díada” era o estado imperfeito em que havia caído o primeiro ser manifestado; o ponto a partir de onde no caminho do desenvolvimento ocorria a bifurcação em duas sendas, a do mal e a do bem, que são os pólos positivo e negativo de toda a natureza.

O Ternário é o primeiro dos números perfeitos, como o triângulo é a primeira figura geométrica perfeita; é o número misterioso por excelência. O primeiro sólido é o quaternário, símbolo da materialidade, e por sua vez a pirâmide é o símbolo da união do espiritual com o material, vem do infinito, do *um* (ponto representativo do vértice) até a base expressa no mundo material. Ela se apóia sobre uma base quadrangular e termina no alto em um ponto, representando assim a *tríade* e o *quaternário*, ou o *três* e o *quatro*.

Os antigos representavam o homem virtuoso por um *ternário*, ao passo que o mau era um *quinário*, pois o número *cinco* se compunha de um *binário* e de um *ternário*, e para eles o *binário* trazia a desordem e a confusão a toda forma perfeita. Os dois representam a bipolaridade e sempre os opostos, se um dos pólos é positivo o outro sempre é o inverso em relação àquele.

Por outro lado, o homem perfeito tende ao septenário, ou seja, um *quaternário* + um *ternário*, isso é, *quatro* elementos materiais de que é constituído, e *três* espirituais que lhes origina. Os números 3 + 4 representam espírito e matéria, *septenário* da natureza.

A linha espiritual é vertical e a material é horizontal, as duas unidas formam uma cruz que em muitos símbolos é duplicada formando uma estrutura *óctupla*.

O espiritual é indivisível, mas o material é divisível. Toda a matéria do universo pode ser reduzida a *quatro* elementos básicos. A ciência dos homens só se preocupa com o *quatro* o lado material enquanto o místico se preocupa com o septenário, matéria / espírito.

Nos “mistérios antigos” o número *seis* simbolizava a natureza física perfeita, pois representava as *seis* direções possíveis no mundo material: Norte, Sul, Este, Oeste Zênite e Nadir (para cima e para baixo) representado pelo cubo.

O *oito* é o número menos citado de todos no ocultismo, embora isso não indique que ele tenha pouca significação. Num certo sentido o *oito* não existe como número natural desde que 1, 2, 3 são tidos como *um* por ser uma trindade. Assim sendo, o *oito* ocupa o sexto lugar de uma escala que acaba em sete^{lxix}.

Basicamente o *oito* é a representação da orientação. No passado estava representado pelo *caduceu*, símbolo do deus romano Mercúrio, e do grego Hermes, o mensageiro dos deuses.

O *caduceu* consiste de uma vara mágica, vara de arauto, em torno da qual se enroscam simetricamente duas serpentes, uma de face para a outra. Muitas vezes é confundido com outro símbolo bem parecido: A *Vara de Esculápio* que é o distintivo de farmácia e emblema da medicina. Nesse símbolo existe apenas uma serpente enquanto no *caduceu de Hermes* são duas simbolizando o eterno movimento em espiral da evolução.

A evolução se processa em espiral ascendente em um cone que lhe confere o aspecto de hélice. A cada passo da hélice o ser defronta-se com uma fase anterior num nível mais alto.

No alto, o universo pode ser representado por um círculo com dois outros no seu interior formando do próprio desenho de um 8 deitado e em giro conforme fig. 1. Enquanto o universo existir esse giro continua.

^{lxix} - 1-2-3 = primeiro número.

7 = segundo número

4 = terceiro número

5 = quarto número

6 = quinto número.

8 = sexto número.

9 = sétimo.

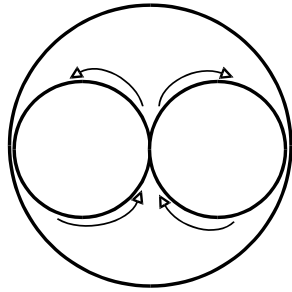


FIG. 1

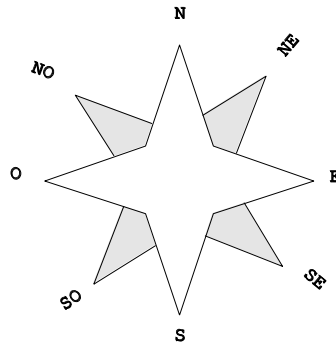


FIG. 2

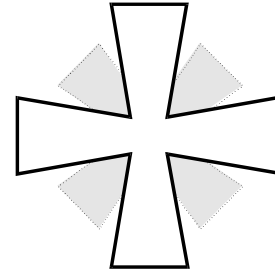


FIG. 3

No plano universal existe o giro da natureza, conforme já estudamos. Há uma peculiaridade no giro da natureza dentro do universo. Embora o giro se processe num mesmo sentido, em manifestação eles são cíclicos parecendo que numa etapa gira num sentido e na etapa seguinte no sentido contrário. Na realidade o giro é num só sentido, mas se apresenta como se fosse em dois, isto decorre de ser um movimento senoidal cíclico. Esta é a razão pela qual muitas vezes as coisas no universo parecem caminhar num sentido e depois noutro inverso. Isso acontece até mesmo com as civilizações que nascem progridem e oscilam como se percorressem um caminho inverso. É um efeito tipo maré, de vai e vem. Na realidade não se trata de um movimento inverso e sim o efeito de um movimento helicoidal em que as situações passam pelo ponto anterior, mas sempre num outro nível. Isso representa aquilo que os orientais costumam dizer: “Respiração de Brahma”.

Não nos deteremos muito nessa análise, os que estiveram interessados busquem e por certo grande número de conhecimentos aflorará. No momento apenas afirmamos que existem muitos conhecimentos dentro do que mostramos e que não são de difícil percepção.

Conhecendo-se as nuances do *oito* se pode entender grande número de coisas inerentes ao aspecto dinâmico do universo.

Ainda queremos dizer que o *oito* é simbolizado também pela rosa dos ventos (Fig. 2) como duplicata do *quatro*^{lxx}. O número *quatro* indica as 4 direções Norte, Sul, Este e Oeste, enquanto no *oito* assinalam-se mais *quatro* posições, Nordeste, Sudeste, Sudoeste, e Noroeste.

Em alguns “mistérios” da Antigüidade o *oito* era representada por uma dupla cruz (fig. 3).

O número *oito* simboliza a orientação, por isso usa-se para representá-lo a figura da *rosa dos ventos*.

Ao nível do 4 é mais fácil se manter um rumo, mas no *oito*, embora a orientação seja mais precisa mesmo assim é mais fácil a ocorrência de desvios, pois em vez de 4 possibilidades existem 8. Aumentam o número de caminhos, aumentam a complexidade das coisas, por isso o *oito* é considerado um número aberto e o mais perigoso de todos.

^{lxx} - A rosa dos ventos estava na cidade de Atenas representada por uma torres octogonal.

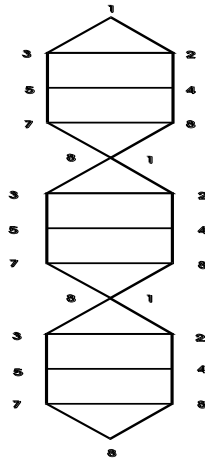


Fig. 4

O número *oito* representa a sucessão de oitavas da escala das vibrações e nesse caso pode ser representado por um esquema da “Árvore da Vida”. Numa escala de oitavas existe um sentido de movimentação duplo, ou seja, um para uma oitava a baixo e outro oitava acima, assim sendo uma pessoa no *mistério oito* tanto pode descer quanto subir. Já dissemos antes, é fácil descer do que subir; para descer não há necessidade de incremento de energia enquanto que para subir sim, neste caso é mais provável a queda do que a ascensão. Diante disto deve-se ter muito cuidado com respeito ao *oito*. Vide Fig. 4

O *oito* é duas vezes *quatro* e como *quatro* significa matéria *oito* representa uma dose dupla de materialidade, de interesse pelas coisas mundanas. De outro ponto de vista o *oito* representa um “novo começo e nova vida”.

O *oito* também é o primeiro número cubo (2^3). É o número da *vida após a morte*, pois significa à eternidade, o símbolo de infinito é um *oito* deitado.

A Fig. 5 apresenta o *oito* em posição vertical e assim simboliza os dois mundo, o mundo espiritual e o material, com o fluxo de energia de cima para baixo e de baixo para cima. Mostra a interação energética entre espírito e a matéria. Para outras doutrinas representa o ciclo (a roda das encarnações), de nascimentos e de renascimentos que tende a se perpetuar se ano não se fizer presente outras condições inerentes a outros números, como por exemplo, o *seis* visando à transformação individual.

O *oito* é um “moto contínuo”, um vai e vem sem fim, em que se não se fizer sentir uma condição controladora de fora esse movimento tende a não parar.

Agora podemos compreender porque sem a ação do *mistério seis*, o aperfeiçoamento, sem a transformação, jamais a pessoa tende a parar de reencarnar vezes seguidas. As doutrinas orientais falam freqüentemente da pessoa se libertar da *roda das encarnações* e é isto exatamente o que eles querem dizer.

Queremos salientar que o círculo é o símbolo de infinito em um só plano enquanto o 8 é o infinito ente dois mundos (fig. 5).

Vemos que existe em todos esses simbolismos ligados ao número *oito* um sentido de orientação, de direcionamento, por isso é que ele é *símbolo de orientação*. Podemos ver que o fluxo de orientação em qualquer das figuras pode ser revertido num sentido ou em outro, cabendo à pessoa o esforço de orientá-lo devidamente. Por isto no Budismo denominado a *Óctupla Via*, que diz respeito a um meio de libertação da existência terrena, e mais uma vez vemos ali a forma do algarismo 8 sugerindo a travessia da vida terrestre para a vida espiritual.

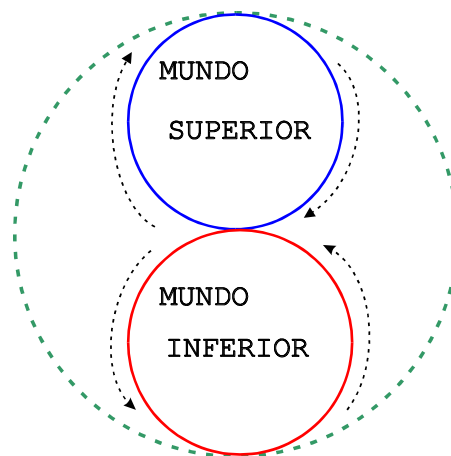


FIG. 5

Vamos agora analisar simultaneamente os números abertos *quatro*, *seis* e *oito*.

Os números quatro como estudaram em outra palestra, é o número da estruturação. Como sempre existe no *quatro* o pólo oposto, uma coisa pode ser estruturada negativa ou positivamente, portanto trata-se de um número aberto. Por sua vez o *seis* é o número da transformação, do aperfeiçoamento. Também nele há um duplo sentido, algo pode se transformar tanto no sentido negativo quanto no positivo. Agora vejamos o seguinte: Se algo no mistério *seis* estiver positivo, uma transformação positiva não permite uma desestruturação ao nível do *quatro*. Em outras palavras, o “mistério *seis*” pode “segurar” o mistério *quatro*. Assim sendo o *quatro* só se torna negativo se o *seis* o permitir. O *seis* é mais forte que o *quatro*, o seis “controla” o *quatro*, pois se uma pessoa se transforma positivamente evidentemente não tem como ela se desestruturar.

O *oito* representado por um octaedro, também é um número aberto, pois uma orientação pode ser tanto no sentido negativo quanto no positivo, mas quando é no positivo o *oito* “segura” o quatro. Uma pessoa bem orientada não tem por onde se transformar negativamente e nem se desestruturar também. Por isso a seqüência de perigos segue em ordem crescente: quatro... seis... oito.

O *quatro* pode contar com a segurança do *seis*, portanto mesmo aberto ele é um número menos perigoso que o *seis*, e este que o *oito*, pois pode ser controlado por ele. Por sua vez o *oito* é aberto e não tem outro número controlador. O único controle é aquele exercido pela própria pessoa, por isso é tido como o mais crítico dos números naturais.

A tradição chinesa diz que o *oito* é o símbolo do homem superior. “O homem superior mantém-se firme e não muda de direção”...

Onde mais está explícito os grandes mistérios do *oito* é provavelmente no *I Ching*, sistema místico divinatório popular na China. Mais do que um sistema ou método de adivinhação o *I Ching* é antes de tudo um sistema filosófico bem elevado. É um sistema milenar na China e tanto o *Taoísmo* quanto o *Confucionismo* sofreram grande influência dele. Confúcio (Kung Fu Tzu), um dos mais esclarecidos Mestres da China, disse que se lhes fossem dados mais anos de vida ele dedicaria cinquenta deles ao estudo do *I Ching*. A origem do *I Ching* se perde na névoa do tempo. Diz a Tradição Chinesa que os *trigramas* figurativos do *I Ching* figuravam no dorso de uma tartaruga do mar que, tal como um *dragão*, *emergiu das ondas e se apresentou ao Imperador Fo-Hi que viu nisso uma informação sobre o processo da criação do mundo em nove regiões*. Segundo a tradição, a Unidade criou e dividiu o mundo pelo seu próprio movimento e seu ponto de partida definiu o centro.

Também é atribuído a criação dos *trigramas* a um mestre chinês *Pao Hsi* há mais de 4.000 anos.

O sistema *I Ching* está baseado no princípios da bipolaridade das coisas, a bipolaridade *Yin Yang* do universo cuja representação gráfica é o TAO. *Yin* e *Yang* são aspectos complementares do que os chineses chamam de *Tai Chi*, que é a “causa última”, o princípio por trás de todas as coisas. John Blofeld, em seu livro sobre o *I Ching* descreve o *Tai Chi* como o “Sempre Imutável, o Sempre Mutável, o Uno, o Todo. Nada e fora dele nada existe que não contenha todo ele. Todas as coisas vêm dele; nada surge dele. Tudo retorna a ele; nada entra ou sai dele. Ele É todas as coisas; não é coisa alguma”. (Mistérios do UM).

No Ocidente o famoso psicólogo *Karl Jung* dedicou muito do seu tempo de estudo à análise do *I Ching*.

Os trigramas são constituídos por linhas inteiras e interrompidas e que são usadas para responder sim e não às perguntas formuladas. Na totalidade são *oito* trigramas, mas as combinações possíveis são 64 ao todo.



FIG. 6

I Ching não é apenas uma curiosidade ou um simples divertimento. Nele estão implícitos princípios que chega ao nível da própria criação.

**“AS ESTRELAS CONVERSAM ENTRE SI. A ALMA DOS SÓIS RESPONDE
AO SUSPIRO DAS FLORES. AS CORRENTES DA HARMONIA FAZEM TODOS OS
SERES DA NATUREZA SE HARMONIZAREM ENTRE SI.**

NUCTEMERON - A OITAVA HORA - POLÔNIO DE TIANA.



MISTÉRIOS DO NÚMERO NOVE

“QUALQUER NÚMERO É SUPORTE DE
UMA PERCEPÇÃO TRANSCENDENTE”.
L. LAFONI

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .∴



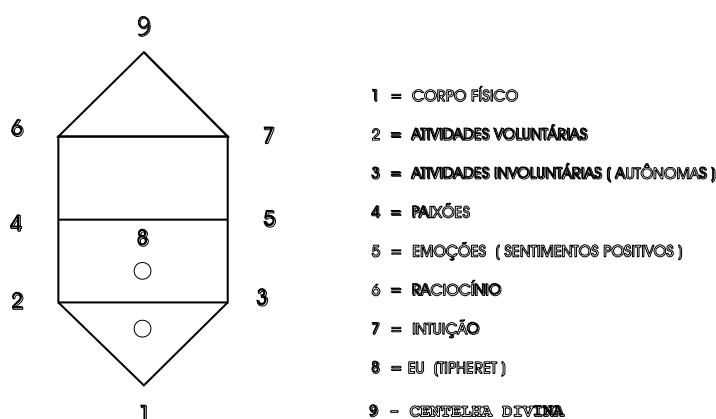
TEMA 0.391



O número *nove* é considerado por algumas doutrinas como o número representativo da Tríplice Manifestação: Mundo Divino Beriah, Mundo Divino Yetzirah, e Mundo Divino Asiyah - Mundo do *Espírito*, Mundo da alma, e Mundo da *Matéria* . Tríplice manifestação da Trindade 3 x 3 .

Pelo estudo da “Árvore da Vida” que fizemos em uma série de palestras vimos entre os esquemas aqueles da “Árvore” aplicada ao ser humano (Tema 0.013)

A ÁRVORE DA VIDA E O SER HUMANO



Este esquema mostra a manifestação plena do ser humano. Por certo JESUS é a expressão máxima do que pode vir a ser o Verdadeiro Homem e ELE disse: EU SOU O ALFA E O ÔMEGA...

Veja-se que a letra alfa tem valor numérico 1 e o ômega tem valor numérico 800

$$1 + 800 = 801 = 8 + 1 = 9$$

Por esta relação numérica os cabalistas atribuem o número 9 a Jesus.

O *nove* representa a totalidade de qualquer coisa, é a expressão plena de todos os seus elementos. A cabala atribui ao número 9 as sucessivas emanações de DEUS, vindo do mais elevado até chegar ao mais denso.

Nove é o número de meses da gestação humana plena. É um número que gera a si mesmo. Multiplicando por ele mesmo dá 81. Desdobrando-o temos $8 + 1 = 9$

O *nove* forma uma “Arvore” completa e por isto é considerado o número da inspiração.

Na mitologia grega vamos encontrar *nove* musas inspiradoras, filhas de Zeus e de Mnemósine: *Clio*, *Alípoe*, *Melpómene*, *Talia*, *Euterpe*, *Erato*, *Terpsícone*, *Polínia*, e *Urânia* as quais respectivamente presidem a História, a Eloquência, a Poesia heróica, a Tragédia, a Comédia, a Música, Poesia amorosa, à Dança, à Poesia lírica e à Astronomia.

No Evangelho de Matheus, citando o Sermão da Montanha ,existem nove Bem-aventuranças:

- Bem aventurados os pobres de espírito...
- Bem aventurados os mansos....
- Bem aventurado os que choram...
- Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça...
- Bem aventurados os misericordiosos...
- Bem aventurados os puros de coração...
- Bem aventurados os pacíficos...
- Bem aventurados os que sofrem perseguições por amor da justiça...
- Bem aventurados pois quando vos insultarem e perseguirem...

O nove é o signo de toda circunferência pois a soma do valor absoluto dos algarismos do total de seus 360 graus é nove: de 360 graus = $360 = 3 + 6 + 0 = 9$

“As sagradas Escrituras” contém muitos segredos ocultos sob a forma de números, que advém permanecer misteriosos para aqueles que ignoram o significado dos números. Por esse motivo , é necessário que aquele que pretende atingir um conhecimento superior seja também versado em aritmética”... “Os números sacros” nesta visão de mundo, são a base estrutural que torna possível a compreensão dos princípios da criação, e que, desde às origens, constituía um saber esotérico das escolas sacerdotais”...

Já no Antigo Egito existiam grupos de divindades (*Psedjet*), grupo de nove, *enéadas*, sendo a mais conhecida delas a de Ábidos.

Nove são os graus básicos da Ordem Rosa-cruz, e que corresponde à uma “viagem” em volta dos três triângulos expressos na “Árvore da Vida”.

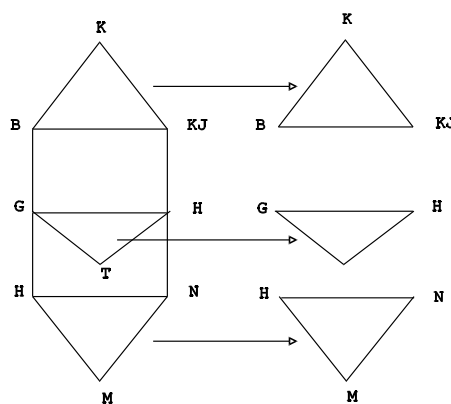


FIG. 2

Os ciclos de nove dias sempre foram considerados períodos de poder espiritual, d’onde a origem das *novenas*. Depois da morte de um papa celebram-se missas durante nove dias, simbolizando o seu nascimento para uma nova vida.

O número *nove* também tem significação no ritual maçônico; é *nove* mestres que foram em busca da sepultura de Hiran, o mestre construtor do Templo de Salomão, degolado pelos obreiros.

Algumas Tradições antigas ensinam que existem *nove* mundos, que são:

Mundo Astral, também chamado de *Mundo da Lua*. É o que se encontra mais próximo do plano terreno.

Mundo mental ou *Mundo de Mercúrios*. O “*devachan*” dos teósofos. O *mundo da Inteligência operativa e causativa* de toda forma de vida e da operativa.

Mundo Espiritual, ou *Plano Búdico*, ou *Céu de Vênus*. que corresponde ao estado etéreo da matéria. O princípio da vida manifesto no mundo físico.

Mundo do Espírito Puro. *Mundo Nirvânica*, *Mundo Átmico*. É um mundo também conhecido pelo nome de *Céu do Sol* e corresponde ao estado radiante da matéria; dos princípios latentes da vida individual.

Mundo Paranirvânico, *Céu Paranirvânico*, ou *Céu de Júpiter*. É o aspecto mais elevado do princípio anterior.

O *céu de Saturno* está acima do tempo cronológico no qual se manifestam as coisas, e que tende a dissolver tudo em sua consciência de *ánanda* ou perfeito repouso.

O *céu das Estrelas*, ou *Céu de Urano* é o que forma o espaço, raiz da consciência individualizada da divindade. Corresponde ao *Ser Absoluto*, o qual se mostra como tempo, espaço, vida, pensamento, a energia, a matéria de todas as coisas.

Todos esses planos podem ser estudados como um *sephirah* e em parte já desenvolvemos um estudo em palestra anteriores (Temas: 043, 044, 045, 046).

A Cabala e outras doutrinas que têm suas bases metafísicas sempre tem estruturas baseadas no números 1-2-7-9. A cabala afirma a existência de nove coros de anjos e diz : Os anjos, energias elementos, pensamentos, aspirações e inspirações , de se dividem em três hierarquias, cada uma se baseia em três ordens, formando em sua totalidade *nove* coros que recebem o nome de **Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos.**

Não nos alongaremos na descrição dessas hierarquias pois o assunto é bem apresentado em alguns livros especializados e também seria fugir da nossa meta pois o que visamos aqui é mostrar que os números trazem em si algo inerente a princípios que transcendem a simples função de contar coisas.

Não visamos fazer um estudo prático da numerologia, essa não é a nossa intenção nestas palestras, e sim mostra que há fundamentos na numerologia, a par de fantasias, devaneios e ilusões que na maioria das vezes alimentam interesses de pessoa inescrupulosas.

O estudo sério dos números é feito como parte integrante de alguns sistemas ligados à Tradição, e também existem ordens iniciáticas autênticas que estudam os números, seguidos da Escola Pitagórica, e que através delas o neófito pode receber conhecimentos necessários a se tornar um “iniciado” nos Grandes Mistérios Natureza Divina, através do conhecimentos dos números.

MISTÉRIOS DO NÚMERO DOZE

“AS ASAS DOS GÊNIOS MOVIMENTAM-SE
COM MISTERIOSO RUMOREJAR ”.
NUCTEMERON - APOLONIO DE TIANA

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.392



Os mistérios do *doze* dizem respeito às relações entre o abstrato e o concreto, entre a Trindade e o mundo material.

3 = Trindade. 4 = Estruturação Material. $3 \times 4 = 12$

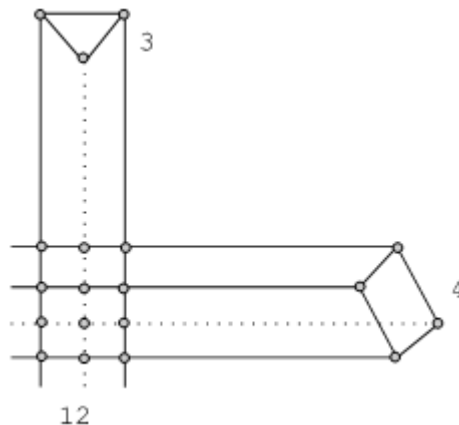


Fig. 1

Pela figura 1 vemos que o *doze* é um número resultante da interação do *três* com o *quatro*, a manifestação do espiritual no material. Como diz Chaboch: “O *doze* é um número glorioso, é a manifestação da Trindade nos quatro cantos do horizonte. É a exaltação da matéria pelo espírito”.

Tudo aquilo que diz respeito à manifestação do espiritual sobre o material no sentido de comunicação e de ensinamentos obedece ao mistério *doze* como veremos.

Jesus escolheu assim os seus Discípulos: “...Chamou aqueles que quis e eles vieram a ele em número de *doze*” - Marcos 3. Em seguida acercou-se de $12 \times 6 = 72$ discípulos. (Os mórmons regem-se por um Conselho dos 72)

O número *doze* era tão importante aos discípulos que após a morte de Judas este foi substituído por Matias (Atos dos Apóstolos, 1,15, 26).

Os *doze* apóstolos simbolizam o espiritual (ensinamentos) ministrados aos quatro cantos do mundo (material). $3 \times 4 = 12$.

A missão dos discípulos era dar prosseguimento aos ensinamentos de Jesus, e trazer para o mundo material o lado espiritual da natureza; trazer a Trindade (3) para o mundo material (4).

O zodíaco divide a esfera celeste em 12 casas mostrando que a regência do universo é feita por uma trindade sobre as quatro direções do mundo material.

Climatologicamente são quatro as estações cada uma de três meses. $4 \times 3 = 12$.

Jacó teve *doze* filhos, de onde derivaram as *doze* tribos de Israel. Ele usava um peitoral sobre o qual haviam incrustadas *doze* pedras, que, segundo a Tradição, são os suportes de *doze* poderes cósmicos: *Esmeralda, topázio, sardônica, diamante, safira, carbúnculo, ametista, jacinto, ágata, jaspe coralina e crisólito*.

Doze filhos, *doze* tribos simbolizando o espiritual no desenvolvimento material do povo judeu.

Isto tem relação com algo bem atual. A coroa usada na sagração do Rei da Inglaterra tem *doze* pedras simbólicas.

- Topázio* - Símbolo das virtudes que deve possuir o Rei
- Esmeralda* - Símbolo da justiça do Rei
- Sardônico* - Símbolo da elevação do Rei
- Crisólito* - Símbolo da sabedoria e da prudência do Rei
- Calcedônia* - Símbolo da coragem do Rei
- Jacinto* - Símbolo da temperança e da solidariedade do Rei.
- Jaspe* - Símbolo da abundância que deve ser dada ao povo.
- Crisólogo* - Símbolo da busca das coisas celestes pelo Rei.
- Berilo* - Símbolo do desprendimento e da pureza do Rei
- Safira* - Símbolo da continência Rei.
- Ametista* - Símbolo da função real da que o Rei não deve abrir mão.
- Ônix* - Símbolo da humildade, da caridade e da sinceridade do Rei.

Doze era o número das principais divindades do Olimpo.

Em Sânscrito o Sol tem *doze* nomes que são utilizados com mantras:

OM MITRAYA NAMAH
OM RAVAYEH NAMAH
OM SURYAYA NAMAH
OM BHRNA VEH NAMAH
OM KHGAYA NAMAH
OM PUSHNE NAMAH
OM HIRANYA GARBHAYA NAMAH
OM MARICHAYE NAMAH
OM ADITYAYA NAMAH
OM SAVITRE NAMAH
OM ARKAYA NAMAH
OM BAHSKARAYA NAMAH..

Diz a mitologia japonesa que o Criador está sentado sobre *doze* almofadas sagradas e segundo a Tradição coreana o mundo está dividido em *doze* regiões.

A Tábua das Esmeraldas, deixadas pelo Deus Thoth (Hermes) contem *doze* proposições essenciais que cabe ao discípulo descobri-las e estuda-las.

Pouco sabem o que diz a Tradição a respeito das Tábuas da Lei recebidas por Moisés: “*Haviam doze mandamentos, e não dez; dois mandamentos foram perdidos e permanecerão ocultos até que o homem esteja preparado para recebê-los, o que ainda não aconteceu em nossos dias!*.”

Isto diz respeito às leis que emanam do mundo espiritual (3) destinadas a reger a conduta dos seres humanos (mundo material = 4).

No Antigo Testamento contam-se *doze* “profetas menores”: *Oseias, Joel, Amos, Abdias, Jonas, Miquéis, Nahum, Habacuc, Sofronio, Ageu, Zacaris e Malaquias.*

Note-se que sempre os mensageiros entre o mundo espiritual de alguma forma ligam-se ao número *doze*.

Após a multiplicação dos pães encheram-se *doze* cestos com a sobra.

O relógio é dividido em *doze* horas e existe o mistério das 12 horas (meia noite). É um mistério elevado que mostra o infinito dentro do finito, o eterno-agora. Quando é meia noite, por menor que seja a fração de tempo sempre é possível dividi-la sucessivamente “ad infinitum”. O momento exato da meia noite somente existe ao nível de infinito e Jesus nasceu à meia noite mostrando que Ele nunca nasceu no plano material pois Sua existência é no plano infinito.

O dia é dividido em 12 horas, assim também a noite e cada hora tem um significado cósmico especial.

No universo existem focos de energia direcionados e que a terra em seu giro atravessa-os em determinados momentos. Assim o meridiano de um lugar à cada hora se posiciona diante de um desses focos de irradiação cujo efeito se manifesta sobre as estruturas existentes na terra. Cada coisa existente responde a seu modo a essa irradiação.

Existe muita ilusão na Astrologia, mas há também uma base bem sólida ligada exatamente aos *doze* focos de irradiação sideral, que se localizam em relação a terra mais ou menos nas 12 constelações zodiacais. Na realidade nada tem haver diretamente com alguma força emanada dos planetas e menos ainda com as estrelas e constelações do zodíaco, pois eles estão muito além desses limites. Os planetas, assim como as constelações zodiacais servem, apenas como marcadores, como sinalizadores indicativos da posição da terra em relação aos “faróis” cósmicos.

A Acupuntura se baseia no Yin/Yang e no fluxo de energia QI (variedade de Energia Sutil) no organismo. A energia flui por 12 meridianos básicos. Segundo o “princípio da correspondência” de Hermes, *assim como e em cima é em baixo*, podemos dizer que tal como existem *doze* canais de energia no organismo também existem *doze* no universo. A energia universal flui no organismo por *doze* vias (meridianos) e à cada um deles corresponde um dos focos de irradiação cósmica. Os meridianos de acupuntura são canais de energia sutil no corpo orgânico assim como os canais cósmicos o são do Universo.

Em Homeopatia Schussler descobriu que a célula depende essencialmente de 12 substâncias das quais ele preparou os clássicos 12 remédios de Schussler.

Há somente *doze* pares de nervos que emergem diretamente do crânios.

O número *doze* sempre foi um número muito assinalado em todas as atividades humanas, desde as condições energéticas quanto expressões em alfabetos.

O alfabeto hebraico é composto por três letras mães: *aleph, mem, schin*; por sete letras duplas: *Beth, ghimel, dleth, kaph, pé, resh, tau* e por *doze* ; “simples”: *Hé, vav, Zayin, heth, teth, yod, lamed, noun, samekh, hayn, tazdé, qoph.*

O *doze* tem uma relação direta com o *três* e com o *quatro*. A soma do espiritual *três* com o material *quatro* dá *sete*, e por sua vez o produto dá *doze*. Vide Fig. 2. As características de um número além do nove é dado mais pelo produto dos algarismos que o compõem do que pela soma.

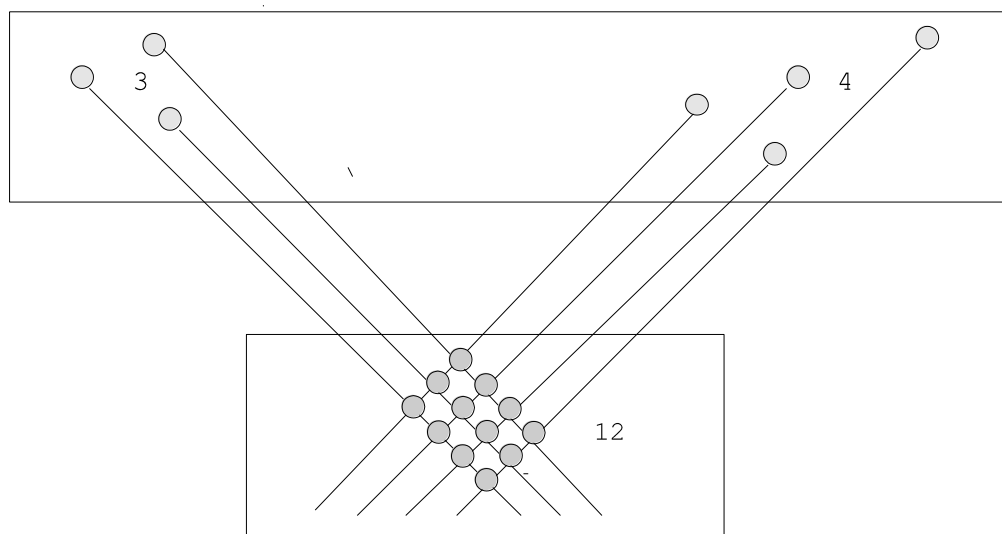


Fig. 2



MISTÉRIOS DO NÚMERO DOZE – A MAGIA DAS HORAS

“AQUI SÃO EXECUTADAS, MEDIANTE O FOGO,
AS OBRAS DA LUZ ETERNA”.
12A HORA - NUCTEMERON.
APOLÔNIO DE TIANA.

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO ∴



TEMA 0.393



O relógio é dividido em *doze* horas e existe o mistério das 12 horas (meia noite). É um mistério elevado que mostra o infinito dentro do finito, o eterno-agora. Quando é meia noite, por menor que seja a fração de tempo sempre é possível dividi-la sucessivamente “ad infinitum”. O momento exato da meia noite somente existe ao nível de infinito e Jesus nasceu à meia noite mostrando que Ele nunca nasceu no plano material, pois Sua existência é no plano infinito.

Romances e lendas dizem que ser fatídica a “batida das doze horas” da noite. As batidas do relógio à meia noite têm uma significação esotérica e mágica muito importante. É a hora em que os galos começam a cantar. Hora dos grandes mistérios, na realidade há segredos sobre a 12ª hora que o iniciado evita revelar aos profanos.

Existe uma Sublime Ordem em que uma das iniciações liga-se ao grande mistério da 12ª hora. Inicia-se exatamente à meia noite com as batidas compassadas de um relógio e as palavras de Apolônio: “AQUI SÃO EXECUTADAS, MEDIANTE O FOGO, AS OBRAS DA LUZ ETERNA”. (Poucos sabem o que significa esse fogo referido no mistério da 12ª hora.)

Diz J. V. Rijckenborg: “... o Nuctemeron de Apolônio de Tiana relaciona-se não somente com o Caminho do Desenvolvimento do homem, considerado isoladamente, mas relaciona-se também, e ao mesmo tempo, com a projeção da Onimanifestação!”. “Devemos possibilitar, mediante a auto-rendição e serviço amoroso dedicado ao Mundo e à humanidade, que dê provas de se estar claramente lapidado para servir de espelho à lua do Sol Astral Universal, e refletir, em nosso mundo obscuro, suficiente brilho da Eternidade.

Que fogo é esse, então! - É ainda Rijckenborg, mestre rosa-cruz e gnóstico, quem diz: “Esse Fogo pode, com razão ser chamado Força Divina por isso o mago deve recordar diariamente a conhecida advertência: *Aquele que está de pé, que cuide de não cair!*”

O mago aprende a trabalhar com o *Fogo Astral*, assim adquire poderes sobre grandes forças em muitos aspectos será “o mais poderoso”. E assim, se tentar estimular o mau uso dessas possibilidades e forças, para aplicá-las em assuntos bem terrenos. Em Razão disso, e em razão da lei magnética da ligação o obreiro poderá tornar-se vítima e correr perigo; poderá, de novo, ficar aprisionado no cárcere planetário. Assim todos aqueles que trabalham com forças cósmicas, precisam estar muito vigilante para não cair numa cilada”.

Aquele que souber dispor das forças ligadas ao mistério da 12ª hora, mistério gnóstico do *doze* está sujeito a três grandes perigos: O mistério da 12ª hora desenvolve em outras capacidades o poder o poder de discernir os espíritos, e depois poderá provar, antecipadamente, todo espírito se ele provém de Deus ou não. A ele é dado o poder de dominar espíritos e submeter os gênios da natureza.

Na Bíblia podemos ter um relato disso em Daniel. Com domínio máximo ele foi colocado dentro de uma fornalha quente e coisa alguma lhe aconteceu.

O domínio dos Princípios de Apolônio dá ao homem grande poder que a quase totalidade deles não sabe administrá-los razão pela qual os que adquirem esse tipo de saber via de regra acabam vítimas do próprio conhecimento.

As *doze* batidas da meia noite assinalam o momento em que os Magos Brancos comunicam-se mentalmente entre si. É a hora em que os “Iniciados” de alguns sistemas recebem mentalmente ensinamentos essenciais de elevado nível. É a hora de contacto cósmico, a hora em que “*Os mestres do Carma*” revelam as suas presenças.

Baseado no mistério das *doze* horas Apolônio de Tiana os mistérios em 12 grupos e descreveu-os veladamente em O Nuctemeron. São *doze* horas distribuídas os domínios da Iniciação segundo Apolônio, sendo a principal a da 12ª hora.

Não é pequeno o número de superstições ligadas à meia noite, à “batida da meia noite”, à “batida das *doze* horas” tanto do dia quanto da noite são temidas.

Podemos dizer que a respeito do *doze* há bases ocultas inerente a muitos mistérios, o que não acontece com o número *treze* que embora seja considerado fatídico, e em torno do qual se somam muitas superstições, nele não existem princípios cósmicos envolvidos nele. Dá-se exatamente o contrário no que diz respeito ao *doze* em que há leis cósmicas importantes que se fazem sentir.

Há no universo princípios físicos que por alguma razão estão ligados ao *doze* e por isso não é sem razão que o dia e a noite são divididos em períodos de 12 horas. Há um marcador cósmico inerente ao Sol que determina que assim seja.

No universo há 12 focos de energia direcionados e que a terra em seu giro anual atravessa-os. Mas muito mais intenso é o **ponto solar**. De um determinado ponto do Sol emerge um grande foco especial de Luz e cuja irradiação diz respeito ao lado oculto da vida, à atuação da energia sutil sobre toda a terra e sobre. O meridiano de um lugar a cada hora se posiciona diante desse foco de irradiação cujo efeito se manifesta sobre todas as estruturas existentes na terra. Cada coisa existente responde a seu modo a essa irradiação.

De um ponto solar esse foco se projeta em leque o qual é atravessado pela terra em seu giro de 24 horas. Esse leque ao nível da órbita planetária tem uma largura que a terra necessita cerca de uma hora para atravessá-lo. Dentro dessa faixa há um ponto pique, um ponto de intensidade máxima que o meridiano de um lugar cruza exatamente ao meio dia. É uma irradiação que não é deita pela superfície do planeta, ela a terra de lado a lado, e a sua ação se faz mais intensamente no lado oposto ao sol, isto é no lado noite. Essa maior intensidade noturna é decorrência da ausência de outras irradiações presentes na atmosfera da terra e que estão presentes no lado durante o dia.^{lxxi}

A radiação de o grande foco solar não é único, existem mais onze cujo leque a terra atravessa a cada hora, mas mesmo que sejam importante estão distantes do poder que daquele que estamos mencionando. Por isso cada hora tem a sua peculiaridade, muitas peculiaridades físicas, mas na maioria deles o fundamental é o poder ao nível de energia sutil.

O dia poderia ser assinalado por frações de tempos diferentes, maiores ou menores que uma hora. Poderia ser dividido em frações de 30 minutos, por exemplo. Porque 60 minutos? - Porque este é o tempo em que a terra em seu giro leva para atravessar um dos leques de irradiação dos 12 focos de irradiação solar, os chamados “marcadores solares”. É *doze* o número de focos cósmicos irradiações e em cada giro a terra a cada hora está sob a influência de um deles, sendo o mais significativo de todos aquele correspondente a 12 horas. São focos com características peculiares e que podem ser utilizados de uma forma eficientíssima por que lhe conhece os mistérios, os poderes inerentes.

Em algumas palestras já falamos a respeito da importância da energia sutil no organismo. Dissemos que ela tem haver com a reprodução celular, a sexualidade, a vitalidade, os fenômenos psíquicos, etc. Por isso a meia

^{lxxi} - Num primeiro momento pode parecer estranho a dia de que existe uma irradiação capaz de atravessar a terra de lado a lado. Na realidade não tem porque se estranhar isso desde que a própria ciência afirma que os neutrinos, partículas subatômicas de carga neutra, em número incontável atravessa a terra como se coisa alguma se opusesse a elas. Mas a radiação que a que estamos nos referindo não são neutrinos e sim algo a nível astral, é aquele fogo referido por Apolônio e pelos alquimistas e outros místicos.

noite é momento mais preciso quando se manipulam determinadas energias. É o momento de maior eficiência em qualquer tipo de manipulação energética que envolva o nível sutil. Por essa razão é que é uma hora própria para as operações mágicas na natureza, hora das bruxas, dos magos e dos místicos. A hora em que a magia da natureza se faz presente com maior intensidade.

O segredo dos magos é conhecer momentos precisos e saber como utilizá-los, e de que forma manipular as forças siderais em momentos definidos. Saber o que pode ou não pode ser feito nas diferentes horas, como utilizar a magia inerente à meia noite.

A literatura é rica em romances, contos, e lendas a respeito da relação entre a meia noite e os vampiros, lobisomens e outros seres fantásticos. Podemos dizer que isso não é apenas ilusão, há um conteúdo de verdade por detrás de tudo e que parece fantasia. Transformações biológicas incríveis podem se manifestar em nível de corpo energético em momentos precisos. Uma pessoa pode conhecer e ter domínio sobre tudo isso, mas como dissemos antes, a maioria sucumbe diante do poder...

Esses *doze* pontos têm a ver com doze canais (meridianos de Acupuntura) através dos quais a energia QI (energia vital) flui através do organismo.

Não é somente do Sol que jorram energias ligadas à vida na terra. No universo existem outros pontos de real significação. Durante séculos a astronomia ignorou isso até que foram descobertos os pulsares, que segundo a astronomia são como que jorros colossais de radiações emitidas por estrelas colapsadas de giro muito rápido. À medida que um pulsar gira escapa dele irradiação de forma intermitente e assim eles funcionam como se fossem verdadeiros faróis. Os pulsares são fontes de energia pulsante e a terra atravessa periodicamente esses feixes de energia que de alguma forma exercem influências sobre a terra.

Citamos os *pulsares* apenas para que se tenha em mente que no nível comum de energia a ciência hoje reconhece a existência de raios de energia que se direcionam em todos os sentidos no espaço. Mas o que estamos revelando é algo um tanto diferente. A energia no universo se manifesta em níveis incomuns, ou seja, em níveis diferentes daqueles que a ciência reconhece. Assim como a pessoa tem um campo de energia sutil, de igual modo também o tem o universo. Assim como a energia sutil tem vias de condução e irradiações no corpo de igual modo existem as vias de energia cósmica no universo. “Assim como é em cima é em baixo”. São *doze* o número dos principais focos, que estão distribuídos regularmente no espaço.

Também há irradiação sutil a partir da Lua, da luz da lua. Meia noite de lua cheia é um momento de imenso poder mágico, um momento em que os magos fazem uso, tanto de um lado quanto de outro. A combinação do foco solares com o lunar infunde na natureza qualidades especiais que conferem naturalmente poderes estranhos a muitos seres e que muitos os usam intencionalmente.

Citamos um tanto de conhecimentos ocultos, mas não podemos dar maiores detalhes sobre isso. São conhecimentos reservados aos “iniciados”, mas que podem ser alcançados pelo buscador sincero e dedicado.

A Mitologia Grega cita 12 trabalhos de Hércules. Nos trabalhos citados existe um sentido simbólico significativo.



OS NÚMEROS - ALÉM DO NOVE

“ O CIENTISTA ABDICA DOS “PODERES PARA SE CONSAGRAR AO CONHECIMENTO NO QUAL ELE ENCONTRA A SERENIDADE DE ESPÍRITO E DO CORAÇÃO ”.

1995

TEMA 0.394



Os números além do nove, no que dizem respeito ao lado simbólico, são conhecidos por números da completude. Este nome deriva de complementaridade porque em si eles não têm mistérios plenos, e sim são somatórios do simbolismo dos números que o compõem.

Todos os mistérios estão essencialmente contidos do *zero* ao *nove*, por isso além deste número (nove ou sete) tem início uma nova escala apenas num nível mais alto, um passo acima na espiral evolutiva.

NÚMERO DEZ:

Diz a Tradição que Deus fez o mundo em *dez* níveis de emanções representadas pelos 10 *Sephiroth* da “Árvore da Vida”. Nesta palestra não voltaremos a analisar esse lado, pois acreditamos já haver sido bem compreendido em palestras que já apresentamos anteriormente.

Dez é o número símbolo da plenitude e da perfeição. Segundo a Doutrina Pitagórica o número dez é o mais perfeito dos números possíveis, quando diz: “*A década serviu de medida para o Todo, como um esquadro e um nível nas mãos do Ordenador*”.

A importância desse número pode ser sentida por alguns dos seus desdobramentos:

4 ESTRUTURAÇÃO MATERIAL.
6 APERFEIÇOAMENTO .
 $10 = 4 + 6$ MATÉRIA E HARMONIA.

3 → TRINDADE - CRIADOR.
7 → CRIAÇÃO.
 $10 = 3 + 7$ CRIADOR E CRIAÇÃO.

$5\downarrow + 5\uparrow = 10$ → CONSCIÊNCIA EM INVOLUÇÃO E CONSCIÊNCIA EM EVOLUÇÃO = QUEDA E ASCENSÃO.

A mão é símbolo da humanidade por um meio físico de interação entre o EU e o mundo material. São os cinco sentidos simbolizados nos 5 dedos que representam um pentagrama. Simbolicamente a mão direita é positiva, construtora. Nesse sentido falam-se do *caminho da mão direita* como sinônimo de magia branca, de misticismo, de caminho a Deus. Neste caso os cinco dedos apresentam-se em sentido ascendente, direcionados para cima. Por outro lado citam-se o caminho da mão esquerda, o das relações negativas do espírito com o mundo, e neste caso os cinco dedos voltados para baixo, para o inferior. Frente a frente as duas mãos simbolizam o dez, o envolvimento e o desenvolvimento do espírito, queda e ascensão.

O dez simboliza o *retorno à unidade depois de um ciclo completo de criação*, por isso é a *Harmonia da Criação*.

Nos Salmos está escrito: “*Para ti... eu canto um canto novo, Para ti, faço soar a lira de dez cordas*”. As *dez cordas* da lira simbolizam a *Árvore da Vida* e um *canto, novo ciclo* que se inicia.

Basicamente todos conhecem o número *dez* como Númeo dos Mandamentos, pois são *dez* os mandamentos bíblicos.^{lxxii}

Este simbolismo está explico na religião Judaica quando diz serem necessárias dez pessoas para ser aberta a sinagoga. - Assembléia de Oração.

A religião Tibetana, conhecida como Lamaísmo, fala de *dez* direções possíveis (quatro pontos cardeais, mais quatro pontos intermediários), mais o Nadir e o Zênite.

Ainda em correspondência com a Árvore da Vida a Tradição chinesa diz que o homem tem *dez* almas. *Dez* é a globalidade de um ciclo, o retorno à unidade de uma criação simbolizada pelos *nove* primeiros números.

Segundo a Doutrina Hermética existem *sete* princípios essências revelados, mais um, o oitavo a ser descoberto pelo adepto e mais um, o nono a ser sentido. Este jamais pode ser descrito porque só se penetra em seu mistério pelo sentimento, sendo impossível se encontrar palavras que o descreva. É um nível só de sentimento e sensação não se descreve; é um mistério, um estado inefável. Por isso o *dez* também é chamado de o *Número de Hermes* porque é no *dez* que se inicia um novo ciclo de nove, e assim por diante.

A Tradição Cabalística refere-se aos *Dez Nomes Secretos de Deus: EHEIE, JAH, EL, ELOHIM, ELOI GIBOR, ELOAH, JHVH SABAOTH, ELOHIM SABAOTH, SHADAI E ADONAI.*

O *dez* é o UM de cada ciclo por isso lhe é atribuído a simbologia dos nomes secretos de Deus.

Em numerologia o número *dez* é formado da soma de $1 + 2 + 3 + 4 = 10$, tendo, por isso, o mesmo sentido que o número 4. Também, em sua redução, se faz $1 + 0 = 1$, recebendo, também, os atributos do número 1. É, portanto, um número “terrestre”, do “Reino” - o Malkut da Cabala.
ARCANO CORRESPONDENTE NO TARÔ: A Roda da Fortuna

NÚMERO ONZE:

Assim como o *dois* é a primeira polarização, o onze é a segunda polarização. Um novo ciclo começa no *dez*, o equivalente ao *um*. O ciclo recomeça em *dez* cuja polarização é, pois o *onze*, portanto o *onze* é um segundo ponto de partida, uma nova origem e que corresponde numero logicamente ao *dois*, com toda a “experiência” dos números precedentes. Por isso é considerado um número de poder assim como os seus múltiplos, 22, 33, 44,... 111, 666 etc.

A astronomia diz que o Sol tem um ciclo ativo de 11 anos, ciclo de maior atividade das “manchas” solares, das tempestades magnéticas em todo sistema solar. É o poder reiniciando um novo ciclo de atividades.

Todo o necessário para a manutenção da vida na terra é fornido pelo SOL, ele é a fonte abastecedora de tudo o que se faz necessário ao homem em seu desenvolvimento espiritual. O Sol segue perfeitamente o ciclo numérico, suas atividades completam um ciclo em *nove* anos. As atividades estabilizam-se no *décimo* e reinicializa-se um novo ciclo de atividade no *onze*. Esta é a razão oculta do ciclo de atividade solar conhecido para ciência como o *ciclo de atividade de onze anos*.

Os ciclos de atividade solar embora conhecidos como de onze anos na realidade não são onze anos, pois o 11º, que é o de grande atividade, é na realidade o primeiro de um novo ciclo. O décimo primeiro ano é conhecido pelo nome de ciclo de atividade magnética máxima do Sol, quando se originam as “manchas solares” cuja influência socio-psicocomática tem sido comprovada como cita François-Xavier Chaboche.

Para alguns o 11 é considerado um número desafortunado por alguns motivos que nos leva a pensar assim. Só se inicia um ciclo novo para aqueles que não conseguiram atingir a meta num ciclo anterior, portanto, na escala evolutiva o espírito que não consegue se aperfeiçoar num ciclo inicia outro e por isso ele é considerado desafortunado, o perdedor. Isto leva a muitos considerarem o onze como “a dúzia do diabo”.

Há os que interpretam o número onze de modo diferente, dizendo ser ele um número afortunado, pois é o número dos discípulos fieis a Jesus, e ser ele o portal de entrada num plano mais elevado.

^{lxxii}Isotermicamente sabe-se que existem mais dois mandamentos que foram destruídos quando Moisés quebrou as Tábuas da Lei, mas cumprido os dez o desenvolvimento espiritual chega ao término.

É a união de 1 + 1, representando a força. Seu arcano no Tarô é, claro, A FORÇA. Na Numerologia Pitagórica o 11 é considerado um Número Mestre (os números mestres são 11, 22 e 33), enquanto no sistema caldeu o 11 é tomado como um número muito negativo, desfavorável.

Em numerologia o onze é a união de 1 + 1, representando a força. Seu arcano no Tarô é, claro, A FORÇA. Na Numerologia Pitagórica o 11 é considerado um NÚMERO MESTRE (os números mestres são 11, 22 e 33), enquanto no sistema caldeu o 11 é tomado como um número muito negativo, desfavorável.

Por ser o número da força o 11 em numerologia é considerado um número desfavorável, símbolo da luta interior, da rebelião e da dispersão, que governa o perigo, a traição, dificuldades na vida, inimigos e conflitos com o sexo oposto.

NÚMERO DOZE: (Já estudado no Tema 0.392).

Número formado por $1 + 2 = 3$. É o número de Zeus, pai dos deuses, que os romanos clonaram como Júpiter. No Tarô é O Enforcado, pelo que esse número, sendo terrestre, é dos mais fortes na numerologia, em termos de negatividade

NÚMERO TREZE:

O número treze é tido como um número “aziago”, fatídico, negativo, mas não existe qualquer mistério que justifique isso. Alias é um número que podemos considerar sem mistério a não ser aqueles inerentes ao *um* e ao *três*. Não tem expressão direta no mundo da matéria.

O sentido negativo que lhe dão resulta de uma superstição: Jesus mais 12 apóstolos perfaziam um total de treze e um deles foi o traidor, por isso associaram esse número à traição, mas na realidade não tem haver. Por essa mesma razão alguns consideram treze pessoas à mesa como sinal de mau augúrio, exatamente por lembra a Ceia Larga.

Já no Egito foi considerado um dia nefasto porque no mês de *Aviv* (ao primeiro mês egípcio) deu-se uma das “pragas”... “À meia noite todas as casas do Egito foram atingidas...” Não havia uma casa em que não houvesse um morto. Foi a noite do *décimo quarto* dia do mês de *Avive* (Êxodo XII, 6 - XIII, 4, que é a noite da passagem... Esses fatos ocorreram durante a noite, como os hebreus contavam o dia a partir do nascer do sol e os egípcios a partir do seu ocaso, o 14º dias de *Aviv* coincide durante algumas horas com o 13º mês de *Tut*.

Embora se desconheça algumas razões inerentes ao mistério dos números existem listas e mais listas assinalando o 13º como um número ruim, a data 13 é a que mais acumula coisas negativas na história da humanidade...Coincidência? Mistério?...

No passado já Hesíodo aconselhava aos camponeses a não começarem a semear no 13º dia do mês.

Diz à lenda que o “covil das feiticeiras” tem o diabo como 13º hóspede...

A Numerologia considera o número treze um número tudo ou nada, que pode ser bom ou mau. Governam a fotografia e a imagem, a música, os espetáculos e o ocultismo. Quando for o número do nome, o número de nascimento, ou número cármico, evite os números 6, 8 e 9.

NÚMERO 21

Em numerologia é um número favorável que governa o sucesso e a realização no final da vida. Seu lema seria: “Depois da tempestade vem a bonança”. A predominância da energia do 21 no mapa de alguém indica que a experiência adquirida nos anos de privações pode ser o segredo de sua realização posterior. Após os 30 anos as

coisas costumar tomar uma direção mais positiva para o 21. Em resumo: é um número de sorte.

NÚMERO 22

Corresponde ao número de letras do alfabeto hebraico e tem grande significação cabalística. Está diretamente ligado á Árvore da Vida. São 22 as vias de interligação entre os sephiroth e é um número ligado diretamente a arte divinatória, ao Tarô. Cada uma das vias tem significação especial. Também é o número dos Arcanos Maiores do Tarô.

Os capítulos do apocalipse são 22 e isso tem significação esotérica.

É tido com número de completitude e da perfeição.

Como representa o número de ligações possíveis entre os *sephiroth* são tido como o número da inter-relação entre toas as coisas da natureza e que pode envolver perigos, por isto é, por muitos, considerado um número desfavorável. Em numerologia implicam falsos amigos, traições, desapontamentos e facilidade em ficar deprimido. Reflete também um inconformismo, uma certa excentricidade, excessos e uma adaptação às circunstâncias de modo incorreto. É um número de risco. Os números 4, 6 e 8 devem ser evitados. Isto se aplica a números de nascimento, endereços e números de telefone.

NÚMERO TRINTA E TRÊS: (33)

Número que corresponde às 22 vias da “Árvore da Vida” e que somados aos dez sephiroth, que por sua vez somados ao Ayn, totalizam 33 representando o número de tudo o que se manifesta a partir do NADA.

Número de anos vividos por Jesus na presença visível na terra.

É o número dos *Cantos da Divina Comédia* escrita por Dante.

Também é o número de degraus da Escada Mística Bizantina (fundamento cabalístico) cujo significado ao iniciado não é dado o direito de revelar.

Este é um número favorável muito forte. O 3 duplicado é um reflexo de dinheiro, que promete grandes negócios e altas posições. Quando, porém, 33 é o Número de desejo da Alma, a pessoa pode anelar isso tudo, mas, de fato, ser o contrário do que almeja.

NÚMERO QUARENTA:

Considerado o número da provação, do jejum e do retiro. O Dilúvio durou 40 dias e 40 noites. Jesus Jejum por 40 dias.

Moisés esperou 40 dias para receber as tábuas da Lei, tempo em que Ele se deu conta de sua verdadeira missão e do engano em que vivera até então.

A peregrinação dos Judeus no deserto durou 40 anos.

Elias foi alimentado pelos corvos durante 40 dias.

A Bíblia recomenda que uma parturiente deve permanecer de quarentena durante 40 dias em isolamento.

Na Grécia existiu um ritual, a revisão fúnebre, que era celebrada 40 dias depois da morte de uma pessoa.

O número 40 é formado de 4 (o material) e zero (o infinito), à volta do material ao Nada. O surgimento de outra condição e o fim total da anterior.

Simboliza a purificação.

Número favorável. Número de domínio material forte.

SETENTA E DOIS:

É um número também de significado místico. É o número representativo do círculo ampliado de Apóstolos de Jesus. Os mórmons têm um conselho dos 72 baseado nisso. A V.:O.:H.: Também tem um Conselho composto por 72 veneráveis.

Platão fala no seu livro A Republica de número nupcial. Tanto os Caldeus quanto os Hebreus contam em seus calendários mágicos 72 anjos tutelares.

O mistério de um número sempre está ligado à sua natureza cósmica, àquilo que ele está ligado no que tange as qualidades isoladas de cada um no plano universal e cósmico. Geralmente os números da completitude, aqueles acima do 9 tem o seu poder mágico ligado não à soma e sim ao produto. É algo resultante da ação de um sobre o outro e não uma simples complementação de poder.

